



EGAS MONIZ
PRÉMIO NOBEL

A NOSSA CASA



PAULINO FERREIRA, FILHOS, LDA.
LISBOA

Sala C

Est. 1

Tab. 6

N.º 37

295

1

250f



6 698 9

A NOSSA CASA

A minha Mulher



COMPRA

23. JUN. 1974

000293

INVI-N

3410

EGAS MONIZ

PRÉMIO NOBEL

cat. 293

A NOSSA CASA



PAULINO FERREIRA, FILHOS, LDA.

LISBOA

RC

MNET

92

MON



Este livro é a história de uma família provinciana a que o autor pertenceu. É ele o seu último representante. Relato simples e verdadeiro em que as crises dolorosas, são cautelosamente amparadas por descritivos ligeiros e despretensiosos.

É também a auto-biografia da infância e adolescência do autor, com pormenores que podem considerar-se inúteis, mas em que houve o propósito de pôr em equação as forças hereditárias e elementos educativos que entraram na formação da sua individualidade.

Elaborei-o numas férias, em sossego, para que a memória me trouxesse com exactidão factos que, embora não esquecidos, precisavam de ser vestidos de pormenores que pouco a pouco foram recordados. Informações de gente do meu tempo completaram quadros que desta forma saem melhor ajustados. Talvez em alguns passos com demasiada minúcia: reminiscências que quis conservar como a floraram à escrita. Apenas uma ou outra imprecisão de datas que não pude destringir ou acumulação de acontecimentos que se deram separados, o que se faz por conveniência das descrições e vantagem do leitor.

Narração desataviada, sem alvoroços de estilo, ao correr da pena; crónica da vida provinciana de há muitas dezenas de anos; recordação das diabruras de uma criança demasiado irrequieta e depois estudante dado a expansões excessivas, embora sem perder de vista os deveres escolares.

Os que se dispuserem a ler estas páginas, seguirão uma trajectória de acidentes que podem parecer mal cerzidos, mas que, intencionalmente, são assim apresentados. Claro-escuro de uma narrativa em que ao lado de alegrias fugitivas há tristezas e torturas.

Romance de realidades cruéis, entremeadas de episódios alegres, propositadamente apresentados para cortarem os negrumes que se encadeiam.

Até o estilo é cuidadosamente moldado à época dos acontecimentos, de forma a não destoar do passado que evoca.

Páginas íntimas trazidas a público, como prólogo de dois livros já publicados: «Um ano de Política» que resume a actividade de uma fase da minha vida e das «Confidências de um investigador científico», por certo o melhor livro que dei à estampa em português. Nele

vem o relato sucinto dos meus trabalhos científicos; e também das minhas contrariedades e desventuras, em que avulta o atentado de que fui vítima, e ainda a parte heróica das minhas descobertas, as alegrias das viagens ao estrangeiro e o triunfo dos Congressos Científicos que médicos de diversos países, com carinhoso significado, aqui vieram realizar, tomando por base os resultados da minha persistente actividade.

Este livro é a evocação da minha idade infantil e da juventude que aos velhos apraz recordar. Pessoas amigas mo solicitaram; mas eu próprio tinha o propósito de o escrever um dia, pois desejava desta forma prestar homenagem aos que me antecederam e tão dedicados me foram.

Tudo se passa em torno da Casa do Marinheiro — A Nossa Casa — donde a família provém. Ali todos se juntavam em dias festivos; templo de confraternização, amizade e harmonia em que sempre viveu a minha gente. Daí o título do volume.

I

NOTAS DE FAMÍLIA. NA ESCOLA DO PADRE JOSÉ

Meus pais, Fernando de Pina Rezende Abreu e D. Maria do Rosário de Almeida e Sousa Abreu, tiveram quatro filhos. O primeiro, António Joaquim, faleceu em criança. Aos outros se faz referência no decurso desta exposição. Foram meus avós paternos António Pinho de Rezende, de Avanca, que seguiu a vida militar nas hostes de D. Miguel onde alcançou o posto de tenente-coronel de caçadores ⁽¹⁾ e D. Brites Inácia Pina Botelho, minha madrinha, de Penamacor. Era da família ilustre dos Pinas a que Pinho Leal faz referência.

Minha mãe era de Alcofra, pitoresca aldeia do Caramulo, mas nasceu em Vilarinho do Bairro, terra de minha avó materna que pertencia a uma considerada família daquela povoação.

Desejaram meus avós de Alcofra que fossem padri-

⁽¹⁾ *Satúrio Pires* — «Os caçadores no exército de D. Miguel». Porto, 1918, 2.º vol., pág. 188.

nhos de minha mãe, sua avó materna e seu irmão, padre Joaquim, como já o tinham sido de um irmão mais velho que faleceu novo. Do padre Joaquim ainda ouvi falar em criança, e era muito querido da família.

Minha bisavó estava doente e seu irmão também não gozava de boa saúde, o que os impossibilitava de ir, a Alcofra, assistir ao baptismo de minha mãe. Como minha avó materna tinha boa saúde, resolveram o problema pela forma mais simples, foi minha avó para casa de seus pais, em Vilarinho do Bairro, a fim de ter a criança e poder ali ser baptizada, tendo por padrinhos a avó e o tio, padre Joaquim, como tanto desejavam. Passados poucos dias voltaram para Alcofra.

Era minha mãe filha de Rafael de Almeida e Sousa, conhecido pela sua acção nas lutas liberais da Beira Alta, e de D. Joana de Oliveira de Almeida e Sousa, que faleceu quando minha mãe tinha três ou quatro anos. Esta, após a sua infância, foi educada num Convento de freiras em Viseu, que ainda conheci ao fundo da Rua Direita, demolido há bastantes anos. Alcofra tem ao norte uma torre quadrada, muito antiga, no lugar de Cabo da Vila, que lhe dá fisionomia medieval. No outro extremo da povoação fica uma casa escura de granito, a Casa da quinta do Carril, que era propriedade de meu avô, onde viveu com sua filha. Segundo me informaram foi demolida uma parte do edifício junto à cozinha, onde ficavam os aposentos privativos de minha mãe; mas não se dá pela amputação.

Alcofra, que fica encravada entre montes, num lindo



MEU PAI
Fernando de Pina Rezende Abreu

vale, com bela vegetação, e muitas fontes de boa água, é hoje servida por uma interessante estrada que do Caramulo vai a Vouzela. Todos os anos, nas minhas férias de Agosto e Setembro, ali vou em romagem de saudade.

A primeira vez que visitei Alcofra foi na boa companhia do deão da Sé de Viseu, cónego António de Figueiredo, que me distinguia com a sua amizade e com quem tive aturada correspondência. Era uma excelente pessoa, que dedicava a minha mãe funda afeição, pois muitas vezes me disse que lhe deveu o seu curso pela insistência com que, junto dos pais, pugnou pela sua entrada para o seminário. Formou-se depois em teologia em Coimbra e tenho um retrato de quintanista do querido cónego oferecido a minha mãe, com palavras de muita gratidão.

A família do lado de meu pai tinha prosápias de fidalguia pelos Rezendes, Sás, Abreus, Freires, Valentés, Almeidas, Pinhos... eu sei lá! um nunca acabar de ascendências ilustres a que as pessoas de idade se referiam com devoção.

Pelo Norte e Centro do País havia muitas famílias dadas a preocupações nobiliárquicas, tendo em alto apreço os seus pergaminhos. A minha gente de Avanca sofria um pouco da mesma pecha. Ora como os Rezendes, segundo autoridades na matéria, provêm de Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, que, pela sua numerosa prole, deixou descendentes para repartir por todas as velhas casas do Norte, resolveu meu padrinho, Rev. Caetano de Pina Rezende Abreu Sá Freire substituir o

Rezende pelo apelido mais pomposo do ascendente Egas Moniz (1).

Num livro que possuo sobre a minha gente de Avanca, vem sem fantasia (2) a notícia da árvore genealógica da família, radicada em Avanca desde 1500 (3). Está escrito que os antepassados criaram a Casa do Mato, hoje em ruínas. Dela derivaram outras a que adiante me

(1) *Conde de Azevedo*—«O Ex-Libris do Dr. Egas Moniz, tiragem de 50 exemplares. Separata do vol. 6.º da «Revista de Ex-Libris Portugueses», Lisboa, 1927, pág. 18: «Sobre a *Honra de Rezende*, privilégio dela, possuidores e linhagem dos seus senhores que até 1477, data em que morreu Vasco Martins de Rezende, são descendentes do grande Egas Moniz, deve ver-se a erudita e documentada monografia com esse título, do falecido académico e laborioso investigador, Braamcamp Freire, no *Arquivo Histórico Português*, vol. IV, n.ºs 1 e 2 (1906), págs. 10-71, nesse mesmo ano publicada em separata (1 folheto, 4.º de 66 páginas) de 21 exemplares.»

O Conde de Azevedo, ilustre linhagista, ainda elucida no texto: «D. Isabel da Silva, minha ascendente, foi mulher de Baltazar de Rezende, que era oriundo da Quinta do Paço, em Rezende, junto ao Mosteiro de Carquere, senhorio que foi do grande Egas Moniz de quem os Rezendes descendem. Este senhorio passa mais tarde para os Castros, senhores de Reriz».

(2) Os livros de linhagem são, por vezes, curiosíssimos. Possuo uma obra de um ascendente da família, Frei Sebastião de Rezende, «Monge professo na sagrada ordem cisterciense», manuscrito em 7 volumes, de 1822, em que o I tomo «contém a origem e descendência de Adão até os descendentes de Túbal, filho de Japhett», segundo indica o título desta «História Genealógica». Informa que este Túbal veio a Espanha, e fundou Setúbal. Seu filho Ibero teria alargado os seus domínios até aos Pirineus criando a Ibéria.

Até onde pode levar a fantasia genealógica!

(3) Meu pai e meus tios nasceram na Beira Baixa onde meu avô estacionou por largo tempo, no exército de D. Miguel. Meu pai nasceu em Idanha-a-Nova e meu tio Abade na Aldeia de Santa Margarida, do mesmo concelho.

referirei. O fundador da casa, Valentim Pires Valente, teve carta de Brazão de Armas de que possuo cópia, em 1548, dada por D. João III.

Meu tio-padrinho, ouvindo em conciliábulo outras pessoas de família, resolveu dar-me o nome de António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz. Apelidos idênticos foram atribuídos a meu irmão Miguel Maria.

Minha irmã teve nome diferente, Luciana Augusta de Sousa Abreu Freire. Não era raro na minha gente utilizarem apelidos diversos, segundo o capricho dos pais e padrinhos. Que isto de nomes, temos de aceitar os que nos impõem sendo nula a intervenção daqueles a quem são dados. Têm de os suportar. O que me coube em sorte é eufónico. O primeiro nome, António, é de meu avô paterno, o segundo, Caetano, de meu padrinho, com o acrescento de nomes chamados de família, sendo os dois últimos de boa sonância. E bastou ter sido da vontade de meu tio educador, para ter passado a vida satisfeito com ele. Só preferiria que fosse mais reduzido. E assim foi sucedendo pelas exigências da vida.

Dentro do País, passaram a chamar-me Egas Moniz; mas no estrangeiro conhecem-me, nos meios médicos, por Moniz. E agora, ao darem-me o prémio Nobel, consagraram o nome António Egas Moniz.

Em Avanca passei a minha primeira infância. Pouco me lembro dessa época tão longínqua e fugaz.

Meu padrinho teimava com minha mãe para me levar para a sua companhia, em Pardilhó. Era muito criança, custava-lhe a ela subtrair-me tão cedo aos cari-

nhos dos pais e à alegria comunicativa dos irmãos; mas teve de ser!

Muito menino, teria pouco mais de cinco anos, mandaram-me para casa de meu tio, Abade de Pardilhó, que muito me estimava. Também lhe queria, pois era pessoa muito carinhosa. Enchia-me de cuidados, especialmente depois do falecimento de sua mãe, D. Brites, minha madrinha, a quem dedicava o maior desvelo. Aprendi com ele o culto do amor de família, virtude indispensável a uma boa formação moral. Verifiquei pela vida fora que não estava em erro. Nunca pude separar da minha, a vida dos meus.

Levaram-me a cavalo pelos areais que, ao tempo, separavam Avanca de Pardilhó. Chorei muito à partida, como se fosse para o Brasil. No momento em que abracei meus Pais, estes também se comoveram, embora com a discreção de pessoas conhecedoras da vida. Bem sabiam que aquele afastamento representava a cedência da minha educação a quem dava mais garantias de a poder levar ao fim, como veio a suceder. E a despedida dos queridos manos? Uma tragédia de tristezas infantis.

Era, em criança, muito atreito a medos e mesmo a terrores nocturnos. Não podia ficar só. Fizeram-me a cama, de bom pinho da terra, com guardas fortes do mesmo material para não cair com as minhas acrobacias do sono, no quarto da criada Mariana. Esta não tardou a casar-se com um serviçal da casa, o Alexandre, mantendo-se, porém, o meu lugar no quarto onde me instalaram.



IDANHA-A-NOVA

Vila onde nasceu meu pai

De noite, ao acordar, e isso sucedia bastas vezes, logo chamava pela criada; não fosse ela sair do quarto. E se tal acontecia, mesmo já madrugada, desatava no choro descomposto de quem se sentia abandonado. Tinham que vir confortar-me com palavras animosas, compondo-me a roupa para que sossegasse, pois ainda não eram horas de levantar.

Por fim lá ia para a escola do Padre José Ramos, sempre acompanhado. Da casa do bom Abade à Igreja, onde ficava a escola do Mestre Régio, ainda era um bom pedaço para as minhas pequenas pernas e o areal do caminho fatigante. Em breve me relacionei com os camaradas que do norte da freguesia iam procurar as primeiras luzes das letras na afamada aula do Padre José. Mas essa companhia não tinha idoneidade bastante para deixar meu tio tranquilo. Ia sempre acompanhado por um criado, à ida e à volta, no meu diário percurso. Fui crescendo, mas só mais tarde me deram a liberdade de fazer a caminhada sem acólito, senhor dos meus destinos entre os dois pontos cardeais da minha existência: a casa do meu tio e a escola primária.

Encontrei em casa do Padre José dois pensionistas que tinham vindo de Avanca. O mais querido para mim foi o Julião.

Havia um recreio entre os trabalhos escolares da manhã e da tarde. Todos traziam um naco de pão de milho para mitigar a fraqueza e meu tio autorizou-me a receber das mãos amigas da tia Joana, mãe do Padre José, dez réis de pão alvo que, naqueles remotos tempos,

era um quarto das saborosas e avantajadas padas que se fabricavam na casa, para venda aos vizinhos. Que delícia para saciar o apetite dessa quadra infantil!

À tarde, depois de acabar a escola e antes de regressar a casa, gozava a liberdade folgando com alguns mais íntimos e entre eles o bom amigo Julião com quem às vezes me aventurava a ir buscar uma égua que, com um potro, passava o dia a pastar em terras ribeirinhas, para o que nos dava permissão o Manuel Ramos, irmão mais novo do Padre, a quem competia esse serviço. Primeiro montava o Julião que se apossava do cabresto, como perito na governança do animal. Encostava-o a um valado onde eu o aguardava e, com o seu auxílio, subia para a égua. Agarrado a ele seguíamos para casa do Padre José. A cria, um lindo poldro ruivo, estroinava ao nosso lado, por vezes, em correrias desabridas. Lembra-me que uma vez me desequilibrei, mas o Julião fez estacar o animal e segurou-me pela perna, enquanto eu escorregava. O animal, sentindo que alguma coisa de extraordinário se passava, permanecia parado, solícito à voz do condutor. E tudo correu pelo melhor, pois até o poldro se desviou, e eu acompanhei a pé o cavaleiro a caminho do curral. Não ganhei para o susto, mas, passados alguns dias, reincidia na cavalgada a dois, pelos caminhos arenosos que do Saltadouro apontavam para a escola.

Outra vez o Julião convenceu-me a ser seu cúmplice num roubo a uma romãzeira que o Padre José tinha no quintal e vigiava todas as tardes ao ver os frutos que dia a dia se alindavam em florescências rubras.

— Tu sobes para os meus ombros e apanhas aquelas duas romãs que estão a rir-se para nós com os seus dentes vermelhos.

Objectei qualquer coisa; mas a aventura era tentadora.

— Não sejas tolo. É uma para cada um de nós.

Aquiesci e à boquinha da noite fomos à escalada. Perpetrou-se o crime. Meti a minha romã no bolso e apressei-me a caminho de casa.

No dia seguinte o bom do Padre José olhava estupefacto para a romãzeira sem saber quem ousara tirar-lhe os frutos que tanto o encantavam.

— Ó Julião! Se formos descobertos partem a «Santa Luzia», assim chamavam à palmatória, nas nossas mãos!

— Shut! E puxando os lábios, o índice direito, a prumo, entre o mento e o nariz, franziu-me os olhos com tal vigor e convicção que durante dias lhe não falei na aventura. E desejos não faltavam de trocar comentários sobre o grande acontecimento. Sobretudo apreciava a cara do mestre, às trindades, a mirar e a remirar a romãzeira empobrecida e triste.

E passou o crime sem termos sofrido a menor sanção. As romãs azedas, que talhavam os dentes, souberam-nos como manjares deliciosos!

O Julião era um excelente companheiro, mas dado a ideias endiabradas em que me metia como comparsa.

Um dia disse-me:

— Vais ter uma conversada. Vou fazer-te uma carta de namoro para lhe entregares.

Não sabia bem ao certo de que se tratava na ingenuidade dos meus seis anos aldeões; mas não achei desarrazoado o que me disse o Julião. Estava habituado a ver na aldeia os pares de namorados que em dias de romaria e aos domingos encontrava por toda a parte. Nem de longe imaginava o que eram as suas longas conversas desenvolvidas em colóquios discretos e segredados. Ouvia dizer que alguns eram em verso e isso, então, ia além de todas as minhas possibilidades; mas também desejava ser como os outros, ter uma conversada.

— Como és do norte e também é desses lados a Maria João, é a esta que vou escrever em teu nome, disse o Julião já sentado na carteira da escola, com a pena molhada no tinteiro e um pedaço de papel almaço na sua frente. Estávamos sós. A tarde esmorecia em perda de luz. Havia na rua o ruído dos lavradores que recolhiam a casa com os gados. Eu olhava curioso o deslizar da pena do Julião e sentia-me apoucado por não poder ainda escrever com aquele desembaraço. Assinou por mim com a alcunha de «Abadinho» com que me tinham crismado na aula, por estar em casa de meu tio Abade. Por fim tomei conta do documento, meti-o no bolso, e acompanhei o criado que viera buscar-me.

Não sei o que pensei sobre a carta de namoro, que, afinal, não passava de um modesto bilhete. Duvido mesmo que o Julião ma tivesse lido. Era o motivo inicial para ter uma conversada e isso dava-me importância. Julgava-me já um homenzinho, entrando na vida pela porta mais honrosa e mais nobilitante.

Para não perder o precioso bilhete coloquei-o sobre uma secretária da sala de visitas e passei o resto da tarde na brincadeira com um cão, velho amigo, que corria comigo ao desafio pela quinta fora. Depois a ceia frugal, com o leite por sobremesa e as orações do costume que o Abade anunciava.

— Pelos que andam sobre as águas do Mar... Padre Nosso!

Havia naquele enfiar de padre-nossos e ave-marias, uma evocação que nunca faltava:

— Para que Deus nos conserve o juízo até à hora da morte! Padre Nosso!

O velho Abade apavorava-se com a ideia de perder a mentalidade nos pródromos da senilidade, como por vezes verificara em alguns dos seus paroquianos.

Seguimos os dois pelo corredor fora. Ele voltou a salmodiar as suas rezas no escritório e eu, depois de o acarinhar com o pedido da sua bênção, fui repousar no meu leito, das fadigas do dia. Não me saía da ideia a carta de namoro que o Julião me dera para entregar à Maria João.

Vi-a na minha imaginação infantil, com os seus olhitos espertos e a pele acetinada, como a melhor das conversadas.

Acordaram-me cedo. Estremunhado tive a surpresa de ver meu tio, com o papel em punho, a inquirir o que era aquilo, quem o escrevera e a quem era dirigido. Fiquei estupefacto! Esfregava os olhos e perguntava a mim próprio se estaria bem acordado.

— Sim, quem te fez este bilhete, pois está assinado por *Abadinho*, uma vergonha para ti e até para o teu tio! Vou já ter com o Padre José. O caso vai esclarecer-se. Se a escola serve para aprender estas coisas, mal vai ela! E também hás-de apanhar, porque tu é que pediste que te fizessem este vergonhoso bilhete.

Ainda balbuciei uma negativa e com o bracito a limpar as lágrimas dizia de mim para comigo: — Em boa me meteu o Julião! — E quase me alegrava ao lembrar-me que ele havia de sofrer mais do que eu, por ser o mais culpado.

E o que fará o Julião, julgando que eu dei a carta a meu tio, quando a supus bem guardada em lugar seguro?

— Acabou-se! Também me livro do embaraço em que andava para entregar a carta à Maria João! Mas, no fundo, achava que o Julião escolhera com acerto a que devia ser minha conversada. Nunca tinha reparado que ela era bonita e graciosa...

Na escola, o Padre José mostrou-se carrancudo, embora sem deixar de esboçar um sorriso a propósito de qualquer coisa que não o justificava. O Julião, já conhecedor do assunto, ameaçou-me por ter sido tão pouco cauteloso que deixei cair nas mãos de meu tio o objecto do crime.

— Havemos de liquidar estas contas, disse enraivecido.

Segui para casa cabisbaixo e triste!

No mesmo caminho seguia a Maria João e uma com-



MINHA MÃE

D. Maria do Rosário de Almeida e Sousa Abreu

panheira, sua vizinha. Olhei-a com atenção. Ela afinal tinha sido a causa do desastre de que eu ia sofrer as conseqüências! Não me lembro se lhe disse adeus; mas naquele momento, vendo-a seguir para casa, perto da Ribeira das Bulhas, no norte da povoação, deitei-a ao maior desprezo.

Quando abri a porta da quinta, o coração sobressaltado, receoso do que me dissera o Julião e do rosto carancudo do Mestre, caminhei submisso como um cordeirinho, prestes a ser imolado às iras do Abade, por vezes ríspido, embora sempre amigo.

— Já falei com o Padre José. Quem te fez a carta foi o Julião, um rapazote com quem te não deves dar. É de boa gente de Avanca, mas ele saiu mariola. A fazer-te namorado, hein! E tu a consentires... temos contas a ajustar. A correia vai entrar em cena. Pouca vergonha... Bem. Vai merendar. Depois conversaremos.

Eu podia lá comer!

Consternado fui contar as minha mágoas à Mariana que me deu toda a razão. Que mal podia fazer ter uma conversada? E depois conhecida, aqui da vizinhança...

Fiquei mais tranquilo. Compreendia-me.

— E depois eu não tenho culpa. Foi o Julião. Ele é que fez tudo.

— Pois foi! Não se rale. Aquilo passa. O padrinho é muito seu amigo. Como quer fazê-lo padre, acha que não deve olhar para as raparigas. Mas foram sempre elas a tentação dos homens... — rematou sorrindo.

Fiquei um pouco mais confortado, embora me sen-

tisse entre três fogos, o Abade, o Padre José e o Julião, sem saber como poder salvar-me de tantos castigos e más vontades.

II

TRAVESSURAS INFANTIS

Meu tio e meus pais muito estimariam que eu encarreirasse para a vida eclesiástica; mas não me atraía a profissão. Desejava ser como meu pai, ter mulher e filhos. Não me seduziam as ascensões da classe a que meu tio muitas vezes se referia passando pelos srs. Bispos, Cardeais até ao Santo Padre que governa em Roma!

Não me sentia ambicioso nem para ser abade, quanto mais para outros cargos de que não fazia sequer juízo aproximado. Daí o quererem apartar-me de tudo o que pudesse ser uma sugestão a desviar-me da carreira que desejavam impor-me.

Nesse tempo havia o prazer das reuniões familiares nas modestas salas de província onde as famílias se reuniam em conversas fúteis, nos indispensáveis jogos de prendas, numa ou outra exibição musical e sobretudo nas recitações que tomaram vulto entre a rapaziada do meu tempo. Estou a ouvir o Manuel Corte Real, depois magistrado no Porto e pessoa de grande aptidão musical, a dizer os versos langorosos da *Judia* de Tomás Ribeiro:

Corria branda a noite, o Tejo era sereno;
A riba, silenciosa, a viração subtil...



VILARINHO DO BAIRRO
Freguesia onde nasceu minha mãe

Meu tio também quis que eu fosse recitador em torno dos sete anos. Um dia apareceu-me com as *Pupilas do sr. Reitor* para eu decorar a *Cabreira* que não tardei a exhibir nas salas de Avanca onde se reunia a parentela:

Andava a pobre cabreira
O seu rebanho a pastar...

Até aqui tudo o que há de mais natural. Ia com os hábitos do tempo e do nosso meio.

Meu tio deu-me o livro de Júlio Dinis, primeira edição que ainda conservo, para estudar a poesia. Recomendou-me que não lesse o livro; só a poesia era bonita... Eu nem sequer estava em idade de apreciar o belo romance que mais tarde tanto me deliciou. A recomendação tinha porém fim definido. Era necessário que eu não soubesse dos amores do Daniel e da Guida que poderiam lembrar ideias menos convenientes.

O bom Abade tinha um fraco que, por sua vez, transmitiu ao sobrinho. Gostava de jogar o voltarete e como, em Pardilhó, não tinha parceiros, deslocava-se a Avanca duas e três vezes por semana para dar largas a esse pacato prazer. As partidas sucediam-se no Marinheiro em casa de meus pais, na Areia quando ali estava o primo José Maria que era juiz de direito, no Outeiro com o velho morgado António Tomás e na residência do Reitor dessa época, João Mendes de Almeida, depois abade de Campanhã, também dado às delícias dos naipes. E só

tarde regressava à paróquia quando não ficava em casa dos meus pais para ir de manhã retomar os encargos e obrigações a que se não eximia.

Eu ficava em Pardilhó em liberdade com os criados que ao tempo eram quatro, dois rapazotes mais novos e o casal Mariana-Alexandre atrás nomeado. Meu tio tinha este pessoal por causa de uma pequena lavoura com que muito se entretinha.

Na sua ausência eu mandava em toda aquela gente. Por vezes jogávamos as cartas, pois com eles fiz a primeira aprendizagem. Como os mestres foram maus, embora goste muito de jogar, nunca fui bom parceiro. Joguei o voltarete e o *bridge* mas, por fim, só gostei do *boston* que ainda pratico em Lisboa às sextas-feiras. Espero, com impaciência, todas as semanas, essas pacatas reuniões.

Meu tio, sempre no propósito de me chamar para o campo eclesiástico, fez-me decorar um sermão que começava assim: «Jesus, palavra divina...» Nessas noitadas de grande à-vontade com o pessoal, punham de pernas para o ar e encostada à parede uma cadeira de coiro e pregaria amarela, vulgar nas casas desse tempo. Um xaile circundava-a e colocavam-me em cima daquele minúsculo púlpito para pregar o sermão. Dizia o que aprendera de cor e o mais que vinha à veneta, obrigando o auditório a estar de joelhos e a rezar o que lhe impunha. Um verdadeiro ditador de púlpito de cadeira! É tudo acabava em aclamações e risota que alguns dos assistentes, a Mariana em especial, recordavam mais tarde, eu já

médico e professor, em conversas familiares, com alegres comentários.

As crianças têm, por vezes, ideias injustificadas, sem finalidade, na esfera das maldades infantis, actos de destruição que apenas a arbitrariedade comanda. Citarei um desses casos passado na minha infância. Podendo enumerar outros, este é dos mais típicos.

A Mariana nascera em Aguada de Baixo, do concelho de Águeda, onde tinha família que por vezes a visitava. Um seu parente sofria de uma moléstia de pele e tinha a crença de que só melhorava com uma pomada que se fazia numa farmácia de Pardilhó e custava uma libra cada caixa. O sr. Francisco Boticário era o autor do milagroso medicamento. Ainda o conheci muito velho ⁽¹⁾. Tinha uma loja escura, a que chamavam botica, para os lados da Ribeira da Aldeia, de onde se socorriam os fregueses das redondezas. Ele tinha exame para farmacêutico; podia, portanto, exercer, à face da lei, a sua profissão. Era a época, pelo menos lá no burgo, das infusões, tisanas, chás e outras especialidades de herbário; mas também tinha outras drogas que vendia a preços mais elevados. Entre elas as que entravam na composição da referida pomada que extinguiu os eczemas e que, anualmente, o tal parente da Mariana reclamava para a sua cura. Eu sabia que era coisa cara. Uma libra

(1) Era pai do farmacêutico Manuel Joaquim Vigário, que exerceu a sua profissão na aldeia até aos oitenta. No momento em que escrevo estes apontamentos, ainda vive, a roçar pela casa dos noventa.

de cavalinho vi eu levar uma vez ao ti-Francisco Boticário, que não ficava longe da vivenda de meu tio.

Daquella vez veio a pomada na sua caixinha de papelão e ficou em cima de uma cómoda à espera de portador para Aguada.

Numa noite, daquelas em que, segundo dizia a Mariana, o Belzebu anda à solta, fui até uma sala interior onde estava a caixita do remédio e não sei porque estranha maldade, pus o dedo na pomada e passei a engraxar com ela todo o calçado que encontrei à mão, o meu e o do meu tio, terminando numas botas de montar, de cano alto, que ele usava por vezes em dias chuvosos e frios.

Feita a proeza deitei-me e dormi descansado como se tivesse praticado, senão uma boa acção, pelo menos uma partida engraçada.

Acordaram-me cedo em grande alvoroço. O tio Abade ralhava e clamava porque as botas estavam untadas, sem saber de quê, e increpava a criada por as não ter limpo. Esta acudiu apressadamente e também veio o Domingos, criado que estava próximo. Passou-se uma rigorosa victoria. Ninguém podia explicar o facto. É que todo o calçado, incluindo o do Menino (o menino era eu) estava engraxado a amarelo. O que seria, ninguém adivinhava. Do autor da partida é que começaram a desconfiar.

— Só aquele mafarrico (referia-se à minha pessoa) podia ter feito isto! dizia a Mariana. E deitava-me as culpas enquanto o tio Abade barafustava esperando por umas botas limpas que pudesse calçar.

Um pouco longe, no meu quarto, ainda estremunhado, coçava a cabeça sob o remorso do delito cometido e no receio justificado do que iria suceder. E já sentia pelas costas abaixo as asperezas da correia com que às vezes meu tio castigava as minhas diabruras.

Entrementes, aberta a janela da sala, a Mariana deu com a caixa da pomada destapada e vazia.

— Cristo crucificado! Ó minha Nossa Senhora! O que é isto, Santo Deus!

E como as exclamações fossem estridentes acudiu o meu tio e o criado Domingos que se esforçava com um pano grosso em levar as botas à cor natural.

— Ai o meu remédio, a minha librazinha de oirol! Foi aquele maroto do Antoninho que fez esta desgraça!

Meu tio inquiriu, pronunciou umas palavras graves que soaram aos meus ouvidos como ameaças ferozes e passei a vestir-me, triste e compungido, como se estivesse condenado à morte. As lágrimas borbotaram. Nisto as três personagens invadem o quarto para ver o criminoso, cujas culpas estavam à vista no copioso pranto.

— Bem, diz solenemente o Abade, tenho de ir para a Igreja; mas à volta ajustaremos contas, meu grande patife.

Fiquei consternado, não pelo epíteto, mas na expectativa do que ia suceder.

Entra a seguir em cena a Mariana, a chorar, como uma Madalena, pela sua libra de cavalinho, caindo sobre a minha malvadez com uma série de epítetos que, embora merecidos, muito me contundiam.

Até o Domingos, o «Mil-homens», como lhe chamavam, me fazia observações graves de conselheiro, ele, um rapazote, como se eu fora o pior dos criminosos. Acabei, como pude, a rápida *toilette*, debaixo de uma saraivada agressiva em que, para maior desventura, todos colaboravam. E lá da cozinha ainda chegava o eco da mais grave das acusações:

— A minha libra, a minha libra...

E quando já me dispunha a sair para me libertar daquele tremendo libelo acusatório, volta a Mariana, perturbada e raivosa, a perguntar:

— Porque é que o menino fez isto? Não sabia que o remédio custara um ror de dinheiro que eu agora tenho de pagar do meu bolso?

Consegui balbuciar uma espécie de desculpa que foi pretexto para nova explosão de ira contra mim, em lacrimosas e justas acusações:

— Se até ontem, diante do Domingos, lhe disse quanto tinha custado!

E continuava no seu sermão:

— E para que foi sujar o calçado com o remédio?

— Só se foi para o curar de alguma mazela, disse o Domingos.

— Malcriado! T'arrenego demónio! comentou a Mariana.

Aproveitei a disputa iniciada entre os dois para me afastar, a pensar no que iria suceder no regresso do tio Abade. Conhecia as justiceiras mãos e o rigor de uma correia que ele tinha guardada para aquelas ocasiões de

suplício e que, embora fosse mais temerosa para os meus olhos do que para as minhas costas, eu sentia já a estalar, sobre o meu corpo.

No seu regresso da Igreja, consumou-se a tragédia. Deu-me uma sova respeitável e, desta vez, nem a Mariana me valeu, como em tantas outras ocasiões, colocando-se entre o verdugo e o supliciado! Só tarde entrou em cena, dizendo:

— Basta, sr. Abade! O menino não soube o que fez. Perdoe-lhe. Ele não volta a fazer tolices.

— Nem você, diz o Abade, a deixar o remédio em cima da cómoda à mão de qualquer. É um remédio daquele preço! Uma parte da culpa também lhe pertence...

E a tempestade passou, com tristezas para todos e as piores para o bom Abade que muitas vezes merecidamente me castigou. Por fim era ele quem mais sofria na amizade que me dedicava. Mas era preciso educar-me...

E educou! Não só por este processo violento, mas pelos seus bons conselhos, inculcando-me o amor ao estudo.

— Sem trabalho não se é ninguém na vida, — dizia-me muitas vezes. Cada um tem deveres a cumprir. Nunca te furtas a eles e menos ainda te entregues a ócios ou desleixos.

Máximas que lhe ouvi toda a vida, mesmo quando já andava em Coimbra e ia a férias a Pardilhó. Tive-as bem presentes quando me fiz homem. Trabalhei sempre o mais que pude e procurei desempenhar-me dos meus deveres com desvelo e interesse.

Estou certo que as suas admoestações penetraram fundo na minha mentalidade, vincaram no meu cérebro salutarens impressões e concorreram para alcançar os êxitos que tive na vida, adquirindo aquela paz de consciência que, neste fim da existência, me traz a convicção de ter bem seguido a derrota que ele me marcou.

Enquanto frequentei a escola do Padre José, ia passar a Avanca, a casa de meus pais, as férias do Natal, Carnaval, Páscoa e os meses de Agosto e Setembro.

Ainda me apraz recordar as horas inesquecíveis da chegada, da recepção festiva de meus pais e irmãos, da camaradagem familiar, a que não faltava duas e três tardes por semana o bom Abade e, de vez em quando, o tio Augusto que vinha de Rossas no seu cavalo pigarço, com um casaco de peles de alamares de prata, passar algumas festas do ano ao Marinheiro. O tio João António, ao tempo contador em Sinfães, também se associava às alegrias daquele lar que fora de meus avós.

Jantares longos em que a Lucianinha, o Miguel e eu, constituíamos a trindade de todos querida, esperança dos velhos que em nós confiavam como continuadores da Casa-Mãe.

Como avultam hoje nas minhas reminiscências, as cavaqueiras dos velhos que seguíamos atentos, as alegrias da nossa infância em movimentos e correrias, em arruídos e gargalhadas que soavam estridentes pelas saletas da casa onde podíamos dar largas às nossas impertinentes demonstrações de impensadas e instintivas actividades!

As coisas da infância esquecem durante o rodar dos



ALCOFRA — CASA DO CARRIL

Nesta casa viveu minha mãe

anos quando as grandes preocupações dominam, no anseio de alcançar posição e marcar rumo na vida. Repousam no silêncio dos neurónios mais recatados para, mais tarde, voltarem à consciência em alvoradas de ressurreição! Não se perdem, são vincos que permanecem e se arquivam, sempre prontos a serem desfrutados e a iluminarem as recendências do passado.

· III

FÉRIAS EM AVANCA

Quando íamos a férias, eu, meu irmão e a Lucianinha que sempre vinha, no Verão, do Convento de Arouca, fazíamos a vida impossível a nossos pais e especialmente à nossa mãe, sempre solícita em nos aturar. Minha irmã já gostava de bordar e costurar, místeres em que com ela se entendia. Os rapazes gostavam da vida ao ar livre, da caça aos passaritos, da busca de ninhos e das brigas na relva do quintal, espécie de luta romana que improvisávamos. Às vezes acabava menos amigavelmente. Pequenas nuvens que não chegavam a projectar sombras.

Havia uma ambição na nossa vida de garotos: o riol! Passava ao fundo da pequena quinta um riacho tentador. Estávamos proibidos de ir sós para lá. O ribeiro tinha uns lugares mais fundos e meus pais receavam qualquer desastre. Mas era uma tentação irresistível! Logo de manhã,

da janela do nosso quarto, víamos os salgueiros e amieiros, que bordavam as margens, a chamarem-nos em movimentos rumorejantes. O desejo de transgredir as ordens paternas aparecia como uma necessidade imperiosa, revolta que considerávamos legítima contra a opressão familiar. Apenas com pessoa de gravidade podíamos descer às margens do Gonde, — assim se chama o riacho, só imponente com as cheias — e nem sempre aparecia companhia idónea.

Quando o tio João António vinha ao Marinheiro, então sim, era satisfeito o nosso desejo. Meu tio pescava ao anzol uns inocentes roubacos e raros barbos que, ao tempo, constituíam, com esquivas enguias, a fauna ictiológica do Gonde. Nós esperávamos ansiosos que algum infeliz e desprezado peixito fosse no anzol. Um roubaquito apareceu no ar, em movimentos convulsivos, preso à linha que a cana levantou. Fizemos barulho estridente, acompanhado de saltos desordenados como se fôssemos, nós dois, uma tribo numerosa de selvagens. O nosso tio, pessoa de excelente bom-humor, ria com a manifestação e, alcançada a vítima, corremos à cozinha para que a Gracinda no-lo assasse. Discutimos a parte que caberia a cada um. Depois de mútuas transigências, em que também interveio a criada, pertenceu-me a parte da cabeça por ser o mais velho como, em momento oportuno, atalhou a Gracinda. As senhoras não estavam em casa, tinham ido passar a tarde à Areia, com a prima Hedvigés. Minha mãe estava sossegada por ter recomendado a nossa guarda ao bom tio João.

Voltámos ao rio para lhe mostrar, sobre um pequeno naco de broa, o resto do peixito que tinha para nós o sabor de preciosa iguaria.

— Com que então eu é que pesco e vocês comem tudo sem nada me darem!

Entreolhámo-nos perplexos. Com efeito tínhamos procedido mal. Nem sequer licença pedimos ao tio João para tomarmos conta do produto do seu trabalho piscatório! E num impulso de magnanimidade infantil, oferecemos-lhe o que restava do ágape magnífico de que nos tínhamos apossado.

Riso franco a que nos associámos. Por fim disse o Miguel, já um pouco impacientado com a demora:

— Tire lá outro peixe, ó ti-João.

E o caso é que, até ao anoitecer e apesar da sua paciência de pescador à linha, nenhum outro veio ao anzol.

— Nem admira, comentava o nosso tio, vocês foram logo assar o roubaco e os outros tiveram medo.

— Mas quem lhes disse?

— Foi ele, quando se sentiu preso nas vossas mãos. Já sabia de que raça eram os seus algozes.

E fomos preparar os galrichos para deitar à água, abundante naquelas férias de Páscoa. Eram duas pequenas redes que o tio João nos tinha trazido com aro de madeira e duas bolsas de rede ligadas por um fundo em forma de barrete. Nele se depositavam vários ingredientes para chamar os peixes: cabeças de sardinha, pão, cascas de ovo... Pedidas explicações sobre cada um dos chamarizes para o peixe, arranjaram-se dois paus aguça-

dos e fomos mergulhar os galrichos, contra corrente, nuns recantos cobertos de salgueiros, onde o peixe, segundo nos informaram, gostava de passar a noite.

As perguntas indiscretas vinham a flux.

— Ó tio João, os peixes também dormem?

— Com certeza.

— E vão-se deitar? inquiriu o Miguel.

— Então querias que os peixes tivessem camas como vocês? ...

Julgava escapar-se desta maneira às nossas impertinências, por não saber ao certo como era isso do sono dos peixes.

— E fecham os olhos como nós?

— Sabem que mais? Os peixes mesmo acordados, vêm à isca e isso é o que vos interessa, grandes comilões.

Na manhã do dia seguinte fomos todos ver as redes. Nosso pai também nos acompanhou. Só faltaram as Senhoras por estar enevoada a manhã.

Ao tirar os galrichos foi um deslumbramento! Um tinha dois roubacos e o outro um barbo e três roubacos! Um sucesso colossal que, aliás, nunca se repetiu com tal abundância de pescado.

— Bem, enquanto cá estiveres não é preciso vir a Joana (era a peixeira da Murtoza), disse meu pai dirigindo-se ao irmão. — Tu abasteces a mesa.

— Nada de brincadeiras! Só gosto de peixe de água salgada. Este é para quem faz dieta.

Quando o tio João recolheu à sua comarca a atracção do rio tornou-se ainda mais intensa.



IGREJA DE SALREU
Onde casaram meus pais

Um dia, mais tarde, nas férias grandes, tivemos a luminosa ideia de arrastar até ao rio uma masseira velha que andava pela eira a servir de depósito de cereais. Não sei como tivemos força para a levar de rojo até às suas margens. Antes de a fazermos resvalar para a água que, nesse tempo, era escassa, reconhecemos que tinha fendas largas nas juntas das tábuas. Era preciso calafetá-la. Eu explicava ao meu irmão como os barqueiros faziam em Pardilhó, o serviço da vedação. Com estopa ou linho e uma faca velha fariámos o serviço. E ficámos a pensar como havíamos de obter o material para levar a efeito o nosso intento.

Passado algum tempo lembrámo-nos que havia na adega linho para as torneiras das pipas e, acto contínuo, voltámos a casa para conferenciarmos com o criado da lavoura que era nosso amigalhote. Chamava-se Romão. Era zarolho, e apreciava as nossas diabruras, embora nos ralasse bastante com os seus conselhos um tudo nada impertinentes. Depois de um longo diálogo em que disse várias coisas, misturando os santos com os diabos, e ponderando que o íamos meter em trabalhos, pois o pai não era para graças, lá nos deu um pedaço da estriça com que seguimos para a masseira, levando um velho podão que encontrámos num dos muros de resguardo da eira.

Quando já íamos a caminho do rio ouvimos a voz de meu pai a chamar por nós.

— Estamos perdidos! dissemos em coro, como se pressagiássemos grande desgraça.

Abandonámos o material e regressámos aflitos para casa, à espera de uma daquelas prédicas molhadas que não

eram raras no nosso lar. Mas não, o tio Abade tinha chegado e era nossa obrigação cumprimentá-lo. Depois de termos cumprido esse grato dever e deixando os dois em conversa pegada, dissemos que íamos até à nora e o inquérito não foi mais longe, alívio para os dois, para mim principalmente porque sendo o mais velho, maiores responsabilidades me cabiam.

Fomos tomar conta do material abandonado e pô-lo a bom recato para a projectada reparação náutica.

As sombras da tarde iam caindo e era preciso voltar a casa, deixando para a manhã do dia seguinte, a continuação do trabalho, a fim de deitarmos à água, depois de devidamente calafetada, a embarcação rectangular com que íamos sonhar toda a noite, nautas das poças do rio Gonde prestes a ganhar os primeiros triunfos de ousados navegadores.

Em casa fomos muito bons meninos, jogámos a bisca sem nos zangarmos e rezámos, com devoção, as complicadas e longas orações da noite. O Abade e meu pai saíram depois da ceia. A partida de voltarete dessa noite era no Outeiro e não tardou que minha mãe nos fosse deitar, dando-nos as boas-noites na paz do Senhor.

A Lucianinha foi dar-nos um beijo a acariciar-nos o rosto com a sua mãozita fuselada. E nos dois pequenos leitões de ferro, com grades laterais, dormimos sem remorsos até amanhecer. Ao levantarmo-nos, quando saímos de casa, já meu pai tinha ido à vila a cavalo. Pedimos à mãe para nos deixar ir até ao rio.

— Está bem, mas a vossa irmã vai acompanhar-vos.

Em vocês não tenho confiança. Agora há pouca água, mas mesmo assim tenho medo que vocês caiam ao açude.

Descemos os três até à nora que ficava a dois passos do local onde tínhamos a masseira. Tivemos de fazer nossa confidente a Luciana que nos aconselhou prudência, por causa do nosso pai, mas acedeu aos nossos rogos.

— Também hás-de ir na masseira, disse-lhe eu, no desejo de a ter bem comprometida na empresa.

— Não, isso não. Fazia-me mal molhar-me e a masseira com três ia ao fundo com certeza.

Um melro atrevido assobiava num salgueiro perto de nós e outra passerada cantava hinos à natureza.

— Mãos à obra!

O Miguel enrolava o linho no que a nossa irmã acamaradou, e eu ia atafulhando as gretas maiores do fundo da masseira com o auxílio do podão e com tão marcada perícia que me julguei fadado para calafate.

Como houvesse dúvidas sobre o resultado do trabalho tive de garantir que os homens de Pardilhó o não faziam melhor. E informei:

— A água incha a madeira e fica o fundo vedado como se fosse de uma tábua só!

Ao aproximar-se o meio-dia fomos caminhando para casa, não fossem chamar-nos ao rio para o jantar, o que denunciaria os nossos propósitos.

E ficou assente que, de tarde, lançaríamos à água o nosso navio. Combinámos dizer em casa que andávamos à procura de ninhos de alguns pássaros mais retardatários na criação dos filhos.

— Mas não façam mal às avezinhas, não sejam maus, rematou minha mãe.

Meu pai chegou um pouco tarde e esperámos por ele para a mais farta refeição do dia.

A hora que nos pareceu mais apropriada para que não houvesse suspeitas, fomos lançar a masseira à água, operação um pouco difícil em que muito nos valeu o auxílio da Luciana que, apesar de fraquita, sempre tinha mais dois anos do que eu. Não foi levada para o açude de baixo, assim chamado porque havia outro mais acima donde derivava a levada para os moinhos, por ser aí a água mais funda.

O nosso campo de manobras foi entre os dois açudes. Como tivesse chovido uns dias antes, havia uma boa poça ligada ao fio de água que corria de uma para a outra represa.

Ao lado desse pequeno lago havia um reduzido areal pedregoso que, só no Inverno, era coberto pela corrente. Foi nessa cova cheia de água que caiu a masseira e ficou a flutuar. Mas a breve trecho passou a encher-se de água pelas frinchas do fundo que, afinal, a minha deficiência na arte de calafate, tinha deixado mal vedadas. Eu e o meu irmão passámos ao areal na margem direita do riacho, enquanto minha irmã estacionava vigilante, sob um choupo frondoso, ao lado do local donde tinha deslizado para a água a modesta embarcação.

Armado de uma vara que havia de servir para mover a masseira, entrei descalço na embarcação. A água borbulhava com bastante força. Era necessário um esco-

douro que tirasse a água e o Miguel, que sabia onde havia um desses objectos destinado a serviço diferente, na faina da eira, decidiu-se a ir buscá-lo. Eu subi para o areal e esperei o seu regresso. Não tardou que voltasse para salvar a embarcação do naufrágio.

O caso é que, com resolução e boa-vontade, de novo dentro da masseira, escoei a embarcação de maneira a conservá-la a flutuar. A água entrava sempre, mas ia saindo à força de trabalho e energia.

— Quando a madeira inchar, explicava, fica vedada a valer.

Foi nesta altura que o Miguel pediu para entrar. Ele tiraria a água e eu conduziria a embarcação empurrando-a à vara. Ainda observei que a água era muita, mas meu irmão não esteve com cerimónias, ladeou o pequeno areal e, no lugar mais próximo da barcaça, saltou para dentro. A água passou a entrar a jorros e, insensivelmente, apesar do nosso trabalho de escoadores, desceu, desceu até que submergiu. A água dava-nos pela cintura. A nossa irmãzita chorava e pedia-nos que saltássemos para o areal. Houve um momento de pânico e ambos agarrados quisemos saltar para terra, mas caímos na água. Valeu-nos ser baixa. Chegou, contudo, para nos deixar molhados e enlameados. O Miguel desatou a chorar, a Luciana pedia-nos que fôssemos ter com ela. Náufragos salvos da aventura, subimos uma pequena elevação que dava para o canavial do terreno entre a levada dos moinhos e o rio, atravessámos uma pontezita de madeira e assim alcançámos a outra margem do rio

onde minha irmã nos esperava ainda com lágrimas nos olhos, da aflição que lhe causámos.

Entrámos em combinação. O que vamos agora fazer? Além de encharcados, o lodo da poça dava-nos um aspecto miserável. Enxugar a roupa no corpo alvitrei. A Lucianita, mamã de momento a cuidar dos dois aventureiros, impôs que fôssemos imediatamente para casa. Iríamos pela porta da cozinha.

— E arranjás-nos roupa para mudar, sem nos verem, não é verdade?

— Não, respondeu. Não sei onde isso está. E a mãe dava por tudo. Vamos pedir-lhe perdão e é ela que nos há-de salvar das iras do nosso pai.

E fomos subindo o carreiro que nos levava a casa, como réus de grande crime, molhados e sujos, tristes, mas não arrependidos. No fundo desejaríamos voltar para fazer flutuar a embarcação e conseguir barquear.

— Amanhã a madeira incha com a água e então é que é andar!

— Não tens vergonha nenhuma, disse a Luciana. Ainda te não livraste de uma e já te queres meter noutra! Isto acabou. Não contem comigo para vos auxiliar em brincadeiras destas.

Enquanto íamos a caminho de casa, ouvimos o nosso pai dar ordens ao Romão sobre um carro de bois. Não nos contivemos. Eu e o Miguel abalámos a correr para as traseiras da casa.

Minha irmã seguiu-nos apressadamente, mas com mais serenidade.

Ao chegarmos a um alpendre que antecedia a porta da cozinha, demos com a nossa mãe a cuidar de um papagaio que tínhamos há anos e que parolava como um prègador, especialmente quando ouvia barulho.

— Que preparo é este, Santo Deus! O que fizeram estes marotos para virem neste estado!

Ambos chorávamos. Julguei que era uma maneira de atenuar o mal feito. Entrementes chegava a Luciana que interveio solícita:

— Ó mãe, caíram à água, molharam-se e enlamearam-se. O rio leva mais lama do que água! E eu não pude ter mão neles. Como não havia perigo deixei-os brincar!

— Más brincadeiras, disse minha mãe. Antes não fossem para o rio. E tu, já uma senhora, a fazer-te com eles!

Minha irmã também se comoveu, especialmente quando minha mãe, procurando as nossas orelhas, nos mandava para dentro, a fim de mudar de roupa.

— Ó Maria! dá-me o frasco de álcool alcanforado para esfregar estes meninos que foram tomar banho ao rio sem pedirem licença...

A Maria era a outra criada, companheira da cozinheira Gracinda, rapariga ainda nova e desexovalhada, que fez coro com a minha mãe lastimando o desastre. E queria saber pormenores. Onde caímos, se era funda a água, se houvera perigo, um nunca acabar de perguntas a que a minha mãe pôs termo.

— Traga o álcool e deixe-se de curiosidades.

Seguimos para o quarto para onde também foi pedido um lençol, uma toalha e uma bacia de latão com água morna.

A nossa irmã sentou-se tristonha na casa de costura. Depois de feitas as suas obrigações foi a Maria quem foi ter com ela em confidências amigas.

Ja já adiantada a *toilette* sempre ao som de uma saraivada de repreensões, quando se ouviu a voz de meu pai a perguntar o que se tinha passado.

— Foram os manos que se molharam no rio. A mãe está a mudar-lhes a roupa.

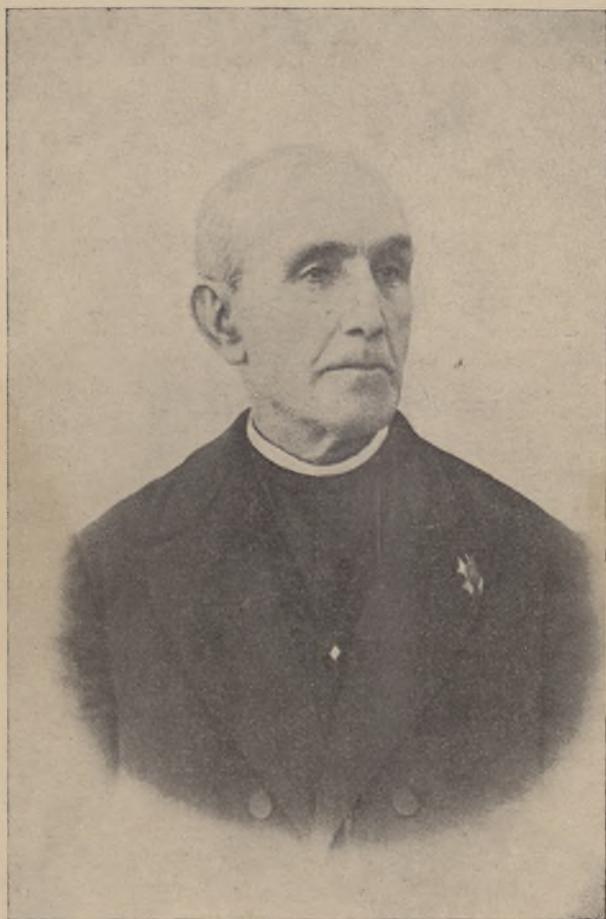
— E tu foste com eles e deixaste-os andar à rédea solta... Boa guarda não há dúvida!

Minha irmã choramingou.

Estávamos transidos de susto quando o nosso pai irrompeu pelo quarto com ares ameaçadores. Ainda distribuiu uns sopapos de que eu, como mais velho, tive o maior quinhão. Lágrimas, promessas de não mais voltarmos às águas do rio, um nunca acabar de contrições. A nossa mãe já nos defendia.

— Eu já também os castiguei, disse a meu pai. Por esta vez estão perdoados.

— Qual perdão nem meio perdão! Não sabes o que eles fizeram? O Romão contou-me tudo. Levaram a masseira da casa da eira, calafetaram-na com linho que o criado lhes deu — também sócio da empresa, o mariola! — e foram barquear. Resultado, o que estás vendo. A masseira, como uma cesta rota, encheu-se de água e foi ao fundo com estes dois navegadores.



MEU TIO ABADE
Padre Caetano de Pina Rezende Abreu Sá Freire

E dizendo isto avançou de novo para nós. A mão clemente da nossa boa mãe salvou-nos de nova agressão.

A Luciana, coitadita, também as ouviu das boas!

E saiu formulando castigos terríveis que ouvíamos assombrados.

Meu pai foi sentar-se lá fora, num dos bancos de pedra que ladeavam um aqueduto sobre a água do giro, gritando ao Romão:

— Também te fizeste com os pequenos na empresa! E não te lembraste que podiam afogar-se...

— O rio leva muito pouca água e juro ao patrão que só lhes dei o linho para calafetarem a masseira. Só então soube que estava junto ao rio. Eles é que a levaram. Nem sei como puderam com ela!

— És pior do que eles e... tolo de todo. Se tornas a auxiliar os pequenos nestas empresas, arranjas outra casa... E agora não te demores vai buscar o pasto para o gado.

E um pouco mais sossegado do borborinho que o caso determinou contou ao Fernando Espanha, seu afilhado, seminarista e vizinho que todas as tardes vinha fazer-lhe companhia, a história referida. Este era nosso bom amigo, deitou-lhe água fria na fervura.

Então, meu pai, depois de lhe oferecer uma pitada da sua caixa de prata lavrada, tirou outra que sorveu com certo ruído, comentando:

— Estes meus rapazes são o próprio demónio!

IV

AS PARTIDAS DE VOLTARETE

As sextas-feiras a partida de voltarete era em nossa Casa. Naquela noite foram parceiros: o meu tio Abade, o padre Manuel Garrido e o Dr. João Valente, mais conhecido pelo cirurgião Valente que tirou a carta na Escola Médico-Cirúrgica do Porto.

Ora o meu irmão frequentava em Avanca a escola do Padre Manuel, que era mestre régio e tinha prosápia de ser instruído. Escrevia nas gazetas de Estarreja onde se batiam os políticos em agravos de toda a ordem. Ele seguia na esteira do Frei Agostinho de Macedo, utilizando uma linguagem agressiva e violenta, não as perdando aos inimigos e por vezes também aos amigos.

O Miguel gostava do seu Mestre e, entre nós, não raras vezes, se levantavam disputas sobre qual era melhor professor, se o meu se o dele. Apresentávamos as nossas razões e no fim ficávamos na mesma, como na mor parte das discussões. Para mim era o Padre José o preferido e para ele o Padre Manuel.

Assistíamos, à noite, à primeira parte da partida que se iniciava com gracejos dos parceiros.

No jogo só nos interessava saber quem ganhava. E desejávamos que os mais queridos fossem os vitoriosos. Eu era no jogo daquela noite, e sempre, pelo tio e padrinho, Abade de Pardilhó, o Miguel pelo seu Mestre. Nessa noite decidimos pedir ao Altíssimo que desse sorte



IGREJA DA ALDEIA DE SANTA MARGARIDA
(Idanha-a-Nova)

Nesta aldeia nasceu meu tio Abade

aos nossos preferidos. E cada um com a sua coroa, que era o rosário das famílias piedosas daquele tempo, fomos, eu para junto do bom Abade e o Miguel para o lado do Padre Manuel, suplicar a melhor sorte, aos santos dos céus, a favor dos nossos eleitos, como mais dignos de esfolar os outros parceiros.

Só o Dr. João Valente não tinha quem pedisse por ele. Ora sucedeu que ele absorveu, de forma muito marcada, o dinheiro dos eclesiásticos. A medicina, mesmo desajudada do céu, estava triunfante! Acudiam-lhe, com sucesso, os voltaretes de respeito; e as licenças e os sós multiplicavam-se com resultados favoráveis.

O Padre Manuel é quem estava com mais azar. Meu tio dera-lhe um codilho e a seguir ganhou uma licença o que, consoante disse o Dr. João Valente, confirmava o ditado: «Sobre codilho montilho».

O Padre Manuel não via jogo e as mãos corriam-lhe mal. Num volte segundo, tirou uma carta de um naipe que não tinha companheiras na mão, o que o levou a pronunciar uma praga leve, que só a ele dizia respeito:

— «Diabos me levem com tal sorte...»

Estava mal humorado e até um pouco irritado.

No seguimento da partida o Abade foi à casca de curioso o que levou o Dr. João Valente a debitar o conhecido rifão: «Não dês a tua filha a quem vai à casca sem basto ou espadilha», ao que meu tio, respondeu:

— É coisa que não tenho para dar. Por isso uma vez por outra embarco nesta aventura.

Jogou e fez as cinco primeiras vazas o que lhe deu

a partida com benefício na paga. O Padre Manuel resmungou:

— Isto, sr. Abade, só se aprende com os marinhões!

— Não são maus mestres, não. Largam a escota a tempo quando o temporal aperta. Já estava farto de passar. Foi uma guinada à terra.

O voltarete seguia a sua marcha regular e nós rezávamos, senão com fervor, ao menos passando as contas em bom ritmo, no murmúrio imperceptível das orações que não chegam a exteriorizar-se.

Olhávamo-nos com a insistência de quem não via o resultado do seu esforço, pois o Dr. João Valente continuava a ganhar. O Padre Manuel passou a reparar no discípulo com certo mau-humor. Tinha horror aos calistos e o Miguel, mesmo com o pequeno rosário na mão e a desfiar ave-marias, começava a enervá-lo. Manifestava-o na forma como se mexia na cadeira e quando tinha de pôr uma remissa, fazia comentários a propósito das influências de estranhos sobre os jogadores. Meu pai que assistia à partida e se interessava pelo desenvolvimento das mãos, embora não fosse parceiro, sentara-se, num canapé que ficava um pouco distante da mesa. O remoque era evidentemente para meu irmão. Assim lhe pagava o piedoso serviço que lhe estava prestando para que do céu caísse a desejada boa sorte!

Nisto, o Dr. João Valente apresenta os dois ases pretos na mesa e volta a carta, um rei de copas. Do mesmo naipe era a grande maioria das cartas que tinha na mão. Só teve de comprar duas para completar o jogo.

Meu tio ofereceu as restantes cartas a comprar ao Padre Manuel que adquiriu sete deixando três das de cima para meu tio que as recolheu.

Foi neste momento que o Dr. João Valente disse, com um tom ligeiramente enfático:

— Geral declarado!

Houve um sopro de curiosidade que se estendeu a meu pai. Levantou-se e foi colocar-se por detrás do feliz anunciante do lance mais caro do voltarete, coisa rara que só poucas vezes aparece no constante cartear da partida. Tinha de facto as nove vazas garantidas. As contas um pouco complicadas foram feitas e satisfeitas. Esgotadas as fichas teve o Padre Manuel de recorrer ao *porte-monnaie*. E virando-se para nós dois e, em especial para o Miguel, despediu este reparo:

— Os meus meninos devem saber que o jogo é como o demo, não gosta de rezas.

Meu irmão já lhe conhecia, da Escola, a cara carrancuda dos maus momentos e, não esteve com cerimónias, levantou-se e saiu. Eu segui-o de perto.

O Padre Manuel continuou:

— Ainda se se colocassem um de cada lado do Dr. João Valente a rezar para ele ter sorte! Mas...

Já não ouvimos as últimas palavras. Uma gargalhada corou o desabafo do Padre Mestre, estridente e tão demorada que a nossa mãe veio saber de que se tratava.

Nós estávamos imóveis, subjugados, com as contas na mão, absortos e meditativos como dois franciscanos a quem só faltavam o burel, o cordão e as sandálias...

— Mas o que foi, contem o que se passou, inquiriu minha mãe.

Balucíamos não sei o quê!, mas foi meu pai ainda perdido de riso que, vindo da sala de visitas, veio contar o episódio. De novo se riram os dois e nós seguimos merencórios para o nosso quarto. Foi nessa altura que desabafei dizendo ao Miguel:

— O teu Mestre é um hereje! Nem é Padre, nem é nada!

E desta feita o Miguel, à evidência dos factos, nada teve a retorquir.

E fomos dormir desiludidos dos homens e dos santos.

Um dia o cirurgião Petiz, o outro médico que, ao lado de João Valente, fazia a clínica da região e nos dava a sua assistência, disse a meu pai:

— Sabe, sr. Fernando, os seus pequenos e até a sr.^a D. Maria do Rosário lucravam com os banhos da Torreira. Vão lá passar umas semanas.

Meu pai, embora a solução do assunto fosse coisa para meditar, pois vivíamos com dificuldades, anuiu, em princípio, à indicação médica. Ia pensar no caso.

Estávamos nos primeiros dias de Setembro. Meu tio Augusto veio visitar-nos. Soube da indicação do médico e assistiu às perplexidades de meu pai.

— Está dito, e eu faço-vos companhia. Também me faz jeito sair por um tempo da serra e não me apetece ir já para Lobão, tanto mais que a vindima este ano ainda demora e o João António lá toma conta das coisas.

*

*

*

Interrompo aqui o seguimento da narrativa para me referir, em especial, ao bom tio Augusto e a um episódio da sua vida que oferece certo interesse e andou na tradição das histórias de família muitas vezes referidas.

Lobão era uma aldeia de Tondela onde o tio Augusto possuía uns bens, vinhas em especial. Dividia-se entre dois locais bastante distantes, em Rossas, nas serras arouquesas e além Caramulo, no extenso vale que, com elevados outeiros, íngremes e penascosas escarpas, se prolonga até à serra da Estrela.

Ali passa o Dão, ao fundo da freguesia, dobrando-se para Tondela a caminho de Santa Comba. Região acidentada, mas de boa vegetação, coleada por boas estradas e riachos nos fundos dos vales; rincão privilegiado de excelente vinho de pasto, especialmente de soberbos tintos, apreciados e cotados pelos bons apreciadores. Alguém chamou ao vinho do Dão o «burgonha português». Ele lembra, com efeito, os famosos «crus» dessa reputada zona francesa. Mas tem características próprias que lhe dão individualidade inconfundível. O vinho do Dão, puro, de cepas antigas, e, em particular, o que leva «moreto», casta de pouca produção, mas de típico paladar, é, de facto, excelente. Soube-o, por experiência própria, quando a mocidade me sorria por aquelas paragens e pelo que me informavam autoridades no assunto, vinhateiros categorizados da região.

O meu tio Augusto, ao tempo em que o conheci, era pessoa jovial e bem disposta, muito afeiçoada ao tio João António que se lhe seguia na idade; assim como o tio Abade e meu pai, os dois mais novos tinham também maior intimidade. Contudo, todos quatro, os que restavam, eram muito amigos e muito dedicados à trindade dos pequenos em que depositavam as suas esperanças na continuidade da família.

A nossa Casa do Marinheiro era o centro que a todos atraía; de princípio, devido a seus pais, meus avós, o Tenente-Coronel António Pinho de Rezende que foi comandante do regimento 11 de caçadores de D. Miguel, e D. Brites Inácia Pina Botelho que todos os filhos adoravam e a que já tivemos ocasião de nos referir.

Meu avô, sempre apegado ao seu credo político, não transigiu nunca dos seus princípios até que a morte o visitou, cedo ainda, na década dos cinquenta.

Foi um garboso e valente militar. Como oficial subalterno permaneceu, por muitos anos, nas hostes legitimistas, por terras da Beira Baixa. Ali se enamorou de minha avó e madrinha D. Brites, com quem casou e de quem houve numerosa prole. António, Maria Lúcia e Miguel Maria, faleceram novos. Este era afilhado do sr. D. Miguel ⁽¹⁾, de quem tinha o nome, que se projectou ainda em meu irmão em homenagem ao passado.

(1) Possuo a sua certidão de baptismo que transcrevo:

«Miguel Maria, filho legítimo de António Pinho de Rezende, natural de Avanca, e de D. Brites Inácia de Pina Botelho, natural

Entre os antigos do meu tempo, nunca se falava no Rei proscrito sem se lhe antepor o cerimonioso Senhor. As damas mais idosas da geração de meu pai, ainda se levantavam, naquela reduzida e fiel «corte» legitimista de Avanca, com uma reverência, ao pronunciarem-lhe o nome, do que ainda me recordo, nas reuniões familiares da minha infância. Toda a parentela partilhava das mesmas ideias. As casas do Outeiro, Telhado, Areia e Marinheiro, centros das nossas reuniões, eram templos de admiração e respeito pelos princípios que sempre defenderam em favor do verdadeiro Rei de Portugal, segundo se proclamava a cada momento. «Por Deus, Pátria e Rei» era a divisa que soava, como hino, em favor do credo legitimista.

Os liberais eram apodados de pedreiros livres, malhados, e zurzidos ainda com apóstrofes mais cruéis, pois não havia outra maneira de os atacar. Mas sempre que surgia no norte do país qualquer movimento revolucio-

da Vila de Penamacor, da freguesia de Santiago, neto paterno de João de Pinho Rezende Valente e de D. Ana Joaquina de Sá Abreu Freire, naturais da dita freguesia de Avanca, e materno de Vicente Ferreira de Pina, sargento-ajudante, desta Vila de Penamacor, e de D. Ana Marcelina de Pina, também desta Vila e Freguesia, nasceu no dia primeiro de Abril de mil oitocentos e vinte e dois e foi solenemente baptizado no dia vinte e quatro de Maio do dito ano. Foram padrinhos sua Majestade o Senhor D. Miguel primeiro e a Sereníssima Infanta a Senhora D. Maria de Assunção. Tocaram, em seus nomes, por Aviso Régio que tiveram, o Doutor Juiz de fora, desta vila, Aurélio Álvares de Almeida Crespo, e o avô materno Vicente Ferreira de Pina. Foram testemunhas, etc.».

nário todos procuravam auxiliá-lo na esperança vã do regresso ao passado.

Na «Brasileira de Prazins» refere-se Camilo Castelo Branco com louvor ao Morgado de Avanca ⁽¹⁾. Sòmente há confusão do posto militar, coisa de menor importância.

Quando foi a «Convenção de Évora-Monte» meu avô veio para Avanca e desapossado, em favor da causa, do pouco que possuía e que julgou de seu dever entregar ao seu Rei, foi depois auxiliado pelo Morgado, João de Rezende, o irmão mais velho, senhor da Casa do Outeiro.

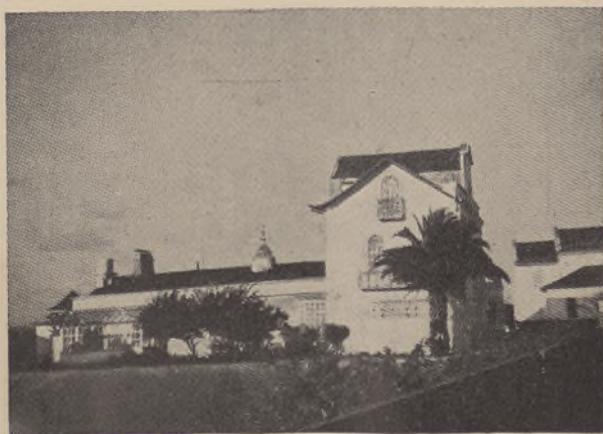
V

O TIO AUGUSTO

Os meus tios mais velhos seguiram a carreira das armas e o Augusto, terminado o curso, que era reduzido nessa época, tinha já ingressado como alferes, segundo

(1) Transcrevo do romance o seguinte trecho referente à acção de Mac-Donell:

«A mesa onde falcavam os cristais dos licores, avultavam, cintilando com os metais das suas fardas, o quartel-mestre General Vitorino Tavares, de Fragilde, José Maria de Abreu, ajudante de ordens, o Morgado de Pé de Moura, o Cerveira Lobo e o Sebastião de Castro, do Covo, comandante do batalhão de voluntários realistas de Oliveira de Azemeis que arredondava 42 praças e seu irmão António Carlos de Castro, ajudante de ordens do general, e dois homens gentilmente valorosos, o coronel Abreu Freire, Morgado de Avanca, e o Bandeira de Estarreja que é hoje padre.»



A CASA DO TIO ABADE, EM PARDILHÓ
Nela passei a minha infância e adolescência

julgo, no exército. Apesar de tudo, tal amor tinha à carreira das armas, que ele não deixava de afirmar que a Pátria, a quem queria servir, estava acima dos regimes políticos. Mas meu avô era intransigente e intimou-o a abandonar o posto. Meu tio nem se atreveu a apresentar qualquer pedido ou a fazer a menor reclamação.

Ficou, todavia, preso à vida a que aspirava e por forma a não poder, por vezes, esconder o seu íntimo desgosto.

Passou os seus últimos anos em Lobão, com o meu tio João António, ao tempo aposentado da contadoria, numa vida modesta de pequenos proprietários. Com o que lhe vinha das propriedades de Rossas onde, por fim, raramente ia, a aposentação do João António e o rendimento das pequenas propriedades que tinha em Lobão, ali decorreram os seus últimos anos, apenas atormentados por males da velhice.

Quando nas férias — já eu andava em Coimbra — ia passar umas semanas a Lobão, lia-lhe descrições de batalhas para o entreter. Por mais de uma vez lhe li a de Waterloo dos *Miseráveis*. Deliciava-se com o descritivo empolgante e sugestivo de Victor Hugo da famosa batalha. Fazia-me às vezes repetir as peripécias do combate que criticava a seu modo, e percebia-se que guardava no seu íntimo o desgosto de não ter continuado no exército.

Quantas vezes me referiu nomes de pessoas da mesma época e até do mesmo curso que tinham alcançado os últimos postos!

Sentia-me satisfeito ao vê-lo ressuscitar a sua aspira-

ção aniquilada nos primeiros anos da mocidade, sonho que nunca pôde realizar, mesmo depois da morte de meu avô, quando ainda novo, podia voltar ao exército. Não quis porém transgredir as ordens paternas pelo culto que lhe dedicava.

Era pessoa calma e reflectida.

Por vezes ia de Rossas, ao Porto, ao teatro, divertimento da sua particular predilecção.

Nos últimos tempos, já em Lobão onde terminou os seus dias, pouco saía de casa e estimava que lhe dissessem o que se ia passando por esse mundo, o que o tio João António lhe satisfazia lendo alto *O Primeiro de Janeiro* que diàriamente lhes levava as notícias do país.

José Maria de Alpoim iniciara por esse tempo as suas *Cartas de Lisboa*. Que pena é não estarem coligidas em volume! Eram cuidadas na forma, juntando delicados comentos literários a vigorosos ataques e críticas políticas. Manejava como poucos o sarcasmo contundente e incisivo. Meus velhos tios apreciavam a prosa alegre, combativa e contundente do grande polemista e insigne jornalista, um dos maiores da sua época.

Meu tio João António era de feitio diferente de seu irmão, embora ambos acamaradassem sempre na melhor harmonia, presos um ao outro, sobretudo na velhice, por uma funda amizade e dedicação.

O João António gostava muito da vida de sociedade, pecha de que todos os meus enfermavam, mas que constituía nele qualidade marcante. Na parentela havia dois que se salientavam neste particular, ele e o primo José



A ESCOLA DO PADRE JOSÉ RAMOS, EM PARDILHÓ

Maria de Lima e Lemos, da casa da Areia, e que foi, como disse, juiz de direito. Dos dois me recordo. Conheciam os segredos da conversação agradável e discreta, qualidade difícil e que eles realizavam com a naturalidade de profissionais, sem faltarem a todos os requintes de amabilidade com as damas, mas sem exageros ridículos nem contumélias descabidas.

Ambos eram dados a cortejar o belo sexo.

Seriam páginas de romance, algumas das proezas amorosas destes dois galãs, de que ficaram vestígios pelos caminhos, lágrimas que dificilmente se estancaram, situações difíceis, com lances dramáticos dignos talvez de serem arquivados.

Dados estes pequenos esboços biográficos, voltemos a falar do tio Augusto que ao tempo da descrição, agora interrompida, estava no Marinheiro a passar uns dias connosco, na Casa-Mãe. Estivessem em Rossas, Lobão ou Pardilhó, as casas em que se abrigavam eram apenas sucursais da do Marinheiro, aonde acorriam nas suas visitas amigas. Talvez, em parte, a razão das suas vindas a Avanca, fosse a existência dos três sobrinheiros, descendentes oficiais. O Augusto era o padrinho de minha irmã que teve por madrinha a D. Luciana de Rezende de Almeida Valente, da casa do Outeiro, prima em primeiro grau dos meus velhos, e senhora muito considerada e estimada. Toda a família lhe dedicava merecida veneração. Era irmã do Morgado de Avanca, António Tomás de Abreu Freire de Almeida Valente, que, ao receber o morgadio, pelo falecimento de um dos seus irmãos, aban-

donou, em meio, o curso de direito que seguia em Coimbra.

Tinha meu tio Augusto tendência meditativa. Na época a que me reporto, dos seus 50 anos, preferia viver em Rossas, apertado vale, onde ficava a sua casa, com água a cantar de todos os lados e a encenação do arvoredado nas mutações da vegetação.

Riam-se, na Primavera, as cerejeiras, cobertas de frutos róseos e violáceos; desfaziam-se as vides, no Outono, em festões de cachos, pendurados dos enforcados, em riqueza de contrastes com as pedras escuras de granito da serra e o verde esmeralda dos milheirais de regadio.

Aos primeiros frios os castanheiros opulentos, bem contornados, de braços vigorosos, enramalhados de verde-escuro, ostentavam orgulhosos os ouriços ligeiramente aloirados. Os garotos assaltavam-os à pedrada. Mas nesse tempo, chegavam para todos.

Vinham às carradas dos soutos os ouriços e as castanhas estoiravam nos magustos a alegrar o negrume da cozinha e a desafiar o verdasco a espumar nas canecas vidradas.

Era o cenário que o tio Augusto apreciava naquela fase da vida, num quietismo que a muitos parecia confrangedor, mas que lhe sorria num encantamento de bucolismo serrano, na atmosfera restrita de um isolamento cenobita.

Todas as pequenas coisas o interessavam e, em especial, as novidades das culturas distraíam-no enchendo-lhe o tempo.

Visitavam-no os amigos Brandões de Alhavaite e outros de freguesias vizinhas, pessoas que também procurava. Raras vezes, porém, o fazia e menos ainda se punha em contacto com os seus conhecimentos da vila de Arouca. Saídas eventuais, e sobretudo verdadeiras excepções no decorrer monótono do Inverno, quando a chuva continuada iguala os dias e as águas se empoçam por todos os lados.

O horizonte em Rossas é limitado pelas serranias que, de todos os lados da rosa dos ventos, se levantam, com aspectos diferenciados. Ali o sol nasce tarde por ter de galgar os montes levantinos e cedo se oculta por detrás das elevações do poente. As casas raras vezes se aglomeram, dispersam-se pelos campos na tranquilidade da vegetação verdejante que as abundantes águas das montanhas mantêm por todo o Verão. Só no adiantado do Outono, os milhos de hastes altas e finas, de boa palha para o gado e de espigas de reduzido volume, conseguem amarelecer.

Às tardes ia meu tio até à única loja com mercearia, panos e utilidades, que havia na aldeia. Pequeno estabelecimento que ainda existe, e ficava num pequeno largo no sítio chamado da Barroca, onde passa a estrada que segue para a vila e outra que vai ao Porto, com um cruzeiro em granito ao lado. Ali se chegava da casa de meu tio por uma pequena vereda de grandes lajedos entre os quais corria muitas vezes água abundante.

Na sua visita diária, em seguida ao jantar, sentava-se num pequeno banco que já lhe estava reservado junto ao

balcão e começava a conversa. Ele levava as notícias que lera no jornal e informavam-no dos acontecimentos da aldeia.

Em todas as terras pequenas das nossas províncias, há peripécias a contar. Uma bisbilhotice de curiosidade, sem laivos de má-língua.

Aos domingos a missa paroquial ao romper da manhã, numa igreja muito pobre para onde se subia por uma ruela acidentada, de mau piso e no Inverno encharcada de água que se evitava, saltando de pedra em pedra e onde estropeavam os tamancos dos traseuntes, calçado adequado àqueles caminhos.

Nesse tempo havia uma única estrada que atravessava a povoação em direcção a Arouca que dista uns 7 quilómetros. Meu tio conheceu Rossas sem esse progresso e assistiu à sua construção.

Feita a apresentação do personagem e do cenário, passo à descrição de um episódio um pouco estranho, digno de ser registado nestas notas familiares.

Tinha meu tio Augusto como criado de lavoura um rapazote em torno dos 18 anos, que lhe cuidava dos animais e fazia serviços agrícolas. À noite, no Inverno, o frio apertava e juntavam-se à lareira. Meu tio tinha cadeira especial ao fundo da chaminé. A criada Maria ocupava-se do preparo da ceia. Em escabelo, ao lado sentavam-se o Simão, velho criado que se ocupava dos campos, que não estavam arrendados, das videiras e da adega, e o tal rapazote que, à falta de indicação do registo baptistal, chamarei António. Tenho uma ligeira

reminiscência, pelo que ouvi contar, de que era este o seu nome.

Conversava-se sobre particularidades do trabalho feito ou a executar e, por fim, à falta de assunto, meu tio referia a sua última ida ao Porto, que já tinha sido contada e recontada, mas sempre interessante para o auditório que, não raras vezes, o interrompia com perguntas e observações.

— Qual foi o caminho que o sr. Augusto levou de Escariz para lá? — inquiriu o António.

— Quem tem boca vai a Roma! Não tenho de memória todas as terriolas que atravessei até Vila Nova. Apenas te sei dizer que não sendo bons os caminhos não são tão maus como os daqui para a serra.

— Mas que os nossos bois sabem caminhar! Ainda ontem, disse o Simão, me aguentaram um carro de mato à descida das Barrocas que foi a minha admiração!

A sr.^a Maria anunciou que o caldo estava pronto, as batatas cozidas, as couves e o bacalhau... Tudo em ordem! Já vai sendo tempo para a ceia. As horas passam e amanhã é preciso levantar cedo, porque o trabalho aperta.

— Lá isso é verdade, disse o Simão, levantando-se.

— Boas noites, disse o meu tio Augusto. Ó António não esqueças a ração ao cavalo e passeia-o de manhã. E foi-se encaminhando para uma curta escada de pedra que dava para a pequena sala de jantar onde, dentro em pouco, fumegava uma boa tigela de caldo verde. Não faltava a broa para migar, o pichel do melhor verde da

casa, e o galheteiro com o azeite esverdungado da região. E dirigindo-se à criada:

— Não esqueças duas maçãs assadas para a sobremesa. E o meu chá com pão de ló do Burgo.

— Está tudo pronto! Agora vou servir os criados. E desceu à cozinha.

A ceia decorreu com agrado para meu tio. Silenciosa, como de costume, mas bem saboreada. Por fim uma boa pitada sorvida com gosto e um resto de leitura do jornal. Depois umas últimas recomendações aos criados, e um sono sem pesadelos, ajudado pela toada embalante da água a cair no granito da pia do quintal.

Numa das manhãs vieram dizer-lhe que o criado António tinha desaparecido. Procurou-se por toda a parte, nas casas dos caseiros, nas propriedades, nas habitações em redor, e ninguém dava conta do rapaz. Mandou-se a casa da mãe com quem vivia antes de estar ao serviço da lavoura. Nada! Começou a inquietar-se meu tio e o reduzido pessoal que o cercava, pensando-se em algum desastre que o rapaz tivesse sofrido.

A mãe, uma pobre viúva, apareceu na manhã do dia seguinte a saber novas do filho e a ignorância de todos levaram-na a choros e clamores incomodativos.

Assim decorreram uns dias, até que vai de dizer-se à boca pequena, que talvez o rapaz tivesse sido assassinado! Dentro em pouco começou a suspeitar-se do patrão e depois a história completou-se em pormenor, a que alguns vizinhos vinham trazer elementos complementares.



MEU TIO ABADE
Surpreendido em passeio

Afirmava-se já que meu tio tinha tido uma forte alteração com o António e que, apesar do seu ar pacífico, perdera as estribeiras e lhe dera a matar. Acrescentava-se que com a ajuda da criada Maria, que era forte e resoluta, tinha sido enterrado no quintal!

Houve mesmo umas mulheres piedosas da vizinhança que afirmavam ter visto a Maria no ribeiro, onde ia lavar a roupa, com peças manchadas de sangue.

— Deus me perdoe, dizia uma delas, mas aquilo era, por certo, do António! E tão bom rapaz que ele era!

— É tão temente a Deus! acrescentava a companheira. Nunca faltava às suas obrigações com a Igreja!

E a notícia, como nódoa de azeite, ia alastrando. Primeiro na freguesia, depois nos povos circunvizinhos, por fim na vila de Arouca e com tal insistência se afirmava que o rapaz tinha sido assassinado que as autoridades tomaram conta do caso.

Era tido em boa conta o sr. Augusto de Rezende; mas como era acusado de assassínio, fez-se uma primeira diligência em casa do suposto criminoso. Meu tio, tão infame e injusta achava a acusação que, embora negasse o suposto crime, não conseguia reagir. Era o seu feitio. Desanimado, caiu num estado depressivo, abandonando-se à tristeza. Não podia admitir, sem uma íntima revolta não exteriorizada, que vizinhos considerados como amigos e outros a quem prestara favores, garantissem a sua culpabilidade! Na casa tudo era desolação; só a Maria, mais decidida, recalcitrava com alguma comadre da vizinhança que, de longe, lhe fazia qualquer insinuação.

Por mais de uma vez foi às do cabo, tão irritada andava. Meu tio bem lhe recomendava sangue-frio, pois tudo se havia de esclarecer.

— É melhor ser como o sr. Augusto que anda aí com cara de condenado. Eu penso de outra maneira e se alguém o acusar ou a mim — pois já sei que também me abocanham — há-de sentir a força das minhas mãos. Que eu nunca tive medo nem de trabalho nem de atrevidos.

Isto dizia a Maria com ares decididos de boa serrana, sem papas na língua, e com os músculos em bom exercício.

À noite juntavam-se na casa alguns amigos e discutia-se o assunto por vezes com o concurso da sr.^a Maria que em apóstrofes era mestra, não as poupando fosse a quem fosse. O sr. Abade da freguesia também lá foi confortar com palavras doces o suposto criminoso. Mas à saída todos eles se interrogavam se seria ou não verdade o que se dizia.

— A ira é um terrível mal, comentava o Abade a caminho da pobre residência.

— O rapaz era esperto e fazia bem a obrigação, disse o sr. Pinho, mas por vezes desleixava-se com o cavalo, o que muito irritava o sr. Rezende. Podia ser que este zangado lhe desse com violência. Não era para matar; mas há horas malditas, horas aziagas, do diabo...

— O ar sucumbido do sr. Augusto é que me faz impressão, disse um terceiro. Quem está inocente tem sempre a cara levantada.

— Às vezes é o contrário, comentou o Abade em ar de despedida.

A diligência do Administrador do concelho fora prolongada. Durou uns dois dias. Primeiro declarações de meu tio, do Simão, da Maria, de alguns trabalhadores da casa e vizinhos.

Meu tio negou.

— O rapaz fugiu não sei para onde; mas ninguém lhe bateu ou fez mal. Na véspera de desaparecer estive a dar-lhe ordens para o serviço, o que foi ouvido pelos outros criados. No dia seguinte não se encontrou mais; levou o seu melhor fato e desapareceu. É tudo o que tenho a dizer.

Os outros depoimentos foram concordantes, mas o da sr.^a Maria foi mais floreado, tendo de ser chamada à ordem e por uma das vezes avisada de que, ou mudava de tom, ou teria que os acompanhar até Arouca.

— Eu não ofendo nenhum dos senhores, dizia ela. Desde que estes malvados vizinhos andam a acusar o sr. Augusto, que é incapaz de fazer mal a uma mosca, e a abocanhar-me a mim, eu não sei o que dizer, sr. Administrador, mas isto acaba mal.

— Não faça ameaças...

— Não ameço ninguém, isto é só o que cá sinto.

E, lamurienta, acrescentou:

— Juro-lhe, sr. Administrador, pela luz dos meus olhos, que tudo o que dizem é mentira. Aqui não houve morte nenhuma, é tudo inventado por uns malvados que hão-de ter, a seu tempo, o devido pago.

— Dizem que a senhora foi conivente no crime, que ajudou a enterrar a vítima, que lavou na ribeira roupa ensanguentada do rapaz...

— Tudo rematada falsidade! Não dê ouvidos a falsas testemunhas, sr. Administrador! São línguas viperinas que mereciam ser queimadas...

A noite aproximava-se e Arouca era a alguns quilómetros. Continuariam as investigações no dia seguinte e convidava a estarem presentes todos os que naquele dia tinham sido inquiridos.

— Daqui ninguém foge, disse a sr. Maria a caminho do corredor que levava à cozinha. E ainda resmungou qualquer coisa que se não ouviu.

— É danada esta sr.^a Maria; disse o Administrador para o que escrevia o auto. É levada dos diabos!

Meu tio levantou-se cortêsmente quando o sr. Administrador se preparava para sair. Este estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Desculpe a minha insistência, são deveres do cargo e sabe muito bem que o desaparecimento do seu criado tem dado assunto não só na nossa comarca, mas nas mais vizinhas, como por exemplo em Oliveira de Azemeis. Tudo se há-de esclarecer.

— Assim o espero, disse meu tio um pouco secamente. Boa tarde.

A noite não tardou a cair e a tortura continuou a perturbar aquela solitária casa, onde houve sempre a doce paz aldeã, sóbria e monótona; sem remorsos que pesassem sobre as almas tranquilas dos que a habitavam.



O LARGO DO CRUZEIRO, EM ROSSAS
Na estrada que segue para Arouca

Algumas palavras trocadas com o Simão e com a sr.^a Maria encheram o serão. Falou-se da pouca vergonha do que se estava passando e sobre este motivo a sr.^a Maria fez um discurso que nem o padre nos domingos de quaresma.

— Ó sr.^a Maria, a senhora quase que embarrilava o Administrador, disse o Simão.

— O Barbichas não me mete medo. Nem ele nem um cento deles! Dês que tenho a verdade do meu lado não careço de outra guarda. O pantomineiro!

— Ó Maria tem mais cuidado com a língua. Olha que é a autoridade do nosso concelho, advertiu meu tio.

— Bem me importa isso! A dar ouvidos às calúnias dos falsos amigos da casa! Como se o sr. Augusto fosse capaz de tal desvario!

A ceia veio cortar a viveza dos comentários e trazer coragem para o dia seguinte em que as averiguações policiais continuariam.

Um pouco mais cedo chegaram as autoridades. Foralhes dito por testemunhas que o sr. Augusto de Rezende, auxiliado pela criada, tinha enterrado a vítima no quintal ou na adega.

— São sítios um pouco distantes, mas têm tudo à disposição, informou meu tio.

Foram para o quintal de cima, depois para o de baixo à busca de terra remexida. Tinham um homem munido de uma enxada e o criado da casa, o Simão, também os seguiu para auxiliar o serviço, se fosse necessário.

Um local do quintal de cima em que a terra tinha sido arranjada para horta, foi cavado em várias direcções até que deram a averiguação por feita. Percorreram o eido de baixo, deram volta pelos currais e por umas casas bastante velhas onde viviam umas antigas criadas da casa, de há muito aposentadas do serviço.

As investigações feitas tinham sido nulas. Faltava a adega cujo pavimento era térreo e que a fantasia dos acusadores deu como lugar azado para ali enterrarem o cadáver do rapaz. Pediram a chave. Meu tio conservou-se na sala a assistir ao desenrolar de todo aquele disparate, como disse ao próprio sr. Administrador no final da diligência. Gritou à Maria para que levasse a chave à autoridade.

— Até a adega não escapa, santo nome de Deus!

E levou a chave ao sr. Administrador com as boas tardes, em tom seco, por não poder faltar a um dever de elementar cortesia.

— Só se estiver a chupar em algum tonel, disse já a caminho da cozinha. Olha a tolice desta gente!

Por certo já lhe não ouviram estas palavras nem outras que se lhe seguiram. Caso contrário, tê-la-iam admoestado. O sr. Administrador já andava assomado com aquele destravamento de língua.

A adega era escura, apenas iluminada por pequenas frestas rectangulares defendidas por ferros em cruz e ocupava todos os baixos da parte assobradada do prédio.

Num dos topos estava um lagar bastante espaçoso com uma prensa de vara. A seguir, do lado contrário à

porta e encostados à parede, uma fila de alguns pequenos tonéis e pipas de vários tamanhos. Bateram os tonéis uns cheios e outros vazios e vigiaram por baixo das vasilhas.

Nada dava indício de ter andado por ali enxada nos últimos dias. Mas como estava húmido o terreno entre duas quartolas que estavam arrumadas e uma de batoque para baixo, a escorrer o resto do último suadoiro, vá de escavar com força. A breve trecho a enxada batia em pedra e chispava lume.

— Bem, disse o sr. Administrador um pouco melhor humorado, não vale a pena continuar. Cova podiam ter feito, mas mausoléu é que não tiveram tempo de o fazer, nem para tanto teriam jeito...

Depois de uma nova inspecção saíram da adega, subindo o sr. Administrador e o escrivão pela escada de pedra que, com uma pequena galilé quadrada, ao cimo, dava para a sala.

— Sr. Augusto de Rezende, vamos redigir o auto. Não encontrámos nada do que as testemunhas de acusação tinham insinuado.

— Como podiam encontrar o que não existe? Isto é tudo uma invenção. Ninguém viu mais o rapaz que está a divertir-se à minha custa. Só não sei onde ele pára.

— O senhor fará depois a sua defesa. Só nos cumpre averiguar das acusações que lhe têm sido imputadas.

E passou a redigir em voz pausada, e com certa ênfase, o resultado da diligência executada.

VI

SEGUE A NARRATIVA

Como pouco havia a relatar, o auto não levou muito tempo a concluir. Passaram às despedidas dizendo o sr. Administrador que esperava que tudo se esclarecesse a bem da Justiça, desejando que meu tio pudesse aduzir provas concludentes a favor da sua inculpabilidade.

Houve um pouco mais de tranquilidade na casa, depois destes inquéritos negativos. Isto não impediu que a sr.^a Maria, ao vê-los seguir por debaixo da ramada para o portão de castanho do quinteiro, dissesse umas frases menos dignas deste relato.

Não tinham passado duas horas e chegava meu pai, a cavalo. Fizera um percurso bastante rápido desde Avanca. O tio João António chegava no dia seguinte de Meda, onde ao tempo ocupava o lugar de contador e, passado o domingo, em que havia festa em Pardilhó a que meu tio Abade não podia faltar, também ele compareceria. Toda a irmandade junta para encorajar o Augusto naquela difícil conjuntura. Tinham sabido, por cartas suas, da infame acusação de que estava sendo vítima.

Depois de larga conversa, meu pai animou meu tio com calor, levantando-o, de momento, das preocupações que o torturavam.

— Ir ao banco dos réus por uma calúnia destas! dizia meu tio Augusto. E repetia a frase e entristecia de forma impressionante.

No dia seguinte, meu pai, a sós com ele, frente a frente, nos bancos de pedra que ladeavam a janela da sala que dava por cima da grande ramada do quinteiro, em ar da maior confiança, pediu ao meu tio que lhe contasse tudo como se tinha passado. O tio Augusto relatou simplesmente o que o leitor já sabe e que se resumia em muito pouco. O António desapareceu, sem que ele ou os criados tivessem dado por isso. Fugiu e não se sabe para onde.

— Mas dize-me tudo, porque se perdeste a cabeça com o rapaz por qualquer resposta insolente, também isso tem remédio. Confia em mim.

— Também tu, Fernando, tens dúvidas a meu respeito! E desatou em copioso pranto.

— Desculpa, atalhou meu pai. Conheço-te muito bem, sei que és inteiramente incapaz de uma má acção. Podias contudo ter um arrebatamento infeliz. Nem sempre, por mim o digo, se tem força para dominar os nervos. Mas tranquiliza-te. Estou seguríssimo de que o que me disseste é a verdade e só a verdade. Desculpa; quis apenas mostrar-te que podias contar com a minha amizade de irmão em todas as eventualidades e pronto para todos os sacrifícios.

Abraços e frases de animosa coragem para galgar o difícil barranco. Esta entrevista teve porém para meu pai grande importância.

Contou-lhe meu tio o sucedido com o Administrador e as acusações dos vizinhos. Estes afirmavam ter ouvido gritos aflitivos na noite que precedeu a fuga do rapaz e

que tínhamos enterrado o cadáver da vítima! Nunca julguei vir a sofrer tanto com uma tão perversa invenção!

— Bem, atalhou meu pai. É necessário anunciar por toda a parte que se dá boa gratificação a quem disser o paradeiro do criado que estava em tua casa, e que desapareceu na manhã do dia... com informações da idade, estatura, etc.

— O pároco cá da terra já fez o anúncio na missa de domingo passado e o Pinho escreveu a alguns priores das redondezas para fazerem o mesmo pregão à missa mais concorrida dos domingos! E também na Vila de Arouca.

— Ainda não basta. Em Oliveira de Azemeis, em Castelo de Paiva e noutros concelhos é indispensável fazer-se o mesmo. E, sobretudo, nas gazetas. Amanhã de manhã, acrescentou meu pai, vou a Arouca falar com o José Maria. Não contes comigo para o almoço. Agora vou ver o meu cavalo, o *Malaio*, que o quero em boas condições para a pequena viagem de amanhã. Ele vem um pouco dorido dos cascos. Como sabes aquele gado da beira-mar sofre com estes caminhos a que não anda habituado. Volto já.

Meu pai conhecia do assunto, por ter sido frequentador de feiras e comprador de cavalos que educava, servindo algumas alquilarias que nele tinham confiança.

Queria ir a Arouca para visitar o primo José Maria de Lima e Lemos, juiz da Comarca, a quem este caso atormentava por se tratar de pessoa de família e da sua maior estima. Era difícil a sua situação, pois ainda não



MEU AVÔ PATERNO
Tenente-coronel António Pinho de Rezende

estava bem seguro do que se tinha passado e vivia na tortura de ter de julgar o Augusto.

Por uma manhã fosca e chuvosa, partiu meu pai para a vila. Esses pequenos acidentes do tempo — e grandes que fossem! — não embaraçavam a sua decisão, além de que a viagem era curta, cerca de sete quilómetros.

Era cedo quando chegou a Arouca. Acomodou o animal, emantou-o, pois estava suado da marcha um pouco acelerada, tratou também de melhorar a sua indumentária e ainda não eram oito horas quando se fez anunciar a seu primo que o recebeu de braços abertos muito emocionado. Contou-lhe meu pai tudo o que se tinha passado, afirmou-lhe «com palavra de honra», que o rapaz saía de casa do Augusto sem um rallo ou manifestação de má-vontade. Ninguém sabe para onde foi, nem qual o motivo que determinou a fuga. Daí começar a dizer-se que houve crime e o caso avolumou-se de maneira a ter de vir a Rossas onde espera os irmãos Abade e João António para todos se esforcarem no apuramento da verdade.

— Essa certeza que me dás, disse o juiz, acaba de me tirar um peso de morte de cima do coração. Um momento de alucinação todos o podem ter; mas o Augusto foi sempre pessoa calma e ponderada. Estou muito satisfeito com o que me dizes. É preciso agora arranjar boas provas da sua inocência.

— Andamos tratando disso e do que houver terá logo conhecimento.

A conversa prolongou-se, com a presença da prima Hedvigés e de alguns dos seus numerosos filhos. Meu pai voltaria a afervorar os anúncios a fim de encontrar o paradeiro do desalmado rapaz.

— Certo, certo, acrescentou, é que foi coisa premeditada sem que o Augusto directa ou indirectamente lhe desse o menor motivo.

Feitas as despedidas regressou meu pai a Rossas, deixando o primo José Maria plenamente garantido da verdade dos factos.

O tio João António chegou naquela tarde de uma tormentosa viagem por Viseu. Depois da primeira troca de impressões sobre o assunto que ali o tinha trazido e das providências adoptadas, disse que o Abade, segundo o informaram em Estarreja, onde mandou recado, chegaria no dia seguinte.

A sr.^a Maria, sempre animosa, afadigava-se no arranjo dos quartos. Junto à sala havia duas alcovas que foram destinadas ao João António e a meu pai. Num dos quartos que davam para o corredor ao fundo do qual havia a pequena escadaria que levava à cozinha, ficaria o Abade ao lado do quarto do Augusto. Ainda havia mais acomodações em caso de necessidade.

— Grandes patifes! dizia a sr.^a Maria na sua expressiva linguagem. A inventarem uma vergonha destas só por inveja e malquerença. O meu patrão só tem feito bem a esta cambada de vizinhos e é este o pago que lhe dão. Eu bem sei o que precisavam. Salve-me Deus, se eu lhes não dava o castigo merecido!

Meu pai e o tio João sossegavam-na interrompendo-lhe o rosário de infundáveis imprecações com que continuava a atordoar-lhes os ouvidos, enquanto preparava a segunda cama das alcovas, esta agora destinada ao segundo recém-chegado.

— Tudo se há-de esclarecer, dizia meu pai.

— Descanse, sr.^a Maria, que eles ainda hão-de ir bater com os costados à cadeia.

— Até há-de haver folguedo nesse dia, no nosso pátio, disse a sr.^a Maria que foi acudir às panelas para a ceia.

Muitos projectos, muita conversa, primeiro a sós e depois com dois amigos mais íntimos da casa que vinham saber notícias, isto é, se o rapaz já tinha aparecido.

— Morto, cá na casa, disse o tio Augusto, já os de Arouca viram que não estava. O que não conseguimos ainda é saber onde ele está vivo.

E dizendo isto, rodava com a caixa do rapé, montada num búzio, com tampo de prata, numa mesa que havia na sala, entregue a pesares que não podia afastar.

Veio por fim a ceia. Os amigos foram convidados para compartilhar, mas não aceitaram.

Os três foram para a mesa e fizeram as honras ao caldo de carne com couves e sopas, a um cosido da salgadeira e a uma bola de S. Bernardo que meu pai levava do Convento, para o chá, último sacramento da refeição. Meu tio Augusto é que pouco comeu, apesar das diligências dos irmãos, o que levou a sr.^a Maria a comentar:

— O sr. Augusto quer agora entisicar, para regalo dos seus acusadores? Era o que nos faltava!

— Tens razão Maria, disse o tio João António, mas o sr. Augusto tem sofrido muito. Ele agora vai reagir.

A Maria desceu para a cozinha sem saber ao certo o que era «reagir», mas satisfeita por ter provocado a intervenção do tio João António com quem estava mais familiarizada. Não se conformava em ver o patrão tão sucumbido.

— Não acha que o sr. Augusto não tem motivo para andar tão macambúzio? perguntou ela ao Simão que chegava da faina do dia e se aprestava para a ceia.

O velho criado apenas acenou com a cabeça. E a sr.^a Maria, antes de acamaradar com ele na última refeição, pois não havia trabalhadores de fora naquela noite, num impulso de religiosidade que não era o seu forte, ajoelhou nas lajes, no que foi seguida pelo Simão e, com as mãos postas dirigiu-se ao «Senhor dos Aflitos» para que a todos valesse com a sua justiça. Padre Nosso! O murmúrio da reza sussurrou como água de ribeiro, na cozinha sombreada pelo fumo, em que, naquele momento, raiou uma alvorada de esperança.

A noite passou-se ainda desassossegada, mas menos carregada do que a da véspera. A companhia da família começava a levantar o espírito alquebrado do tio Augusto que, por mais de uma vez, sorriu com as historietas que os irmãos lhe contavam.

No dia imediato, uma segunda-feira, chegou o tio Abade acompanhado de um criado que no dia seguinte



PENAMACOR

Nesta vila nasceu minha avó, D. Brites, e ali casou com meu avô paterno

regressou a Pardilhó. Manifestações amigas, lágrimas furtivas ao abraçar o Augusto, palavras animadoras dos três irmãos. Depois a repetição da história já conhecida, a viagem do Abade e outras coisas mais.

Fizeram uma pequena refeição em que o doce de Arouca ocupou, para o Abade, o primeiro lugar e resolveram descansar um pouco. Era a hora da sesta e todos estavam fatigados de tanta emoção e o Abade da longa viagem.

Só meu tio Augusto ficou a pé. Foi ver como tinham acomodado a Mulata, égua de estatura avantajada em que viera o mano Abade. Estava em curral à parte e com a manjedoura cheia de boa erva que o Simão lhe tinha traçado com palha de azevém. E dirigindo-se ao criado recomendou que, logo de manhã, escovasse as cavalgaduras e não se esquecesse de lhes dar boa ração de milho.

E foi sentar-se no canapé da sala, a ler a folha que lhe trouxera o correio.

Não tinha passado meia hora, quando a sr.^a Maria veio dizer que estava na cozinha um homem, o canastreiro que costumava fazer serviço para a casa, a pedir uma conversa em particular, com o sr. Augusto.

Meu tio ainda indagou de quem se tratava, ao que a sr.^a Maria esclareceu:

— Não conhece o sr. Augusto outra coisa! É o Manuel que ainda há meses lhe arranjou os cestos vindimos e lhe vendeu aquelas duas grandes canastras para espigas que ficaram ao serviço do Simão.

— Bem! Ele que venha pela escada da sala.

Não tardou a aparecer o Manuel, homem espadaúdo, desembaraçado de movimentos, de meia idade, corado e risonho.

— Ora viva o sr. Augusto! Como sabe sou de Mansores. Ontem lá na Igreja, à missa primeira, o nosso Vigário anunciou que quem soubesse do paradeiro de um criado novo que desapareceu de casa do sr. Rezende, devia comunicá-lo, pois além de praticar uma boa acção, seria gratificado.

— E então?

— Então, sr. Augusto, eu sei onde está o rapaz. Ainda na sexta-feira estive a conversar com ele.

— Conhece-lo?

— Perfeitamente, pois ainda não há seis meses estive aqui com ele. E já então andava com a ideia de tentar fortuna por outras terras.

— Mas estás certo do que dizes?

Assim estivesse eu certo da minha salvação.

Este curto diálogo fez despertar o tio João António e meu pai que descansavam nas alcovas que davam para a sala e que ao mesmo tempo apareceram ainda em mangas de camisa. Meu pai não se teve que não fosse chamar o Abade e, daí a pouco, era uma assembleia a escutar as palavras do Manuel canastreiro que repetiu o que já tinha dito com uma convicção e certeza que não deixavam dúvidas. Meu pai, o mais novo e mais enérgico, falou em nome dos quatro que davam, com sinais afirmativos de cabeça, o seu pleno assentimento às decisões que ia tomando.



MEU TIO

João António de Pina Rezende Abreu Sá Freire

— Mas onde está o rapaz?

— No Porto, disse o Manuel.

— Tem a certeza disso?

— Como a de estar a conversar aqui com V.^{as} Senhorias.

— Então não percamos tempo, disse meu pai. Amanhã de madrugada partiremos para o Porto. Você, meu irmão João António e eu. Põe-nos em contacto com o rapaz, recebe a gratificação prometida, cinco moedas, e ele virá connosco a bem ou a mal. Mas há-de vir a bem, pois vamos tratá-lo com os melhores modos, dizendo-lhe a verdade. Ele vem apenas para desfazer uma calúnia e pagar-lhe-emos as despesas para voltar para o seu lugar.

O Manuel ficou muito satisfeito com a promessa das cinco moedas e disse que estava pronto a ir com os srs. Rezendes, ao Porto. Tudo correrá pelo melhor.

— Nem sequer havemos de recorrer à polícia, disse o tio João António.

— Assim o creio. Ele está criado numa mercearia da Rua de Cedofeita, incumbido de fazer fretes. Ganha alguma coisa, mas não me pareceu muito satisfeito. O António é bom rapaz, um pouco aventureiro, mas trabalhador e vai fazer vida. Só não quer ser criado em Rossas, deseja subir. Lastima-se de não ter luzes de letras, coisa que já viu, lhe faz muita falta. Mas disse-me que ia pôr-se a isso, pois ainda estava em idade de aprender.

— Manuel, disse o tio Augusto, que fez uma inesperada mutação, ficas hoje cá em casa. Tens ceia, vinho e cama no palheiro, como quando cá vieste consertar os

cestos. Vou arranjar uma cavalgada para ti e seguem todos amanhã para o Porto. E, por enquanto, bico calado, ouviste? — E dizendo isto cerrava os beiços com os dedos, gesto ainda mais expressivo do que as palavras.

Depois de prometer que nada diria, deslizou o Manuel escadas abaixo, a caminho da cozinha.

Ficaram os quatro irmãos a entreolhar-se absortos. Por fim, abraçaram-se comovidos.

— Agora, disse o João António, é preciso guardar o maior segredo. Deixar-se seguir o julgamento e, depois das testemunhas de acusação fazerem os seus depoimentos, a meio da audiência, entra o rapaz na sala, podendo então pedir-se castigo para os perjuros que conseguiram arranjar esta infamante cabala.

— Eu gosto de teatro, acrescentou o tio Augusto, mas em que os actores representem e não estejam em cena infelizes que sofram como eu tenho sofrido! Mas temos tempo para pensar nisso. O principal é ter cá o rapaz. Agora outro assunto. Devemos dizer à Maria que há esperança de trazer aqui o rapaz?

— Eu acho que sim, diz o Abade. Ela anda tão agitada...

— E foi dada como tua cúmplice, acrescentou meu pai.

— Mas pedindo-se-lhe toda a reserva, disse o João António apegado, como homem do foro, à sua proposta da cena teatral na sala da audiência.

— Ó Maria, Maria, gritou o tio Augusto, do corredor da casa.

A Maria correu pressurosa, pois desconfiara daquela inesperada visita.

— O rapaz já apareceu, disse o João António; mas agora é preciso guardar segredo, sabes?

— Bendito seja Nosso Senhor Jesus Cristo, disse, soluçando. Isto havia de acontecer mais cedo ou mais tarde. Ainda bem sr. Augusto, ainda bem.

E saiu a enxugar as lágrimas no avental enfarruscado da cozinha, o que contaminou a emotividade da assistência.

— Mas nem palavra, clamou ainda o tio João que foi atrás da Maria a insistir no segredo.

E ficaram silenciosos por momentos.

Meu pai chamou o Simão para ir saber se o Francisco da tenda queria alugar a mula para ir no dia seguinte ao Porto. O criado foi logo saber se o animal estava disponível.

Não tardou a vir dizer que a mula tinha dado um mau jeito e manquejava da mão esquerda. Por isso não estava em condições.

— Olha, disse o tio Augusto, vai então a casa do João do Sobreiro e diz-lhe que eu precisava do «Ruivo» para ir amanhã ao Porto. Sobre preço não se faz questão.

A resposta afirmativa não demorou. Que estava às ordens e só desejava saber a hora da largada.

— Olha lá Fernando, a que horas havemos de sair?

— De madrugada, às cinco, não é verdade?

Concordaram e foi a resposta que o Simão levou.

VII

ESPERANÇAS FUNDAMENTADAS

Na cozinha ia grande falatório. A Maria, o Manuel canastreiro, por fim o Simão a que se associou um velho trabalhador, o Joaquim das Lajes, homem comedido e sempre amigo da casa, todos ficaram sabendo que o rapaz estava vivo lá para as bandas do Porto, mas a todos foi pedido segredo. Contudo a notícia estendeu-se rapidamente aos vizinhos e à gente da aldeia, sempre em segredo, mas espalhando-se por toda a parte.

E tanto que nessa mesma noite vieram procurar a sr.^a Maria para lhe dar parabéns e ao sr. Augusto pelo aparecimento do rapaz, aquelas duas piedosas mulheres que já conhecemos desta narrativa e que a sr.^a Maria recebeu com certa arrogância:

— Isso ainda está para se ver! Os mortos, às vezes, ressuscitam. Já é do tempo de Cristo. Talvez o António, como o Lázaro, se levante agora da cova onde o ajudei a enterrar...

— Nunca acreditámos em tal, disseram precipitadamente as piedosas mulheres.

— Mas também se não escandalizaram com o que para aí corria, à boca pequena. Bem, obrigado, que o homem apareça é o que se deseja. Boa-noite.

E despediu-as um pouco contrariada, por não poder, ao menos por agora, dar expansão a tudo o que lhe andava no pensamento. Aquelas vizinhas se não acusavam di-

rectamente, iam insinuando, ela bem o sabia, fazendo-a cúmplice e pondo em dúvida a honra do patrão.

Esta divulgação da notícia do rapaz estar vivo e são, que em parte contrariava o João António por prejudicar o golpe teatral da audiência, a todos alegrava. O tio Augusto, farto de padecer, queria ver o rapaz e acabar com um suplício superior às suas forças. Repousar, sem preocupações, era a sua ambição de momento. Queria dormir sem ter o pesadelo do banco dos réus, da trapaalhada do júri, da austeridade, embora um pouco postiça, do juiz amigo, do cenário da audiência, dos comentários dos inimigos e até das palavras de alguns indivíduos que, fingindo não acreditar no crime, mostravam até ali laivos de dúvidas.

— Não, disse o tio Augusto, logo que o rapaz apareça acaba-se com tudo. Já sei dos covis dos meus detractores. A estes darei o castigo do meu desprezo. Isso me basta! Andar de frente erguida, saber que já me não abocanham na minha dignidade, que a minha honra está firmada e garantida à luz dos factos, é tudo para mim. Que o rapaz venha e que a serenidade volte ao meu espírito.

E passeava na sala, de topo a topo.

Assim monologava meu tio desejando que do Porto viesse a confirmação redentora. Mas ainda lhe restavam dúvidas...

— E se o rapaz não quiser vir?

Esses receios eram confidenciais aos irmãos que quase o injuriavam por tais preocupações.

Manhã alta seguiu a caravana para o Porto. Em Rossas tinham ficado meus tios Augusto e Abade na ânsia da volta que se faria, o mais cedo, dois dias depois, consoante as coisas corressem por lá. Entre os dois a conversa era interminável e sempre na repetição das mesmas coisas, não havendo outro assunto que os desviasse do curso daquela corrente em circuito fechado.

A tirada era longa e sempre havia pequenas coisas a resolver até que o endemoninhado António se decidisse a voltar, embora levassem ordens para o persuadirem por todos os processos, mesmo por dinheiro. O Manuel canastreiro esse levava a permissão de empregar a sua palavra de honra junto do rapaz, afirmando que ninguém sequer, lhe ralharia! Até a sr.^a Maria tomou o compromisso, embora lhe custasse.

— Aquele maroto que nos meteu em todos estes trabalhos! Mas está dito, vou tratá-lo como ao filho pródigo.

A sr.^a Maria conhecia passagens bíblicas e outras que aprendera com a sr.^a D. Engrácia que primeiro servira em Mansores, sua terra natal. Era pessoa dada a coisas de Igreja e muito versada em assuntos históricos do velho e do novo testamento.

Os três cavaleiros partiram muito cedo e fizeram viagem apressada. Passaram o rio Arda com prudência, pela ponte da Cela, ao tempo de madeira. O gado suportou a custo a subida do Borralheiro, íngreme e de mau piso. Depois a comitiva recreou a vista pelo aspecto e situação de Mansores, linda aldeia que alegra a subida da serra



MINHA IRMÃ

Luciana Augusta de Sousa Abreu Freire

do Castelo e que o sol fazia realçar em lucilações de variados tons. Chegados a Cabeçais, velha sede de concelho que ainda ostenta o seu pelourinho e a vetusta e curiosa Casa da Câmara, descansaram uma meia hora na velha estalagem da terra que dava agasalho aos viajantes daquelas ásperas paragens. O gado foi arraçoado e os cavaleiros comeram qualquer coisa dentro das possibilidades da rústica hospedaria.

Dali para o Porto seguiram a antiga estrada romana que vinha de Viseu. Chegaram à Capital do Norte por volta das 6 horas da tarde.

Primeiro foram arranjar albergue para as bestas e depois lugar na estalagem, onde contaram com quarto para o António.

O Manuel canastreiro, enquanto se arranjava o jantar, foi ver se o rapaz ainda estava na mesma casa e, com tanta sorte, que o encontrou na rua.

— Ó António anda cá, pede licença ao patrão e vem comigo, pois estão ali uns amigos que te querem ver.

— Amigos! Hum!

— Não tenhas receio. Vou contar-te a verdade. Devido à tua saída de casa do sr. Augusto, começou a correr, no povo, a balela de que o teu patrão, numa altercação contigo, te matara. E vai de dizer-se que ele e a sr.^a Maria te enterraram no quintal, na adega ou não sei onde. Já lá foi o Administrador e, se não appareceres, o sr. Augusto vai ser preso, julgado e talvez condenado! Apelo para o teu coração. Se não appareces a desgraça dá-se. O teu antigo patrão anda como doido. Eu disse-

-lhe que estavas aqui, que estivera contigo e que te havia de levar. Ele pagaria as despesas da viagem. Desfeita a calúnia que o atormenta, voltarás para o Porto ou para onde quiseres. Ninguém te faz mal. Tu não tens culpa do falso testemunho que se levantou...

O António ouviu o sermão com os olhos postos no chão, sendo difícil adivinhar o que se passava no seu cérebro. Depois de um pequeno silêncio, rematou:

— O sr. Augusto sempre me tratou bem. Ralhava-me quando eu merecia, mas nunca me bateu, nem escandalizou. Vou com vossemecê. Vou dizer ao sr. Rocha, que é o dono da mercearia e tudo se há-de arranjar.

O Manuel canasteiro acompanhou o rapaz. Fez novo relato ao proprietário da mercearia que, atendendo à gravidade do caso, disse ao seu empregado:

— Tens de ir e eu não preencho o lugar até que voltes. Até duas semanas tens licença. Esse tempo deve chegar, disse para o Manuel canasteiro.

— Estou certo que sim. Além disso, levo um cartão da loja para lhe escrever, no caso de qualquer empeno.

Seguiram os dois rua abaixo em direcção à estalagem onde os esperavam os srs. Rezendes.

— Vai tranquilo, pois sei que te querem bem. É para desfazer uma mentira que pode levar o teu antigo patrão à cadeia, se o não quiseres salvar. Na estalagem estão dois irmãos do sr. Augusto que depois de amanhã, de manhã, seguem contigo para Rossas. Dou-te a minha palavra de honra, disse em tom solene, que nenhum mal te sucede. E praticas uma boa acção.

O António, apesar de receoso, entrou na estalagem, pois confiava na palavra do Manuel canasteiro.

Meu pai e tio não tardaram a comparecer e com ar prazenteiro falaram aos recém-chegados, chamando-os para a mesa redonda da estalagem, onde comeram juntos.

— Já disse ao António, acrescentou meu pai, dirigindo-se ao Manuel canasteiro, que todos o tratarão como amigo. Precisamos de um serviço que ele nos vai prestar, fácil de cumprir; aparecer em Rossas e Arouca, onde corre um processo contra meu irmão, que acaba logo que ele ali vá.

O rapaz já animado prontificou-se a acompanhá-los.

O Manuel recebeu a gratificação combinada e passou a Vila Nova onde foi comprar correia de castanho, material de que carecia para o seu negócio.

O dia imediato foi para descanso das cavalgadas e na manhã seguinte partiram os três para Rossas.

A manhã já lhes rompeu longe da cidade numa paisagem de arvoredo perlado de orvalho a que os primeiros raios de sol davam reflexos irisados de variadas cores.

Todos iam bem dispostos e no alto de uma serra apearam-se para tomar café e uns bons pães de trigo com lascas de salpicão. Desaguaram as bestas com um pouco de feno e seguiram na sua derrota perguntando aqui e além por onde era o melhor caminho. O António ia confiante e bem disposto.

Em Rossas, o Augusto e o Abade passeavam no pequeno largo do cruzeiro à espera dos cavaleiros. Também ali estavam o Simão e o Joaquim das Lajes para condu-

zirem os animais aos seus destinos: dois para casa e um para o alquilador.

Foi pela tarde que os cavaleiros chegaram à vista dos meus tios.

O tio Augusto dirigiu-se prazenteiro ao António que recobrou ânimo, tanto mais que ao aproximar-se do termo da viagem, passara a estar menos animado.

— Ninguém te quer mal, rapaz! Os outros é que foram maus, tu foste apenas leviano. Vindo cá, reparas todo o mal que involuntariamente me ias fazendo, disse o tio Augusto.

Ele levou um dos animais para casa, o outro foi conduzido pelo Simão e o Joaquim das Lajes levou o Ruivo ao seu dono.

Meu tio Augusto foi conversando com o António até à porta da cozinha. Apesar de todas as promessas receava que a recepção da sr.^a Maria não fosse bem amistosa.

— Com que então, meu mariola, sempre estás vivo!

O meu tio, por detrás do rapaz, frisou a testa e a sr.^a Maria terminou o discurso em tom mais ameno.

— Nem sabes o que se tem sofrido nesta casa por tua causa! Mas a culpa não foi só tua, foi principalmente da gente que nos rodeia.

E foi acabar de lavar uma louça que estava num alguidar vidrado, enquanto o António esboçou uma desculpa pouco assisada.

— Bem, o que lá vai, lá vai. Vem ceiar e conta-me o que tens feito por esse mundo de Cristo.

O António muito envergonhado sentou-se no banco



CONVENTO DE AROUCA

do costume, enquanto o Simão arrumava no curral os dois animais que vinham a transpirar com a violência da jornada.

Meus tios e meu pai seguiram a conversar, mas sem tirarem os olhos do rapaz que, dizia o João António, entregue à Maria, estava em completa segurança. Subiram vagarosamente a escadaria de pedra e chegados à sala, os dois cavaleiros sentaram-se nas cadeiras de braços que ladeavam o canapé, mais cansados das emoções do que das duas viagens, suficientes para aquela demonstração de fadiga.

Correu célere a notícia de que já estava em casa o antigo criado do sr. Augusto. Todos o queriam ver e foi-se juntando gente, mesmo alguns daqueles que estavam seguros de que houvera crime. A sr.^a Maria e o Simão governavam o barco, fazendo que o rapaz falasse com eles e se mostrasse bem aos visitantes murmuradores da dignidade alheia e agora tão empenhados em afirmar a inocência do sr. Augusto.

— Até parece incrível, dizia um dos mais faladores, que dissessem tanto mal de quem sempre tratou bem os seus empregados.

A sr.^a Maria estava de bom-humor e terminado o repasto mandou chamar a mãe do rapaz que já tinha posto luto. Foi recebida na sala pelos meus tios e pessoal da casa.

— Aqui tens o teu filho, disse meu tio Augusto. Como vês está vivo e são. Ninguém lhe fez mal.

— Tu és o meu filho? dizia a mulherzinha. E pas-

sava-lhe a mão pelo rosto e apalpava-o nos braços e no corpo.

— Pois, de certo, que sou. E beijou-a.

Ainda voltou a olhá-lo, a ver bem se não seria outro em seu lugar. Por fim lá se convenceu, especialmente quando ele lhe perguntou pelo porco e pela ovelha que a mãe ia criando à custa de muito trabalho.

Depois quis saber porque fizera ele aquele desatino, se tinha passado fome, se conseguira trabalho, um amontoado de perguntas que apenas aos dois interessava.

— Amanhã, disse meu pai, vem um carro de Arouca e vamos todos à vila. E, dirigindo-se à mãe.

— A senhora também vai e o seu filho para dar satisfação à autoridade e todos saberem que está são e escorreito. Se ele desapareceu desta casa foi porque muito bem quis e não por quaisquer maus tratos que aqui lhe dessem. Depois disso só temos que agradecer-lhe o ter vindo para acabar com todos estes enredos. E tu, António, voltas para o Porto ou para onde quiseres.

Assim ficou combinado.

Em Arouca foi um sucesso! O Juiz e o Administrador tomaram conta do facto e tudo se arrumou com muitos parabéns para o tio Augusto, que o primo José Maria abraçou comovidíssimo.

E assim acabou um dos mais tristes episódios que agitou a minha família. Muitas vezes o ouvi contar a meu pai, repeso de ter por sua vez duvidado, por um momento, das afirmações do Augusto; mas sem grandes remorsos da pergunta confidencial sobre o assunto, por

querer garantir a sua inocência ao primo juiz de Arouca. Também meu tio Abade bastas vezes se referiu à acusação que caiu sobre seu irmão, repetindo-me que as calúnias, mesmo mal urdidas, podem levar à desgraça.

E recordava até onde pode ir a convicção da gente inculta! Ao ponto da própria mãe duvidar de ter presente o seu filho!

A história foi longa, mas merecia ser contada em pormenor, pois marcou nos episódios da vida da minha gente. Deve ter-se passado em torno de 1876. Anda na minha lembrança por ma terem contado e recontado e ser página saliente nos acontecimentos que alteraram a vida do mais pacato dos meus tios e perturbaram a de toda a família.

VIII

A RIA E OS SEUS BARCOS

Todo este relato veio a propósito do tio Augusto ter resolvido ir connosco para a praia da Torreira, fazer uma época de banhos, que, segundo a opinião do Dr. Petiz, nos devia fazer bem. A sua generosidade na participação das despesas, determinou meu pai a ir alugar casa na Costa e minha mãe a começar a dispor as coisas para nada faltar na permanência dos 20 dias que ali iríamos passar.

Nesse tempo, há mais de sessenta anos, era bem dife-

rente a vida em Avanca, no meio social, na faina rural e nas aspirações dos seus habitantes, apenas entregues aos cuidados da lavoura.

As comunicações eram muito primitivas, limitadas a caminhos de carros de bois e a estreitos carreiros que os viandantes aproveitavam para fugir às águas, nas invernias. Elas alagavam o fundo dos córregos e dos barrancos que o tempo e os carros de bois formavam nos trilhos mal cuidados.

A ida de nossa Casa à Igreja da freguesia, especialmente com chuva, era assunto de ponderação. Nós atravessávamos a quinta da Areia, por um carreiro particular, para fugir ao pior do percurso e passávamos o rio Gonde, por uma ponte tosca de madeira, a montante da nossa propriedade.

Este trajecto fazia quase uma recta. Indo de volta, pela Casa do Outeiro, a coisa era mais complicada porque os pequenos charcos, separados por montões de lama, tornavam-se, em épocas de chuva, difíceis de transportar. Durante o bom tempo, passados alguns dias de sol, e na idade juvenil em que melhor conheci a minha aldeia, os carreiros que se formavam nas margens do caminho, pelo constante calcorrear dos passeantes, tornavam-se fáceis e cómodos.

Mas não era esta a parte de Avanca que mais nos tentava nos passeios e digressões. Era a parte oposta, a que ia até à Ribeira de Mourão, espécie de porto da Ria por onde se fazia, e faz ainda hoje, tráfego de passageiros e mercadorias.

Parte dali um esteiro ou canal que liga Mourão ao largo do estuário da Ria e, por ele, às outras freguesias marginais. A sua extensão que, de Mira, no distrito de Coimbra, vai até Ovar, é de configuração irregular, mas na parte larga dá vazante a muita navegação de barcos moliceiros e mercanteis a que se junta um ou outro de recreio. Hoje também por lá transitam algumas lanchas a motor.

Em dias amenos, com algum vento que raras vezes falta naquelas paragens, um passeio em barco à vela, na Ria, é das melhores distrações náuticas de Portugal.

Todos os barcos velejam, alguns com duas velas, em todos os sentidos, a todos servindo o vento das mais variadas direcções. Sendo do lado favorável vencem-se grandes distâncias, em pouco tempo; mas ainda que não haja boa maré, também se veleja e, com o mesmo vento, se segue para o Norte ou para o Sul. Vai o barco em ziguezague, bordejando com o auxílio da toste ou pá da borda, tábua larga e forte que se liga ao bordo da embarcação para que se não vire nem arrole, quando o vento é rijo. Basta que haja bom arrais ao leme e à escota.

A pouca distância passa um barco moliceiro, cheio das preciosas algas que nascem no fundo da Ria, excelente adubo que, de areais improdutivos, fez terras férteis onde se cria excelente milho, batata e feijão. Vai com a borda a roçar na água, devido ao peso da carga, mas os marinhões aumentam-na com as falcas e lodo e seguem tranquilos colocando os ancinhos da apanha, nas peças laterais do barco. Só são tirados quando, cheios

de limos, vêm completar a carga do moliço que vai vender-se na ribeira onde a embarcação atraca ao cais.

Os barcos moliceiros são os mais airosos e bem lançados que atravessam as águas da Ria. De proa muito arqueada, com as suas pinturas a cores vivas, de um primitivismo ingénuo, ora religiosas ora profanas, têm conservado o mesmo tipo, desde que me conheço. Repeitem-se os motivos: «A Loba do Mar», «Os dois Namorados», «Nossa Senhora do Mar», «A Coroa real»...

Um nunca acabar de folclore pinturesco e de frases encorajantes! Cor e forma, alma de marinheiro a florir em crenças e a arrebatarse em esperanças!

E têm razão para isso. Naufrágios na Ria são raros e as tragédias contam-se pelos dedos na vida de um homem. Quase sempre com gente inexperiente.

A popa do barco há outras ilustrações menos floridas, por serem os quadros mais pequenos, com os mesmos motivos que os artistas apresentam em policromias garbadas, de bizarras e inéditas combinações de ornatos.

Agora vem, vindo das bandas de Aveiro, um mercantel, barco grande, de formato diferente, sem garridices, proa apenas a despontar. São mais raros. Vêm peçados de lenha, sal e outras mercadorias pesadas, a distribuir por aquelas paragens. Os fretes são baratos e os preços das cargas acessíveis.

Na festa de S. Paio, a grande romaria da gente ribeirinha, a Ria coalha-se de barcos que provêm de todas as freguesias marginais. Abundam os moliceiros lindamente embandeirados, com sinais distintivos para que

os tripulantes os reconheçam quando, encostados uns aos outros, formam, na Torreira, a frota da alegria.

São as famílias e amigos do proprietário do barco que o enchem de raparigas airosas, de olhos escuros e tez morena, e de rapazes desempenados e garbosos, tismados pela maresia. Gente moça, belos tipos em que há linhas gregas e fenícias de colonizações passadas e músculos robustos de atletas feitos no trabalho árduo e pesado. Tocam violas e harmónicas a dar a toada às raparigas que cantam em coro, baladas langorosas e dolentes.

Os barcos seguem não longe uns dos outros e quando o vento ajuda, alguns tiram-no com a vela ao que os acompanha, à recaxia, com protestos raras vezes indignados e por vezes com despiques em cantares quando a canção ribeirinha da «Caninha verde» pede resposta em verso a quem desafia. E tudo se compõe, sem ralhos, afastando-se as embarcações para que o norte dê fôlego a todas as velas e coragem aos arrais e mais pessoal do manejo náutico.

Por vezes surge a calma e então a propulsão faz-se à vara, forte haste de pinho que de um dos topos se lança ao fundo da Ria. Os mancebos fortes e valorosos destas terras, encostam ao peito a outra extremidade e passeiam o bordo do barco fazendo-o seguir no sentido desejado. Dois barqueiros possantes, além do arrais ao leme, são indispensáveis. Mas mesmo que a embarcação vá bem carregada, nunca deixa de chegar a seu termo.

Quando a falta de vento aparece na faina do moliço, o trabalho é árduo e só os arcaboços daqueles alentados

mocetões conseguem juntar e tornar effectivos os dois serviços: fazer andar o barco e tirar nos pesados ancinhos a cabeleira das algas.

Mas a vida é sã, o ar marinho excelente e um bom caldo feito à proa, uma lasca de bacalhau ou um pedaço de toucinho da salgadeira com a grosseira mas saborosa broa da casa, faz aquela gente rija e sadia.

Quando o barco chega ao ponto do desembarque, o pessoal de bordo ainda tem que tirar o moliço e emedá-lo, aprumado, em boa forma geométrica, para pôr a maré à feição de boa venda. Em cima da pilha, colocam um sinal — a balisa — para a distinguirem das outras. Tudo serve para esse fim: uma mão cheia de junco torcido, com formas escolhidas, um ramo de tramagueira ou de pinheiro, uma cana de milho, um molho de caniços. E só pelo distintivo são as marés de moliço negociadas na aldeia, pois os lavradores sabem quais são os bons moliceiros. E os carros do gado lá vão buscar a lota, manhã cedo, para distribuir pelas terras. É com o moliço que se criam as ervas e o pão.

A Ria é, afinal, o celeiro de todos os lavradores ribeirinhos. Dá comida ao gado, fornada de farinha de bom milho ao pessoal da casa, e feijão saboroso para fortalecer o caldo.

E dá ainda a riqueza do peixe que enche a casa dos ricos e remedeia a dos pobres. Há pesca para todos! Os velhos, aposentados do trabalho da Ria, mas apreciando ainda as distrações da pesca, ali aparecem nas tardes invernosas, quando as águas andam turvas, com o



UM BARCO MOLICEIRO NO CAIS

cesto de vime e o novelo das minhocas a dar satisfação ao seu antigo prazer. Mesmo no esteiro há enguias em abundância para a saítela e, quando há sorte, vêm umas atrás das outras, de maneira que, em pouco tempo, se arranja a caldeirada. São pequenas, mas bem preparadas fazem óptima ceia.

Os mais novos, mesmo sem serem da arte, vão ao candeio, à pesca do peixe branco. A colheita só é, porém, importante quando entram pescadores de ofício, bons manejadores da fisga, arte de pesca que é agora proibida. Continua, todavia, a praticar-se a ocultas da polícia marítima. Esta, não raro, surpreende os infractores, que trata com desmedida severidade.

Não pude ainda compreender o malefício do uso da fisga, visto que o peixe não aumentou na Ria com tal proibição; mas o assunto não é para este relato.

O candeio do meu tempo era um rendoso processo de pesca e um curioso divertimento para os que assistiam ao espectáculo. Só podia fazer-se em noites calmas e sem luar. Um achas de cerne de pinho, com abundante resina para dar boa luz e encandear o peixe, e dois homens, sabedores da arte, numa pequena bateira, ou caçadeira, são equipagem suficiente. Um conduz o barco, o outro atiza o fogo sobre a trempe e realiza a pesca. O peixe passa, às vezes, com velocidade, à luz rubra do candeio, mas a fisga de um bom pescador segura-o e passa-o ao barco.

Nas noites negras de Inverno, quando o vento não assobiava do norte nem a chuva vinha tocada da barra,

e também nas escuridões nocturnas das outras estações do ano, viam-se da eira da antiga vivenda de meu tio, em Pardilhó, por onde passei os anos da minha infância e adolescência, dezenas de luzes a deslocarem-se na Ria em todos os sentidos, como pequenos farolins de navios invisíveis, na evolução de desconhecida táctica. Outras vezes, devido à inconstância da visibilidade dos luzeiros, pela interposição dos pescadores, lembravam um bando de pirilampos a movimentar-se no fundo escuro que fechava o horizonte.

Mais tarde, o candeio civilizou-se. Em vez da fogueira do pinho resinado, passou a usar-se o candieiro de acetilene com um simples reflector.

Começavam a pescar pelo esteiro fora. O peixe apparecia: a solha, o palmeiro, a tainha, este, de todos os peixes da Ria, o mais apreciado. E com razão. Quando grande é saborosíssima, especialmente frita, embora se arranje de muitas maneiras e até a recheiem com carnes variadas.

A tainha salta, às vezes, fora da água. Consta, em Pardilhó, que o Leonardo e o Vendaval, as têm fígado no voo, de dia, coisa que não vi, mas não deixo de o relatar, em abono das qualidades dos dois mais hábeis pescadores do meu tempo.

O Leonardo andou comigo na escola do Padre José Ramos. Era dos mais velhos. Magro, de boa estatura, de músculos retesos, moreno, a quem a maresia dera um tom discreto de mouro, era pescador exímio. Quando fazíamos passeios pela Ria, ele sabia o esconderijo das

enguias grossas, nas pequenas regueiras dos juncaes. Não falhava nunca!

— Além, deve estar uma!

Daí a pouco, aparecia, apertando na mão uma enguia grossa, enroscada no braço e que ele, na gíria piscatória local, classificava de «bom chicote».

Ainda há meses, no Verão passado, me encontrei com o Leonardo, a quem falta agora a luz da vista para poder pescar.

Falámos, entre outras coisas, das enguias, machos e fêmeas e da sua criação. São os peixes misteriosos daquelas paragens e assunto muito da sua predilecção.

Ainda há na região quem defenda, a pés juntos, que a enguia nasce espontâneamente do lodo. A maioria porém, mesmo sem conhecer as doutrinas de Pasteur, afirma que estes peixes provêm de geração, como os outros animais. Sòmente ignoramos ainda muitas particularidades da sua propagação.

O nosso Leonardo é também desse parecer.

— Contudo, objecta, onde estão as ovas de tal peixe?

— Mas existem, embora de volume reduzido.

— Em Pardilhó, encontrou-se uma vez uma enguia com grandes ovas. Examinei-a. Não podia haver dúvidas. Mas nunca mais tal coisa se viu!

— Foi pena não mandarem esse peixe, acrescentei, para um Instituto de zoologia a fim de ser convenientemente examinado.

— Não foi lembrado...

Disse-lhe que as enguias, como outras espécies aquáticas emigradoras, vão desovar longe, muito longe da costa. As enguias vão ao chamado Mar do Sargaço. Pelo que li, deve ser durante a viagem que as ovas se enchem para darem milhões de ovos.

— E como é que os filhos das enguias vêm para a nossa Ria?

— É um problema. Dizem que vêm em parte pelas suas próprias forças. Mas estas são muito fracas, pois os filhos das enguias, já de feitio comprido, são pequenos e transparentes. As correntes do mar, mais do que as suas habilidades natatórias, arrastam-nos até às costas europeias. Invadem os mares mais recônditos, como o Báltico, as numerosas lagunas ligadas ao oceano e os rios e riachos da Europa. Assim chegam à nossa Ria onde se desenvolvem e onde se sentem bem.

O bom do Leonardo acreditava no que eu lhe ia dizendo, mas como lhe fosse apresentando algumas dúvidas e certas reservas, ele, por fim, comentou:

— Quer dizer, as nossas enguias não nascem dos pais que foram da nossa Ria; vêm de toda a parte, lá do mar do Sargaço que faz abrigo à criação. As enguias de todo o mundo lá vão pôr os ovos e as correntes do mar é que distribuem as que nascem. Tenho encontrado essas enguias pequeninas, ainda sem cor e, pelo visto, com uma viagem de muitas milhas. Olhe que custa a crer!

— Na Ribeira da fonte do Moinho, disse-lhe eu, vi, em criança, rodilhas de enguias muito pequeninas, mas já com alguma cor.

— Tenho-as encontrado, muitas vezes, aos montes, acrescentou o Leonardo. Os sábios ainda têm que comer muitos alqueires de sal antes de saberem ao certo como se geram e criam esses peixes. De Inverno, saem de noite dos rios e vêm passear pelos pastos encharcados. É nessas passeatas que vão para os poços. Já ali as tenho encontrado, sem que ninguém lá as tivesse posto.

— E dos poços é que não voltam a sair, disse-lhe eu.

— Não voltam, não. Faltam-lhe pernas para atrepar. Ali vivem e crescem até que, em ano de seca, se escoo o poço e vão para a sertã. Para mim não há peixe como a enguia!

E prosseguindo:

— É também aquele que mais gosto de apanhar. E a sopa que ela dá! Nem de galinha!

E mudando de tom:

— Não me sai da cabeça, sr. doutor, porque é que a lampreia vem do mar, para desovar na água doce...

— E o sável e o salmão...

— O sável conheço, o salmão sei que é um peixe de carne vermelha mas não vem à nossa ria. Mas, como ia dizendo, não posso compreender como esses peixes vêm desovar às águas doces, enquanto a enguia salta dos nossos rios para o tal mar do Sargaço que, pelo que me conta, é muito longe daqui. Nem se contenta com a água salgada da nossa Ria!

— Salgada de Verão...

— E de Inverno, atalhou. Menos, é certo, mas sem-

pre salobra. Então p'rá Barra, mesmo de Inverno, a água da Ria é muito salgada.

— As enguias, para procriarem precisam de outra temperatura e de outras condições por nós ignoradas... acrescentei.

— Tudo o que queira. Mas elas tão bem se dão na água salgada como na doce. Para que raio vão para tão longe desovar?! A razão dessa viagem é que eu queria que me dissessem. E quantas ficarão pelo caminho nas bocas de peixes maiores! Além desse perigo, a lonjura da viagem... As enguias embora nadem bem, hão-de precisar de muitos meses ou anos para chegar ao tal mar do Sargaço! E isto, se não se perderem no caminho. Ainda se sabe muito pouco sobre a vida das enguias!

Eu, sem garantir as fracas informações dadas, nada mais podia adiantar sobre o assunto.

Mudando de conversa perguntei-lhe se ainda pescavam à fisga.

— Ainda se pesca; eu é que já o não posso fazer por falta de vista. Contudo, é preciso cautela, que os marinheiros têm feito para aí tropelias de seiscentos diabos! Até deram um tiro ao Vendaval! Safou-se por uma unha negra!

E a rir-se, já na despedida, acrescentou:

— Ele diz que é como o senhor doutor, também apanhou balas e escapou.

— Eu apanhei seis! Gente destas terras não morre à primeira.

Com efeito, o Vendaval ainda vive no momento em que estou escrevendo.

Este era outro tipo de pescador ribeirinho. Sabedor do officio, nunca saía à Ria que não trouxesse caldeirada para a mulher vender aos fregueses.

O Leonardo era comedido nas bebidas, mas o Vendaval gostava do verde da serra e do tinto da Bairrada, consoante os dias. No tempo em que passávamos as férias em Pardilhó, ia ao escurecer para a frente da minha antiga casa, às vezes com chuva torrencial, fazer um discurso pitoresco e amigo. Ele próprio se anunciava:

— Cá está o Vendaval! Sou amigo do doutor. Conte sempre com o meu voto! Somos vizinhos e brincámos juntos. A tarde de hoje correu bem. A mulher trouxe dinheiro. E cá está o Vendaval!

E o discurso seguia com altos e baixos, numa lenga-lenga interminável, como qualquer aranzel de prestidigitador de feira, em que a minha pessoa e outras coisas eram largamente apreciadas. A mulher vinha à procura dele em noites de chuva, e lá o levava para cuidar da roupa, às vezes encharcada de água sobre o corpo enregelado. Nada lhe fazia mal. E a cena repetia-se muitas vezes, sempre com farta loquacidade.

Se adregava de o ver no dia seguinte, pedia-lhe morigerção nos seus hábitos. Respondia:

— Não faço mal a ninguém. O beber faz bem a quem se alaga na Ria e vem a tiritar de frio. É preciso aquecer!

— Mas faz mal à saúde. É como amigo que te aconselho...

— Isso sei eu, meu grande amigo! Mas sobre o

vinhinho não estamos de acordo. É sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo...

— Diz isso ao sr. Abade...

— Ele também gosta dele! E faz muito bem o padre Fernando. Veja como anda gordo e bem disposto...

Há anos que não vejo o Vendaval que, tirando este defeito, é boa pessoa, apenas preocupado com a pesca e em fazer pirraças aos da lancha. De uma vez saiu-se mal, foi varado por uma bala que o levou às portas da morte.

— Se não fosse o vinho que tenho bebido o que não me teria sucedido! dizia, no fim da cura, o simpático estúrdio pardilhoense.

IX

A CAÇA NA RIA

Da Ria sai o adubo das terras e o saboroso peixe que é o regalo das povoações marginais. Também é motivo de magníficos passeios e pretexto de caçadas, que muitos apreciam, às aves que alegam as suas águas.

Com grande desgosto de meus tios, e em especial do João António, caçador emérito, nunca tive grande tendência para a arte venatória. Ia forçadamente às rolas, de tarde, a pedido de meu tio Abade; mas já me não atrevia a acompanhar os amigos na volta às codornizes



UM BARCO MOLICEIRO EM PLENA FAINA

que, no meu tempo de rapaz, abundavam nos campos e juncaes, e também nunca fui à caça dos coelhos com que outros se divertiam. Das excursões às perdizes na serra, nem falar nisso! Preferia apreciá-las com molho de vilão. Tive sempre fracas pernas, agora atormentadas por outros males. Fatigava-me e, por fim, aborrecia-me com as caminhadas que os companheiros faziam sem esforço.

Já o mesmo não sucedia nas caçadas da Ria. Sentado no barco, comprazia-me em atirar aos pássaros aquáticos que abundam em certas épocas do ano. Comensais da Ria, ali vêm à compita com os pescadores no ataque aos peixes. Mas o campo de acção é diferente, os pescadores preferem o peixe grado; as aves o miúdo. A fauna da laguna chega para todos.

Já formado, passava as férias em Pardilhó. Sempre desejei receber bons amigos em casa e, entre estes, veio fazer-me uma curta visita o Adriano Rego, médico municipal, em Ancião, hoje aposentado, de feitio jovial e folgazão, com graça pronta e natural que lhe saía espontânea na conversa. Tudo vai esmorecendo com o tempo, mas, na fase crepuscular da vida sabe bem rir, na recordação de cenas passadas.

Foi no começo das férias de Verão. Em Pardilhó era obrigatório o passeio na Ria, que ele não conhecia. A Ribeira da Aldeia ficava a uns trezentos metros da pequena propriedade. Uma manhã, antes de almoço e, no propósito de tomar um aperitivo de ar marinho, saímos numa bateira a dar uma pequena volta pela Ria.

Eu levava a minha espingarda. O Adriano não quis, por falta completa de exercício com armas de fogo, levar uma caçadeira que lhe ofereci.

Só eu ia armado para qualquer aventura venatória que se deparasse. O sol espelhava uma orgia de luz sobre as águas tranquilas que pareciam uma placa de aço brilhante a estender-se pela parte larga da Ria.

À saída do esteiro, vimos, à esquerda, um avantajado rancho de lavancos. Íamos apenas três na bateira que o barqueiro, o amigo Leonardo, accionava à vara. Pedi-lhe para nos aproximar vagarosamente do bando das aves que boiavam serenamente sobre as águas. Por não terem sido ainda atacadas por outros caçadores, deixaram-nos chegar a tiro de espingarda. Disparei. Todo o rancho desapareceu. Comentário espontâneo de Adriano:

— Mataste-los todos! Sim senhor, belo tiro!

O barqueiro, à proa, ia deixando cair a vara da mão e ele e eu desatámos, sem reservas, em estridentes gargalhadas, sem que o Adriano se apercebesse, de momento, da razão da nossa manifestação.

— É que mergulharam, disse-lhe eu.

O Adriano ignorava, por completo, que houvesse aves com aquela habilidade.

Por fim, também se associou à nossa justificada hilaridade.

Dois lavancos boiavam, contudo, na água e dois outros esvoaçavam aos saltos com dificuldade. Fomos buscar os dois que matei e ainda conseguimos apanhar um dos feridos.

Devo confessar que foi o maior sucesso venatório da minha carreira de caçador.

Julgo que o Adriano me considerou com boa pontaria apesar de, em seguida, ao querer atingir uma ou outra cabeça dos muitos sobreviventes que vinham à tona de água, para respirar, mergulhando imediatamente, não mais conseguisse juntar outra vítima às que tinha feito no tiro de tão notável êxito sobre o bando dos inexperientes patinhos.

A caçada não serviu para o almoço, pois estas aves da Ria não se podem comer pelo sabor desagradável a peixe. Há processos vários aconselháveis para tirar esse paladar. Alguns foram experimentados em nossa casa, mas sem resultado eficaz. Aves banidas da mesa, mas que davam prazer aos caçadores mandriões, em cujo número me contei.

Mais tarde, já casado e professor em Coimbra, recebíamos em Pardilhó, durante as férias, os meus cunhados que nos honravam por alguns dias, com a sua agradável companhia. O António Macieira, formado em Direito, no mesmo ano em que eu alcancei o bacharelado de Medicina em Coimbra, já fazia advocacia em Lisboa onde alcançou uma boa situação. Era novo como eu, ambos no despontar dos 30 anos. Dinâmico, apreciando as passeatas na Ria, onde íamos quase diariamente e ambos muito desejosos de, comodamente, exibirmos as nossas habilidades de atiradores.

Uma tarde, já tínhamos almoçado a bordo, com apetite devorador, resolvemos ir atacar uns passarões pretos, que os marinheiros chamam «viúvas» e de que

havia abundância. Não nos deixavam fàcilmente aproximar. Foi depois de muito trabalho que ficaram a tiro. O António Macieira matou uma e a seguir eu matei outra. Estávamos em rivalidade. Surge uma outra, em voo, sobre o barco e ambos atirámos. A ave caiu ferida e conseguimos apanhá-la. Quem a matou? Os argumentos cruzavam-se de parte a parte; as esposas também intervieram emitindo opiniões diferentes, os barqueiros e criadas que nos acompanhavam também disseram da sua justiça, mas não se chegou a uma averiguação segura. Ambos clamávamos:

— Fui eu, não foste tu...

Questão difícil de deslindar. Resolveu-se que, quem ganhasse à noite a primeira partida de xadrez, jogo em que nos entretínhamos demoradamente, ficaria considerado como o vencedor da caçada.

Anoitecia. O sol sumira-se no horizonte por detrás de uma nuvem escura, franjada, que a luz debruava de oiro. Mais longe, a norte e a sul, o debrum passava a ser esbranquiçado brilhante, com intervalos luzentes nos mais elevados cumes. Pelo céu, aqui e além, viam-se farrapos de nuvens pelos quais se espalhavam as cores do espectro que o sol, na agonia lhes dispensava, como último adeus do dia a desaparecer na fuga para o outro hemisfério. O amarelo e o alaranjado predominavam nas ilhas flutuantes das nuvens mais próximas e o verde e o roxo coloriam as mais distantes para as bandas do nascente. E, pouco a pouco, as sombras iam caindo e o silêncio foi-se apossando da tripulação bulhenta do barco.

Já a caminho do esteiro da aldeia, nasceu a lua. No canal, as rugas da água multiplicavam as luzes reflectidas, em rosário de contas luminosas, ao lado da embarcação.

A lua ascendia em quarto crescente avantajado; em torno abronzeava-se a atmosfera e havia uma ligeira viração de suave melancolia a cobrir-nos a todos, na contemplação daquele quadro que pedia a paleta de Corot.

Tudo recolhia. Os barcos da faina do dia, os trabalhadores das mondas dos milheirais e da abertura e limpeza das rigueiras dos juncaes vizinhos. Chilreavam vagamente as aves mais retardatárias que se acoitavam nos campos marginaes. As codornizes por lá se conservavam. A fortaleza das chuvas ainda as não fizera descer aos campos em busca da milhã. Mas essas aves de há muito dormiam sono alvoroçado, com receio dos caçadores.

Todos — e até a nossa caravana — se sentiam fatigados a caminho dos lares, naquele lusco-fusco crepuscular em que a natureza se torna mais modesta, na quietação das coisas.

Sòmente daí a pouco, surgiram, em caminho oposto, as bateiras e çadeiras que iam para a pesca. As fainas alternam-se nestas aldeias da Beira-Ria.

O António Macieira que dispunha de boa voz, recordou-nos Coimbra numa das canções da nossa última récita que naquele cenário, em ritmo de barcarola, a todos deliciou e fez evocar os tempos felizes da nossa vida académica.

Não sei, ao certo, qual foi, à noite, o resultado da

partida do xadrez, nem mesmo se a jogámos; pois vieram amigos passar a noite connosco e talvez nos desviassem para jogos de cartas que o Macieira e eu sempre muito apreciámos.

E, sem querer, afastei-me muito do relato, do ponto em que estava, e até dos 10 anos em que ia na vida. É essa remota época que vou agora retomar. Desculpe o leitor estes desvios da narrativa, pela interposição de acontecimentos que lembram e não teriam outro lugar para serem contados.

*

* *

Passemos à vida calma da minha infância na querida Casa do Marinheiro, quando meus pais, por conselho do Dr. Petiz, pensavam em fazer uma época de banhos na Torreira.

Estávamos em princípio de Outubro. Recolham-se as rendas e as últimas colheitas.

Começou logo uma azáfama desusada no casal. Arranjos de vestidos para as senhoras, de fatos para mim e Miguel, e de banho para todos. Tudo sem luxo, nem isso era necessário para a Torreira, mormente em época tão avançada da estação. Isso também entrou em linha de conta. Por outro lado, poder-se-ia arranjar melhor casa, por preço compatível com os nossos recursos.

Na manhã seguinte partiu meu pai, a cavalo, até à Bestida e de lá, no barco da travessia, para a Torreira

onde se dirigia ao seu amigo Arrais Sebolão «o compadre Sebolão», como era tratado na nossa casa.

Nós começámos logo a inventar projectos de brincadeiras enquanto nossa irmã auxiliava a mãe no muito que havia a fazer. O vestuário ainda era o menos; muita coisa havia a levar para a Costa da Torreira (nesse tempo ainda não tinha categoria de praia): camas, lavatórios, colchões, roupas, trem de cozinha, aprestos da sala de mesa, cadeiras, bacias, eu sei lá! uma completa mudança! Na Torreira os palheiros de renda, nada mais tinham do que uma ou duas mesas de pinho que serviam para os fins a que se destinavam: cozinha e sala de jantar.

A alegria invadiu toda a casa! Até as duas criadas que também nos acompanhariam, andavam contentes e numa roda viva. O tio Augusto estava satisfeito e disse a minha irmã que, depois da época dos banhos, a acompanharia ao Convento de Arouca. Mas que tinha de ir com melhor cor e a comer bem o que ela prometia com sinceridade.

Os grandes prazeres não são os que derivam de grandes coisas, de digressões ou viagens magníficas de há muito preparadas. Dependem de muito pouco, da boa disposição e da alegria que os acontecimentos, às vezes simples e modestos como este, proporcionam. Fazendo revista a todo o meu passado juvenil não sei se algum dia tive satisfação maior do que a da inesquecível preparação para a projectada época de banhos!

Nenhum de nós três tinha ainda visto o mar de que a mãe contava maravilhas no movimento das águas, nos

esplendores das manhãs quando a luz iluminava a sua imensidade e acumulava reflexos de gemas preciosas nos montes de espuma que se juntavam na areia.

Ao crepúsculo, disse minha mãe, há uma luz triste que convida a rezar as ave-marias, mesmo sem ouvir os sinos que os não há na Torreira.

Como boa serrana considerava o mar a última maravilha da Natureza. As vezes que o pôde contemplar deixou-a maravilhada pela agitação das ondas que, quando alterosas, galgavam como corcéis e, em calmaria, se espreguiçavam em brandas ondulações.

Andávamos estonteados! Pedíamos ao tio Augusto e também ao tio Abade, que amiudara as suas visitas a Avanca, a inquirir da altura em que iam os preparativos da ida, para nos contarem histórias do mar, aventuras de navegantes, em que aliás não eram muito fortes.

— E vocês não têm medo de tomar banho? dizia nossa irmã, como que querendo esconder um certo receio que lhe andava a pesar.

— Nós não, respondíamos em coro. Vamos pela mão do banheiro que sabe bem as manhas do mar.

No fundo, porém, andávamos um pouco amedrontados.

— O pior é a travessia no barco, disse a Luciana, pela Ria fora, até à Torreira.

Nós ficámos calados. A valentia sossobrou um pouco, na perspectiva de nos vermos sobre as águas fundas que nos separavam da Torreira. Mas recordando as nossas frustradas tentativas no rio Gonde para onde arrastámos



A DESCARGA DO MOLIÇO

a fatídica masseira, declarámos, eu primeiro, o Miguel depois, que não havia perigo e, portanto, não tínhamos medo.

— Os outros também vão, disse o Miguel.

Minha irmã continuou reticente. Sempre era a primeira vez que se abalaçava a tal proeza.

X

A VIAGEM PARA A TORREIRA

Já estava a escurecer quando meu pai chegou. Corremos ao seu encontro. Enquanto descia do cavalo, depois de o ter acariciado com umas palmadas no pescoço, virou-se para nós e disse:

— Vão dizer à mãe que já temos casa e boa. Vamos no sábado, daqui a três dias.

Corremos a dar a nova. Minha mãe e minha irmã chegaram à porta da casa à espera do pai. O tio Augusto apressou-se a ir ao seu encontro.

— Estamos servidos. No sábado está a casa livre e temos de a aproveitar. É do compadre Sebolão que foi muito amável.

Caminhavam em direcção a Casa. Minha mãe e a Luciana também se aproximaram e, após cumprimentos carinhosos, entraram na sala de entrada, onde nós os recebemos aos pulos, com gritos à mistura, em grande regozijo.

— Bem, disse meu pai, vamos à ceia que o ar da Ria abre o apetite a hécticos!

Em breve estávamos sentados à mesa. Não tardou a aparecer o Abade que também acamaradou. O assunto da conversa foi o da ida para a Torreira, do que havia a levar, do que era necessário fazer, para que a estância fosse proveitosa e agradável.

— A casa que se arranjou, informou meu pai, é das raras de alvenaria que há na Costa, propriedade do compadre Sebolão. Vaga depois de amanhã. Um dia para limpeza e fica no sábado às nossas ordens. E por preço muito favorável.

E disse a quantia em segredo ao ouvido do tio Augusto.

— É um primeiro andar. Tem vista de mar e fica junto à praia. A escada deita para uma sala grande. E continuou a informar quais eram as outras divisões, ao que minha mãe dava particular atenção.

— O tempo vai mudar, disse o Abade. Temos chuva por estes dias. A lua traz uma auréola de névoa branca. É sinal que não falha.

E virando-se para minha mãe:

— Acautelem-se com agasalhos que a beira-mar é traiçoeira. Lá irei visitá-los, mas por pouco tempo devido aos meus afazeres.

Ao que minha mãe atalhou:

— Também levamos acomodações para o mano. Contamos que fique uns dias a fazer-nos companhia.

Anoiteceu. Veio o Reitor Mendes de Almeida e não

tardou que os dois párocos e o tio Augusto se instalassem ao voltarete.

Este ofereceu uma pitada ao Reitor que também era amador de rapé e tomou outra avantajada, resmungando:

— Ó diabo! entre dois clérigos! O que não sucederá a um pobre mortal!

— Cá estou, disse o Reitor, para lhe dar a absolvição, se tanto for necessário.

No dia seguinte continuou o grande afã que agitava o modesto lar. Dois baús de couro, fortes, espaçosos, abriam as bocas na sala de costura onde afluía a roupa branca das camas, da sala de jantar, um nunca acabar de coisas indispensáveis. Eu e meu irmão também tomámos ares de querer ajudar, mas fomos proibidos de intervir e mandados para o quintal apanhar pássaros com as costelas.

Isso era empresa a que nem sequer nos abalançávamos. Depois que o tio João António foi para a comarca nunca mais vimos um taralhão.

Sentámo-nos no resguardo da eira do quintal, a cogitar o que haveria a fazer na praia. Tomar banho, brincar com as conchas, jogar a bilharda, deitar o pião e...

— Barquear, disse o Miguel.

— Isso não. O mar não é o Gonde. E para gente da nossa idade! As ondas comiam-nos num instante!

Quedámo-nos silenciosos pré-gozando as delícias de um veraneio outoniço que, por ser o primeiro que fazíamos fora de casa, nos enchia de múltiplas curiosidades.

E conversámos sobre a viagem na Ria. Verificámos que ambos tínhamos medo. O Miguel foi dizendo que não deixava a nossa mãe e eu mostrando-me valente pronunciei qualquer frase ousada, mas sentia também que a travessia não era para brincadeiras.

— Havemos de lá chegar e bem, disse, levantando-me e tomando uma atitude enérgica de quem se não acobarda com tais insignificâncias.

O caso é que o meu irmãozito com os seus oito anos, pôs as mãos nos bolsos, e resolveu também tomar aspecto de quem estava pronto a afrontar com coragem os riscos da travessia. E como se tivéssemos de decidir sobre assuntos graves, ponderámos alguns pormenores acerca dos nossos fatos de banho que a costureira, a sr.^a Guilhermina, devia acabar no dia seguinte.

— Ela é tão ronqueira, disse o Miguel, que somos capazes de os não ter prontos para sábado.

— Vamos lá falar-lhe. É preciso que se apresse.

E encaminhámo-nos para casa, no firme propósito de falarmos à costureira que trabalhava no sótão, com varanda de madeira pintada a azul, para o lado da linha férrea.

A sr.^a Guilhermina era bonacheirona, gordanchuda, muito dada a coisas da Igreja, com óculos de aros enfiados. De vez em quando fungava a sua pitada que parecia apreciar com volúpia como podia deduzir-se de um «Ah!» sonoro com que epilógava o ruído dos apetecidos sorvos.

— Ora sejam com Deus os meus meninos! Ainda

hoje os não tinha visto. Ambos alegres como pintasilgos... ou não fossem agora para os banhos...

Interrompi o discurso da sr.^a Guilhermina, dizendo-lhe:

— Os nossos fatos de banho já estão prontos?

— Olhem para ali, e apontou para uma espécie de cabide donde caíam duas reduzidas combinações de flanela azul às listras encarnadas.

— São bonitos, disse o Miguel, que se aproximou para os apalpar.

— Mas só estão alinhavados, disse eu, em tom um pouco censurativo.

— Agora, é um instantinho. A mãezinha ou até a menina Lucianinha, que já se vai ajeitando, fazem o resto a correr, na máquina de costura que o pai comprou. Nunca vi coisa igual! É um relâmpago! Foi uma grande descoberta, lá isso foi! Pena tenho eu de não saber lidar com ela...

— E quando estarão acabados?, perguntou o Miguel.

— Sosseguem alminhas de Deus, rematou a sr.^a Guilhermina, pousando a costura e tirando os óculos que, seguros na mão direita, davam maior realce à frase com expressivos movimentos verticais:

— Descansem que os fatos não faltam no sábado, à hora da partida.

E disse-o com tal intimativa que ambos nos conformámos com a certeza que nos acabava de ser dada.

Ainda fizemos mais algumas perguntas sobre assuntos referentes à partida e nem a sr.^a Guilhermina teve

ensejo de nos contar, pela vigésima vez, a história da menina que dava de comer aos pobrezinhos, às escondidas, e que um dia subiu ao céu, levada pelos anjos, e vestidinha de cambraia...

— Não, hoje não queremos histórias...

Descemos. A nossa inquietação manifestava-se em tudo, andava à procura de se fixar em qualquer coisa, de arranjar mesmo um conflito. E não tardou que se desse quando voltámos para junto da mãe que, apesar da sua grande paciência, teve de nos expulsar violentamente da sala de costura, onde se gastava em arrumações com a Luciana, para que nada faltasse na Torreira. Saímos a choramingar que também era uma maneira de matar o tempo, Nunca ele nos pareceu tão longo como nessas vésperas de partida.

Vieram uns choviscos e depois uma bátega de água durante a tarde, o que fez com que o tio Augusto dissesse a meu pai:

— É sempre certo o rifão: Pelo S. Mateus não a peças a Deus!

Abrindo a porta e olhando o céu, disse meu pai:

— Ainda não é caso para sustos. Isto é passageiro.

E acrescentou, dirigindo-se ao Augusto:

— Mesmo que não chova tenho intenção de mandar a família para a Ribeira no churrião.

E foi à arrumada, onde estava o velho carro, armado sobre um estrado comprido, todo coberto de couro, em arco abatido. Era tapado à frente e tinha pequenas janelas de cada lado e, atrás, a porta de entrada. Por dentro,



A LOTA DA SARDINHA NA TORREIRA

modestamente estofado, dos lados e no topo. Em baixo uma esteira por tapete, e sobre ela seis tamboretas de bunho, redondos, e baixos, onde se sentavam os passageiros. A lotação era de seis pessoas. Com crianças, ajeitava-se maior número. Era agradável a viagem, apesar de não ter molas e os caminhos serem acidentados. Caía-se para um e outro lado, mas tudo sem grandes deslocções. Os bancos de bunho seguravam as pessoas pelo atrito da esteira, em velocidade de carro de bois. Todos gostavam daquele meio de transporte que, nas aldeias, substituía as liteiras e traquitanas dos fidalgos da cidade.

Ainda me recordo de haver em Avanca quatro churiões em trabalho, o nosso, o da casa da Areia, o da Casa do Outeiro, este um pouco mais cuidado, pois era do senhor Morgado, e um da Casa do Telhado que julgo ter visto ainda uma ou duas vezes. Eram todos dos diversos ramos da família e serviam de transporte para a Igreja nas festas solenes, em especial da Semana Santa, quando a chuva apertava, e para os serões em que nos juntávamos, uma ou outra vez, em convívio agradável.

Belas noites essas, passadas na calma das conversas da lavoura ou da vida da Igreja paroquial.

Os cavalheiros dividiam-se entre as mesas de voltarete e as conversas com as senhoras.

Ouvia-se música. Nem sempre era de primeira qualidade. Reminiscências das canções do tempo da sr.^a D. Maria II que, por sua vez, chegaram a Avanca bastante retardadas.

Começavam a aparecer as recitações que predominaram depois, por alguns anos. Nunca faltavam, porém, os jogos de prendas que se tornavam intermináveis.

— O que se há-de fazer ao dono desta prenda?

— Servir de espelho.

Um arremedilho dos fins do século XVIII que tarde ali criou raízes e durou alguns lustros.

Por fim o chá com muitos doces, especialidades de diferentes casas. Cada uma delas tinha o seu elenco culinário em que o açúcar, ovos e manteiga eram gastos com prodigalidade.

Às vezes, em dias especiais, dançava-se ao som de pianos pouco afinados. Uma vez, por iniciativa do Reitor Mendes de Almeida, que morreu Abade de Campanhã, houve festas maiores que marcaram a sua despedida. Vieram então umas pequenas musicatas com artistas de Pardilhó que executavam valsas, polcas, mazurcas e quadrilhas. As danças seguiam animadas e nelas compartilhava a maior parte dos assistentes, com o reforço dos parceiros das mesas do jogo, que tinham de interromper as partidas.

Desta primeira fase da vida de sociedade em Avanca ainda me recordo e já não há testemunhas desses aprazíveis passatempos. O costume manteve-se, com pequenos progressos na minha geração e depois perdeu-se na dispersão das famílias de que pouco resta já, no esboramento que traz o tempo, o eterno demolidor.

A aldeia aumentou em riqueza e em indústria mas perdeu em costumes e tradições.

*

Meu pai chegou para dizer que o churrião estava aprontado bem como os dois carros de bois para levarem as bagagens ao barco, em Mourão. Como tivesse chovido na véspera da partida, arranjaram-se oleados para cobrir as mercadorias e palhoças para os condutores.

Pelas salas montões de coisas e houve faltas no Marinheiro, na noite de sexta para sábado por estarem feitos os atados de cobertores e colchões e não haver reservas para poderem acudir às necessidades. Mas tudo se arranjou pelo melhor e no sábado saiu a caravana depois do chá da manhã, aí pelas nove horas. Meu pai bem prègava pressa, havia mais de uma hora.

— É preciso que se aviem! Vamos chegar tarde à Torreira. O vento é sul e há ameaças de chuvã.

Os carros da bagagem foram à frente. O churrião seguiu no couce do cortejo com a família. O tio Augusto que não era de grande estatura apreciava o aconchego dos bancos de bunho. Ia connosco. Meu pai, comandante da escolta, foi no *Russo* para Mourão. Ali esperou os carros das bagagens, viu como acostavam ao barco e dirigiu a passagem da mobília. Ele próprio auxiliou o empilhamento dos variadíssimos volumes que levávamos.

Quando saímos de casa ainda caíram uns chuviscos a mostrar a vantagem do velho carro; mas o tempo aliviou e, até à Torreira, tivemos sol entre nuvens que se foram algodoando para a tarde, perdendo o escuro pressagiento dos nimbos dos aguaceiros. As criadas já tinham chegado a Mourão, com cestas à cabeça, em que

ia a merenda que havia de comer-se no barco, garrações do verde da quinta e uns mimos de doce, em que avultava a marmelada, para as sobremesas na Torreira.

Iam longe as dez horas quando, arrumadas no barco todas as coisas, minha mãe, a pequenada e o tio Augusto sentados em cadeiras e bancos que seguiam como mobiliário, para o Mar — designação local das praias circunvizinhas — nos localizámos à ré.

As criadas sentaram-se à proa. Meu pai andava por todo o barco a inquirir de coisas várias. Levávamos três tripulantes: o arrais do leme e dois barqueiros para as varas. A embarcação era espaçosa, um dos melhores mercanteis de Pardilhó. Minha mãe encomendou-nos à Senhora da Boa Viagem e fez-nos rezar uns tantos padre-nossos e ave-marias, o que fizemos com a maior devoção. enquanto o barco avançava pelo esteiro. Nessa altura ouviu-se uma voz inesperada:

— Papagaio real! papagaio real!

Era o nosso papagaio, que minha mãe pusera na bagagem, recomendando ao Romão todo o cuidado com o animalzinho.

Hilaridade geral! E trouxe boa disposição a todos e, em especial, àqueles que iniciavam a sua carreira de navegadores.

Quisemos, o Miguel e eu, ir ver o papagaio, o que nos não foi permitido. Era só o desejo de nos movimentarmos, pois ele não era nosso amigo, nem nos tolerava.

Só uma pessoa distinguia com as suas meiguices, a nossa mãe. Roçava-lhe o bico pela cara, apertava-lhe o

dedo nas pequeninas garras e tanto que ela o passeava às vezes em liberdade, sempre dócil à sua voz e ao seu mando.

Mas para os outros, era agressivo e mau. A uma das criadas fez-lhe um ferimento de certa importância na mão, quando esta lhe fazia, talvez com pouca paciência, a limpeza do pequeno poleiro a que estava preso pelo cadeado.

— Papagaio real! Quem passa! É o rei...

Voltou a afirmar a sua presença, a que se seguiu uma lenga-lenga que minha mãe lhe ensinara, com aquela persistência que tinha na educação de animais, cães especialmente, e que era um dos seus passatempos predilectos. De todo me passou o que ele dizia, mas não se calou, divertindo-nos e, sobretudo aos barqueiros, até que entrámos na ria larga e virámos ao sul em direcção à Torreira. Vento, a princípio, fraco e contrário; seguimos, por isso, à vara, mas mais tarde avivou e fomos aos bordos.

Nessa parte da viagem, quando o barco se inclinava, ainda houve um rumorejo de choro que acabou à voz imperiosa de meu pai afirmando que a navegação era assim e não havia motivo para sustos. Mas nem os três mais novos, nem minha mãe, nem mesmo o mais velho de todos, o bom tio Augusto, estavam inteiramente certos da segurança da navegação.

O tio Augusto passara a ser serrano, pouco se recordando daquelas digressões sobre as águas largas do patricio estuário que se estendia, a perder de vista, ao sul e ao norte.

Houve uma lufada de vento mais rijo, o barco inclinou mais e uns chapiscos de água vieram borrifar os passageiros. A criada Gracinda, que vinha transida de medo, embrulhada no seu xaile, não se teve que não exclamasse:

— Ai Santo Jesus do céu, valei-nos!

— Não tenha susto! gritou o arrais do barco que ia à ré. Tenho a mão na escota e nasceram-me os dentes na arte. Descanse santinha que só na Torreira há-de tomar banho. Do daqui a livro eu.

E depois, dirigindo-se aos barqueiros:

— Vamos mudar de bordo. A taste à direita. Guinemos às quintas.

A operação da mudança da pesada tábuca de um bordo para o outro, como ao tempo se fazia, por sobre a bagagem acumulada, foi operação difícil por ter de ser levantada, a peso, por cima do traste que o mastro da vela dividia a meio. Caíram um pingos-d'água sobre as criadas que resmungaram e o barulho perturbou o papagaio que palrou quase a propósito:

— Papagaio real! Quem passa?

Houve farta risota e como o barco tomou, durante a manobra, a posição horizontal, os rostos dos mais tímidos recuperaram a coloração normal. As terras do Bunheiro já nos ficavam à ré com a sua igreja azulejada e em frente avultavam as dunas de areia que começavam nesse tempo a ser cultivadas. Hoje são boas matas de pinheiros com algumas austrálias e boas terras de lavradio, em que o feijão é a cultura mais rendosa.

Num recorte da margem a terra entra pela Ria para

formar o estreito do Varela, o que foi notado pelo tio Augusto.

Havia agora sol que se espelhava radioso nas águas mansas da Ria, com reflexos multicores que a luz provocava nas suas pequenas ondulações. Nisto vê-se saltar uma tainha, depois outra mais perto, acrobacias providenciais que nos fez levantar e gritar perante o inédito espectáculo. Não mais deixámos de espreitar por sobre a superfície da água se outra voltaria a sair como para gozar as delícias do ar, presas como andavam à profundidade da sua habitação.

E com isso nos fomos distraíndo, fugindo às preocupações da navegação.

Meu pai, consultando o relógio, disse ao arrais:

— Arribem o barco às quintas e arriem a vela, para jantarmos em sossego. São horas. Já por aí deve haver alguma fomite...

Batemos as palmas. Até a Gracinda perdeu o ar taciurno que trazia e desembaraçando-se do xaile foi tomar conta do serviço.

Não tardou, com efeito, que entrássemos em contacto com a terra num encalhamento suave sobre o lodo da margem. A vela foi arreada com todo o cuidado e o embergue ficou atravessado no barco por sobre o traste onde o mastro se erguia garboso, hirto e desenfeitado.

XI

A MERENDA NA RIA

Parada e estabilizada a embarcação, todos tomaram posição para o ágape que prometia ser magnífico atendendo ao apetite que lavrava em todos os sectores dos viajantes.

Minha mãe chamou a si os cestos que as criadas puseram à sua disposição numa mesa improvisada sobre caixotes e embrulhos.

Não tardou a dar-se início ao festim. Padas divididas por todos, aos quartos; padas de pataco, desse tempo, que valiam por quatro das de agora! Os três barqueiros acamaradaram com as criadas, na segunda mesa. Primeiro, bolos de bacalhau. Um grande alguidar cheio do saboroso petisco, com leve cheiro a cebola e salsa, condimentos indispensáveis.

Deram um prato fundo, de cogulo, para os três pequenos.

O tio Augusto tinha prato privativo, igualmente bem servido e meus pais comiam de outro.

Pois tudo desapareceu e ainda se tiraram mais alguns.

— Bem, disse meu pai, passem agora o alguidar para os homens e para as criadas. Têm aí um garrafão de vinho por vossa conta. E se quiserem mais pão é virem buscá-lo. Comam bem, porque ainda têm que dar à vara. O raio do vento parece que está a amainar...

— Nada, não, objectou o arrais. É aqui, que estamos em abrigo. Logo ali na cal verá o sr. Fernando que ele

volta e com boa-vontade de nos ajudar. E levantando-se, acrescentou: e então à saúde dos senhores! E levou à boca uma caneca de meia canada de que não deixou gota.

— Bebam, mas tomem cuidado. O verde lá das nossas videiras é fraquinho, mas também trepa.

— Não há perigo comigo nem com esta gente. Na Ria o ar tudo consome. E, por mim o confesso, já andamos com os odres avinhados...

Risada, boa disposição e um apetite que nem frades em dia de padroeiro! O bacalhau, dizia um apreciador daquelas patuscadas, foi inventado para as comezainas da Ria e os pasteizinhos estavam feitos por quem sabia temperá-los a preceito.

— Superior a isto — disse o arrais do barco, — só a caldeirada quando lhe não faltem enguias grossas, peixe branco à farta e os temperos apropriados; salsa, nêveda, gengibre, cebola e tomate. Pimenta não, tira o paladar ao peixe.

— E bons estômagos para a aguentar, disse o tio Augusto.

— Na Ria nunca houve indigestões, rematou o arrais que, com um bolo de bacalhau espetado no garfo, já não sabia a conta em que ia.

Depois passou-se ao segundo prato, como era de uso e costume naqueles repastos.

Minha mãe tirou do cesto uma travessa em que vinham, embrulhados em guardanapos, dois preciosos frangos. Um maior e outro menos volumoso, ambos aloirados pelo forno e com a pele a estoirar.

— Devem estar de se lhes tirar o chapéu! disse o tio Augusto.

O mais pequeno passou logo para a mesa do arrais e companheiros a fim de não se perder tempo.

— Não era preciso galinha tão gorda, disse meu tio, dirigindo-se a minha mãe.

— Não é galinha, é um capão que seu irmão preparou há-de haver seis meses. Vai ver como é delicioso.

— Já os conheço e da mesma origem, pois o Fernando sempre gostou de arranjar bons manjares. Mas assim anafado parece que nunca comi.

— Isso parece-te, acrescentou meu pai. A maresia abriu-te o apetite. Até os olhos te ajudam a mastigar.

E enquanto minha mãe ia trinchando, mostrando como estava tenro, o tio Augusto não se cansava de dizer amabilidades que pareciam justas, pois todos saboreámos e apreciámos o succulento manjar. Desfazia-se na boca em maciezas que fariam honras ao próprio Vatel. Uma asa a um, pedaços de peito a outros, uma coxa para meu pai... Só sei dizer-lhes que passado um curto prazo, só restava a carcaça pouco antes exuberante de gorduras e carnes aderentes.

— Ó Fernando! disse o Augusto, deita vinho nestes copos para temperar as delícias do capão. Aos dois o devemos, a ti e à mana. A ambos saudamos com muita admiração.

Acompanhámos o tio Augusto nesta manifestação, embora o nosso paladar não pudesse compreender as finuras sápicas que o entusiasmavam.



OS BARCOS NA VÉSPERA DE S. PAIO DA TORREIRA
A frota da Alegria

Veio por fim a sobremesa. Colhetes de marmelada ainda fresca do ano, que foi saboreada com louvores, e maçãs reinetas a que nós, os pequenos, logo deitámos a mão. Também passaram em quantidade para a mesa dos barqueiros.

As criadas tiraram as toalhas e os guardanapos, arrumaram os talheres, meteram dentro das cestas restos de pão e a pouca comida que não foi levada pela voragem de um desmedido apetite, e acomodaram-nos à proa.

Os barqueiros içaram a vela o que foi feito com cuidado, amparando-lhe a verga. O arrais tomou o seu posto ao leme e os homens das varas fizeram um grande esforço para desencalhar o barco que daí a pouco flutuava e tomava a direcção da Torreira.

Meu pai ofereceu uma pitada ao arrais que se escusou dizendo que não usava.

— Toma homem! Faz descer os humores!

O arrais transigiu e ia a tirar a pitada com a mão direita.

— Tire lá, seu porco, disse meu pai, a sorrir, afastando a caixa do rapé. É com a esquerda que se tira a pitada.

— Não sabia, disse o arrais, olhando-o com certa surpresa.

Meu pai levantou-se e disse-lhe qualquer coisa que o fez rir a bom rir...

O barco já seguia, com bordo, para as bandas da Bestida, o que voltou a preocupar-nos e à população feminina, mas já com menor intensidade. O arrais virando-se

para meu pai despediu-lhe esta pergunta, enquanto os espirros o afligiam:

— Olhe lá, sr. Fernando, e se oferecer a pitada a um canhoto?

Acudiu pronto o tio Augusto:

— A um canhoto não se oferecem pitadas. Então não sabe o rifão: «cruzes canhoto»; ficam a fazer cruzes...

— No nariz, disse o arrais que o vinho fizera loquaz e era repentista, conhecido na aldeia pelas suas chalaças.

Excelente disposição dos tripulantes, aumentada quando começaram a ver ao longe os palheiros da Ria, em amontoado escuro e impreciso.

O barco foi seguindo, vendo nós saltar, de longe em longe, as tainhas lantejoulando pratas no ar, e todos mais conformados, na esperança do próximo termo da viagem.

No cimo de um outeiro vimos a capelinha de S. Paio, caiadinha de branco, afastada dos palheiros sombrios que se apinhavam à margem da Ria. O vento não era de feição; mas lá nos ia levando de margem a margem, ora mirando as matas verdejantes dos pinheiros ainda novos das quintas, a contrastar com o branco das dunas ainda não dominadas pela vegetação, ora as terras escuras do Bunheiro e da Murtosa, donde tinha saído o milho louro, agora amanhadas para reverdecerem de boa erva para o gado, às primeiras chuvas outoniças.

A conversa foi seguindo mais serena, a trindade infantil caiu em sono reparador, todos encostados ao regaço da mãe que nos ia ajeitando como podia. E também o

tio Augusto nos acompanhou, cedendo às imposições do ar salino e do estômago bem confortado, enquanto meus pais iam conversando sobre a descarga da mercadoria do barco e transporte através do areal que separa a Ria do Mar. Dois quilómetros de marcha fatigante pelo piso movediço, a fugir debaixo dos pés.

— Os pequenos, disse minha mãe, logo que acordem, vão tirar o calçado. Eles gostam e é o primeiro dia de praia...

Meu pai concordou inteiramente e expôs o seu plano de descarga das variadíssimas coisas que levávamos.

— As malas são as primeiras a irem para os carros, a seguir os colchões que vêm enrolados, em atados fortes, com travesseiros e cobertores, depois a tralha da cozinha, cestos, etc. Tudo se há-de acomodar e bem.

Meu pai, vendo o relógio e dirigindo-se ao arrais:

— Já passa das três, não chegamos aos palheiros antes das quatro, não lhe parece?

— Sim, mais coisa menos coisa. Só na merenda demorámos mais de uma hora...

— Mas não se perdeu o tempo...

— Qual história! Foi a melhor maré da viagem! O sr. Fernando tem lá no Marinheiro um rico verdasco. Não se vende tão bom na Rosa ou no Estrela de Pardilhó!

— Já sei o que queres. Mais um copito para confortar...

— Não se recusa, não senhor. De coisas más está a vida cheia! As boas têm de ser aproveitadas.

— Ó Maria, dá vinho desse garrafão, aos barqueiros. Precisam de molhar a goela.

O vinho foi distribuído e o arrais deu as suas ordens aos companheiros.

— Metam o barco ao norte da rampa, ouviram? A esta hora há sempre lugar. Encostem-no bem à terra. Têm de puxar à vara. Ali o desembarque é mais fácil.

O tio Augusto acordou um pouco estremunhado e nós fomos despertados para nos aprontarmos para a saída.

Não tardou muito que as manobras ordenadas fossem executadas com esmero.

A toste foi deitada a terra e ligada ao bordo do barco para a saída dos passageiros e mercadorias.

Encomendados por meu pai, aguardavam a nossa chegada três carros de bois. Começou a saída dos passageiros acompanhados pelos barqueiros que, com água até aos joelhos, davam a mão aos que saíam. Não fossem escorregar na toste ainda húmida e limosa do serviço da viagem. Uma das criadas ensacou as saias e trabalhou na zona molhada, pedindo que lhe dessem as cestas e as coisas mais leves. Minha mãe ficou no barco e os barqueiros afadigavam-se em dar saída rápida às malas, ao mobiliário, aos preparos da cozinha, uma casa removida para poder ser habitada na noite que não vinha longe.

Depois de tudo examinado e de se ter visto que nada esquecera, a Luciana e a minha mãe saíram para terra onde já as esperávamos. Os dois carros foram carregados com cuidado e logo se fizeram a caminho da Torreira. O terceiro era destinado à condução das pessoas, em espe-

cial das senhoras e dos pequenos, como nos foi declarado. Carro vulgar, com duas esteiras, das melhores de Veiros, e fueiros altos ao redor, como bons pontos de apoio. Dois pequenos bancos da cozinha tinham sido reservados às senhoras e lá nos acomodámos como pudemos. Meu pai e o tio Augusto foram a pé. Ainda era uma estrada por um mar de areia solta, difícil de galgar. Eu quis logo descer e ir com eles, gozando o fôfo do caminho. Intermitentemente todos três fizemos uma parte do percurso a pé ao lado dos que ladeavam os carros da mobília. Uma caravana original a que a boa disposição de todos trazia um certo ar de alegria.

Os barqueiros regressaram logo a Pardilhó, depois de pagos do seu trabalho. Tinham de ir ficar naquela noite à Ribeira da Aldeia para seguirem de madrugada, segundo informaram, para Águeda donde haviam de levar uma grande rima de lenha de que havia precisão na terra.

Já passava das cinco horas quando chegámos à casa que íamos habitar.

Começou imediatamente a descarga feita pelas criadas, e pelos carreiros que as ajudavam, na condução dos volumes mais pesados. Tudo trabalhava numa azáfama ininterrupta. Minha irmã ajudava na sala a distribuição das roupas e eu e o Miguel também quisemos auxiliar. Por tal forma o fizemos que meu pai, também ocupado na colocação das coisas, exasperado connosco, veio à janela pedir ao irmão que conversava com os carreiros:

— Leva estes rapazes e vai passear com eles à beira-

-mar. Ninguém os atura e temos que cear e arranjar camas para dormir.

Descemos cabisbaixos, por não terem sido considerados os nossos serviços. Mas logo nos alegrámos com a vista do mar, contemplando a formação de dorsos de água que se aplanavam no curso para a areia da praia. Surpreendeu-nos a agitação ininterrupta das ondas e a vastidão imensa do oceano que nunca imaginámos tão temeroso.

Meu tio foi-nos levando para o norte. Dali víamos a casa onde se estava a arranjar o conforto da noite e, chegados a uma duna mais elevada, sentámo-nos os três em adoração ao mar.

— Olha como ele trabalha! disse o Miguel.

— Anda sempre para trás e para diante. Aquilo não é trabalho, é brincadeira. Sempre no mesmo sítio!

O tio Augusto explicou então que não era assim. As águas do mar caminham. Vêm até aqui onde estamos e descem ainda mais além donde estão. É consoante as marés: preia-mar e baixa-mar. Agora estamos com águas recuadas e daqui a horas voltam por aí acima.

— Mas não chegam à nossa casa? perguntou o Miguel.

— Não. Se tal sucedesse já lá não estava. O mar levava-a. Ainda fica muito longe — e apontava com o dedo a distância que os separava.

Ficámos em silêncio na contemplação daquele belo espectáculo, inédito para os nossos olhos curiosos.

Esmorecia o dia na última hora crepuscular.

Embalados pelo som monótono das ondas, sentíamos-nos entorpecidos, com desejos de dormir.

Meu tio começou a sentir uma aragem fresca que vinha do norte e receou que nos fizesse mal. Disse que eram boas horas de voltar para casa.

Quando chegámos, a mobília estava disposta nos lugares que lhe destinaram.

No quarto da sala, com janela para a rua principal, estava um largo colchão sobre o soalho. Era a cama para nós dois. Lá estava a nossa roupa sobre um banco para o dia seguinte e os fatos de banho que nos lembraram as ondas a encherem-nos de medo no seu desencadeamento.

Chamaram-nos para a ceia que a pouco se resumiu e, como o sono nos assaltasse imperioso, não tardámos a dar a boa-noite, a beijar a mão dos pais e tio e o rosto um pouco afogueado da Lucianinha. Esta também começava a fechar as pálpebras na languidez e quebramento que a fadiga impõe.

A Gracinda foi deitar-nos e apesar de sonolentos não deixámos, como de costume, de a arrelhar com algumas cabriolas. Desta vez não teve ela de queixar-se, porque não tardou que, lado a lado, dormíssemos a sono solto.

Minha mãe deitou a Luciana e deu as suas ordens às criadas para o dia seguinte, na vaga ideia de que se poderia comprar hortaliça e outros comestíveis. Falou com meu pai sobre o assunto e ele incumbiu-se de procurar artigos de mercearia. Não sabia quais eram os estabelecimentos donde deveríamos fornecer-nos. Havia

uns quatro anos que não vinha à Torreira e, apesar de lhe parecer que tudo estava na mesma, precisava de tomar contacto com a gente da terra.

XII

NA TORREIRA

A Torreira, naquela época, não passava de uma povoação de pescadores em que apenas havia a preocupação da pesca. Separada pelas águas da Ria das freguesias circunvizinhas, estava mais em contacto com a Murtoisa do que com qualquer outra. Não passava de ser um seu subúrbio. E ainda hoje o é, apesar de se ter tornado freguesia independente. A pequena população que por lá estacionava, no Inverno, era, como agora, toda murtoiseira. E nem admira, pois já nesse tempo havia travessia constante e fácil a ligar a rampa da Torreira com o cais da Bestida, ao tempo de madeira, muito primitivo, mas agora com bom arranjo. Dois cais de alvenaria. O do lado da Torreira também agora empedrado, dando segurança às atracções. Houve ali, em tempo, umas grandes barcas-lanchas que faziam o transporte de passageiros, animais, carroças e até automóveis.

Muitas vezes se tem pensado em fazer uma ponte de ligação que naquele sítio, além de muito dispendiosa, causaria graves transtornos à navegação dos barcos de vela, especialmente quando o vento soprasse rijo.



A DANÇA NO BARCO

Hoje que a povoação dos Palheiros da Ria, junto aos cais, melhorou com regulares construções, o seu desenvolvimento justifica que se faça a ponte, mas no lugar mais estreito da Ria, na Varela, o que prestará grandes serviços à Torreira e às povoações ribeirinhas.

Por outro lado está em estudo e até, em parte, em construção, uma estrada que de S. Jacinto irá até ao Carregal, em Ovar. Sendo assim ficaria a Torreira ligada pela ponte e pela estrada aos concelhos de Estarreja e Ovar.

Com estes melhoramentos teremos, em poucos anos, uma Torreira de luxo e de grande frequência. Tem condições excepcionais, devido à Ria e à extensão da praia, para ser um centro de turismo apetecido.

No tempo a que me reporto, para além de sessenta anos, tudo era pobre e primitivo.

Instalados na casa do Arrais Sebolão gozávamos as delícias da maior tranquilidade, no isolamento de uma colónia piscatória, onde toda a vida se concentrava em torno da actividade laboriosa e arriscada a que se entregam os homens do mar.

No dia imediato, meu pai chamou-nos cedo para o banho. Trouxera uma boa barraca que, em tempo, mandara fazer, de riscado azul, resistente, mais espaçosa do que as que se arrendavam aos banheiros. Toda a caravana estava a postos. Só o tio Augusto prescindiu do banho. Minha mãe e minha irmã, coitadita, cheia de medo, foram as primeiras a abalançar-se às ondas. Seguravam-se às mãos do banheiro João, homem forte, de suíças gri-

salhas, tez enrugada, pele queimada no convívio das ondas. Desalojada a barraca, fomos nós. Lembro-me que o Miguel choramingou. Eu, parece-me que também fiz má figura. O João levou um de cada lado. Meu pai encorajava-nos. Minha mãe e até a Luciana diziam que só custava o primeiro mergulho, mas nós caminhávamos receosos como se fôssemos para o martírio.

— Abaixem-se agora a esta onda, disse o banheiro.

Assim fizemos. Quando passou ficámos mais encorajados, mas veio outra a seguir, outra ainda...

Na ressaca, as pernas fraquejavam e agarrávamo-nos ao banheiro com ambas as mãos no receio de que o mar nos levasse para o abismo.

— Bem, por hoje basta, disse o João entregando-nos à querida mãe que, carinhosa, nos foi limpar e vestir na barraca onde se encontrava a nossa roupa.

Sáímos mais contentes por termos passado a experiência do contacto com o mar do que satisfeitos com o banho que nos pareceu bastante desagradável. Bom era andar na praia a molhar os pés e a fugir das ondas, coisa que, sob vigilância, nos foi permitido daí em diante. O pior estava passado.

Tínhamos recebido, embora sem grande cerimoniaal, o baptismo das ondas!

Voltámos para casa, com algum apetite para o almoço que foi pada quente com manteiga e chá verde em chávenas almoçadeiras.

Daí a pouco chegava a notícia de que, ao sul, havia uma rede a sair. Todos resolveram assistir ao espectáculo.

Uma das criadas foi connosco com uma seira, para trazer peixe.

A rede ainda demorou a sair e tanto que nos sentámos à sombra de um palheiro a seguir os passos dos bois que iam puxando as cordas, no seu andamento vagaroso, mas eficaz, num esforço violento e persistente.

— Já se vêem as bóias, exclamou alguém.

E todos as vimos, prenúncio da proximidade da rede que começou a sair com malhas muito largas.

— O saco traz peixe! gritou um pescador.

A alegria dos trabalhadores daquela rude faina foi ruidosa e vibrante no momento decisivo.

Alguns atiravam-se ao mar agarrados à rede que ia avançando, outros gritavam como possessos atirando as carapuças ao ar, que se encharcavam na água, e os mais sisudos aconselhavam prudência na saída do saco, o final da rede, não fosse ele romper-se, o que seria a perda de todo o trabalho.

Alguns pescadores cercavam-no pelo lado do mar como para o ampararem.

Daquela vez não houve perigo. Chegou inteirinho à terra. Então pescadores musculosos com os redenhos a meio de grossos bordões, levavam-os ao saco, onde outros os enchiam às braçadas e conduziam-os para o areal sobre os ombros nus e morenos, luzentes de água e suor. Despejados uns atrás dos outros formavam a lota.

— Boa sardinha, abençoado seja Deus! dizia uma velhinha com uma canastra vazia à cabeça.

Também veio algum carapau e bastante caranguejo. Mas não havia motivo de queixa. Fosse sempre assim!

Formaram-se umas três lotas em que predominava a sardinha.

O arrais do mar deu início à arrematação.

Chegou a duzentos e três mil réis.

— Não dão mais? Está entregue.

O arrematante chamou mulheres com quem logo justou o transporte para a margem da Ria. E começaram a encher as canastras. Eu sei lá, mais de trinta talvez! Os garotos amestrados no roubo do peixe, acoravam-se em torno e as sardinhas tiradas da margem da lota passavam a outros que as guardavam nas carapuças ou enterravam na areia, onde iam buscá-las ao fim da colheita.

— Ó malandro! toma cuidado, olha que te parto a cara — dizia uma das mulheres — Isto não é vosso, ouvistes?

Os rapazes afastavam-se para voltar de outro lado. E outros entravam em jogo.

— Isto chega para todos, disse um pescador que se aproximava. É para a ceia da gente miúda.

— Pois sim, mas é de mais! São uns desavergonhados!

— Marotos! Mariolas! regougou uma mais idosa. Canastras cheias e a caminho. A garotada seguia as mulheres para lhes apanhar os caídos e também para tirar com uma varita as sardinhas que iam nas bordas.

E tudo com uma ou outra frase mais áspera, mas sem zaragata de maior.

Nas outras lotas fez-se idêntica arrematação. Umas cestas ficaram na Torreira com sardinha e peixe de estimação para venda à gente da costa.

Foi nas vendedeiras que meu pai se abasteceu de uma caldeirada que chegou para o jantar e almoço do dia seguinte. Uma fartura que nos regalou a todos: sardinha, cavalas, lulas e um peixe galo, muito apreciado por meu pai.

Nesse mesmo dia, à noite, o compadre Sebolão mandou-nos uma corvina de avantajada corpulência, que saiu no segundo lanço. Minha mãe cortou-a em postas, para a salgar, e aguentar uns dias.

Só havia carne às terças e sábados, mas isso não fazia diferença. As provisões estavam garantidas até ao primeiro desses dias. Arroz, batatas, hortaliças e alguma fruta havia na tenda do Manuel da Rosa. Tudo corria pelo melhor no que respeita a abastecimentos.

No dia imediato, houve faina no mar, a dois lanços, por companhia, mas a sardinha escasseou. Depois o mar embraveceu e, por dias, não houve pesca.

Meu pai e o tio Augusto resolveram dar uns passeios de tarde a que nos associavam. O primeiro foi até aos cordeirinhos ao norte da costa. A Luciana e eu sabíamos do que se tratava, plantas rasteiras, assim denominadas, pela sua lanugem, que vegetavam nas dunas ao norte da Torreira. Convencemos o Miguel de que eram cordeirinhos brancos que andavam a saltar na areia. Ficou entu-

siasmado no propósito de se apropriar de um deles. O passeio foi bastante fatigante, mas íamos molhando os pés nas águas das ondas que subiam até nós, o que fazíamos com agrado embora com certo receio.

— É que isto não é o rio Gonde, dizia eu.

— Qual rio Gonde! Isto é água brava, sempre a mexer, a querer engolir-nos... comentava a Luciana.

Já se via ao longe um campo largo em que rastejavam as plantas algodoadas que pretendíamos alcançar.

— E os cordeirinhos? perguntou o Miguel.

— Estão além, respondemos perdidos de riso.

— Ainda não vi nenhum.

Quando nos abeiramos das ervas esbranquiçadas, já bastante longe do último barco da companhia do Norte, verificou o nosso ingénuo irmão o logro em que caíra e desatou em choro desesperado. Meu pai, tio e sobretudo a Lucianinha que manifestou junto dele uma ternura maternal, sossegaram-no com boas palavras dizendo que tinha sido uma brincadeira dos manos, coisa sem importância. Eu, menos razoável, continuei a rir, agora rebolando-me por sobre as plantas num desabrimento trocista que mereceu uma reprimenda áspera de meu pai, o que tranquilizou, por sua vez, meu irmão, vendo que eu também era censurado.

— Não compreendo, Augusto, como estas plantas só se dão nestas paragens. Desaparecem daqui a pouco a caminho do Furadouro e não se encontram para o sul da Torreira. O que há aqui a mais nas areias ou na atmosfera que determine este fenómeno?



AOS 19 ANOS

No primeiro ano da Faculdade de Medicina
da Universidade de Coimbra

— Talvez as não tenham plantado em outros sítios.

— Aqui também ninguém as plantou. Como vieram para estas areias?

Enquanto continuava esta digressão de topografia botânica, as pazes da gente miúda estavam definitivas e todos brincavam sobre o tapete das curiosas plantas.

— Agora vamos colher os mais bonitos cordeirinhos para levar à nossa mãe, disse a Luciana, o que foi aprovado com entusiasmo, passando nós a escolher as hastes mais vigorosas e mais longas. Ao fim, os três, saltávamos de contentes por saber quanto o ramo ia agradar.

Sentámo-nos a descansar. Meu pai e meu tio seguiram para o norte, mas nós não podíamos mais.

Logo que voltaram juntámo-nos todos a caminho de casa.

Falavam ainda sobre plantas emigradoras; mas os conhecimentos botânicos não chegaram para alcançar soluções claras.

Já o mar comungava a hóstia enorme e esbraçada do disco solar que descia, vagarosamente, para além das águas. O mar incendiava-se em clarões rubros; toda a superfície líquida, até onde a nossa vista alcançava, era oiro e sangue. Nem uma nuvem no horizonte. Uma poalha de púrpura subia em ascensão ao azul do firmamento. Havia irradiações mais largas das cores do espectro solar. Pelo ar havia fulgurações que logo esmoreciam; e as primeiras sombras da noite caíam sobre o mar, como manta colossal que o quisesse agasalhar. O marulho seguia sempre, mas mal se divisava já o quebrar das

ondas. Apenas manchas de espuma branquejavam aqui e além.

A noite junto ao mar tem aspectos tristes. Visitam-nos lembranças trágicas que, embora imprecisas, também perpassavam pelos nossos cérebros infantis.

Os meus velhos dissertavam sobre coisas mais graves e concretas. Recordavam o que sabiam de naufrágios, das grandes aventuras dos que foram às cegas, pelos mares nunca navegados, em busca de outros mares, de outras terras e de outros céus! A luta permanente entre o homem e o desconhecido, a inteligência e a ignorância, o valor e os monstros imaginários que havia a dominar.

E no negrume da imensidade surgia a alucinação de Neptuno, no seu carro flamejante, puxado a indómitos corcéis; Neptuno o rei dos Mares, senhor de segredos e ocultas riquezas, das pérolas e dos corais e também potentado das tempestades e das vagas alterosas. Caiu do trono quando os portugueses se apossaram do seu reino. Os heróis lusos destruíram a lenda do seu poderio, mas não diminuíram a ira revolta das ondas.

Quebrou-se o tridente, desapareceu o mito do Rei fantasma; mas outros se criaram à sombra dos receios e terrores que andam em torno do oceano...

Nós vínhamos pela praia molhada, mas sem contacto com as águas que recuavam em baixa-mar. As gaivotas cruzavam-se nos ares evitando a arrogância das ondas, preferindo o repouso da terra, poisando aqui e além, em pequenos bandos.

Era noite cerrada quando chegámos a casa. A miudagem vinha combalida da estirada que foi longa. Minha irmã subiu com os cordeirinhos que todos auxiliámos a trazer. Entregou à nossa mãe o desgraçoso ramo.

— Os cordeirinhos são muito bonitos, não são? disse a Luciana. Nós todos os apanhámos para lhos trazer.

— Muito lindos, disse a nossa mãe beijando os três e agradecendo-nos a boa lembrança. Vão já enfeitar a mesa.

E seguiu para a cozinha a arranjar uma espécie de jarra, objecto que tinha esquecido à vinda de Avanca. Serviu uma peça de louça escura de Molelos que, colocada sobre um prato de louça vidrada, apresentava um conjunto agradável com a brancura dos cordeirinhos. Bem armados, com os ramos um pouco separados e levemente orvalhados, davam o aspecto de uma caraminheira perlada de frutos.

A ceia todos louvaram a decoração da mesa com o que muito nos regozijámos.

— Depois de amanhã, domingo, disse minha mãe, temos de ir à missa a S. Paio. Já faltámos no que se passou, por estarem muito fatigados. Agora é que não podemos deixar de cumprir os deveres da nossa religião.

Meu pai ficou incumbido de saber a hora da missa e ver como se poderia harmonizar essa obrigação com o banho da praia.

— Se os pequenos têm pernas para ir aos cordeirinhos, disse minha mãe, também podem ir à capela de S. Paio. Não deve ser maior a distância.

Nisso todos concordaram. Decidiu-se que se iria primeiro à missa e no regresso se tomaria o banho.

No domingo fomos à capela, perto de meia hora de viagem através do areal. Foi uma pequena violência que a gente miúda suportou com coragem.

Ouvida a missa que foi rápida, pois nesse tempo ainda não havia a prédica do evangelho, e depois de ter retirado a maioria dos devotos que faziam cauda à porta da capela de exíguas dimensões, ficámos para ver o S. Paio pequeno, um santinho, de menos de palmo, preto avermelhado, que estava num altar do lado. Todos os anos pela ocasião da festa havia promessas de, se as sezões passassem, darem ao infeliz santo um banho de vinho numa tigela de barro vermelho que depois corria em redor pela família para beberem o líquido santificado. Atrás de uns vinham outros e nestas libações, de tipo pagão, se passavam horas. Hoje acabou a prática desses tempos, não sem protestos violentos dos amigos do santo milagreiro e da bebida dada em redor, havendo quem estivesse sempre pronto a receber os restos com as respectivas consequências.

E lá se foi a cantiga do meu tempo:

Ó S. Paio da Torreira
Ó milagroso santinho,
Hei-de cá voltar p'r'ó ano
Lavar o santo com vinho.

XIII

O RISCO DA PESCA

Depois, no regresso, o costumado banho.

O mar continuava ruim, mas ia decrescendo o desmando das ondas alterosas, prometendo próximos dias de pesca.

Diziam os entendidos que havia sinal de sardinha. Uma companha, supponho que a do arrais Sebolão, arrostou o mar, ainda agitado, no lanço das 11 horas. O barco com as cordas e as redes, correu o perigo, com a sua proa arqueada e a sua meia quilha, afrontando as águas. Daí a momentos ele desaparecia no vale das ondas para surgir altaneiro no dorso das vagas e voltar a ocultar-se da vista dos que o seguiam com ansiedade. Isto durou longos minutos. Em certa altura viu-se o arrais a fazer grande esforço para atacar de frente as ondas que, se batessem de flanco, poderiam voltar a embarcação. Mas vinham outras traçoeiras, de ressaca. Logo correu pela classe piscatória que havia barco em perigo. Tudo apareceu na praia. Não ficou viv'alma nos palheiros. Também saímos a ver o que se passava. Parecia que a população marítima decuplicara. Era uma vozeria vibrante que penetrava pelos ouvidos até às almas angustiadas. Velhos a clamarem, mulheres a barafustarem, crianças a chorar...

— Meu querido neto! Deus te salve!

— Ai, meu marido! Salvai-o, Virgem Mãe!

— Meu filho querido, meu arrimo! Senhora dos Navegantes valei-lhe!

— Senhora do Sameiro, amparai-o!

— Meu pai, meu pai! Os santos do céu te acudam!

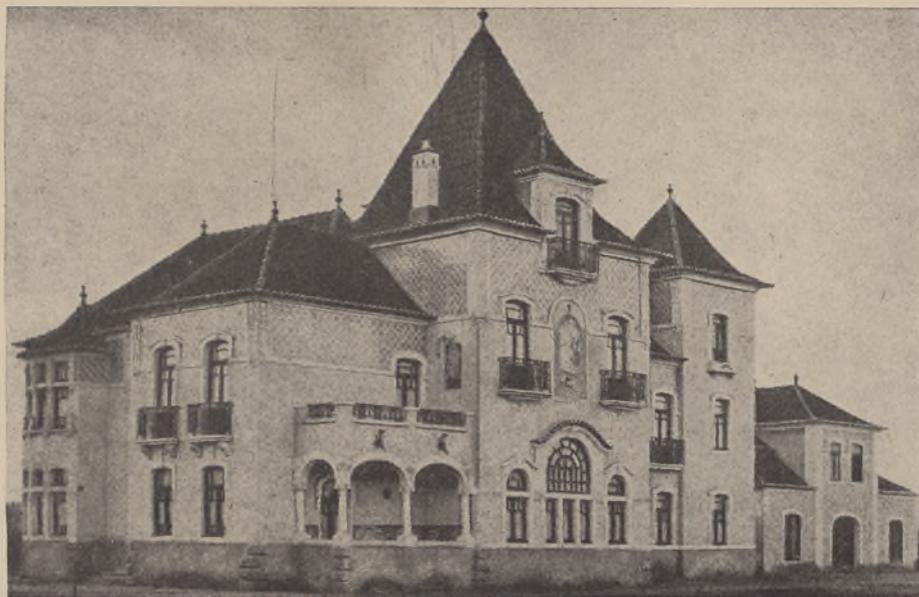
Num momento mais trágico em que o barco se escondeu por completo nas ondas, o alarido redobrou de intensidade. Em certa ocasião, parece que ia a atravessar-se. Os pescadores das outras companhas, nus da cinta para cima, amontoavam-se na praia para intervir lançando-se ao mar, apoiados na corda da rede, fraco auxílio, para a escalada das elevadas ondas.

A cena demorou e então já se ouvia uma ou outra imprecação contra o céu por os não ter ainda livrado da quebração do mar que, todavia, já não distava muito. Mulheres com máscaras de tragédia, arrepelavam as guedelhas emaranhadas. A meu lado ajoelhava uma pequenita, de saíta rota e olhos grandes, em que não cabiam as lágrimas, a atabalhoar orações pelo pai e pelo irmão.

A pouca distância, um pescador já idoso, dos que andam a remendar redes numa aposentação forçada, comandava as manobras a meia voz:

— Remem da direita. Força! Arrais, larga corda. Aproa à onda que vem da esquerda. Coragem! Ai Santo Cristo! Cuidado com esse mar! Arrais, quina à esquerda. Valha-te Santo António!

O barco foi seguindo sempre em perigo, mas bem conduzido galgou o banco da rebentação das ondas e entrou em melhor mar. Contudo na sua acidentada marcha, ora aparecia inteiro à tona das ondas, ora se



A CASA DO MARINHEIRO
(Reconstruída em 1915)

ocultava por entre montanhas de água. O alarido continuava, mas ia-se esbatendo num esmorzando reconfortante.

— Gente valente! disse meu pai com os olhos marejados. Também gostava de os acompanhar.

— Que loucura! disse minha mãe, que loucura! Coisas dessas não se dizem.

E a Luciana esboçou uma contração ligeira da face, só com a lembrança de que tal pudesse suceder.

Ficou toda a gente na praia à espera que o barco, depois de deitar a rede, trouxesse a corda para terra.

— Foi além, sr. Fernando, foi além, e apontava com o dedo um local não longe daquele em que entrara o barco, que há dois anos se voltou um barco da companhia do sul e lá morreram três, salvando-se a custo os que puderam nadar para terra. Isto é muito perigoso. Triste vida! Mas eu não quero outra... — disse um alentado mocetão.

Também nos demorámos na praia seguindo o barco já muito ao largo com os nossos olhos ávidos de o ver de regresso.

Passadas umas duas horas a embarcação, que aproara à terra, atravessava o ponto da rebentação das ondas e, desta vez com sorte invulgar, em poucos minutos chegava à praia. Houve regozijo geral, abraços, beijos, uma comoção familiar intensa a que se associavam os amigos. Era, como sói dizer-se, de comover as pedras!

A rede foi puxada. Trabalho de gado e por fim de homens na ajuda final. Não valera a pena. O saco pouco

pescado trouxe. Tanto risco, tanta ansiedade e, no resto, uma mão cheia de sardinha com bastante caranguejo para escasso.

Naquela tarde, e até no serão, não se falou doutro assunto.

Antes de deitar, minha mãe, tomando ar solene, ordenou:

— Pelos que andam sobre as águas do mar, padre nosso...

E todos o recitámos em voz alta, com profunda unção, para que não se repetisse a cena angustiosa que havíamos presenciado.

No dia imediato, tínhamos já tomado banho quando vimos aproximar-se o tio Abade, sorridente, gracejador, agarrado à sua vara de marmeleiro. Vinha visitar-nos.

— Até que enfim, disse-lhe minha mãe, recebemos a anunciada visita! Tem agora de compensar a demora, ficando connosco uma semana. Olhe que o seu afilhado e irmãos já andavam a estranhar...

Todos nos encastelámos em torno do meu padrinho que tinha uma palavra amiga para cada um de nós, um sorriso para cada uma das nossas impertinências e embora sem grande convicção, ia condescendendo a todos os pedidos e solicitações.

— Não, tanto tempo não pode ser.

E dirigindo-se a nossa mãe:

— A mana terá que me aturar por uns três dias.

— É muito pouco, mas mais vale pouco do que nada.

— É pouco, muito pouco, dissemos em coro. Tem de ficar uma semana.

Meu tio amava as crianças por índole e muito mais a nós por vínculos de família. Brincávamos com ele como se fora da nossa igualha. Não era ele, mas meus pais que nos metiam na ordem, quando exagerávamos os nossos arrebatamentos.

Muitas perguntas ele nos fez. Se tínhamos conversado com as sereias, se já tínhamos nadado no mar largo e, apertando-me a garganta, perguntou muito a sério, se eu já tinha gueltras, coisa que não compreendi sem uma explicação.

— O tio está a galhofar comigo, disse-lhe sorrindo.

A conversa foi interrompida pelos manos que gritavam:

— Lá vêm o nosso pai e o tio Augusto!

Com efeito tinham-se afastado a conversar com uns amigos e regressavam ao ponto onde nos tinham deixado. Foi uma nova demonstração de cumprimentos, de exclamações vibrantes, a que nos associámos com palmas e outras manifestações que os anos e a nossa estima pelo bom Abade justificavam.

Em breve seguimos para casa, onde o meu padrinho já tinha deixado uma pequena maleta com o breviário e os preparos de *toilette* indispensáveis.

O almoço foi opíparo naquele dia. Lulas de caldeirada e bifes de boa carne que desafiavam os mais anoréxicos. Todos comeram com desusado apetite. Como sobremesa um bom colhete de marmelada que rápida-

mente desapareceu. E foi o Abade quem aproveitou o melhor quinhão. Não bebia, nem cheirava, mas o doce era o seu fraco.

Interrompo por momentos o relato que venho fazendo para contar um episódio sucedido muito mais tarde em Pardilhó.

Minha mãe, que ao tempo também ali vivia com o Miguel e comigo, tinha feito, por ocasião do Natal, três travessas de chila, para distribuir pelas três casas dos parentes de Avanca: Outeiro, Telhado e Areia, como era da praxe. Em certas épocas do ano, cada uma das famílias mimoseava as outras com um doce, diferente para cada casa, mas sempre o mesmo na decorrência dos anos. O Marinheiro, nesse tempo deslocado para Pardilhó, continuava com a tradição.

Minha mãe, excelente doceira, aprimorava-se em enviar, como de costume, uma travessa de chila que não desmerecesse da dos anos anteriores.

Depois de aprontadas colocou-as numa papeleira que estava numa despensa especial em que havia um armário de reservados: doces secos, compota, marmelada, vinhos finos, etc. Ali foram dispostas as três travessas, que regulavam pelo mesmo tamanho, à espera de, no dia imediato, serem enviadas para Avanca.

Meu tio passou da casa de mesa, depois do jantar do meio-dia, como era de uso na aldeia naquele tempo, para o quarto onde fazia a sesta. Foi pelo corredor para onde deitava a porta da pequena despensa. Lá estavam as

três travessas a tentá-lo, doiradas, provocantes! Não resistiu. Voltou a buscar um palito, no propósito de fazer uma prova que, aliás, já tinha feito, pois minha mãe, conhecendo-lhe o fraco, contemplara-o na véspera com uma amostra. Tirou um bocadinho da primeira travessa. Magnífico! Mais um bocadito, outro a seguir, e afinal... foi a travessa toda!

Arrependeu-se, mas o mal estava feito; como pequeno de escola que tivesse praticado uma maldade, caladinho, foi a caminho do quarto onde fez um sono regalado.

Ao levantar-se, dirigiu-se sorrateiramente para o escritório onde uns paroquianos lhe pediram informações sobre papéis para um próximo casamento.

Quando ficou só, entrou minha mãe, toda zangada, de braços cruzados:

— Então, mano Abade, faz-se uma coisa destas?! As travessas haviam de ir amanhã, de manhã, para Avanca, e já vão um pouco atrasadas, e o mano, pois não podia ser outra pessoa, leva de uma assentada uma delas! Até lhe pode fazer mal.

Meu tio não levantava os olhos de uns apontamentos que estava tirando. Sentia-se vexado. Por fim, enchendo-se de coragem, e sem poder conter o riso, comentou:

— Que quer! Coisas do diabo! É que a chila está uma delícia. Não me contive. Também deixar meia travessa não valia a pena. Foi toda. Agora, tenha paciência, faça outra de maneira que sigam amanhã as três travessas como tinha decidido.

— Ora valha-me Nossa Senhora! Bem, tudo se há-de arranjar.

Minha mãe passou à cozinha que era ao fundo do corredor para onde dava a porta do escritório, monologando sobre o inesperado acontecimento.

— Devo muito ao mano Abade, é o amparo dos meus filhos e até o meu, mas isto passa as marcas! Uma travessa de chila sobre o jantar!...

Quando minha mãe ia a descer os dois pequenos degraus que davam para a cozinha, ouve-se a voz de meu tio que, com os óculos a escorregarem da ponta do nariz, da porta do escritório, lhe despede esta advertência:

— Ó mana! Veja lá! Não se esqueça do meu lembrete!

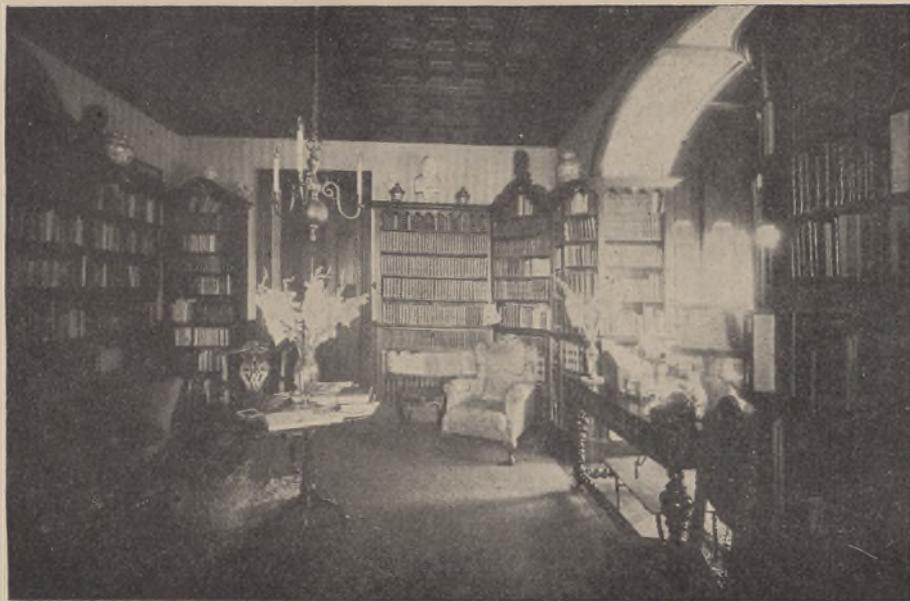
E tudo terminou numa risada que minha mãe rematou assim:

— Esteja descansado; mas queira Deus que a asneira de hoje lhe não dê alguma indigestão. Olhe que a sua vida é a vida de todos nós...

Descrito este episódio, voltemos à Torreira, à minha idade infantil e à excelente camaradagem familiar que sou o último a referir.

Depois do jantar, o Abade foi para a sua sesta, a pequenada desceu para a rua e os restantes ficaram a conversar.

Daí a pouco, todos se juntaram para ir ver a faina da pesca, à espera das redes. O mar estava brando e as safras foram quase regulares. Continuámos a ter presentes



CASA DO MARINHEIRO
Biblioteca

de peixe grado, muito apreciado naquele dia por minha mãe, pois o Abade não gostava de sardinhas, mesmo nessa época do ano em que são gordas e saborosas.

Os dias em que lá estive o tio Abade, decorreram com mais alegria. Tinha uma boa disposição que a todos agradava.

— Se o João António aparecesse, estaria a família completa! comentou meu pai.

— Não lhe faltaria vontade; mas carece de assistir ao resto das vindimas de Lobão, disse o tio Augusto. Ainda ontem recebi carta dele.

— E a colheita? perguntou o Abade.

— Na quinta, boa, na Infesta e nas outras vinhas medíocre. O sol queimou muita uva.

— E não nos mandaste a prova, disse o Abade.

E, virando-se para nós:

— São favos de mel!

— As de mesa, de Avanca, também não são más. comentou a Luciana.

— Nem para criadas! Ó Augusto! ainda está boa a cepa que dá as uvas de «dedo de dama»? Uma beleza de cachos! Mas esses não se cortam de uma vez, ficam na parreira do eido para as sobremesas do princípio do Inverno. E que beleza de videira! Só ela dá uma latada!

— Lá estão e famosas, às tuas ordens. Às vezes vão até Dezembro. Bem podias ir a Lobão de vez em quando.

— Se eu tivesse a tua vida...

No dia imediato deixou-nos, pois tinha afazeres paroquiais a que não podia faltar. Os irmãos acompa-

nharam-no até ao barco que fazia a ligação com Pardilhó e nós ficámos por muito tempo a acenar-lhe com os lenços.

— Em breve estaremos de novo juntos, no Marinheiro, disse à despedida.

Fez-nos falta o seu constante bom humor e a sua grande bondade em nos aturar.

Na semana seguinte, começaram os preparativos para a volta. O mesmo trabalho, as mesmas canseiras, as mesmas preocupações com a repetição das cenas para o regresso à Ribeira de Mourão e à nossa Casa. Tudo se fez, porém, com relativa facilidade. Houve boa maré na ria, mais segurança na viagem, menos preocupações pela incerteza da chegada.

A adaptação ao lar, também nos trouxe contentamento. Havia coisas que pareciam novas e a pequena quinta foi percorrida de lés a lés no propósito de tudo vermos e inspecoirmos.

O pior era a partida da Lucianinha para Arouca que o tio Augusto acompanharia na diligência que então ligava Estarreja àquela vila, e a minha ida para Pardilhó onde o Padre José Ramos pedia a minha presença, pois havia muito a estudar para o primeiro exame de instrução primária, indispensável degrau a escalar na carreira das letras.

Tudo se fez com tristeza e protestos de repetida correspondência que até por dificuldade de redacção da minha parte, nem sempre era assídua. O mano Miguel continuou a frequentar a aula do padre Manuel Garrido e o ano decorreu tranquilo sem acidentes de maior.

Tinham-me feito em Pardilhó juiz da festa de S. Pedro, o que me envaideceu; mas os trabalhos foram para meu pai que sabia tratar dessas coisas no campo profano e religioso. Lembro-me que o meu tio Abade recebeu a família e alguns amigos na sua casa, recentemente melhorada, no dia 28 de Junho. Houve fogo preso, desafio entre duas músicas de nomeada e também estrondoso fogo do ar. Fez-se um palanque para os convidados, e eu sentia-me feliz com meu irmão Miguel, na noitada do arraial que durou até tarde sem que o sono nos visitasse.

No dia seguinte, sumptuosa festa de Igreja com música, cantoria e sermão a que se seguiu a procissão até à Senhora dos Remédios. Sei que ia imponente, de opa vermelha e bastão de prata que me competia como juiz do orago da terra. Meu irmão seguia-me de perto, também com opa igual, mas sem o emblema do mando que afinal não passava de uma adorável ficção. Lembro-me hoje de muitas particularidades que não merecem relato, da véspera e do dia do padroeiro. Era a melhor noite de Verão! Muitos anos depois, na véspera de S. Pedro, tive a boa sorte de alcançar a primeira angiografia cerebral no homem. Decididamente o dia 28 de Junho deu-me satisfações pela vida fora!

XIV

O PRIMEIRO EXAME

Aproximava-se a época dos exames. Foi em Estarreja, na Escola do Conde de Ferreira que tomou para mim, nessa hora tormentosa, proporções universitárias.

Fomos a cavallo. O Abade e o Padre José à frente, em éguas bem ajazadas. Eu, atrás, sorumbático, num garrano de bom comportamento que custava a acompanhar os outros animais. Os dois cavaleiros conversavam e eu entregava-me às meditações de candidato mal seguro, prestes a entrar em contacto, pela primeira vez, com a raça tremenda dos examinadores.

Chegámos enfim à vila. Os animais alojaram-se num pátio de pessoa amiga e seguimos a pé até à Escola. Pouco falei.

— Agora ânimo, disse meu tio.

Era aquilo que eu menos tinha. As pernas tremiam-me, levava a alma alanceada de receios.

O Padre José foi ver a pauta. Lá estava o meu nome por inteiro.

A chamada começou a fazer-se vagarosamente. Chegaram ao meu nome. Sentei-me na carteira que me pertenceu. Ainda hoje a localizaria!

A primeira prova foi o ditado, em que me sentia menos forte. O sr. Inspector escolar é que nos leu, pausadamente, um trecho simples de um dos livros escolares.

A prova não me correu mal. Depois vieram contas que fiz com segurança. Dias depois a prova oral. Por fim premiaram-me com uma distinção!

O Mestre e o meu tio deram-me os parabéns e eu senti-me feliz e vaidoso como se tivesse alcançado um grande triunfo na carreira académica.

— Bom prenúncio, diz o Abade. Vamos a ver agora o que faz no colégio.

E explicou ao Padre José o que se passava sobre a minha entrada para S. Fiel. Já tinha escrito para os padres. Eu ia a caminho dos 11 anos e por isso muito a tempo de ser admitido. Os 12 era a idade limite. Tinham-lhe mandado a nota das roupas, artigos de *toilette* e mais coisas que era preciso levar. A batina, a estola encarnada e o boné especial do uniforme seriam feitos na oficina do colégio. E concluiu:

— Sem grande disciplina não há boa educação.

— Os jesuítas sabem ensinar, retorquiu o Padre José.

— E tanto que os preferimos aos outros educadores.

Mas às vezes receio pela saúde do Antoninho...

— Não, ele é forte. Dava que fazer lá no recreio da escola a outros da sua idade. Apanhava às vezes mas porque era brigão e queria ombrear com os mais velhos. Não tenha receio, sr. Abade! Além disso o colégio é higiénico, encravado nas serras, com bom ar e excelente água de fontes de granito, a melhor que há.

— Vou hoje dar à mãe o rol das roupas que há a fazer; porque o rapaz tem de entrar em 1 de Outubro e o tempo urge. Vai-me fazer falta o demónio do pe-

queno! É garoto, mexido e, por vezes, traz-me a casa em alvoroço. Mas é muito amigo e animado. Enchia a casa de alegria. Não se lhe podia dar muita confiança; mas era condescendente e delicado. E os olhos encovados do Abade não souberam esconder as saudades que já o assediavam.

Chegados à aldeia, preparámo-nos para ir dar, a Avanca, a notícia aos pais, e meu tio anunciou-me que agora ficaria no Marinheiro até à saída para S. Fiel. Recomendou-me que escrevesse ao Padre José a agradecer o que fez por mim e a manifestar-lhe a minha gratidão.

— Mais lhe devo a si, tio Abade! E abracei-o.

Esta frase, que saiu numa explosão de reconhecimento, numa hora de inesquecível satisfação pelo resultado do exame, comoveu meu tio. Andava naquele dia com o seu complexo emotivo em bolandas, preso sempre à tristeza que lhe ia causar a minha ausência.

No Marinheiro foi um delírio o meu aparecimento com uma distinção no exame. A mãe, o pai, o Miguel, as criadas e o Romão associaram-se à manifestação. Meu pai, levantando-me nos braços, disse:

— Hoje estás desta altura! Agora é continuar para satisfação de teu padrinho e de nós todos!

Minha mãe e o tio Abade que me tinha acompanhado, cochichavam sobre peripécias do exame.

O Romão em cabelo, de camisa rota, calças remendadas, as mãos calejadas do trabalho rural, não se teve que não dissesse alto, com a mão direita no ar:

— Viva o nosso sr. Antoninho!

Ouvi então o Abade dizer a meu pai em meia confidência:

— O rapaz vai longe, o rapaz vai longe! Até os examinadores, com o Agostinho Leite à frente, o felicitaram à saída!

Estávamos nas férias grandes. Não tardou que minha irmã viesse do Convento. À sua chegada arranjámos um arco à porta da entrada, com festões de buxo a circundá-lo semeado de flores e profusão de bandeiras de papel de cores, que fomos arranjar ao Lamarão. Quisemos comprar foguetes, mas meu pai não consentiu. Podíamos queimar.

— Nada, nada. E chamava a atenção dos vizinhos. Haviam de julgar que era alguma rifa! E tu Miguel, que és o mais entusiasta pelos foguetes, não queres que te rifem, não é verdade?

— Mas queria os foguetes! Sempre era outra coisa...

Para a recepção vieram os amigos da vizinhança, a Marquinhas da Areia, a Margarida, os irmãos que ainda não andavam no trabalho e alguns mais. Quando minha irmã chegou na cadeirinha em que um pacato cavalito a trouxera da paragem da diligência de Arouca, houve satisfação ruidosa de palmas e vivas.

A prima Natividade, sua companheira e mentora no Convento, ficara na Areia, a pequena distância da nossa casa. O Romão trouxe à arreata o animal para evitar qualquer transtorno e também se associou à festa com farto vivório.

Minha mãe adiantou-se e, como forte serrana, pegou ao colo na minha irmã que acariciou com a habitual ternura.

O resto adivinha-o o leitor. Do pai, dos irmãos, das amigas, e em especial da Marquinhas, grandes manifestações afectivas. Minha irmã agradeceu a linda recepção e o arco que estava uma formosura, com as rosas e as bandeiras de muitas cores.

— Só faltaram os foguetes, acrescentou o Miguel, mas o pai não quis...

— Não faltou nada, disse a Luciana. Tudo está muito bonito e todos foram muito amigos.

A gente do Domingos da Areia juntou-se quase toda!

— Fico muito reconhecida. Muito obrigada.

Já dentro da sala de visitas para onde nos encaminhámos, minha irmã, fitando-me, disse:

— Com que então distinto! Lá no convento todos me deram os parabéns. A Madre Abadessa, a D. Ana, a Maria Rosa... A prima Natividade não se cansou de me afirmar que fora o divino Espírito Santo que te inspirou...

— Foi porque estudei muito. O Padre José não me largava com ditados, problemas, operações...

A Lucianinha afirmava:

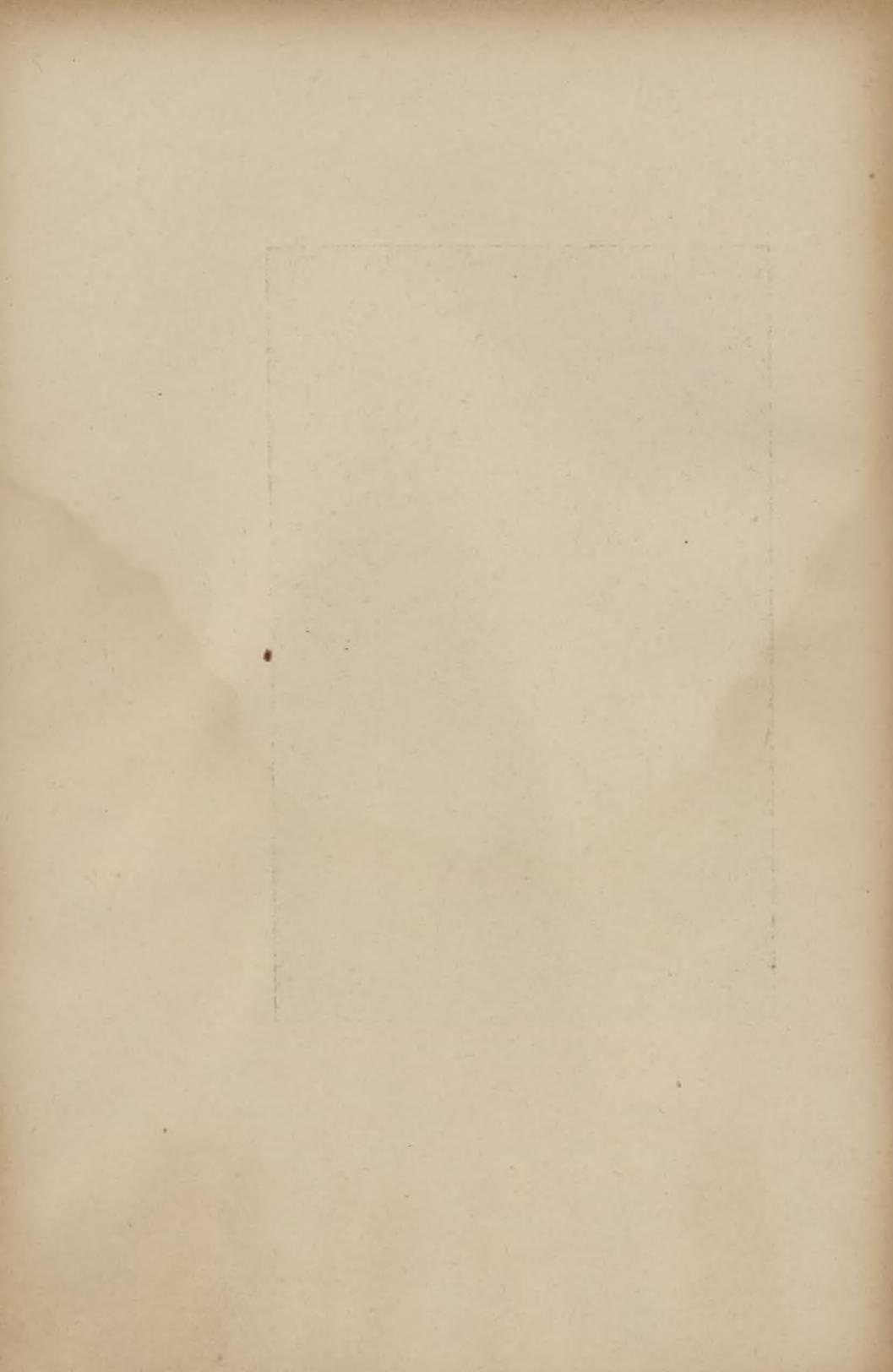
— Tens de ser um grande homem!...

Dois dias depois, minha mãe chamava a Lucianinha para o seu lado a fim de lhe mostrar o muito que havia a fazer no enxoval que eu tinha de levar para o colégio e que havia de estar pronto no fim de Setembro.



CASA DO MARINHEIRO

Sala de jantar



— Um ror de coisas, sabes lá! E ia enunciando: tantas camisas, tantas camisolas, lençóis, toalhas... Um nunca acabar!

— Já mandei vir do Porto, pela recoveira, uma peça de pano branco, e muito temos que trabalhar.

— Coitada da mana! acrescentei eu. Estuda no Convento e, em férias, costura cá para o figurão...

— Que ficou distinto, disse a Luciana, levantando-se e fazendo-me uma reverência em grande estilo.

— O que é preciso é não descer do posto, comentou minha mãe. Sempre distinto, ouviste?

Ouvira isso já muitas vezes, aos pais, aos tios, aos primos que me felicitaram. Tinha sido um grande acontecimento! Houve até quem me comparasse ao primo José Maria, da Casa do Telhado, que fora um portento como estudante. A tuberculose ceifou-o quando ia a entrar na Universidade.

Por fim já me faltava a paciência para aturar tantas estimulações: estudar muito, ser bom camarada, fazer sempre boa figura...

As férias passaram-se muito agradavelmente com as primas da Areia e do Outeiro mais da nossa idade e o bom convívio da gente graúda da parentela sempre atenciosa e afável. Revivem na minha memória os novos e os velhos. Dos novos, que envelheceram comigo, restam apenas uma prima em Avanca e outra, Madre da Ordem dominicana. Lembram-me todos os velhos desse tempo. Da casa do Outeiro os filhos do meu tio-avô João de Rezende, o velho Morgado António Tomás de Abreu

Freire de Almeida Valente, padrinho do meu Miguel, a D. Luciana, sua irmã, madrinha da Lucianinha.

Do Telhado conheci algumas das Senhoras, filhas de meu tio-avô José de Rezende, D. Ana, D. Maria Custódia, madrinha do Miguel e a D. Margarida, a mais nova, viva e alegre e muito dedicada a minha irmã.

Tudo desapareceu. Já nem a casa resta e tinha algum interesse, por ser de construção antiga. Da Areia, das três Casas a mais próxima do Marinheiro, recordo o Dr. José Maria de Lima e Lemos de Almeida Valente e a prima Hedvigés, sua esposa... E por aqui me quedo na enumeração.

Neste agregado familiar nunca medraram as ervas daninhas da inveja, da vaidade ou mesmo da emulação. Durante mais de dois séculos não consta que houvesse dissídios entre os seus componentes.

No Marinheiro havia grande azáfama para que as minhas coisas se adiantassem. A máquina galgava as costuras, accionada por minha mãe e minha irmã, e tudo levava bom rumo para estar concluído no prazo previsto.

Da Murtosa também iam dois alunos para S. Fiel. Todos íamos pela primeira vez.

— Já me propuseram, disse o Abade, ir uma pessoa levar os três rapazes. É uma economia, é certo. Mas neste primeiro ano eu desejo acompanhar o Antonito. Quero ver o colégio, saber do tratamento, das aulas que vem a ter, etc. Arranjarei uma desculpa para o padre Fragoso

que foi quem me falou no assunto. Prefiro levar o pequeno, sem outra companhia.

Depressa passaram os dias para a partida. A Luciana sairia a seguir, com a prima Natividade, para o Convento de Arouca. Minha mãe ficava apenas a cuidar do Miguel que frequentava a aula primária de Avanca.

Os pais só são verdadeiramente felizes com os filhos na meninice. Emigram céleres e, embora presos de saudade à família, vão seguindo o seu rumo para a independência da vida.

A Luciana em Arouca, eu em Castelo Branco, meu irmão na aula do Padre Manuel Garrido... O ninho estava quase vazio.

Foi o querido padrinho que me levou à estação do Peso, na Beira Baixa, donde passámos a uma diligência que levou muitas horas até Castelo Branco. Dali fomos a caminho da Covilhã. Saímos, no percurso, numa pequena povoação, a Soalheira, e depois a pé até S. Fiel. Uma das mulheres que esperavam na aldeia os fregueses do Colégio levou o meu avantajado baú de lata. Eu seguia um pouco estonteado de tão longa viagem e cheio de medo do que iria passar-se. O coração passou a bater mais apressado quando divisei o casarão do Colégio por detrás de uns eucaliptos que aformoseavam a entrada.

Chegámos. Tomaram conta da reduzida bagagem e entrámos, à direita, numa pequena saleta que ouvi denominar «sala das visitas».

— Vou avisar o senhor Subdirector, disse um homem também de sotaina, mas que não era padre, pois notei

que não tinha coroa. Não tardou a aparecer um padre alto, trigueiro, marcado das bexigas, com o barrete puxado para trás, no alto da cabeça, e que se dirigiu a meu tio, que declinou a sua identidade:

— Sou Abade de Pardilhó e venho trazer-lhes o meu sobrinho e afilhado António sobre quem já troquei correspondência, suponho que com Vossa Reverendíssima.

— Ah! Já sei. É o padre Caetano de Pina Rezende, abade de...

— Eu próprio. Desejava ainda hoje seguir viagem e por isso queria algumas informações.

O padre Subdirector foi-nos conduzindo para o escritório.

De passagem, vi em frente a casa de estudo onde se alinhavam as carteiras com os alunos. Ao fundo, uma espécie de púlpito onde estava o perfeito-vigilante.

No escritório, o padre Subdirector esclareceu meu tio, entre outras coisas, sobre alimentação.

— Só tem a pagar de extraordinário o vinho, se desejar que lhe seja fornecido.

— O rapaz não bebe.

— A alteração alimentar só é feita se o clínico do colégio, Dr. Chorrão, a prescrever; mas o seu sobrinho não carece disso. É forte e aparenta saúde. A comida é sãdia. Mas o médico observá-lo-á no próximo dia de consulta e dirá a última palavra.

— Eu desejo satisfazer o primeiro trimestre ou o que Vossa Reverendíssima indicar.

Fizeram as contas. No fim disse-me o Subdirector:

— Fica com o n.º 66. E escreveu-o num livro avantajado, depois de exarar o meu nome e filiação que o padrinho lhe ditou.

Em seguida meu tio abraçou-se a mim para me animar, mas com pouca coragem. A comoção dos dois era superior às conveniências do momento.

— O sr. Abade quer tomar alguma coisa? disse o Subdirector.

— Muito obrigado. Arranjei condução para daqui a pouco. Vou ficar à Covilhã a casa dos padres Grainhas e amanhã vou na diligência para a Guarda, onde tomo o comboio da Beira para a Pampilhosa.

E despediu-se. Ia cheio de saudades minhas.

Eu acamaradei em breve com alguns companheiros, mas não se desanuveava o pensamento da família querida e da aldeia que ficava lá tão longe, perdida nas planícies risonhas de Beira-Ria.

Só chorei quando me deitei na minha cama de ferro na extensa camarata. A diminuição da luz de petróleo mergulhara-a numa penumbra que me causava receios, apesar da numerosa companhia. Um padre passeava ao longo da sala em vigilância. Todos me lembravam naquele momento de forçado recolhimento. A mãe, o pai, a Luciana, o Miguel, os tios... e sentia uma opressão aflitiva a pesar-me sobre o peito. Levantei-me um pouco na cama, mas vendo o vulto do padre, que ia voltar-se no seu constante passeio, recolhi-me de novo. Adormeci bastante tarde. De manhã, ao bater das palmas, senti

entoar as primeiras orações matinais que me levaram a pensar, ainda estremunhado, que estava mais num convento do que num Colégio.

Depois de nos vestirmos, fomos para a missa, diàriamente obrigatória, e, em seguida, o almoço de pão e abundante chá mal açúcarado, e sala de estudo.

As primeiras aulas para o exame de admissão ao liceu mostraram-me que o sistema de ensino era diferente; mas não foi difícil a adaptação.

Em seguida ao jantar, ao meio-dia, o recreio. Relacionei-me logo com os patrícios da região, os dois murtoseiros, em que já falei, e tinham chegado antes de mim. O Manuel Rebimbas, mais tarde jesuíta, grande humanista e director de um Instituto de Altos Estudos filosóficos e teológicos que a ordem tem em Braga, e o Francisco Valente, que veio a exercer a sua profissão de padre na Murtosa. Com ambos me dei bem; mas tinha maior afeição pelo Rebimbas, inteligente e instruído, que encontrei duas ou três vezes nos últimos anos da sua vida. Lá fui seguindo os estudos com regular aproveitamento. Fiz exame em Castelo Branco. Tive 14 valores.



CASA DO MARINHEIRO

Salão

XV

COLÉGIO E FÉRIAS

Feitos os exames, as férias. Desta vez arrancharam os três regionalistas, tendo como guardião o Padre Frágoso, do Ribeiro da Murtosa.

A minha chegada, grande manifestação de toda a família, satisfeitos por ter galgado mais um obstáculo na carreira. Só o Abade não se teve que não dissesse:

— Estimei que passasses, mas olha que esperava uma distinção. Vê agora o que fazes para o ano que vem!

— Mas passou, mano Abade, e com boa nota. Já não foi mau! disse minha mãe.

As férias decorreram em justificado contentamento, na Casa do Marinheiro, onde eu contava muitas coisas do Colégio, sendo muito provável que tenha havido exageros no entusiasmo das descrições.

Os dois meses passaram rápidos no convívio amigo dos três irmãos, dos pais e dos tios. Foram as férias mais alegres que tivemos. As pequenas da Areia e do Outeiro acamaradavam muito com minha irmã e as mais novas connosco, em mútuas visitas e na alegria comum de brincadeiras e de jogos. Minha irmã e as suas companheiras isolavam-se um pouco, supondo-se já de outra jerarquia, quase senhoras, pessoas graves, com outros propósitos e mais elevadas conversas. Nós, que passámos à categoria de arraia miúda, troçávamos por vezes da sua compostura fictícia e da sua altivez porventura imperti-

nente. Mas dentro dos limites que os velhos nos impunham, embora nos dessem razão.

Não havia um serão que não estivéssemos juntos, na algazarra comunicativa que a todos aprazia. Por vezes uma admoestação maternal, suave, de minha mãe ou da prima Hedvigés que se desvaneciam em ver-nos, e tudo seguia na costumada camaradagem. Noites não mais esquecidas, especialmente as das Casas da Areia e do Marinheiro que, por estarem mais próximas, permitiam mais fácil contacto.

Não tardou novo apartamento. Minha irmã para Arouca, eu para S. Fiel, com as mesmas saudades e tristezas.

Mais um anoolveu. Fiz os meus exames liceais, ao tempo singulares, com algumas distinções que a todos deram satisfação e, em especial, ao meu padrinho, que começava a orgulhar-se do afillhado.

No fim do ano foi designado meu pai para ir buscar-me e aos companheiros da Murtosa. Assistiu à distribuição dos prémios. Houve récita e entrei com dois condiscípulos numa pequena exhibição de que nos tinham incumbido, coroada de êxito no bom assentimento que dominava a assistência.

Um dos professores passou à enumeração dos prémios, *accessits*, medalhas e diplomas, que eram entregues pelo Governador Civil de Castelo Branco que presidiu à cerimónia. Chegaram às disciplinas do meu ano. Tive três medalhas, se a memória me não atraiçoa. Quando pronunciaram o meu nome pela primeira vez, como pre-

miado, meu pai exultou de contentamento; mas à segunda e terceira vez não se teve que não dissesse qualquer coisa do seu filho, aos vizinhos do lugar, pelo que estes o felicitaram. No fim, quando já liberto das vestes colegiais, tomámos lugar na carruagem que nos levou à diligência de Castelo Branco para a Guarda, disse-me:

— Assim, dá gosto ter um filho!

A mala-posta ia subindo, a custo, uma íngreme ladeira para a cidade. Era cedo e o sol mal despontava, dando uma poalha de luz cendrada num vale profundo que nos ficava à esquerda. Sobre a estrada caía a sombra da montanha que nos ladeava à direita. Apesar de estarmos em fins de Julho havia frio. Meu pai, por cautela, trouxera um xaile-manta. Agasalhou-me, enquanto eu dormitava, embalado num sonho movimentado em que tinham largo quinhão as brincadeiras do Marinheiro. Meu pai conversava com o Dr. Brás, professor de Direito em Coimbra, que vinha de presidir aos exames liceais de Castelo Branco. Era da usança desse tempo os júris dos liceus serem presididos por mestres do ensino superior. Também, mais tarde, me coube, por vezes, esse mister.

Almoçámos na Guarda e partimos para a estação onde tomámos o comboio que nos levou à Pampilhosa. De lá seguimos na linha do Norte para Estarreja, pois nessa época ainda não havia paragem em Avanca. Viagem longa e fatigante; mas à maneira que nos aproximávamos de casa, mais vibravam os meus nervos, no desejo de abraçar minha mãe e meus irmãos.

Meu pai, à chegada, relatou com exuberância de frase os meus triunfos e fez, em ar de confiança, os melhores prognósticos sobre o meu futuro. E quantas coisas eu teria ainda de passar até à maturidade da vida!

O Abade não tardou. Viera a cavalo de Pardilhó. Meu pai repetiu-lhe o que ouvira na sessão e descreveu-lhe as sensações que tivera quando pronunciaram o meu nome uma, duas e três vezes, para me atribuírem prémios, medalhas que me colocavam ao peito e brilhavam como estrelas (era sua a frase) no negrume da roupeta.

O Abade chamou-me para me acarinhar.

A história foi contada e recontada aos parentes e vizinhos que já deviam andar fartos de tantos louvores ao menino. O meu padrinho também fez em Pardilhó a propaganda dos meus triunfos, e o padre José Ramos, o meu primeiro mestre, comoveu-se com a descrição do sucesso que tivera no Colégio.

E assim começaram as férias. A Luciana, que já tinha chegado do Convento de Arouca, estava bastante crescida, magrinha e esbelta, com um brilho suave no olhar e as rosetas do rosto carminadas. Mas andava sem apetite e estava um pouco adoentada. Abraçou-se a mim com a ternura e amizade que sempre nos uniu. O Miguel também se comprazia com as honrarias que me tinham concedido e todos três fazíamos votos pelas felicidades futuras da irmandade. Meu irmão também fizera um bom exame de instrução primária elementar.

Meus pais decidiram não mandar mais minha irmã para o Convento. O resto da sua educação far-se-ia em

casa nas condições que fosse possível. Conseguiu-se um professor de piano, de Oliveira de Azemeis, e para outras disciplinas pensava-se em outros mestres que estavam em vista.

— Acima de tudo é preciso teres saúde, disse meu pai.

As férias decorreram regularmente, com alguns cuidados por causa da saúde da Lucianinha que, apesar de doente, não esquecia o seu piano nem os seus bordados a que dava especial cuidado: a branco, a matiz, a mis-sanga... Uma actividade a que minha mãe se associava com prazer, pois também fora educada nesses passatempos de embelezamento do lar. Nós, os rapazes, acamaradávamos com outros da nossa idade, em cujo número entravam os Corte-Reais, António e Francisco, muito da nossa estima, em passeios e discussões próprias da primeira mocidade. Com as primas da Areia e Outeiro, os habituais jogos de prendas que continuavam a ser o forte das reuniões familiares, nessa época já a cargo da gente moça.

Tudo passou, porém, mais depressa do que desejávamos. O Outubro bateu-nos à porta quase sem darmos por isso.

Voltei para o Colégio, o Miguel continuou a preparar-se para a admissão ao liceu e os cuidados da família começaram a concentrar-se em torno da minha irmã. Havia uma grande preocupação sobre a sua saúde. Além dos dois clínicos da aldeia, foi a uma consulta a Ovar. Depois ao Porto. Nada lhe faltou. Meus pais foram

muito além das suas posses. Vieram os auxílios dos tios Augusto e Abade. Este pagava-me as mesadas no colégio; ao tio Augusto tinham-lhe pesado as pensões que dava no Convento, não podia agora contribuir com largueza; mas ainda assim foram generosos.

As nossas cartas, minhas e da Luciana, amiudaram-se. Eu animava-a, falava-lhe com entusiasmo nas peripécias do colégio. Ela contava-me, em pormenor, o que se ia passando pela Aldeia e parecia, segundo informava, que estava curada. As cartas de meu pai e de meu padrinho é que não eram tão animadoras.

Fiz os meus exames com idêntico sucesso ao do ano anterior. Vim para o Marinheiro sôfrego de os ver a todos e especialmente a minha irmãzinha.

A tosse consumia-a. A inapetência era assustadora. Não havia mimo que se lhe não fizesse. Meus pais, cada um pelo seu lado, insistiam com ela, mas não conseguiam vencer a sua relutância à comida. Acabava por chorar.

— Vê se te lembras de alguma coisa que te agrade. Seja o que for, dizia minha mãe.

Minha irmã não tinha predilecção por qualquer alimento em especial. Havia de comer, mas pouco a pouco. E por aí se ficava.

Todos a olhávamos com mágoa.

O Miguel ficara distinto no exame de admissão, em Aveiro. Por isso recebeu muitas felicitações. Bons prenúncios!

— Tenho dois manos que sabem muito, disse a

Luciana. Haveis de ensinar-me coisas que não aprendi no Convento. Serei boa aluna...

E a conversa seguia outro rumo, diferente daquele que era a sua permanente tortura, a alimentação.

Nessas férias brincávamos menos. Pesava-nos o estado da Luciana, em torno de quem se movimentava não só a nossa casa, mas as dos primos e primas, sem distinção de idade. Todos se afligiam, mas todos também tinham esperança. Alvitres não faltavam e ofertas de doces e petiscos aumentavam as possibilidades de nossa casa, sem grande vantagem para a doentinha, que apenas provava os mimos que lhe enviavam. Passávamos horas a contar-lhe histórias e como o médico não queria que ela se fatigasse, nós é que falávamos e engendrávamos momices que a faziam rir, trazendo-lhe à flor do rosto a suavidade que lhe aureolava a alma.

Horas de doce convívio a que eu antevia um final trágico. Quantas vezes ela nos olhava com uma meiguice em que havia tons mudos de melancolia. Falávamos de uma vida futura, sãdia e feliz, a vislumbrar através da névoa de incertezas do presente onde escasseava a luz de uma esperança forte, da certeza da cura, da segurança de uma validez útil na vida. Tudo rodava na farândola das ideias que se atropelavam no seu e nossos cérebros. Ao lado de um estado eufórico agradável, havia despeñhadeiros de pensamentos lúgubres onde nos afundávamos. Era a contradição permanente, o contraste da luz e da sombra, do optimismo e do desalento, da vitória e da derrota.

— Estes pequenos são o meu castigo! A fazerem um barulho destes junto da irmã que, bem sabem, precisa de sossego e tranquilidade, irrompeu a nossa mãe.

— Não me fazem mal! Distraem-me tanto...

— E agora são horas, Luciana. Vais repousar na cama e vê se passas pelo sono. As primas vêm logo passar o fim da tarde contigo. Já lhes disse que falassem elas, pois é preciso poupar-te as forças. Não se cansam os médicos de o dizer!

E virando-se para nós:

— Os meninos vão passear para a quinta. Não quero brincadeiras cá em casa.

— Ó minha mãe, disse o Miguel, deixa-nos ir ao apeadeiro?

— Vão, mas com juizinho, ouviram?

— Pois sim, dissemos em coro.

O apeadeiro era a novidade da terra. Parava um ou outro comboio, saíam e entravam passageiros, apregoavam-se jornais. Era um sopro de civilização a agitar a pacatez da vida aldeã daquele tempo, terra cem por cento agrícola, em que havia o suficiente para a vida, mas sem largueza de gastos eventuais. Quando estes surgiam, o desequilíbrio aparecia inexoravelmente.

Quão diferente era a pacatez daquele tempo da agitação de hoje, com o apito das fábricas, as chaminés altas a atestar o valor das máquinas e a importância das indústrias, o movimento das importações e exportações pelo caminho de ferro e pela camionagem, a animação dos cafés, o delírio do futebol...

Actividade inesperada em vários sectores da vida industrial que traz, no reverso da medalha, falta de braços para a agricultura.

Naquele tempo, o apeadeiro ⁽¹⁾ foi o primeiro sinal do progresso por todos ambicionado, porta de entrada de iniciativas que andavam em embrião a germinar nas aspirações colectivas da aldeia.

Não admira, por isso, que ali se juntasse a gente moça da terra, especialmente à paragem dos comboios, e também a gente mais graúda em busca do jornal e da palestra, coisas sempre apreciadas nas terras pequenas.

A vida seguia, no meu lar, calma e sossegada na aparência, mas fundamente perturbada pelos receios do agravamento do mal da Luciana.

Queriam ouvir todos os médicos, seguir todos os conselhos. Meu pai andava desorientado e revoltado. Não podia resignar-se aos destinos da vida, preso a uma excitação permanente, dolorosa e cheia de maus presságios.

Minha mãe, menos pessimista, confiava ainda. Fizera tantas promessas que, dizia a meu pai, não acreditava que Deus lhe levasse a sua querida Lucianinha.

E acrescentava:

— Tem muitos anjos no céu, não precisa de mais um. E sem ela o que será da nossa vida?

Lamentações como estas reproduziam-se a todo o momento. Mas diante da minha irmã eram esperanças

⁽¹⁾ Deve-se a sua criação à influêncía e acção de João Pacheco Corte Real, da família do Conselheiro José Luciano de Castro.

e falazes alegrias. Faziam projectos de passeios que iam além de todas as possibilidades...

Minha irmã sorria, complacente, satisfeita com o que lhe diziam e que ela supunha realizável. Contos de fadas com que se deixava embalar; afirmações que à força de repetidas e asseguradas acabavam por lhe parecer verdadeiras.

Assim se passaram as férias. No fim saímos quase ao mesmo tempo, primeiro o Miguel para Viseu, onde frequentava o liceu e eu, dias depois para S. Fiel, agregado aos dois camaradas murtoseiros, com quem trocávamos impressões, durante as férias, por correspondência.

Do colégio escrevia muitas vezes a minha irmã, que apreciava os meus comentários a puxarem para a literatice. Às vezes respondia com uma crítica sempre suave, mas em que havia um ou outro ressaibo trocista.

O Miguel também lhe escrevia, embora com menos assiduidade.

Assim ia passando o tempo no Marinheiro, mas as pioras iam-se acentuando. Mais tosse, mais febre, anorexia rebelde a todas as solicitações. Enfraquecia a olhos vistos! De formas delicadas, as faces coradas, os olhos cada vez mais brilhantes e mais fundos, os lábios delgados, em ligeira contracção, mostrando os dentes brancos e certinhos, tinha, ao acordar, o ar afadigado da viagem da noite, dos sonhos cor de rosa, em cenário de verde esperança.

Tudo desculpava, tudo achava bem, numa complacência em que havia irradiações de santidade.

Escreveu-me a sua última carta em 2 de Novembro de 1887. Conservo-a entre os meus papéis mais queridos. Foi escrita a menos de um mês da sua morte, a 5 de Dezembro. A letra é redondinha, corrente, mas no final tem esta nota: «A letra lê-a como puderes», prevenção que não era nada necessária.

A carta vai ficar aqui arquivada, como último lampejo da sua vida, adeus amigo em despedida que não considerava definitiva, mas sobre que esvoaçavam presentimentos pouco animadores.

«Meu Antoninho:

Recebi a tua cartinha que estimei por ver letra do meu querido Egas Moniz ⁽¹⁾ e por ver que tens saúde. Eu vou melhor alguma coisa, agora ando a tomar uns remédios que dizem fazem muito bem.

Saberás que o P.^o Fernando diz a sua primeira missa no Domingo, 6 do corrente mês. Dá um grande jantar nesse dia.

Aceita um apertado abraço da Mamã e outro do Papá e recados das criadas e tu aceita mil e mil abraços desta que é tua irmã e

amiga do c.

Avanca, 2-11-87.

A letra lê-a como puderes.

Luciana»

Não é uma carta, é uma saudade a reverdecer, sessenta e três anos decorridos, na simplicidade de uma

(1) Minha irmã não usava, como disse, o apelido Egas Moniz.

estima fraternal, transparente como a água límpida de um regato a espelhar-se à luz sempre viva das minhas recordações.

A festa de uma missa nova em Avanca e redondezas é mais do que a solenidade da Igreja com muito clero e alguns condiscípulos, um destes incumbido de fazer o sermão congratulatório, ao evangelho.

A missa vai seguindo, com o amparo dos assistentes, na tessitura litúrgica do acto. Em certo momento há o beija-mão em que os pais são os primeiros a aproximar-se para saudarem o filho e a dignidade em que fica investido, traço comovedor da cerimónia. Os convidados seguem os pais na fila dos que desejam fazer, ao novo presbítero, o cumprimento.

Terminada a missa, desaparamentado o novo levita, forma-se uma espécie de procissão, que se dirige à casa paterna. A sala de recepção é um avantajado barracão que, nas terras ribeirinhas, é ladeado e coberto por velas dos barcos moliceiros, sobre sólida armação de madeira. Por dentro tudo enfeitado a festões de verdura e ramos de flores distribuídas segundo o gosto dos dirigentes, em especial do comandante em chefe, espécie de arrais daquela improvisada tripulação de cozinheiros, criados e criadas de mesa, previamente ensaiados nos serviços a fazer.

Convidados em elevado número: clero, pessoas de família, parentes, gente grada da terra e amigos de outras povoações. Senhoras poucas. Não passam das que são da



CASA DO MARINHEIRO

Aspecto das salas

família e das que acompanham um ou outro convidado de categoria. Todos os patrícios presentes concorrem para a festa. Estes juntam-se para oferecerem uma boa vitela, outros dão os leitões, aqueles galinhas, patos, perus, um não sei quanto de carne de vaca, base do banquete, para que haja comida à farta e não só para os convidados, mas para a segunda mesa em que têm lugar todos os que queiram aparecer.

Peixe também não falta. Na noite anterior só se trabalha na Ria para o banquete do novo presbítero. O mais fino; lampreias, sáveis, etc. vem do Porto. O outro, não menos saboroso, mas mais vulgar, é oferecido pela gente da aldeia.

De vinhos nem se fala! Vinho verde, à compita, das casas amigas, aos almudes, aos garrações, aos pipos. Gero-pigas, vinhos do Porto das mais variadas marcas, espumosos e até champanhes franceses! licores, um nunca acabar de bebidas alcoólicas.

A missa nova do Padre Fernando Hespanha foi um grande acontecimento para toda a família. Era afillhado de meus pais e muito dedicado à nossa casa. Foi um dos meus grandes amigos pela vida fora. Forte, espadaúdo, de músculos bem formados, estava sempre pronto a defender-se a murro quando a palavra não bastasse. Faleceu Abade de Pardilhó e nunca houve neblina que, de longe, perturbasse a nossa estima. A ela se associava a do nosso comum compadre Manuel de Almeida Ramos. Com os dois sempre acamaradei nas diversas modalidades da vida aldeã, por vezes agitada pelas lutas políticas dessa época.

Foi naquele ano que o Padre Fernando disse a sua primeira missa. Meu pai tomou o posto de director das festas profanas. Arranjou uma boa cozinheira que veio dos lados da Carregosa, com ajudantes expeditos; formou e disciplinou um grupo de criadas de mesa, arranjadas à última hora, com indumentária igual e o ar fresco de moças da aldeia. Ornamentou as mesas, em especial a de honra, que formava a linha transversal do U traçado no vasto barracão. Em torno poderiam sentar-se mais de 200 pessoas. Ao centro um maciço de verdura com festões das flores da época, despedidas de verão, camélias brancas, cor-de-rosa, raiadas, num policromismo agradável. Em torno, mesas várias servindo de aparadores necessários aos pratos e travessas, no momento do giro das iguarias. Todos os faqueiros da terra ali se concentraram. Alguns de prata, confinados à mesa de honra. Sobre as toalhas de linho espalhavam-se doces apetitosos e frutas tentadoras. Só do Marinheiro uns dez pudins de chá, afora o resto!

Das outras casas, onde havia senhoras dedicadas a doçarias, também acorreram variadas travessas de ovos queimados, toucinho do céu, espumas doiradas, leite creme, pão de ló, pudins de várias castas e o clássico e regional arroz-doce, com inscrições a canela: «Viva o novo Sacerdote» «Vivam os pais» e desenhos alusivos, nem sempre do melhor recorte. Uma larga exposição de confeitaria provinciana!

Por entre as travessas que ornamentavam as mesas, algumas jarras com flores e outras espalhadas por sobre

as toalhas brancas de linho donde pendiam, na mesa de honra, delicadas rendas a enriquecerem o conjunto.

Numa certa altura foi alguém ao Marinheiro, de mando de meu pai, a dizer que podiam ir.

Minha irmã tinha manifestado o desejo de ver a mesa antes da chegada dos convidados. Já para os lados da Igreja, estralejavam os foguetes, alguns de bomba real, a darem mais imponência à festa. Ainda podia contar-se com uma meia hora, pois, no percurso, havia uma ou outra manifestação de cumprimentos que retardavam a marcha procissional do novo presbítero.

As casas eram muito próximas. Minha irmãzinha foi amparada a minha mãe. Seguiam-na a Marquinhas e mais duas ou três pessoas de intimidade. Foi uma violência. Meu pai recebeu-a comovido. Fez com que se sentasse em sítio donde pudesse ver o panorama do majestoso banquete que ia seguir-se. Ela, porém, quis ver de perto a mesa de honra e até deitar um olhar para as iguarias que se acumulavam junto à cozinha e na lareira para não arrefecerem. Entre outras coisas admirou os dez leitões que, ornados de molhos de salsa na boca, esperavam a hora dos assados; peixes de variadas qualidades e preparados, pratos de carne de vaca e de vitela com abundantes acompanhamentos, aves de diversas espécies, tudo pronto a entrar no festim e a honrar a culinária da terra.

— Agora escolhe, Luciana, o que mais te aprouver. O Padre Fernando pediu-me que tirasses e levasses o melhor. Quer que sejas conviva, embora no Marinheiro e conta que de lá lhe faças uma saúde.

— Eu não bebo vinho...

— Faze uma excepção...

— Diga-lhe que do coração lhe desejo muitas venturas na vida que escolheu.

Meu pai arrumou num prato, leitão, vitela, galinha...

— Basta meu pai, é de mais...

— Hoje tens de comer. Olha que é tirado do jantar do novo padre, a que assistem abades, cónegos que vieram do Porto... Tem outro valor!

— Vou ver o que posso mastigar.

Os foguetes que acompanhavam o cortejo já se ouviam perto, talvez no apeadeiro. Eram horas de voltar a casa. A Marquinhas levou o prato coberto com um guardanapo e o regresso fez-se com as mesmas precauções.

Minha mãe ia emocionada.

— Que os santos do céu o guiem por bom caminho. É um excelente rapaz!

Chegadas a casa, aqueceram a merenda e a Luciana fez esforços sobre-humanos para empurrar algumas daquelas coisas. Estavam muito boas, mas não podia mais.

— Sempre fui além do costume. Ainda teimaram. Mas não, que a desculpassem, receava vomitar.

Foi descansar e teve um sono tranqüilo, talvez devido à fadiga do imprudente passeio.

Muito se falou na aldeia, e em nossa casa, da opulência da festa da missa nova do Padre Fernando, reputada das mais belas e bem ordenadas que se tinham realizado em Avanca. O novo presbítero não se cansava de agrade-

cer ao padrinho todo o trabalho que teve e à madrinha o magnífico doce que ofereceu.

— Olhe que o Monsenhor serviu-se por duas vezes! Só à sua conta foi mais de metade de um dos pudins de chá!

— E o mano Abade? inquiriu minha mãe.

— Não sei ao certo. Durante o jantar estive a guardar-se para o doce. Não lhe ficou atrás! E eu, como novato, também os fui acompanhando...

XVI

DEPOIS DA MISSA NOVA

Voltou um relativo sossego à casa e ao ambiente. Minha irmã não se sentia bem. Meu pai procurava todos os meios para a melhorar; mas, perante o agravamento do mal, ele e minha mãe escondiam-se para darem largas ao seu pesar.

— Foi mau o ter ido para o convento! Arouca é muito fria e desamparada do Norte. Aqueles corredores não têm fim e as celas são desconfortáveis e tristes. Minha pobre filha!

— Mas isso já não tem remédio! De bom grado daria a minha vida para a salvar.

— Sem aquele anjo para que serve a vida...

— Mas temos os outros filhos! Que Deus se amercie de nós.

— A menina tem deitado sangue pela boca, veio dizer a Maria.

Ambos seguiram para o quarto da Luciana.

— Não fora nada, uns escarritos mais fortes.

As coisas em casa foram correndo mais ou menos assim, num arrepanhão de mágoas e de crispações de revolta. Respirava-se uma atmosfera de dolorosa melancolia.

Passadas duas semanas a boa e doce Luciana faleceu, deixando os pais na maior desolação e uma profunda saudade nos parentes e na vizinhança. Sua madrinha, a D. Luciana, do Outeiro, que tanto a apaparcou com mimos, durante a doença, foi a primeira a comparecer. Depois as outras primas, do Telhado e da Areia.

Faziam círculo em torno do corpo que a doença reduzira a um quase nada; resto de uma alvorada em que o sol mal chegou a despontar, sonho irisado de cor e acalentado de esperanças, tornado em lúgubre pesadelo.

Minha mãe, sentada a um canto da saleta contígua ao quarto, emudecera. A dor tinha-lhe estrangulado a voz. Meu pai, ao contrário, dizia imprecações de uma rudeza bárbara. Os primos e amigos procuravam sossegar-lo. Deram-lhe mesmo calmantes.

Noite de tragédia a que se seguiu. Depois o funeral, um longo acompanhamento em que as raparigas da terra quiseram tomar grande quinhão. Resposos e por fim umas pás de terra a dar-lhe o leito do eterno desaparecimento.

A mim e ao meu Miguel comunicaram a triste nova. O Miguel foi de Viseu passar a Lobão uns dias com os tios, onde pôde confortar-se um pouco, em meio familiar.

Em S. Fiel o choque da notícia foi duro, fiquei inconsolável. Isolava-me concentrado na dor. A um dos padres de quem era amigo disse-lhe uma vez:

— Porque é que Deus, justo e misericordioso, deixa que uma criaturinha boa, inofensiva, enlevo da família, desapareça desta maneira, quando a vida apenas começava para ela? Onde está a justiça?

— Não digas blasfémias! Deus sabe o que faz. Chamou-a a si, ao seu reino. Está no céu.

— Mas tirou-a a nós, a quem pertencia, fazendo-a sofrer, martirizando-a com torturante padecimento. Para que nasceu ela? É isto justo?

Foi-me dizendo palavras que não conseguiram reconfortar-me naquele momento de exaltação.

Este bom padre, perfeito da minha classe, serviu-me de muito. Acompanhou-me nos recreios, deu-me conselhos e tinha boas palavras, procurando distrair-me, embora sem resultado. A minha revolta foi sossegando, mas durante muitas semanas sumiu-se o ar folgazão que me caracterizava.

Foi uma tortura que marcou na minha vida, trouxe-me desvairado por muito tempo. Os meses foram decorrendo. Vieram os exames. Passei, bem classificado, no liceu de Castelo Branco. Depois regressiei a Avanca onde cenas dolorosas se passaram em contacto com meus pais, meu irmão e meu tio. Um dia disse-nos minha mãe em ar de confidência:

— Eu vi subir do leito de vossa irmã, à hora do seu passamento, uma espécie de pomba branca que voou,

atravessou o tecto e subiu... Era a sua alma! Eu vi! Está no céu!

Acreditámos. Até nos reconfortou. Bem dizia o padre de S. Fiel. Deus chamara-a para a sua divina companhia. Mas, em refluxo, vinham as saudades. Tudo lembrava na casa a sua figurinha grácil, a sua bondade impressionante e o encanto pessoal, qualidades que eram a grande atracção que ela possuía. E então vinha a revolta. Havia tanta vida inútil ou prejudicial a ceifar! Com que direito a roubaram à existência, quando apenas a pôde divisar através dos ingénuos devaneios dos seus dezasseis anos!

— Altos desígnios de Deus! dizia-nos a prima Natividade, sua companheira no Convento, que viera fazer-nos companhia.

— Quais altos desígnios! Então a prima acha bem que façam vir ao mundo uma criaturinha com tantos encantos e virtudes...

— Ah! isso tinha!

— ...para depois a fazerem desaparecer, quando era o enlevo de todos nós, a alegria desta casa, a união de toda a família!

Minha mãe ouvira o final do meu aranzel e acudiu:

— O menino cala-se! Está a ofender a Deus e a faltar ao respeito à prima Natividade...

— Oh prima Maria do Rosário, isso não. O Antoninho exprimia apenas a sua saudade...

— Pois sim, mas tem de ter mais comedimento na língua e maior respeito pela nossa religião e pelos parentes de mais idade.

A prima Natividade tolerava todo o meu praguejar a que meu irmão se associava. Era de uma bondade inexcedível e muito carinhosa connosco.

Extinto o Convento veio viver para Avanca com sua irmã, a prima Joaquina, pessoa desembaraçada, de resposta pronta e graça desconcertante. Talvez um pouco cáustica, mas todos desejavam a sua conversa e ouvir os seus comentários.

A prima Natividade tinha um misticismo contemplativo e ardente; mas adaptava-o muito às práticas terrenas. Um dia em que uma forte desgraça ferira pessoa amiga, todos, em torno, faziam orações aos santos e santas mais conhecidos, Nossa Senhora, Santo António e alguns mais. A prima Natividade que, com a prima Joaquina, acompanhava, cheia de piedade, as orações, disse no final:

— Olhem que esses santos devem estar muito ocupados com pedidos. Dirigi as vossas orações a outros que, não sendo tão lembrados, tenham mais tempo para tratar dos vossos desejos. E lembrava o Beato João de Brito, em cuja promoção a Santo se começava a falar. E o caso é que foi atendida. Houve logo quem se lhe dirigisse a pedir o que convinha naquele momento.

As férias foram seguindo em torno de uma saudade e em passeios pelo campo. Meu pai andava taciturno, por vezes irritável. A morte da filha, em especial e, seguindo se dizia, grandes dificuldades financeiras, agravadas por alguns desvarios, baixa do preço dos géneros e sobretudo as últimas despesas da doença de Luciana, traziam-no aborrecido e de trato difícil.

Chegou o fim das férias e o tempo da saída dos dois, eu para o Colégio e o Miguel para Viseu. Meu pai, à despedida, lembro-me bem, abraçou-nos carinhosamente, pedindo-nos muito para que estudássemos e fôssemos sempre bons para a nossa mãe e gratos para os tios. Muito nos sensibilizou e lá fomos a caminho... do destino.

O ano passou rápido. Os estudos correram bem para os dois, com bom aproveitamento final. Nas férias o Miguel ficou em Lobão em companhia dos tios Augusto e João António, aquele agora bastante adoentado. Eu segui para o Marinheiro onde encontrei a desolação de mais um golpe profundo que viera ferir minha mãe, a grande e corajosa mártir da família. Meu pai ausentara-se, entregando todos os haveres aos credores.

Dizia o meu tio Abade que o seu valor devia chegar para a liquidação dos débitos.

— Mas o Marinheiro, dizia ele, é a Casa-Mãe, a Casa de meus pais, a Casa onde nós, os velhos, passámos parte da nossa juventude após a derrota das forças legitimistas. Tenho de a arrematar...

Para reduzir as despesas, resolveu concentrar a família em Pardilhó, ficando minha mãe a administrar a casa de meu tio. E não demorou que ali nos instalássemos, levando apenas algumas lembranças mais íntimas de família.

Meu pai escrevera. Que lhe perdoassem. Mas o mal não fora só dele. Ao seu Abade explicava as origens da desgraça que vinham de longe e que se foram agravando

com o tempo e com os imprevistos. Arranjara um lugar na África Oriental, na Alfândega da Beira, para onde partia dentro de dias.

— «Levo o coração despedaçado, escrevia à minha mãe, mas conto voltar em condições de poder erguer a cabeça, sem vergonha, na tua boa companhia. Encoraja os nossos filhos, teu amparo futuro e, até agora, Deus seja louvado! orgulho de todos nós. O irmão Abade já me escreveu a dizer que vos terá a todos em Pardilhó e que a educação dos rapazes será levada a termo sejam quais forem os sacrifícios a fazer. Que eu vá tranquilo a esse respeito. E o mais se fará de forma a mostrar que é na adversidade que se conhecem os fortes. O Abade, o meu irmão mais querido, será o vosso protector. É a única consolação que levo afogada nas saudades que me dominam. Envio-te um beijo de despedida e imploro-te perdão pelos meus desatinos. Para os nossos filhos vai a minha grande saudade. Eles que aceitem a bênção de um pai infeliz que nunca os esquece».

Por lá se manteve escrevendo com esperanças de voltar. Ia coalhando alguns parcos vinténs, dizia meu tio.

A execução dos débitos da casa fez-se em hasta pública, acompanhando meu tio, os variados acidentes do processo.

Minha mãe sofria com as notícias, mas desejava estar ao corrente do que se passava, no seu isolamento e melancólico pensar, em que havia dor e perdão.

Chegara a vez do Marinheiro ir à praça. Subiu mais do que o meu tio pensava. Sabia-se do empenho do Abade

e picaram-no alto. Devem desculpar-se os credores por, desta forma, conseguirem solver, suponho que na totalidade, os valores emprestados.

Meu tio estava satisfeito, quando anunciou em casa, a compra. Contraiu um empréstimo que já nas vésperas tinha ajustado, em casa de capitalista amigo e a juro razoável. Custava-lhe ficar devedor; mas, acima de tudo, era preciso arrematar o Marinheiro, ficar com ele, ter a posse da Casa que era para todos, e em especial para ele, um santuário de recordações em que avultava, pairando alto, a de sua mãe. E começava a deitar cálculos sobre o tempo que levaria a pagar a sua dívida; não queria passar muitos anos sem a liquidar. Era um pesadelo em que repetidamente nos falava, dizendo o que já tinha pago nas sucessivas amortizações, quando a esperava saldar e a satisfação que teria quando tudo estivesse liquidado.

Minha mãe e o meu irmão Miguel, ao tempo em Pardilhó, rejubilaram com a notícia da compra do Marinheiro, embora não tivessem esperanças de voltar ao passado, pois não havia possibilidade de manter as duas casas. Havia em jogo a parte afectiva. Ali permaneceu minha mãe após o casamento; na Casa querida nasceram os seus filhos e nela faleceu a Lucianinha, e até a grande tortura do afastamento do meu pai, ido a terras de África, em busca de fortuna, para resgatar o que se perdera, lhe traziam apego àquelas paredes que, um dia, seriam de seus filhos.

E a sós com o Miguel, louvando o esforço e a decisão



CASA DO MARINHEIRO
Sala de estar

de meu tio, acrisolávamos a gratidão e reconhecimento por quem tanto bem nos fazia.

A dívida todos os anos diminuía, o que alegrava o Abade que, com grande satisfação, o anunciava a minha mãe. Esta dizia-lhe palavras amigas de parabéns. Nesse momento ele vivia uma hora de alívio e grande satisfação.

Como na época dos arrestos e praça, a atmosfera era pesada em nossa casa e penosas as recordações, meu tio propôs a minha mãe que eu passasse aquelas férias em S. Fiel.

— O rapaz vem incomodar-se. Este espectáculo é triste para todos. Basta que nós o soframos. O que pensa a este respeito?

— O que o mano Abade resolver está bem decidido. O pior são as mesadas que tem de pagar.

— Também as viagens não são baratas. Vou escrever-lhe...

E seguiu para o escritório.

Minha mãe, bastante abatida e acabrunhada pelos repetidos desgostos procurava reagir no seu conformismo religioso.

— Seja tudo por amor de Deus!

E saiu a tratar das suas flores.

Chegou o Miguel que ficou pesarosíssimo com a notícia, mas a pedido da mãe resolveu por fim escrever-me para S. Fiel a animar-me.

Muito me custou a resolução tomada, por não ver minha mãe, nem os tios nem meu irmão. Mas conformei-me, como não podia deixar de ser.

Em S. Fiel entrei mais em íntima convivência com os professores. Éramos apenas uns 7 ou 8 alunos que ali tinham ficado retidos, por motivos vários, mas sobretudo por serem das colónias, com viagens caras e difíceis.

No colégio, ao lado da exagerada vida religiosa que nos levava tempo e roubava actividade, havia uma boa educação humanista e científica que, só por estar sujeita a programas liceais, alguns deles pouco recomendáveis, não era mais perfeita. Devo a essa orientação muito do meu aproveitamento na carreira universitária. A disciplina mental a que obrigavam os alunos, em ciências exactas e afins, era bem orientada. Aos exercícios físicos já dava o Colégio a sua atenção nesses remotos tempos.

O equilíbrio entre orações, exercícios físicos e estudo, merecia ser melhor estabelecido; mas eu aproveitei com o ensino que me ministraram na matemática, física, química e ciências biológicas. Davam certo desenvolvimento à parte experimental, o que contrastava com a maior parte do ensino liceal desse tempo. O laboratório de química e o gabinete de física estavam suficientemente apetrechados e o ensino baseava-se em experiências sempre que isso era possível. Apraz-me deixar aqui exarado o meu depoimento imparcial.

Tive um notável professor de matemática, o Padre Fernandes Santana. Franzino, alto, um pouco curvado, tipo de asceta, muito dedicado ao estudo das ciências exactas, e também à metafísica e teologia.

Conhecia muito bem as línguas clássicas. Falava não só o latim, língua geral na Ordem, mas também o grego.

Lia o hebreu em que se comprazia apreciar textos bíblicos, como tive ocasião de observar.

Encontrei-o depois em Lisboa, em luta contra o Professor Miguel Bombarda, numa estéril discussão sobre materialismo e espiritualismo, em que consumiu a sua melhor dialéctica e mostrou a sua vasta cultura, alguma adquirida à última hora, em livros de anatomia e histologia.

Depois, embrulhou-se na política ao lado de um tal Padre Matos que dirigia um jornal católico da capital. Nos nossos encontros fortuitos tratava-me bem, mas não deixava de me verberar por andar trilhando mau caminho.

Os que não seguem a nossa opinião, seguem sempre, em Portugal, por má estrada!

Eu era então deputado progressista, muito avançado para o tempo, na defesa, entre outras aspirações, do ensino laico que estava à cabeça no programa dos liberais mais ousados.

Suponho que o Padre Santana veio a falecer tuberculoso. Era da Madeira. Apesar de jungido aos cilícios mentais que a Ordem lhe impunha, foi um dos grandes espíritos que conheci na minha vida. Noutra ambiência e com outras directrizes, a trajectória da sua existência ficaria marcada em obra de vulto.

Prende-me à sua pessoa um grande reconhecimento. Eu era bom estudante e talvez me considerassem no Colégio uma boa promessa. Todos os anos me premiavam e acarinhavam. Andava preso às matemáticas para que,

segundo diziam, tinha habilidade. A atmosfera da Ordem não me desagradava. Falaram-me num padre que havia em Roma dedicado a astronomia, matemático de renome, junto do qual muito podia aprender. Tinha sugestões várias, mais dos irmãos leigos do que dos frades. Um dia, o padre Fernandes Santana chamou-me para uma conversa, o que era de hábito no colégio, mas mais a pedido dos rapazes do que dos mestres. Disse-me:

— Consta-me que andas a pensar em ser jesuíta. Para isso é preciso vocação. Não sei se a tens. Terminado o liceu vais para os estudos em Coimbra. Se ao fim de um ou dois anos te sentires atraído por esta vida, vem então. Antes disso não te precipites.

Agradei a sugestão. Não mais lhe falei no assunto. Interessavam-me em especial os problemas com que procurava excitar a minha curiosidade matemática, excedendo, em muito, o que nos era pedido para o liceu.

XVII

A MÚSICA NO COLÉGIO

Meu tio Abade tinha um grande interesse musical. Quis por isso que aprendesse música no colégio. Matriculou-me, pagando o respectivo suplemento, no curso de piano. Vi logo que nunca seria um bom executante. Além disso, faziam-me estudar durante o recreio, o que muito

me contrariava. Às vezes o suplício da interpretação das claves acabava em murros ao teclado em assomos de mau génio. As lições, dadas às horas do recreio eram francamente más. Tive, contudo, de levar o martírio até ao fim do ano. Em férias disse a meu tio:

— Não me parece que valha a pena seguir com a música. Não tenho gosto em aprender e careço das horas de recreio para me divertir, correr e saltar como os outros.

Meu tio insistiu. Era uma bela prenda para a sociedade e um entretenimento nas horas vagas.

Não tinha o direito de me insubordinar.

— Não gostas de piano? Pois bem. Vou comprar uma flauta que levarás para o colégio e vais ver que agora começas a ter gosto pela divina Arte.

Objectei:

— Gosto de música, mas não sirvo para a executar. E ainda mais à custa dos recreios...

— Tem paciência, rematou, vais fazer o possível por aprender. Espero que me dêes esse gosto.

E fez a despesa de nova matrícula. Suponho que consegui dar o ré e a isso se reduziu toda a minha acrobacia de flautista.

Cheguei a pedir ao Mestre que informasse a minha família da falta de jeito que tinha para aqueles estudos, o que ele não fez. Em férias, porém, convenci meu tio a não gastar dinheiro inútilmente, com aquelas lições.

No ano imediato, o sr. Escoto (não garanto a grafia do nome) que era mestre da banda do regimento de cava-

laria de Castelo Branco e que ia dar lições a S. Fiel, resolveu fundar a banda dos alunos do Colégio. Os padres lá se decidiram a comprar os instrumentos e Mestre Escoto, com grande espanto meu, convidou-me para tomar parte na fanfarra, o que jubilosamente aceitei. A situação dava umas merendas extras e melhoria de rancho nas ocasiões em que chegávamos ao refeitório fora das horas regulamentares.

Começaram os ensaios e Mestre Escoto lá me encaixou no posto de terceiro trombone donde nunca saí. Era apagada a situação e modesto o instrumento. O primeiro, o Fiadeiro, e o segundo, de que me não lembro o nome, sopravam em instrumentos imponentes de alongado formato, que eram a minha inveja. Mas só pela beleza da forma, não pelos papéis que lhes eram distribuídos e com que me não entenderia.

Um dia, fiz disparate grosso, numa dissonância que estou certo iria bem nos *jazzes* de hoje, mas não naquele tempo e em banda de tão grande categoria. Foi uma vergonha!

Mestre Escoto fez-me tocar isoladamente e apenas, ao fim de umas três vezes, a coisa saiu de forma aceitável. E o ensaio continuou.

Daí em diante, Mestre Escoto diminuiu as minhas responsabilidades nos papéis que me eram distribuídos e mesmo assim, quando a pauta aparecia muito carregada de notas, deixava o encargo musical aos meus companheiros trombónicos, que tinham outra categoria e sopravam em instrumentos de tubos compridos e reluzentes

de amarelo brilhante. E assim fui levando a vida de terceiro trombone da banda, até que saí do Colégio.

Ao fim dos dois anos seguidos que ali passei, por me terem suprimido as férias, regressei a Pardilhó. Contaram-me minha mãe, meu tio e Miguel, muitas peripécias, algumas dolorosas, que se passaram na liquidação das propriedades que tivemos em Avanca.

— Teu tio, disse minha mãe, enfrentou-se na praça com outros pretendentes à quinta.

— Foi caro, disse ele, mas temos a Casa do Marinheiro! Se tivesse de a perder era como se, de novo, morressem os que ali viveram e de há muito estão na eternidade. Meu pai, minha mãe...

E a voz embargou-se-lhe num espasmo comprometedor que a todos se propagou.

— Fiquei bastante endividado, continuou. Valeu-me o amigo Gurgo que pôs a sua bolsa ao meu dispor. Agora tenho de lhe pagar o que, com a vossa educação, e olhou para nós dois, é um pouco difícil. Mas com a graça do Altíssimo, tudo se há-de arranjar.

E prosseguiu:

— O que eu não posso é com as despesas do Colégio e o auxílio ao Miguel. Os tios Augusto e João António dão o que podem, pagam a alimentação do Miguel em Viseu, mas com o preço do vinho a cinco tostões o almude, que mal chega para o grangeio, não têm para o pagamento do vestuário, por modesto que seja, para as propinas, lições e livros. Falei com eles e resolvemos que tu, António, fizesses em Viseu o último ano do liceu em

companhia do Miguel. Eles mandar-vos-ão o principal do que for preciso para o vosso sustento, e ficareis em casa das Senhoras Mandatas, por preço a combinar. As despesas ficam assim reduzidas. Não acha, mana, que é medida acertada?

Minha mãe achou que tudo estava muito bem como era próprio dos manos que tanto queriam a seus filhos.

Nós também achámos bem. Eu saía do Colégio e fazíamos companhia um ao outro.

— Vou escrever para S. Fiel, a fim de mandarem a tua roupa e o mais que te pertencer e a agradecer a forma penhorante como te trataram.

— É tu, Antoninho, acrescentou minha mãe, também deves escrever ao Director do Colégio a manifestar o teu reconhecimento.

— Eu direi mesmo, disse o Abade, que só dificuldades de ordem financeira me levam a esta resolução. Bem me custa tudo isto, mas é necessário encarar a difícil situação que atravessamos de forma prática e eficaz. Todos os anos não só pagarei os juros, mas amortizarei a dívida, dentro do que me for possível.

E assim fez. Um ano antes de falecer nada devia e o Marinheiro, a casa querida, ninho de todos nós, veio para a minha mão, com os outros haveres, libertos de todos os compromissos.

Os tios de Lobão convidaram-nos a ir ali passar parte das férias. Desejavam que nos acompanhasse o nosso tio e também, podendo ser, minha mãe.

— Eu não irei. Estou envelhecida pelos desgostos e pelos anos, disse ela. Hoje o meu prazer é estar só, recordar o passado que vivi e sonhar com a esperança de ver um dia os meus filhos em condições de ganharem honestamente a vida.

E disse mais coisas, muitas mais, que não cabem nestas páginas; saudades e mágoas que as excedem, palavras simples mas de uma inspiração sentida em que a dor ascendia às maiores alturas.

— Vão, continuou minha mãe. O mano Abade também carece de distrair-se um pouco. Cá lhe tomo conta de tudo.

— Custa-me sair, são despesas e falta-me a disposição.

— Agora sou eu que lhe peço. Também serve para matar saudades dos seus irmãos. Eu, por estar só, não me sinto infeliz. Sabendo que os meus filhos estão em tão boa companhia que mais quero eu? E depois combinarão os três o que podem fazer pelo futuro dos pequenos que, graças a Deus, se têm portado bem, pelo menos até agora. E hão-de continuar...

Depois de muita conversa, de alguma ligeira discussão, entrámos em preparativos da viagem, pequenos arranjos da indumentária um pouco gasta, e melhoria do calçado de que se incumbiu o António Sapateiro, vizinho e amigo de meu tio.

Dentro de dez dias seguíamos a caminho de Santa Comba, onde se tomou a diligência para Tondela, pois ainda não havia o caminho de ferro daquela vila a Viseu.

Ali nos aguardavam os nossos tios numa carruagem alugada ao Ferraz de Tondela que nos levou a Vila Juzã, em Lobão, onde residiam.

A entrada da casa de meus tios fazia-se por um lindo túnel de buxo gigante. Recepção afectuosa das criadas, a Ana e a Josefa, conhecidas e amigas do Miguel e logo também muito minhas dedicadas. Era quase noite. Meus tios conversaram na sala de visitas e como o Jerónimo, feitor da casa e irmão das criadas, aparecesse, ainda fomos com ele até ao princípio da quinta, propriedade que ficava perto, ver se havia uvas maduras.

E que doce que era o bastardinho!

Voltámos para a ceia que não demorou.

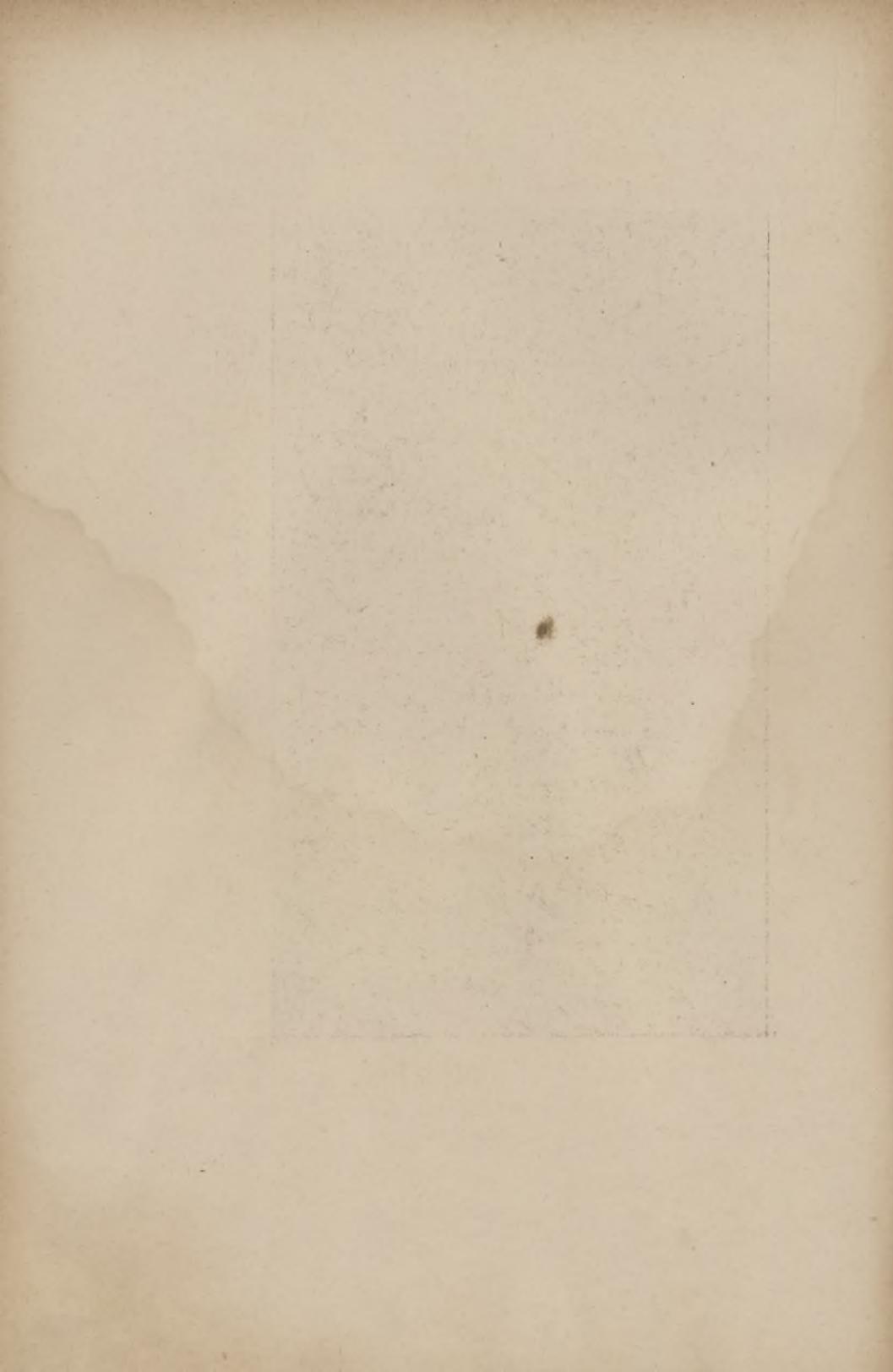
Na conversa sentiu-se um pouco aquela alegria amena e comedida das cavaqueiras do Marinheiro que tanto apreciávamos... Faltavam comparsas, mas ainda havia alguns presentes. E estávamos nós, os continuadores da família em que os velhos se reviam. No repasto houve peixe de escabeche que minha mãe preparara em quantidade, vitela de Lafões que ali vendiam as recoveiras de Viseu e deliciosa fruta.

Meu tio Abade não sentiu necessidade de doce. As uvas eram torrões de açúcar, dizia ele, enquanto as saboreava, satisfeito.

Depois veio o António Xavier Corte Real, sobrinho de meu tio Augusto por afinidade, pois fora casado com a tia Francisca, irmã de seu pai, o Dr. Gil. Vinha acompanhado dos filhos José, Fausto e António, pouco mais ou menos da nossa idade e com quem logo acamaradámos.



CASA DO MARINHEIRO
O lago



Lobão era, nesse tempo, uma pequena estância de verão onde afluíam, para as vindimas, pessoas conhecidas e de bom convívio. Além disso, as famílias fixas, de todo o ano, facultavam agradáveis serões, distrações muito apreciadas pelos meus.

Foi uma bela temporada de onze dias que meu tio Abade muito apreciou. Voltou a casa bastante refeito das suas canseiras e contrariedades. Pouco depois partimos para Viseu a continuar o Curso Liceal, ficando assente que iríamos passar a Pardilhó as férias do Natal.

Minha mãe esperava-nos com ansiedade, mas tinha ânimo grande, aceitava logo as boas razões. Havia uma suprema aspiração na sua vida escalavrada de amarguras, ver-nos homens trabalhadores e úteis. Tudo o que concorresse para esta finalidade, levantava-lhe o espírito e dava-lhe forças para recalcar tristezas e saudades.

— Meus filhos estudam bem, graças a Deus, dizia ela muitas vezes. Hão-de formar-se, ser o nosso arrimo e a alegria desta desfalcada família.

Esta esperança era a sua tábua de salvação, estrela do norte a guiá-la na labuta constante para que as despesas descessem ao mínimo, na casa de Pardilhó.

Chegámos a Viseu nos princípios de Outubro. Instalámo-nos em Cimo de Vila. Uma sala de estudo e um quarto de três camas, pois tínhamos um companheiro que o Miguel já conhecia, a quem chamávamos padre Julião, pois frequentava teologia no Seminário, como externo, por assim lhe ficar mais em conta. Estudava e

não era mau rapaz, à parte certas ideias bizarras que mais ou menos o perseguiram toda a vida. Não chegou a ser padre, apesar de ter completado o curso. Preferiu ser professor particular. Depois foi negociante ou coisa parecida e embora fosse bom amigo, não nos correspondíamos. Perdemos o contacto.

Iniciámos os estudos. Meu irmão ia para o terceiro ano, eu para o último com as disciplinas que me faltavam: matemática do sexto, latim, inglês e literatura. Inglês frequentava-o fora do Liceu com um oficial do exército que era bom professor, tendo por condiscípulo meu irmão que estudava esta disciplina para o seu terceiro ano. Tinha jeito para línguas, e por fim era ele o meu verdadeiro professor. Como as outras disciplinas me davam bastante que fazer, e as julgava mais importantes, descuidei-me com o inglês confiado, e bem, no Miguel, com quem por fim repeti a matéria com verdadeiro aproveitamento.

Tínhamos uns parentes em Viseu, os srs. Mesquitelas. A Senhora era prima co-irmã de minha mãe. Convidavam-nos para os seus jantares dos domingos, o que era uma grande festa para nós. Tanto essa prima como sua irmã foram sempre muito carinhosas para conosco. Também seu irmão Firmino, casado e com filhos, era muito agradável, distinguindo-nos com a sua estima.

Uma destas Senhoras, a prima Gracinda, ficou com uma boa casa em Fragosela, a caminho de Mangualde.

Conheceu mais tarde minha mulher com quem muito simpatizou. Convidou-nos para irmos ali passar uns dias. Quis mostrar-me um quarto onde ficava seu tio Rafael de Almeida e Sousa, meu avô, com uma janela de castanho varada por uma bala com que quiseram atingi-lo, a quando das ferozes lutas políticas que se travavam por aquelas regiões. A bala varou-lhe um pulso, mas meu avô sobreviveu. Parece que o bando que o perseguia teve de esconder-se nos montes, para não sofrer o castigo que ele e os seus companheiros quiseram infligir-lhe. Disse-me minha prima Gracinda:

— Isto não se arranja. É uma memória que permanecerá enquanto eu viver. Seu avô, meu tio muito querido, era um bravo! Ninguém o demovia dos seus princípios. Todos veneravam o seu carácter. Quis mostrar-lhe este vestígio da sua passagem por esta casa.

E concluiu:

— Por tudo e por isso tive uma grande satisfação em os ter na minha companhia.

Fechemos o parêntese.

Foi nesse ano que recebemos em Viseu, em fins de Maio, a dolorosa notícia da morte do nosso querido pai, que nos veio enlutar a vida. Tivemos sempre a esperança de o reavermos um dia para o nosso convívio e de nossa boa mãe.

Choque violentíssimo que perturbou, durante semanas, a tranquilidade e o ritmo da nossa conduta.

Meu tio Abade recebeu em 6 de Abril de 1890

uma carta do sr. Vitorino de Moraes Soares, de que trasladado a primeira parte:

Ex.^{mo} Rev.^{mo} Sr.

Cumpre-me o doloroso dever de participar a V. Ex.^a que seu irmão Fernando de Pina Rezende Abreu, meu amigo e compadre, faleceu ao entrar para o Hospital desta cidade, na manhã de sábado, 29 de Abril próximo passado, sepultando-se no Domingo de Ramos. Estava destacado no Tembe (Porto Henrique) e finalizava o destacamento no dia 10 deste mês. Achava-se incomodado havia uns 15 dias, porém só deu parte de doente quando, pela distância a que estava, era impossível salvá-lo! Empregaram-se todas as diligências que era possível; tanto que o Governo fretou logo um vapor para ir buscá-lo e este barco apenas gastou 19 horas na ida e na volta, porém era tarde...

Minha mãe sofreu horrivelmente, primeiro com o afastamento de meu pai, depois, e mais ainda, com a sua morte.

— São machadadas, dizia ela a meu tio, a cairem sobre mim, umas sobre as outras! Antes Deus me tivesse levado do que me sujeitasse a estes suplícios.

E recolhia-se nas suas orações, único refrigério em que encontrava lenitivo para a sua dor.

Escrevemos-lhe, encorajando-a com a nossa dor de filhos! As grandes mágoas amparam-se umas às outras nas horas de desventura.

Possuo de meu pai a sua última carta. Quando a leio apossa-se de mim uma saudade tão intensa, como se tudo

fosse agora passado. O tempo não conseguiu atenuar a dedicação que sempre tributei aos que me foram queridos.

Transcrevo-a na íntegra. Há documentos que se não profanam trazendo-os a público. Desejo todavia tê-lo neste breviário de saudades onde facilmente o posso recordar.

Foi o último lampejo da sua vida na lembrança de todos nós, de mim em especial. Poucos meses depois, em 29 de Março de 1890, deixava de existir.

Diz assim:

«Meu querido filho Antoninho:

Recebi a tua cartinha que muito estimei, na qual me dizias teres feito cinco exames, ficando nos últimos dois distinto. Acredita que fiquei contentíssimo e Deus permita que continues sempre a dar estes gostos aos teus tios e Mamã, assim como a mim que, não obstante estar tão longe, ao saber destas tuas notícias, fico contentíssimo e só suspirando em, um dia, te poder ver e abraçar. O que desejo é que continues a respeitar a tua boa Mamã e os teus bons tios e com especialidade o teu tio e padrinho Abade, o qual faz as diligências para tu seres homem. Por isso debes sempre respeitá-lo. Assim serás feliz e nada te faltará.

Darás um apertado abraço a tua Mamã e outro ao teu irmão Miguel, e tu aceita também um apertado abraço deste teu

Papá, amigo do c.

Fernando de Pina Rezende Abreu»

Lourenço Marques, 25-10-89.

Vem datada de Lourenço Marques onde, por certo, tinha ido em alguma diligência, da Beira, onde estava colocado.

Não é uma carta, é uma aspiração que o destino cortou, uma tristeza a diluir-se em conselhos, uma mágoa a esvaír-se nas saudades que o atormentavam. Não é bem um documento, pois como tal não tem valia, é a demonstração do carinho com que sempre nos tratou, vibração de uma alma atormentada de íntimas torturas. Os ventos da adversidade levaram-no para África, ficando sempre vivo aquele amor de família que foi timbre da nossa grei.

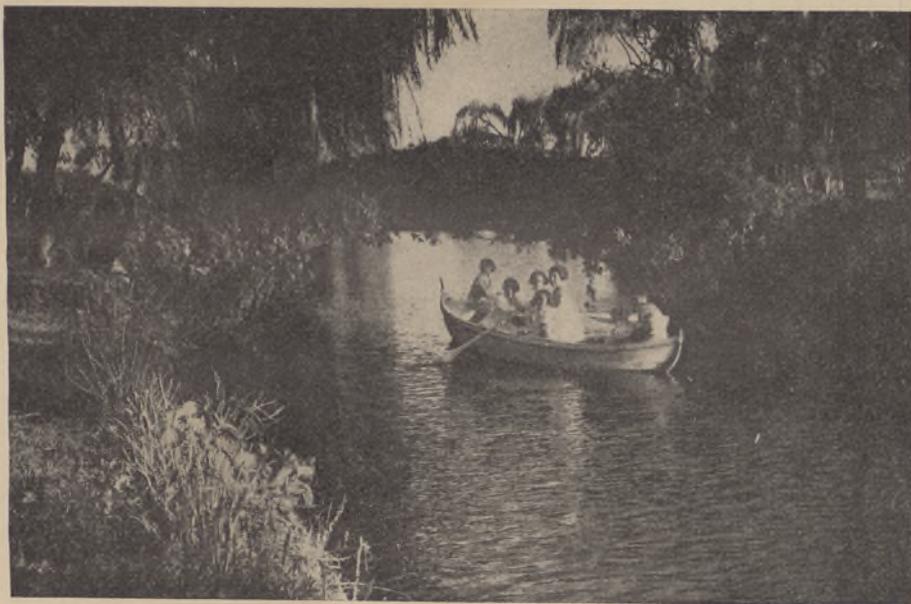
Longe, apartado de todos, o seu pensamento andava sempre em fuga pelas nossas terras, a vigiar os olhos magoados de minha mãe e o ar apreensivo do mano Abade, amparo de todos nós.

Voltemos a Viseu. No fim do ano vieram os exames. A sorte bafejou-me. Havia um prémio em matemática que me foi adjudicado. Distinguiram-me, com justiça, em literatura, com exagerada benevolência em latim e por acção de uniformidade de classificação em inglês.

O Miguel passou em todas as suas disciplinas e não ficou distinto em inglês que ele conhecia muito melhor do que eu. Faltou-lhe a carga propulsora que eu levava.

A injustiça foi flagrante e impressionou fundamente meu irmão que me manifestou o seu desgosto.

— Tens toda a razão, disse-lhe eu, de bom grado te passaria a distinção que, injustamente, me atribuíram,



NAVEGANDO NO LAGO

desde que te não deram classificação igual. São os azares dos exames. Não te desgostes por isso. A todos tenho dito que eras tu e não eu quem a merecia. É o caso de «cria fama e deita-te a dormir».

O Miguel, muito sucumbido, apenas me retorquiui:

— Eu queria que te dessem a distinção que tiveste. Assisti ao teu exame que foi bom. Mas julgo que a merecia também.

— Certamente. A tua prova foi superior à minha. Todos o dizem. Não te apoquentes. Hás-de ter outras compensações.

Abracei-o carinhosamente. Ele soluçava e eu compreendia a razão que a injustiça provocou, vincando uma falta de confiança nas apreciações dos professores do liceu.

Isto foi a causa fundamental de contrariedades que depois sobrevieram!

XVIII

TRISTEZAS FAMILIARES

Passámos as férias em Pardilhó, com uns dias de fugida a Lobão, onde meus tios nos não dispensaram.

Meu irmão ficou para continuar o seu curso em Viseu, ainda com a sua mágoa pela injustiça relativa que lhe fizeram e eu tive de voltar a casa de meu tio Abade para

arranjar as coisas a fim de me matricular na Universidade de Coimbra, no primeiro ano de preparatórios, que ao tempo serviam para a carreira militar e para medicina.

Era preciso arranjar alojamento económico em Coimbra. Lembraram-se do primo José Maria, do Outeiro, que se tinha formado no ano anterior.

— Procura-o, disse meu tio. Talvez te possa dar algumas informações. Já se sabe que ele é rico e tu não tens; mas pode dar uma ideia...

No dia imediato, de tarde, montado na *Mulata*, lá fui até Avanca. Tive de ir ao Marinheiro com qualquer recado de meu tio. A emoção que eu tive! Voltou a ser nossa a Casa-Mãe, em perigo de emigrar para outras mãos! Quanto devíamos a meu padrinho que se sacrificou ao máximo, para nos segurar o mais precioso património da família!

Fez-me pena ver na casa os antigos caseiros, bons amigos, quase família; mas tudo tão diferente!

Ainda assomei junto da porta, mas preferi não entrar. Montei e segui para o Outeiro. Apeei-me, segurei a égua a uma argola que havia no pátio e subi a escada de pedra do belo edifício, o mais interessante de Avanca, do século XVIII, com a capela ligada ao palacete para maior comodidade da devoção dos seus possuidores. O granito trabalhado, desde as cruces que a encimam sobre pequenas esferas até às cornijas e recortes das cantarias das janelas e das portas, é uma preciosidade pela lavra e, sobretudo, pelas proporções em que tudo joga no conjunto.

Bati e entrei.

No local onde sempre vira o velho morgado, encostado a uma espécie de cómoda rectangular, estava o primo José Maria.

Conversava com o António de Abreu Freire, seu primo co-irmão pelo lado materno e também nosso aparentado.

Fez-me muita festa, falei ao António que conhecia menos, e sentámo-nos, trocando-se os cumprimentos habituais sobre a saúde de cada um dos membros da família por quem, de lado a lado, fomos perguntando.

Disse-lhe a incumbência que levava do primo Abade e a conversa rodou para a vida de Coimbra e o alojamento nas chamadas Repúblicas, grémios de estudantes, vivendo em comum e com economia.

— Olha, disse o José Maria, o António está a organizar uma República. Talvez te convenha.

O António de Abreu ia já para o primeiro ano de medicina. Tinha completado os três primeiros de preparatórios nas Faculdades de Matemática e Filosofia. Podia orgulhar-se da fita amarela a atar os livros do início do curso médico!

Tinha vaga na República que podia ceder-me. Era ao princípio dos Arcos do Jardim, uma casita de um andar, quase em frente daquele S. Sebastião a quem a rapaziada tirou as setas de prata que deram para uma farta ceia, colocando por baixo, em letras garrafais, o conhecido dístico: «Basta de tanto sofrer»!

Esta velha casa desapareceu com outra que havia ao lado, essa de melhor categoria, sob a acção do camartelo

do embelezamento citadino, de que os municípios estão usando e abusando por toda a parte.

Neste caso, porém, só há que felicitar a Câmara. O largo que substituiu os prédios demolidos, deu ao local outro aspecto, com vantagem para o seu aformoseamento.

Falámos em mesada e despesas. Não queria nem podia sobrecarregar o meu padrinho.

— Três libras por mês devem chegar, disse o José Maria.

— Com certeza, acrescentou o António de Abreu. Eu não gasto mais. Já se sabe, dentro da maior economia, mas sem passar necessidades. Isto fora propinas, livros, sebentas necessárias para interpretar a Álgebra de Francoeur que há muito era adoptada no primeiro ano...

— E a capa e batina que tens de mandar fazer. Sem ela não podes entrar nas aulas, disse o José Maria.

Fiz os meus cálculos. Ainda era uma mão cheia de dinheiro! Quando, no regresso, cavalgava sozinho para Pardilhó pelos areais do Carvalhal, ia apreensivo com a má notícia que levava a meu tio. E pensava:

— Coitado! Com tantas preocupações e mais esta despesa! E nem sequer o virei a compensar!

Cheguei a casa e ao encontrá-lo a ler o seu inseparável breviário, pedi vénia para o interromper e contar-lhe o sucedido. Poisou os óculos com que marcou o local onde ia a reza e dispôs-se a ouvir o meu relato.

Ao contrário do que eu esperava, não achou as verbas exageradas.

— Tudo se há-de arranjar. Um estudante como tu merece auxílio e há-de tê-lo dentro das minhas forças. Antes te deixe menos, mas que alcances a tua formatura.

Minha mãe que andava com a criada a trabalhar em arranjos da cozinha, notou que eu tinha chegado e veio ao escritório saber as notícias que trouxera. Trocaram-se algumas palavras e eu segui com minha mãe, deixando meu tio a bater-se com os salmos que já devia saber de cor e salteado, mas que tinha de repetir mais uma vez.

Admirou-se ela do dinheiro que o padrinho ia gastar comigo e da maneira resignada como recebeu a notícia.

— É um santo este teu tio! A coragem que ele tem! O pior é agora a tal diabetes! Não sei se é mal perigoso; mas é coisa que muito o arrelia, pois nunca conheci pessoa mais gulosa. Aprecia muito o chá. Tantas vezes me dizia: «Nunca menos de 4 chávenas nem mais de 14, porque parece mal». Mas não era chá, era xarope! O primo António Tomás gracejava com ele.

— Ó Caetano, dizia-lhe ele, depois de se servir de açúcar no Outeiro, olha que a colher ainda se não sustenta direita no meio da chávena!

E fazia arremedo de lhe acrescentar mais uma concha. O Abade respondia-lhe:

— Há outros que fazem menos alarde e são mais gulosos do que eu!

— Mas se tiver juízo pode muito bem curar-se, comentou minha mãe. Foi o que disse esse médico novo, o Dr. Silva, que veio vê-lo e lhe mandou fazer a análise.

Meu tio era apaixonado do chá e não só do açúcar.

A sede obrigava-o agora a tomá-lo bastas vezes sem estar adoçado. E era com agrado que o bebia.

Quando eu era criança, lembra-me muitas vezes das compras que ele fazia de chá verde. O preto que então começava a entrar em Portugal pela mão dos ingleses, não lhe merecia consideração. Havia uns vendedores ambulantes dos arredores do Porto que traziam às costas um baú com papel e várias qualidades de chá. Vinha água a ferver em três ou quatro chávenas. Em cada uma, punha meu tio uma colher de chá, mal cheia, da qualidade a experimentar. A mesma quantidade para cada chávena. Depois, colocados os pires em cima, deixava-se em repouso. Passados minutos procedia-se à prova. Eu também era chamado a dar opinião. Achava-os todos amargos. Fazia caretas. Meu tio ria-se. Por fim escolhia um ou dois e ficava com um arrátel de cada um. Passavam para grandes frascos de vidro com rolhas esmeriladas, donde ele próprio ia tirando as preciosas folhas, com cuidado de boticário, para as entregar na cozinha.

No dia 12 de Outubro de 1891, se me não engano, parti para Coimbra, a fim de cuidar da indumentária académica que se não conseguia de um dia para o outro.

Fui para a República onde já estava o António de Abreu Freire que teve também de ir mais cedo, para comprar livros e um esqueleto de que carecia para o estudo da anatomia.

O quarto que me destinaram foi no rés-do-chão. Era o pior da casa. Mas os caloiros não tinham direito a escolha. Era, contudo, um aposento de tradições. Ali

tinha estado o Luciano Pereira da Silva, ao tempo n6vel lente de matemática e, mais tarde, não só grande professor mas erudito investigador literário que marcou na interpretação de alguns passos dos *Lusíadas*.

— É muito bom, dizia o José de Almeida, de Ovar, outro companheiro da República, para um vil caloiro!

Fui com o António de Abreu, logo na manhã do dia seguinte, ao Paixão, alfaiate da rua Larga, muitas vezes troçado nas récitas dos quintanistas.

— Sr. Paixão! disse o António de Abreu, com voz de veterano. Quer-se uma capa e batina de pano forte e barato para este caloiro. Justou-se. O Paixão tirou as medidas com a fita que trazia sempre ao pescoço. Prometeu que estaria pronta no dia 15. Não nos pareceu muito cara e o António garantiu que o Paixão era bom alfaiate para aquele género de obra académica.

Já vínhamos a sair, quando o Paixão se abeirou para, dirigindo-se a mim, me despedir este pedido:

— O sr. doutor vem amanhã de manhã, sem falta, provar a sua batina.

Ruborizei. Um tratamento daqueles ali, na rua Larga, junto à porta férrea e à Universidade, deixou-me orgulhoso e feliz.

O António de Abreu é que comentou com um sorriso avelhacado:

— Ora o pedaço de asno do caloiro a ser tratado por doutor!

E fomos almoçar o clássico bife com dois ovos estrelados, perpétua ementa da refeição matinal dos escolares

de Coimbra daquele tempo Almoçava-se cedo, a horas desencontradas, consoante as aulas, em torno das 9 e 10 horas. O jantar era às 3 da tarde. Depois um passeio pacato até ao jardim botânico, ao Penedo da Saudade, às vezes até Celas e outros arredores. Ao toque da cabra, às seis horas, tudo estava a estudar naquela pacata República, até ao chá que a sr.^a Rita tinha pronto e arranjado às nove da noite.

Se havia mais um conviva, rapaz que viesse estudar com algum dos companheiros, gritava um dos doutores do primeiro andar:

— Senhora Rita, mais água no bule; vem mais um senhor doutor tomar chá.

No rol das contas dessa época, a sr.^a Rita fazia sempre a mesma provisão diária de um vintém de chá. Pão e manteiga havia sempre para nós e sobresselente para um ou mesmo dois convidados.

Todos traziam o seu candeeiro de azeite para a mesa da sala de jantar que era no rés-do-chão, à entrada. A iluminação no fim, ia desaparecendo com as saídas dos possuidores dos candeeiros amarelos de três bicos.

À meia-noite todos se iam deitar, a não ser que a sebenta de Direito tivesse tido atraso na litografia do Manuel das Barbas.

XIX

EM COIMBRA

Às quartas e sábados não se pegava em livro. Eram vésperas de feriado. Ia-se à baixa, ao Café do Marques Pinto onde as arruaças aos caloiros eram insuportáveis, mas onde todos gostavam de ir... Também lá me levaram protegido ou pelo José de Almeida ou pelo Manuel Pedro Ruela, ambos companheiros da República e quintanistas de Direito. Julgo que foram os dois. Sem protecção arriscar-me-ia a grandes desgostos. Das troças dos veteranos é que ninguém se livrava. Para isso não havia protecção que bastasse. A primeira vez que fui ao café dei logo de entrada com um caloiro, sobre um bilhar, a dissertar, sabe Deus com que dificuldades, sobre este estranho tema: «A influência do bacalhau na atmosfera».

— Fale, fale...

— Eu sei lá o que hei-de dizer! O bacalhau é para comer, dizia o pobre caloiro.

— E para respirar, respondia um veterano, com ar de algoz. Explique-se, explique-se, seu animal...

— Racional... acrescenta o caloiro.

Gargalhada geral. Descida do púlpito. E procurou-se outro desventurado.

— Lá isso não! — dizem dois jogadores de taco em punho que tinham transigido com a suspensão momentânea da partida. — O bilhar não é só para caloiros. Vão

arranjar outro púlpito. Muito generosos fomos nós. E paga-se à hora, sabem?

Enquanto decorria este aranzel, fui-me escoando para o fundo da sala, muito receoso, comprometido na minha capa nova, luzidia, querendo mostrar ar despreocupado, mas de cada vez mais envergonhado ao lado do José de Almeida, o quintanista protector. Não tinha ainda chegado ao fundo do salão, quando um latagão, trigueiro, espadaúdo, que já tinha visto nas aulas, na ala dos repententes, se aproxima, lançando-me o repto:

— Com que então um caloiro loirinho!

E pegando-me pelos sovacos colocou-me sobre uma cadeira.

O José de Almeida declarou:

— Está protegido.

— Ninguém bate no seu pimpolho, sr. doutor, retorquiu o arrogante segundanista. Apenas o coloquei sobre um trono, como a Santo António, em dia de festança.

E gritando alto:

— Oh Vasconcelos, dá cá um mote para este mancebo.

O Vasconcelos era já terceiranista, trocista máximo, a que não resistia o mais descarado caloiro que aparecesse. Nem o PadZé se defendeu, e este afivelava, nestes momentos, uma máscara de arrogância e de desprezo, como nenhuma outra conheci no meu tempo.

— Então entupiste com o loirinho! Despacha-te!

E o Vasconcelos deu este tema para eu dissertar: «Porque é que o mel é loiro e o pez é preto?»

Vá lá um homem dizer de pronto alguma coisa sobre tal assunto! Encarnado como um pimentão, meditei, por momentos, sobre a conspícua pergunta, debaixo da intimação arruaceira e ameaçadora da assistência.

— Desembuche-se, seu ignóbil caloiro, escória da sociedade académica, vergonha da classe...

Fiz tímido sinal de que ia falar.

— O mel é loiro porque vem das abelhas que são amarelas...

— Que confusão de cores, retorquiu um da assistência.

— E o pez é preto como...

Fiz uma suspensão.

— Vê lá o que dizes! Se ofendes um veterano nem a alma se te aproveita.

E com mocas no ar, a turba rodeou-me.

— Está protegido! dizia o José de Almeida.

— Não há protecção para insultos a honrados académicos. Um caloiro é um verme da terra. Não consentiremos. Vá, diga, seu miserável! O pez é preto como?

— Como tições... respondi a medo.

Ligeiro sorriso complacente. A transpirar descí da cadeira, não sem que um veterano mais ousado, que envergava, como instrumento de tortura, uma colher de pau avantajadíssima, que brandia no ar como gládio de combate, clamasse:

— Hei-de desfazer-te as mãos, meu caloiro mimoso, com esta férula vingadora!

E como se aproximasse para me obrigar a entregar-

-lhe as mãos para o incruento sacrifício, logo interveio o quintanista:

— Está protegido! Ninguém lhe toca, disse com ar imperativo.

— E não se encontra um que não traga ao lado um doutor de importância a guardar-lhe as costas! Terei que levar para casa este rico objecto, que me custou oito vinténs, virgem da pele de caloiro!

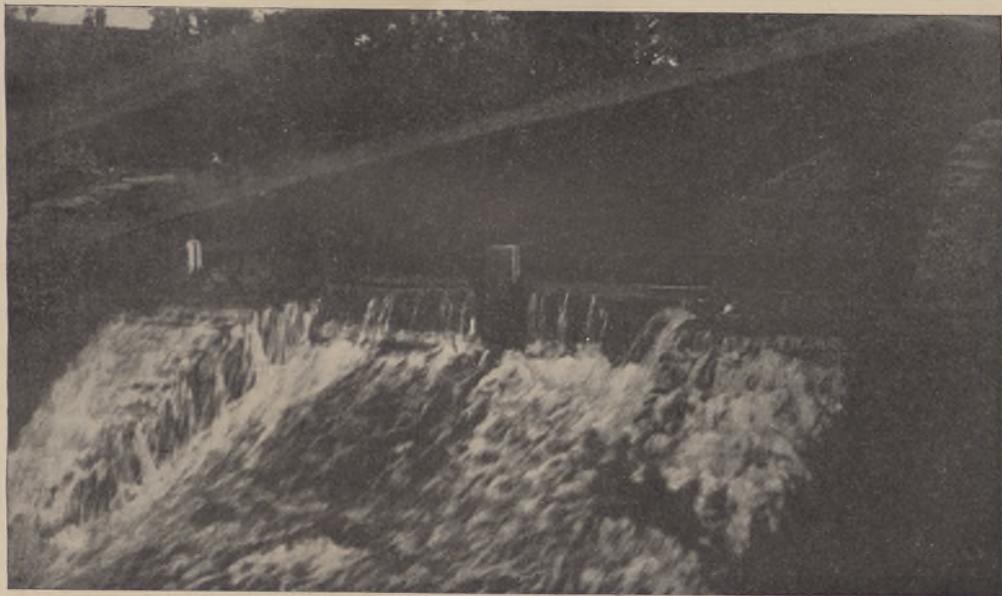
— Também ficava a cheirar mal, diz um outro.

Demorámo-nos algum tempo por ali, subimos ao primeiro andar, onde havia mais rapaziada que se não fartava de me dirigir chufas.

Por fim, saímos sem novidade, a respirar o ar fresco da noite

Eram horas de, pachorrentamente, se fazer a escalada da cidade para o bairro universitário que era toda a Alta. Não havia eléctricos, luxo que mais tarde modernizou a Lusa Atenas. O trajecto era a pé e o mais aconselhável era pelo Quebra-Costas. Passámos sob o Arco de Almeida que recorda a Coimbra medieva, subimos a íngreme ladeira e a escadaria terminal. Deixámos à direita a Sé Velha, a grande catedral, agora restaurada e reabilitada e, depois de atravessar ruas sinuosas, chegámos ao Largo da Feira onde alcançámos os Arcos do Jardim. Acidentado trajecto de que não demos conta, pois as subidas não eram embaraço que se sentisse naquela idade.

Descíamos tranquilamente a ladeira que levava à nossa República, quando nos cerca, vinda do lado do Arco da Traição, uma trupe agressiva, perfeita na sua indu-



UMA CHEIA NO RIO GONDE (Casa do Marinheiro)

mentária macabra a que não faltavam os instrumentos de tortura: as moccas avantajadas, em riste, em torno da minha cabeça, a palmatória ameaçadora e a tesoura, grande como a da tosquia dos carneiros, destinada a marcar os caloiros que andassem a flunar fora de horas.

— Está protegido! disse o José de Almeida.

E logo o cenário agressivo se dispersou.

— Outros virão! disse o comandante dos salteadores do cabelo e da integridade das mãos dos caloiros.

Descemos a encosta e, como estávamos junto de casa e a noite não estava fria, sentámo-nos no muro que defendia os transeuntes, de uns metros de desnível para outra rua situada num plano inferior.

Os estudantes da trupe mantinham-se no seu posto, encostados ao muro que contornava a cerca do Hospital dos Lázaros. Com a çapa torcida sobre a cabeça formavam um embuço em que apenas os olhos luziam, no negro da cabeça.

Conversávamos distraidamente quando surgiu do lado do Castelo um homem ainda novo, que seguia apressado com uma pequena mala na mão direita e o sobretudo pendurado do braço esquerdo. Saltaram-lhe os embuçados. O homem ficou atónito! Insensivelmente deixou cair a mala e o sobretudo e permaneceu numa atitude de estátua, talvez encomendando a alma a Deus naquela inesperada e insólita emergência.

— Dê cá a mão, seu caloiro!

E o homem deu a mão direita em que lhe aplicaram seis palmatoadas bem puxadas.

— Agora a outra!

O viandante entregou ao sacrifício a mão esquerda.

— Ó Zé, disse o chefe para o companheiro da tesoura, abre-lhe a coroa. Tiraram-lhe o chapéu e o homem entregou a cabeleira à fúria da desmedida tesoura que lhe fez destroços, de momento, irreparáveis.

— E agora siga, disseram em coro.

O homem pôs o chapéu, retomou a mala e o sobretudo e desceu a rua a passo regular; mas, em baixo, quando a rua apresenta uma pequena garganta, com casas de ambos os lados, desatou a correr como um desvairado, o que foi motivo de risota para nós e para os da trupe que, sem tirarem os disfarces, confraternizaram connosco na hilariante manifestação.

Não tardou que apparecesse no local, o dr. Fernando Brederode, ao tempo quintanista de matemática, a casa de quem se dirigiu o agredido.

Procurou a trupe que não foi difícil encontrar, para verberar àsperamente os estudantes pelo seu procedimento inqualificável.

— Já a caça aos caloiros é uma indignidade, disse, mas a agressão a um simples visitante de Coimbra que acaba de completar os estudos de engenheiro no estrangeiro, é uma infâmia...

A última palavra lançou o fogo numa discussão azeda que não terminava mais. Fomo-nos aproximando.

— O sr. doutor exagera e acaba de pronunciar palavras que nos ofendem.

— Não têm direito a sentirem-se ofendidos, visto

que não mostram a cara e se disfarçam com a máscara preta da capa. Repito, foi infame o que fizeram ao meu amigo.

Todos se desembuçaram e um deles que conhecia o dr. Brederode quis chamá-lo à boa razão. Não merecia o que se passou tão grave qualificativo. E aproximando-se do Brederode, disse-lhe:

— Esse seu amigo foi tratado por caloiro. Nada disse e aceitou a denominação. Pedimos-lhe a mão para uso da palmatória e, sem uma palavra, deu primeiro uma e depois a outra. Aprontámo-nos para lhe dar umas tesouradas no cabelo...

— E vinha bem penteadinho, lá isso vinha, disse o Gasparinho, o cómico da companhia.

— Cala-te para aí. Temos de explicar tudo ao dr. Brederode que ignora como os factos se passaram.

— Apanhou-as e seguiu. E leva coroa para tomar ordens amanhã, continuou o Gasparinho.

— Não digas tolices. Já vê sr. dr. Brederode que aqui não houve infâmia alguma. O homem não disse quem era.

— Mas vocês também lho não perguntaram.

— Então queria que, em gesto palaciano, a capa em grande movimento reverencial, lhe perguntássemos: V. Ex.^a é ou não é caloiro da nossa douta Universidade?

E o Gasparinho continuou:

— A nossa linguagem é outra: Dê cá a mão seu caloiro! Se não é e não recalcitra mostra que é tanso... e leva a sua conta. Sempre aprende alguma coisa.

Os ares iam serenando, o José de Almeida interveio

com bom-senso, procurando conciliar as duas partes, para o que lhe não faltava também a autoridade de veterano qualificado.

Entrementes, ouve-se do lado do liceu a voz do Hilário que, em serenata, seguia para o Penedo da Saudade. Todos o acompanhámos, excepto o Brederode que foi ter com o amigo para lhe explicar que tudo fora falta de decisão verbal.

O Hilário já era grande cantor, e ensaiava-se para maiores voos:

Eu quero que o meu caixão
Tenha uma forma bizarra,
A forma de um coração,
A forma de uma guitarra.

E o seu fado, com o «Ai» prolongado, trazia à janela as meninas de Coimbra e fazia delirar as tricaninhas gentis. Os estudantes, mesmo a horas mortas da noite, chegavam a levantar-se para o ouvir e para acompanhar a guitarrada. Não era apenas o fado, e já ele valia a caminhada, era também a serenata, aquela marcha procissional que por uma estreita vereda nos levava ao Penedo da Saudade, então ermo de edifícios, na visão enevoada do vale ao luar, polvilhado de casas brancas e estendendo-se até ao rio. Era a canção, era a paisagem, era a companhia!

Já passava da uma hora, quando regressámos aos nossos quartos na República dos Arcos do Jardim n.º 1, depois de uma noite para mim acidentada de múltiplas sensações. Coimbra era assim: trocista, tradicionalista e

estimulante de poesia e de cantares que embalsamavam o ar. Violenta e melancólica, desordeira e sonhadora, foi e ainda é, a mais linda cidade de Portugal. Debruçada sobre colinas em que o olhar se perde nos longes da paisagem, adormecida ao som do marulhar das águas do Mondego, douta e altiva, pátria da poesia portuguesa e de lances cavalleirescos de que falam crónicas de velhos tempos, tem o perfume do passado e a alegria gárrula da mocidade turbulenta de hoje. Queria ver-te sempre como foste no meu período de estudante, cortesã de velhas idades, em que florião menestrais de traços medievais; foliona e animadora das danças e cantigas, das fogueiras de S. João, das serenatas às lindas raparigas e também provocadora das cólicas e preocupações do fim do ano!

Coimbra querida da minha mocidade, és tu que vives ainda na clareira afastada das minhas mais doces reminiscências!

XX

A GREVE DOS ESTUDANTES

Por causa do foro académico, a Academia declarou-se em greve, no meu primeiro ano, coisa de que se não ouvira falar até então.

Não sei se houve razão para esse movimento, o que aliás pouco interessa. Fez-se a greve; cortejos contra o

Reitor que era o velho Santos Viegas, considerado professor de Física, rudemente atacado com apóstrofes e cantilenas. Luta aberta entre a Academia e o Comissário da Polícia, o Ferrão, de facto bacharel em Direito, como toda a gente, assim sóia dizer-se, mas agora audacioso comandante das hostes policiais. Por vezes entraram em jogo as espadeiradas a que os rapazes insubmissos não podiam condignamente responder. As Assembleias Gerais Académicas sucediam-se e outras reuniões houve após a triste solução do conflito. Durante muito tempo se falou do debate acerado e cruel produzido entre Afonso Costa e Abel de Andrade, que ecoou não só no meio académico mas também entre os catedráticos.

O Governo entendeu que o melhor era fechar a Universidade e expulsar os alunos de Coimbra. Apresentaram-se reclamações. Os estudantes das ilhas e das colónias não podiam ir para as suas terras. Houve concessões, mas só para esses alunos, com a obrigação de não envergarem a capa e batina.

Deixou de haver, oficialmente, estudantes na cidade. Uma desolação para a terra e em especial para aqueles que viviam da movimentação académica.

Os comboios saíam a abarrotar de rapazes. Andava no ouvido dos estudantes a canção da despedida dos quintanistas, com letra de Alberto de Oliveira:

Adeus Coimbra, terra de encantos,
Flor do Mondego, lá diz a trova...

que os rapazes parodiaram, cantando em coro, pela viagem fora:

Adeus Coimbra, o diabo te leve,
Vamos embora, por causa da greve...

E como, de momento, não havia aulas tudo ia contente, fossem quais fossem as consequências.

Apenas os quintanistas que já tinham delineado soluções futuras, iam consternados.

Em Estarreja, juntavam-se os grevistas do concelho, não para chegar a quaisquer deliberações, pois nada podiam fazer, mas para tomar conhecimento das ocorrências. Por fim, veio a solução: ou fazer um requerimento de sujeição ou perder o ano. As famílias intervieram no assunto. Os pais obrigaram os filhos a assinar o pedido de readmissão, por não estarem dispostos a maiores despesas. Mas houve excepções entre os alunos independentes e outros que obtiveram dos educadores permissão para não assinarem o pouco airoso requerimento. Eu assinei-o por indicação de meu tio e pelas más condições financeiras em que nos encontrávamos.

Foi pouco elegante a solução em que se pretendeu amarfanhar o carácter dos estudantes. Em questiúnculas destas é preferível não sujeitar os rapazes a condições deprimentes. Com isso nem se prestigia a mocidade nem lucram os governos. Os educadores devem ter sempre em vista a formação de bons caracteres na gente nova.

Acabei o ano e fiquei aprovado nos exames, tendo obtido distinção em uma das disciplinas.

Andei embalado com a carreira das armas, mas por fim assentei em seguir a Medicina. No segundo ano ainda estudei cálculo com Mestre José Branco, por amor às matemáticas, mas já não encerrei matrícula...

Foi nesse primeiro ano, depois das férias da Páscoa, que faleceu o tio Augusto, o que muito impressionou o Abade e também deixou muito saudosa minha mãe, muito amiga do velho mano que fora padrinho carinhoso da Lucianinha.

Meses depois, foi-lhe anunciada a morte de seu pai, em Alcofra, Rafael Henriques de Almeida e Sousa que ela tanto estremecia.

Já estávamos em férias grandes e lá a fomos confortando como pudemos no deslizar daquele terrível drama familiar.

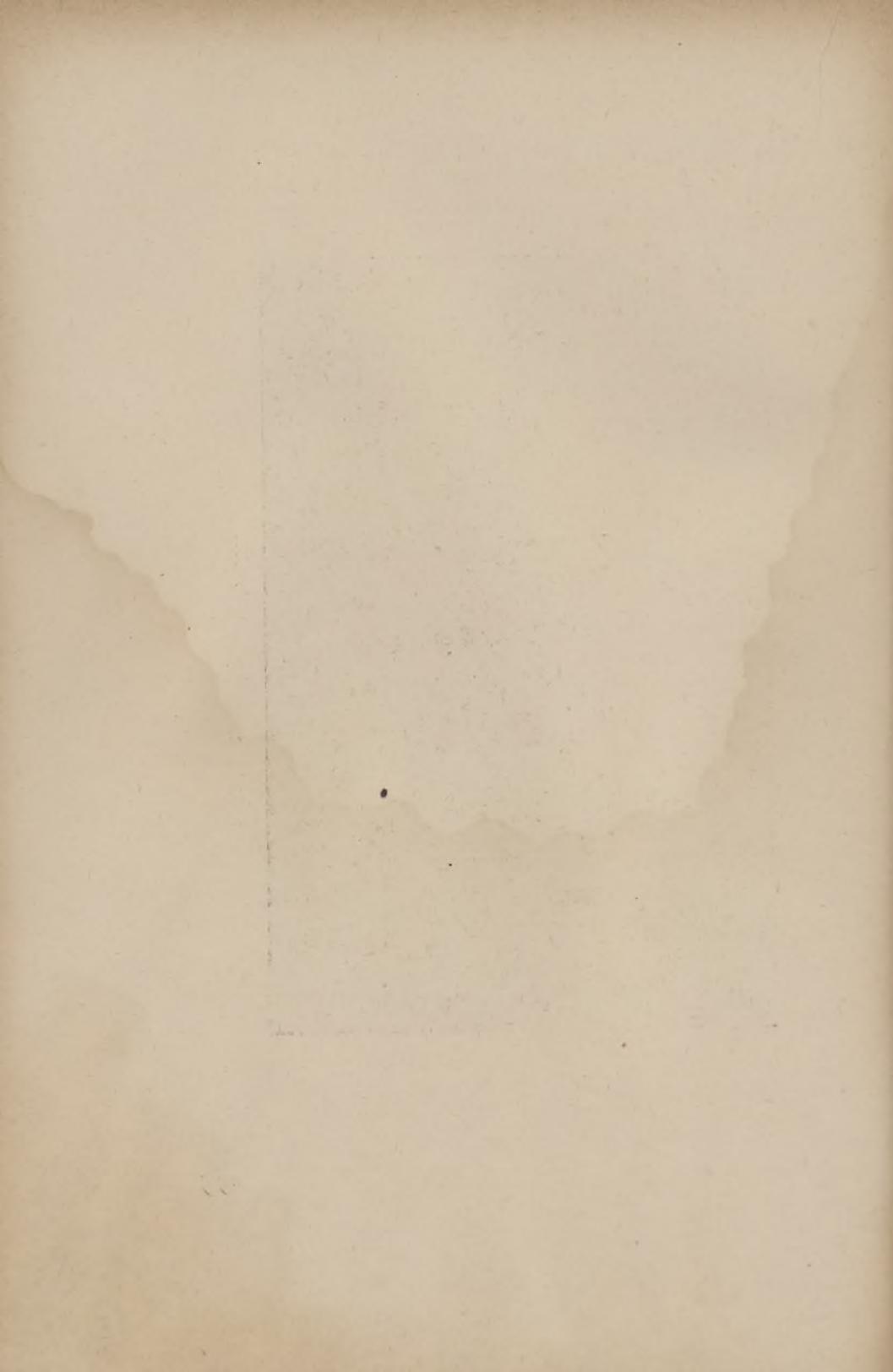
O meu segundo ano de preparatórios médicos decorreu regularmente e no fim do ano alcancei uma ou duas distinções. Por outro lado, meu irmão passou mais um ano de liceu e tudo parecia agora mais tranquilo na nossa casa, cheia de tantas contrariedades e desgostos. Mas assim não sucedeu.

Estávamos nas férias, em Pardilhó, quando meu irmão Miguel me disse que desejava ir para a África. Ia expor o seu desejo à mãe e especialmente ao tio Abade. Foi uma noite, no escritório, em presença de minha mãe, que ele lhe disse:

— Já tenho uns anos do Liceu em que fui aprovei-



CASA DO OUTEIRO, EM AVANCA



tando o tempo, com bom resultado. O meu tio não teve que queixar-se de mim. Mas sei as dificuldades que pesam sobre quem tão bom tem sido para nós. O Antoninho segue muito bem, mas os encargos que acarreta a sua educação, apesar do auxílio que ele tem dado com as suas explicações e a publicação da sebenta de matemática, são muito grandes. O meu curso seria igualmente oneroso e o tio João difficilmente pode contribuir eficazmente para os meus estudos. É pouco justo que eu esteja a embarçar ainda mais esta situação. Tenho habilitações bastantes para, fora daqui, começar a ganhar a vida. Meu tio desculpe, mas eu desejo ir trabalhar para a África.

O Abade estava atónito com a exposição, e minha mãe comoveu-se profundamente. O Miguel acarinhou-a com ternura. Eu permanecia imóvel, embora ele já me tivesse tocado no assunto. Não o julgava já com decisão tomada.

— Vê o que fazes Miguel! Não quero contrariar-te. Medita bem! Nós cá nos vamos arrançando e a vossa educação está acima de tudo. O que temos chegará para vos pôr em condições de ganhar a vida com honra.

— Não desisto meu tio. Tenho 17 anos. Compreendi a vida. Desejo ganhar desde já. A todos auxiliarei se a sorte me for favorável.

— E para onde desejas ir!

— Para a Beira. Velarei a sepultura de meu pai! É lá que desejo fazer carreira.

Minha mãe saiu a soluçar. Meu irmão seguiu-a e disse-lhe muita coisa, mas não pôde sossegá-la.

— Bem! conversaremos amanhã, disse meu tio. É assunto que não pode resolver-se de afogadilho.

E acompanhou-me a animar a nossa mãe, ainda muito perturbada pelo profundo choque que acabava de receber.

— Vamos descansar, disse o Abade, também como-vido. Amanhã se falará sobre o assunto, à luz do dia. As sombras da noite são perturbadoras, pesam como tristezas. E estas de há muito são o pão de cada dia na nossa família.

E virando-se para minha mãe:

— E agora coragem! Até a desconheço, mana, ao ver naufragar a sua energia!

E saiu apressadamente. Não fosse, pelo seu lado, comprometer o ânimo que queria aparentar.

Enquanto meu irmão, agarrado à mãe, lhe fazia ante-ter risonhas perspectivas, em sua companhia, dali a poucos anos, eu fui com o meu tio, silenciosamente, até ao seu posto de trabalho.

— A tua mãe, disse ele, é a *Mater dolorosa* de uma família infeliz. Desde que desandou a roda da fortuna, não há desgraça que lhe não caia em cima. A morte da filha, do marido, do pai, um nunca acabar de desventuras! E agora o Miguel a teimar em ir para a África em perigosa aventura! E já sei que ninguém o demove. É o vosso avô Rafael em pessoa! Teimoso e decidido! Pobre mãe! Tem bebido até às fezes o cálix da amargura! E tão activa, tão dada a trabalhos que às vezes excedem as suas forças! Tem resistido a uma tormenta

de desgraças de que, a menor, foi a perda do que tinha, do que trouxe para o casal... e não foi pouco. A morte de entes queridos fere mais fundo! A decisão de teu irmão foi mais uma punhalada! Não consegue tão cedo reabilitar-se. A vida é bem aquele vale de lágrimas de que se fala na Salve-Rainha. A vizinhança da morte chega a ser um bem! É a redenção da existência... Vai receber a bênção de tua mãe e dar-lhe as boas-noites. Hoje não queremos mais conversas. O travesseiro traz, por vezes, bons conselhos. Boa-noite!

Beije-lhe a mão e fui desejar tranquilidade a minha infeliz mãe, que achei um pouco mais tranquila, abraçada a meu irmão que, por ser o mais novo, muito gostava de acarinhar. Ele também tinha jeito para a levar, falas carinhosas e animadoras...

Uma criada, a Claudina, que acompanhava minha mãe e a auxiliava nos seus movimentos, já um tanto difíceis, da marcha, apareceu para a conduzir ao quarto, onde também ficava. Já lhe era dedicada. Minha mãe tinha o condão de chamar a si, com a brandura das suas palavras e o seu bom conselho, as pessoas que a serviam.

— Vamos, sr.^a D. Maria do Rosário, vamos, minha Senhora, são mais que horas...

Depois de nos despedirmos, ainda ficara em prostração, o olhar vago, amarrada à cadeira de couro lavrado, onde tinha por hábito sentar-se, pensando em coisas imprecisas que, em discordância, atravessavam o seu cérebro perturbado.

— É tão tarde, rematou a criada. A Senhora precisa de descansar.

Depois de uns momentos de indecisão, a Claudina deu-lhe o braço e conduziu-a à cama que não ficava longe. Pediu uma chazada sem açúcar. Secara-se-lhe a boca.

E ficou a rezar as contas até que, manhã alta, a fadiga conseguiu abater-lhe as pálpebras e fazê-la entrar na fase inconsciente da vida, por vezes o que ela tem de melhor. Teve pesadelos mas também lhe sorriram algumas alegrias nos sonhos. Seu filho de regresso com dinheiro bastante para valer às necessidades da casa, acudir à velhice do tio e dar-lhe a grande satisfação de o poder abraçar, homem já, talvez casado, talvez com filhos...

No dia imediato voltou-se a falar no assunto. Meu irmão queria apressar as coisas para ir em certo vapor que fazia viagem para a África Oriental. Conseguira, por alguém de Viseu, a promessa de colocação em casa importante da Beira que carecia de empregado para a correspondência em inglês e francês para que o Miguel se sentia habilitado. Esta perspectiva aliviou muito minha mãe das incertezas do seu futuro. Também foi motivo para que meu tio, embora com grande mágoa por ele não querer tirar um curso superior ou do seminário, hipotese que meu irmão sempre repudiou, se inclinasse para dar o seu consentimento.

Para encurtar razões, em pouco mais de um mês tudo estava arranjado para embarcar. Minha mãe fizera um grande esforço para, com o auxílio de costureiras da terra lhe arranjar as roupas indispensáveis.

Quem sabe se, quando as lágrimas lhe orvalhavam a costura, ela não teria tido a ideia de lhe estar a arranjar a mortalha!

Mas não sossobrou inteiramente, voltou a tomar um pouco da energia que a caracterizava. A força de vontade, e a decisão de um dever a cumprir, voltaram de novo, a flux.

Depressa chegou o dia aprazado para a viagem. O tio João António mandou-lhe uma lembrança e as criadas uns lenços bordados com um M. Minha mãe, coitada, deu-lhe uns magros vinténs que tinha juntado e eu entreguei-lhe umas bugigangas que possuía e um porta-moedas, a minha jóia mais apreciada, com uns parcos mil réis que eram a minha fortuna.

Meu tio resolveu acompanhá-lo a Lisboa onde já não ia havia uns trinta anos! Representava-nos a todos, emissor da saudade de uma família que vibrava uníssona na mesma affectividade e estima.

Contou depois meu tio que permanecera no cais, até o vapor, de cuja grandeza e sumptuosidade dizia maravilhas, desaparecer na orla do horizonte. E muito tempo mais! Se as ondas, ao longe, percebessem as vibrações da sua sentimentalidade, deviam transmitir ao Miguel as saudades que lhe deixava. Regressou a Pardilhó na mesma noite. Tinha cumprido a sua missão.

Disse, depois, em pormenor, o que fizera em Lisboa. Que comprara para o Miguelzinho tudo o que ele quis, e não foi muito. Uns casacos brancos que havia feitos, um chapéu de palha e não sei que mais. Referiu que ia

regularmente instalado, que o barco parecia um palácio flutuante, um monstro que desceu garboso o Tejo...

Nesta altura, não se teve que não se levantasse da mesa sem ter podido terminar o parco jantar da família.

A conversa continuou à noite e dias seguintes, sendo minha mãe e eu informados das mais pequenas ocorrências.

XXI

DEPOIS DA PARTIDA DO MEU IRMÃO

Andávamos envolvidos numa neblina de tristezas, até que, chegada a ocasião de voltar para Coimbra, para o primeiro ano de Medicina, as minhas atenções se voltaram para os estudos.

No ano anterior, como já tinha criado amizades com alguns condiscípulos, resolvi entrar, de acordo com os antigos companheiros, a chegarem ao fim do curso, na constituição de uma nova República. Esta era formada só de condiscípulos e estive primeiro na Rua Tenente Valadim. No ano imediato, instalámo-nos definitivamente na Rua de Tomar, 1, onde terminámos a nossa formatura.

As discussões nas Repúblicas coimbrãs, sempre vivas e animadas, constituíam uma das suas vantagens. Na nossa discutia-se principalmente medicina, mas também



CASA DA AREIA, EM AVANCA

arte e literatura. O Óscar Marinho, um dos nossos companheiros, tocava bem piano. Augusto Gil frequentava-a assiduamente e Afonso Lopes Vieira, que não morava longe, também nos visitava. Três dos condiscípulos faziam versos, o Alberto, eu e o Pereira Barata, este com esmeradas qualidades de menestrel. Deixou lindos versos que não publicou. Ainda por lá cantam quadras suas, algumas bem originais:

É tão verdade, Maria,
Que és para o meu coração,
Que o teu nome principia
Na palma da minha mão.

Desapareceu no momento em que eu escrevia estas linhas. Espírito culto e inteligente, deixou-nos muitas saudades.

De todos os três, dados a metrificar, eu era, sem dúvida, o pior. Faltava-me qualquer aduela para poetar e por isso deixei o ofício. O Alberto Rego foi quem, por mais tempo, conservou a centelha versejadora que chegou aos nossos dias.

As obras literárias do tempo eram minuciosamente estudadas e criticadas na República, tanto as nacionais como as francesas que raro escapavam à nossa leitura e apreciação, ao que, muitas vezes, se associava Augusto Gil.

Na minha primeira República havia teólogos, juristas e médicos. Todas as questões vinham ao tablado durante os repastos. Tanto se discutia a existência de Deus

como as doutrinas de Pasteur e mesmo reminiscências de direito romano! Havia as mais desconcertadas opiniões e bastante falta de conhecimentos que, aliás, não eram muito necessários naquelas contendas que metiam graças e dichotes. Mas fazia-se ginástica mental, o que não era de todo inútil.

Tudo decorria em amenidades de conversa. Nem zangas, nem intransigências. Pensava-se livremente, as opiniões mais audaciosas vogavam em frases espontâneas e, por vezes, dignas de sinédrios mais elevados. Pelo menos assim afirmava um dos companheiros mais respeitável.

Mas voltemos ao curso de Medicina. No primeiro ano fui o quinto classificado *accessit ex-equo* com outro condiscípulo.

Atendendo à situação da família, pensei em ir a concursos para professor do liceu.

Com um pouco de estudo, esperava alcançar a aprovação na secção de ciências e passei a trabalhar nesse sentido.

Em Coimbra, porém, só queria saber de Medicina. Nas férias é que me dedicava ao estudo da Matemática e de ciências Físico-químicas e Biológicas, necessárias ao concurso daquele tempo para o pretendido lugar.

Um dia procurou-nos em Pardilhó o primo José Maria de Abreu Freire.

— Consta-me que andas a gastar o teu tempo e a consumir a tua cabeça em estudos para um concurso de professor de ensino secundário. Porque não deixas isso

e te deitas ao trabalho para alcançares o professorado superior?

E chamou em seu auxílio o meu tio Abade a quem visitava para agradecer quaisquer serviços que este lhe tinha prestado.

— Que diz a isto, primo Abade?

Meu tio ficou indeciso e encolheu os ombros.

— Desejo ser professor do liceu, disse eu, para poder libertar meu tio dos encargos que lhe dou, minorar as dificuldades da casa e dar o possível conforto a minha mãe que tem sofrido os mais rudes golpes. O professorado do ensino superior é mais difícil de conquistar. É necessário ser o primeiro classificado do curso e, por ora, ainda estou muito atrasado.

— Mas já subiste, disse o José Maria.

— Sim. Do ano passado para este passei a primeiro *accessit*, mas ainda tenho diante de mim dois premiados.

— És capaz de os vencer. Além disso, como professor do liceu podes ser chamado para longe de Coimbra. E vale-te a pena interromper o curso de Medicina? disse o José Maria.

— De maneira alguma, dissemos em coro.

Em suma, a conversa foi salutar, mas ainda assim levei ao fim, naquelas férias grandes, o estudo do programa dos concursos liceais, embora já muito abalado nos primitivos propósitos.

Minha mãe andava adoentada. O António de Abreu que iniciava a sua carreira clínica por aquelas paragens, foi chamado a meu pedido. Tinha dores violentas no

joelho direito o que attribuía ao ter apanhado um resfriamento no jardim. Falou-se em reumatismo. Em breve verificou-se que se tratava de uma artrite que veio à supuração. Meses de tortura física em que o António de Abreu foi inexcedível de dedicação e de cuidados. A doença durou meses. Ficou com uma anquilose. Passou a andar de muletas e com o seu feitio decidido conseguiu mobilizar-se regularmente. Usava então uma touca branca de rendinhas que lhe dava um ligeiro ar infantil.

Meu irmão escrevia-lhe, aos tios e a mim, com certa assiduidade. Alcançara colocação que, para começo, achava regular e dizia-se bem de saúde.

Levara as flores murchas, mas viçosas de saudades, que minha mãe lhe entregara, ao coval do nosso pai. A notícia a todos comoveu.

No cérebro de meu irmão germinava a ânsia da aventura, herança que também senti em mim, em desejos de arriscadas audácias. Tinham-lhe dado umas férias de quinze dias. Foi com outros companheiros para o interior à caça do leão. Por lá se demoraram. Diz uma carta de um oficial, seu companheiro, que ele se portara como um valente e abatera duas feras.

Mas, acrescentava — e essa era a parte trágica da exposição — «que tivera umas febres graves no mato onde não havia possibilidade de socorros urgentes, vindo, infelizmente, a falecer no dia imediato».

Meu tio, a quem a carta era dirigida, ficou prostrado. A hecatombe seguia. Foi maldição que caiu sobre a nossa gente! Entrou a rezar pelo seu descanso eterno, enquanto

o pensamento adejava sem saber como comunicar a de-
sastrada notícia a minha pobre mãe!

Eu estava para Coimbra, em nada o podia auxiliar
naquela dolorosa emergência.

A criada foi dizer-lhe, da parte da sua Senhora que,
quando quisesse, podia ir jantar. Meu tio não respon-
deu. Limpou os olhos e foi para a mesa.

— Muito bons dias, disse ele a minha mãe. Ora meu
tio era sempre solícito em boas palavras. Este cumpri-
mento um pouco seco pôs de sobreaviso minha mãe.

— O que tem mano Abade? acho-o triste, teve
algum aborrecimento?

— Coisas da vida paroquial que nem sempre cor-
rem como desejamos

Mas não se conteve e encostou-se à mesa a soluçar,
sem comedimento.

— O que foi, mano, o que foi, exclamou minha mãe
a quem um triste pressentimento lhe perturbou o rosto.
O meu Miguel...

E a voz embargou-se-lhe.

— O nosso Miguelzinho faleceu há mês e meio no
meio do mato, de uma febre, quando andava com ami-
gos à caça dos leões!

— Que loucura, meu Deus, que loucura!

E procurando levantar-se, encostada à mesa e à mu-
leta, os olhos rasos de lágrimas, disse:

— Para que Deus tenha sua alma em perfeito des-
canso, Padre Nosso...

Meu tio acompanhou-a na oração e a Claudina que

acudiu às palavras dos amos, caiu de joelhos, associando-se às orações que, envoltas em lágrimas, ascendiam alto.

Pode facilmente imaginar-se a angústia daquela cena em que havia, entremeados com as preces, laivos mal contidos de desespero e de revolta.

— Antes eu o não tivesse deixado ir, dizia meu tio, batendo com o punho na mesa, antes o não tivesse deixado ir...

— Dos meus queridos filhos só me resta o seu afilhado! disse minha mãe. O que mais me estará ainda reservado! Para que vivo, para que vivo?

— Tenha coragem. É certo que a nossa existência tem sido um rosário de infortúnios!

— Não há, mano, gente mais infeliz. Eu tenho sido crucificada e sofrido os maiores suplícios. O meu querido Miguelzinho, tão carinhoso, tão nosso amigo...

— Mais um a desaparecer na voragem das desgraças que nos perseguem!

A Claudina foi pondo na mesa o que havia para o jantar, mas nem minha mãe nem meu tio quiseram servir-se.

Não falavam já. Cada um se remetera a um prolongado silêncio. A dor subjugava as palavras. Minha mãe queria pormenores. Meu tio foi buscar a carta que recebera. Não sabia mais nada.

— Vou escrever ao Antoninho.

— Não, mano Abade, escreva amanhã ou depois. Basta que lhe envie a carta. Ele que me animava sem-

pre, esperando que o Miguel voltasse um dia rico e feliz... Como vai sofrer com a notícia!

No dia seguinte recebeu meu tio uma carta minha contendo outra que o Miguel me dirigira, a anunciar quinze dias de férias. Projectava passá-los numa caçada com uns amigos, às feras que infestavam as florestas próximas. Eu comentava na carta que o seu projecto era uma imprudência e sugestionava a meu tio que lhe escrevesse proibindo-o, em seu nome e no da mãe, de tais temeridades.

De nada já valiam precauções.

Os amigos abriram-lhe uma cova funda, para que as hienas lhe respeitassem o corpo, à sombra dos coqueiros, a milhas da costa, onde ficou a dormir o sono derradeiro, embalado pela música das folhas ao impulso da ventania e pela casquinada das aves noctívagas e o bramido das feras, no eterno conflito das espécies.

Minha mãe ficou prostrada e doente. O Abade piorou da diabetes. Ambos arrastavam a custo a marcha rude de males morais e físicos.

A minha chegada não tardou. Nova crise dolorosa que eu fui despertar; mais um molho de angústias a lançar na fogueira da grande tortura!

— Ainda me tinham a mim! Animava-os. Era robusto e não me meteria em aventuras perigosas como aquela! Havia de trabalhar, ser alguém e valer à velhice dos dois!

Meu tio já tinha galgado, nesse tempo, a casa dos 70 e a sua doença progredia. Inquietava-me.

Minha mãe estava alquebrada por suplícios morais e por dores físicas. Ao Dr. António de Abreu recomendei os dois velhos queridos e a sua solicitude foi tão longe que chegou a dar-lhes assistênça diária.

Regressei a Coimbra. O meu feitio excessivamente folgazão abatera de chofre. Estranharam-me os companheiros e condiscípulos.

Mas o tempo tudo consome, fui-me levantando e pela Páscoa o ambiente carregado da casa, onde minha mãe chorava as suas desventuras, sem que o Abade a conseguisse animar, passou a clarear um pouco com a minha presença e as minhas novidades de Coimbra.

— Sabem? Espero subir este ano mais um ponto na classificação. Até agora as minhas lições não desmerecem das dos meus competidores premiados. Dizem-no os condiscípulos, sempre bons juizes nestes pleitos, na apreciação das qualidades dos contendores na luta que estamos travando.

— És a nossa única luz, o bordão a que nos apegamos neste desmoronar da vida. Estuda muito, dizia minha mãe, é a melhor retribuição que podes dar a teu tio, dos muitos sacrifícios que tem feito por todos nós.

Nisto ouvimos os passos arrastados do Abade que chegava da Igreja.

Fiz-me, junto dele, ainda mais optimista. Estava num dia em que irradiava vaidade por todos os poros. E o defeito passou a ser virtude naquele momento.

— Venho muito fatigado, disse ele. Já me vai custando este trabalho.



A IGREJA DE AVANCA (Século XVIII)

— Deixe, que o seu afilhado há-de formar-se e modificar por completo a situação.

— O João António escreveu-me hoje; nunca deixa de falar no nosso infeliz Miguel. Também o estimava muito.

— Sabe, tio Abade? Querem-me fazer Presidente da Tuna Académica para o próximo ano. Querem naquele lugar alguém que faça a apresentação dos rapazes e dizem que eu tenho jeito para isso.

— Contanto que isso não prejudique os teus estudos, farás o que entenderes, disse meu tio.

— Também precisa de se distrair e esquecer um pouco as desventuras que têm desabado sobre nós, acrescentou minha mãe. Mas é preciso que te não desvies do bom caminho que estás a seguir na Faculdade de Medicina.

As nossas conversas faziam-se já num outro tom. Foram dias de confidências em que procurava modificar o ambiente.

Melhor disposto, voltei para Coimbra, deixando a atmosfera familiar menos densa e menos pesada.

Elegeram-me para Presidente da Tuna.

No fim do ano os exames correram bem e subi para prémio, podendo assim aspirar ao professorado universitário.

As férias grandes dividi-as entre Pardilhó, Avelar e Lobão. Nesta aldeia beiroa abundava a gente nova com danças e diversões que muito me seduziam. Também namorava, mas os meus velhos não aprovavam a minha escolha.

A Beira Alta era um centro de distrações com casas antigas que reuniam as pessoas amigas das redondezas. Além das famílias de Lobão, havia a Casa do Mosteiro, dos Viscondes de Tondela, onde era acolhido com amizade. Recordo-me de um Carnaval que ali passei com as damas fantasiadas e uma selecção de rapazes das famílias das redondezas. A sr.^a Viscondessa estava na pujança da sua mocidade e da sua beleza, vestida à oriental, figurinha de graça e de elegantes maneiras, mais *biscuit* de Sèvres do que serrana do Caramulo. Sua irmã, a linda Cacilda Ferraz, vestida à toureiro, era um misto de desembaraço e de candura, numa indumentária feliz de seda e oiro. E muitas outras que nos atraíam às conversas, às valsas e às quadrilhas da época, em requintes de saudações e em colóquios animados. Tudo passou. Poucos se recordam desse tempo, que revivo neste momento em suave evocação, de uma agradável e fina sociedade que se espalhava pelo Vale de Besteiros, com história que merecia um dia ser aproveitada para cenário de um romance de costumes beirões.

Havia duas semanas de férias que eu destinava ao Avelar. Estava sempre convidado para casa do pai do Alberto Rego, o «tio» Alfredo, como lhe chamava, amigo de receber, de carácter alegre e óptima disposição.

Assisti à inauguração do Hospital, construído sob a égide amiga do Dr. Costa Simões, que foi professor e Reitor da Universidade de Coimbra e era aparentado com os Regos. Houve sessão solene, com discursos, em que fiz uma das minhas primeiras exhibições oratórias.

Durante anos não faltei à festa da Senhora da Guia, com o milagre do forno, patente ao público, e o baile até de madrugada em casa do tio Alfredo.

Depois íamos uns dias para a Quinta de Cima onde o Dr. João Rego, que também promovemos a «tio», pois sendo-o do Alberto, quisemos que houvesse uniformidade de tratamento, nos recebia com grande aprazimento e bonomia. Danças e passeios vários, alguns no carro da quinta, puxado a duas belas muares, em que o tio João punha grande desvelo.

A maior parte das férias era, porém, para Pardilhó em companhia de meu tio e de minha mãe que se revia na minha actividade, por vezes excessiva. Passeatas a cavalo à Murtosa, muito da minha predilecção, a Avanca, a Estarreja, sempre que havia bailes no Clube, onde pontificavam as interessantes filhas de Francisco Barbosa, a figura dominante do Concelho, presidente eleito do Município e várias vezes deputado por aquele círculo eleitoral. Nas férias, e no reduzido meio em que me movimentava, aproveitei tudo o que era motivo de distracção e satisfazia as minhas tendências de devoto de Terpsícore. A convivência com a gente moça do meu tempo, era o meu enlevo e os meus não me contrariavam.

No meado de Setembro ia até à nossa já conhecida Torreira, a praia mais económica da região, onde com outros estudantes fazíamos uma espécie de República coimbrã, de vida barata e cómoda. À noite dançávamos na Assembleia num barracão ao norte, que tinha atrás

de si uma tradição que ascendia à mocidade do Conselheiro José Luciano de Castro.

O ilustre político era, ao tempo, estudante e publicou por essa altura, suponho que em periódico aveirense, uns célebres artigos com o título de «Folhetim da Torreira». Pela vida fora do notável estadista, quando aos adversários faltavam outros motivos de ataque, invocavam-se os decantados «Folhetins» para o ridicularizarem. Com isso muito se divertia o Conselheiro, coçando o bigode com o indicador direito, gesto que lhe era peculiar. Nesse tempo a liberdade de Imprensa não admitia barreiras. Os homens públicos receavam as críticas quando assentavam sobre erros cometidos, que procuravam remediar; mas divertiam-se com as apreciações de bom-humor com que eram mimoseados. O «António Maria» e a «Paródia», do grande Rafael Bordalo, faziam sorrir os políticos, mesmo os mais severamente atingidos. Páginas que não esquecem, mas que hoje poucos sabem decifrar. «Acidente na passagem de um arroio», cheia de sub-entendidos; «A Lei da Rolha», em que era atacada a política atrabiliária do ditador João Franco; «A Grande Porca, a Política», flagrante verdade que ecoou com agrado, por todo o país e... tantas outras.

Depois passaram os bailes da Torreira do barracão para a Assembleia, no rés-do-chão da casa do Arrais Sebolão. Aí se juntavam as famílias em que as Senhoras mantinham a sua categoria de gente escolhida.

Também promovíamos bailes de tricanas que, na Beira-Mar daquela regão, marcaram sempre lugar de

relevo pela beleza dos rostos morenos, pelo encanto da sua indumentária típica, em que o lenço de seda, o xaile de merino escuro e a chinelinha decotada, lhes davam o travo caprichoso que provinha do ruído das saias rodadas, no voltear das danças, do donaire e cadência dos movimentos e do garbo altivo de uma resposta a tempo a algum dito mais atrevido.

XXII

AS TRICANAS

AS DIGRESSÕES DA TUNA DE COIMBRA

Desculpe o leitor um *intermezzo* regionalista.

As tricaninhas de Aveiro, da Murtosa e de Ovar, formavam casta à parte da mulher ribeirinha. Marcavam, e supponho que marcam ainda, como rivais sérias das damas da região. Alguns doutores conheci que as preferiram e as levaram à Igreja. E ao lado dos doutores muitos outros se perderam por elas, tentação que sempre perturbou a rapaziada de bom-gosto.

A tricana de hoje, refiro-me em especial à de Aveiro, também evoluciona na moda, mas nunca deixou de cobrir os seus cabelos escuros com o lenço ou touca de seda apropriada, nem abandonou o xaile de merino preto, escorregadio que modela as formas sem as desenhar, com longas franjas que vão ao tornozelo. Só a chinelinha foi,

infelizmente, abandonada pelo sapatinho da moda, de salto alto e decotado.

É uma classe atraente, desempoeirada e alegre, com culto na região. Na estação de Aveiro, do lado da cidade, lá estão os retratos em azulejo, das tricaninhas de outrora e do presente, o que marca o culto que todos lhe dedicam na sedução do seu porte, na simpatia do seu rosto sorridente e na seriedade da sua conduta.

Em toda essa região, de lés-a-lés, da Ria de Aveiro, a tricana é um símbolo. É a representante do povo. Se houvesse eleições livres ascenderiam ao Parlamento!

Sucedem, porém, que às vezes, como consequência de mudança de situação pelo matrimónio, as imposições sociais as obrigam a pôr chapéu, a comprimirem-se em espartilhos e a usar peles caras. Foge-lhes a graça antiga no alambicado do novo arranjo do vestuário e mais ainda nos inestéticos arrebiques com que lhe descompõem os cabelos! O olhar — sei lá porquê? — já não tem o mesmo brilho e a troca do xaile de merino, reluzente e escorregadio, pelas raposas de preço, deve corresponder ao desaparecimento das túnicas gregas que, a dar-se crédito a Teófilo Braga, por ali passaram, dando realce ao colo de garça que ainda continua a dividir-se nas festas a que concorrem. É a queda de uma estátua de Fídias, num arranjo de adelo! A tricana ou morre tricana ou desaparece, mascarada, no caminho. Que se deixe seduzir pelos doutores está certo, mas que mantenha a sua indumentária.

A tricana não é apenas o vestuário, bem o sei; tam-

bém luzem as suas qualidades morais, a graça das maneiras, a altivez do porte, o brilho do olhar... Mas a indumentária, o garbo como traça o xaile escuro e enlaça os cabelos de azeviche nas dobras do lenço, ficando a espreitar pelas falhas da frente e dos lados, é fundamental. Traz-lhe o donaire que lhe é próprio e constitui a base do seu principal encanto.

O salero da espanhola também sobe de categoria com o *manton* de Manilha.

Continua a afirmar-se que o hábito não faz o monge; mas quem o reconheceria sem o hábito?

As tricanas de Coimbra, são um tipo diferente. Preciosas, de boas maneiras, de lindos rostos, de frases correctas e prontas, adquiridas no convívio dos estudantes, que logo elevam a doutores, orgulhosas dos seus aventalinhos pequeninos, das suas blusas alegres e saias bem rodadas, a que não faltam cores bem escolhidas, em combinações apropriadas, cantam como cotovias, nos folguedos pagãos das festas dos santos populares.

As chamadas mulheres de Avintes, de lindos perfis, de olhos largos e cismadores, alentadas e decididas, formam, com os seus chapéus redondos e saias ensacadas, tribo à parte da beleza forte e sadia da mulher portuguesa.

As raparigas do Minho que ostentam as mais ricas e vistosas indumentárias nacionais, as únicas que têm passado a fronteira em exhibições e ofertas, não são tricanas, são «as minhotas». Na forma de vestir, com as arrecadas largas e os cordões de oiro da família a reluzi-

rem por sobre as cores vivas do colete, do pregueado da saia, do lenço garrido e da algibeira bordada, a minhota marca, com desvanecimento, sector diverso na juventude feminina lusitana.

Distingue-as o folclore da região, as danças graciosas e o desembaraço no trabalho agrícola. Como elas mostram a sua esbelteza na condução de carros, à frente dos bois, a espelharem oiro à luz do sol «enramalhados como dois altares» no dizer do poeta!

Todos os movimentos são vivos e animados. É o vira-vira que soa no ar, e em que andam pares encantados no seu rodopiar veloz.

A tricana ribeirinha que se arrisca a dançar no terreiro de Pardelhas, mostra outro ritmo e maior discrição. A «moda nova» que, há bastantes anos, vi dançar no arraial de S. Lourenço e se exhibia nos festejos do Santo António da Praça da Figueira, que Deus haja, é também uma dança típica regional, alegre e comedida, mas pouco espectacular. Os pares chegadinhos, mãos no ar, esterlicando os dedos, procuram aspectos gentis no conjunto do agrupamento. Dançam sem movimentos largos ou voltas rápidas, agem sob o signo da compostura e serenidade, qualidades raciais da tricana ribeirinha que, de Mira ao Carregal, patenteia a sua gracilidade sem exagero de movimentos.

Como íamos dizendo, também havia ao lado da Assembleia da Torreira, danças de tricanas em casa que não ficava distante e, por vezes, nos repartíamos pelos dois bailes, sem que surgissem complicações de maior.

Um certo sorriso amargo, um remoque mais directo, mas tudo se diluía numa frase mais cortês ou numa expressão mais afectiva.

Terminada a época de banhos, voltava a casa e, dias depois, retirava para Coimbra, no seguimento dos estudos.

Minha mãe resignava-se com a ausência na esperança de um termo feliz e meu tio ia lutando sempre para solver os seus compromissos que, segundo me informou, se liquidariam naquele ano. Ambos se ufanavam com os meus triunfos.

Em Coimbra, ligado à Presidência da Tuna Académica, traçávamos vários programas de passeios e estudávamos os seus aspectos económicos. Por fim resolvemos fazer umas excursões no país a prepararmo-nos para viagem de maior vulto, à Galiza, donde, anos antes, viera a Coimbra uma tuna congénere, cuja visita queríamos retribuir.

Que me lembre, fomos a Castelo Branco, a Leiria e a Tomar. Aproveitámos as férias curtas para estes passeios musicais, em que as receitas dos espectáculos davam para as despesas. Tudo era bem calculado pelo João Cunha e Costa, tesoureiro da agremiação. Em Tomar a recepção foi falada. Houve danças, como de costume, uma recepção na Câmara Municipal e récita no teatro.

Na recepção da Câmara, à tarde, a Tuna alinhou para tocar e deu-se início à pequena festa, com as habituais alocações, onde agradei a saudação do Presidente da Câmara. A Tuna tocou peças do seu reportório e uma

simpática e jovem senhora tomarense, recitou, e bem, uma poesia em que se pranteava da morte do seu gato, todo meiguices e carinhos. Ronronava, ao seu lado, nos serões, enquanto trabalhava de costura e dormia numa cesta, a um canto, do seu quarto. Miava em várias tonalidades, quase falava com ela. Mas veio a doença, passou a andar triste, deixou de alimentar-se e morreu. E fazia-lhe uma sentida elegia.

Quando acabou a recitação, e ainda as palmas ressoavam, vê-se avançar a cabeça hirsuta do Jaime Leal — o porta-estandarte — com a sua barba ponteguda, a dizer:

Da sua história ao facto,
Desculpe-me a impertinência,
Ofereço-me a Vossência
P'ra substituir o seu gato.

Foi um sucesso!

A recitadora ruborizou-se e as palmas e aclamações juntou os dois na mesma saudação.

À noite houve sarau. Tuna e fados do Hilário, então no apogeu da sua glória. Ora o bom Hilário gostava excessivamente de vinho e, apesar das recomendações que lhe fiz e aos seus companheiros da guitarrada, excedera-se ao jantar.

Havia ao tempo em Tomar uma linda rapariga, alta, elegante, de belos olhos e acetinada cútis que deu volta à cabeça a muitos dos académicos. Chamava-se Maria José. O Hilário também pertencia à coorte numerosa dos



QUANDO QUINTANISTA DE MEDICINA (1899)

seus admiradores. Antes de entrar em cena, pedi-lhe o maior cuidado, não fosse prejudicar o bom nome da Academia e da Tuna.

— Está descansado. Vai tudo correr bem!

Ao entrar no palco irromperam os aplausos a que ele correspondeu alvejando um sorriso na sua tez fortemente morena.

Começaram a gemer as guitarras, que a viola acompanhava em tons mais graves. Hilário passou a cantar. Primeiro uma das suas quadras predilectas e logo a seguir, fitando o camarote da diva, despediu-lhe esta quadra:

Eu cá tenho uma trindade
Em que tenho muita fé.
No princípio está Jesus...
No fim *Maria José!*

Foi um delírio!

O Hilário sabia haver-se em cena. Quando entrava com a sua contribuição pessoal era sempre a propósito e com elegância.

Lembra-me do sarau que, com a assistência da família real, se realizou em Lisboa, no Teatro Nacional D. Maria II, a quando da festa a João de Deus, em que a Academia de Coimbra tinha larga representação. Alexandre Braga tinha feito um brilhante discurso, de frases altivas e ousadas, pois resvalara para a política.

Daí a pouco entrava Hilário vibrantemente ovacionado:

Se o Padre Santo soubesse...

E fez uma pausa impressionante.

Qual era a opinião minha!
Canonizava o João,
Mais um Santo p'r'á folhinha.

A hilaridade e os aplausos casaram-se numa verdadeira apoteose ao poeta e ao cantor coimbrão.

O bom Hilário, após a festa de Tomar, sentiu-se mais doente de desordens hepáticas e foi para casa, em Viseu, onde a morte não tardou a visitá-lo. Grandes saudades me deixou e aos outros companheiros das suas digressões artísticas. Tinha o segredo do fado, a que a sua voz emprestava modalidades esplendorosas. Também os seus improvisos eram, muitas vezes, os cumes das festas em que colaborava.

Foi no ano imediato que resolvemos ir à Galiza, a Santiago de Compostela. Era uma aspiração que a todos seduzia.

Samuel Pessoa, o regente da Tuna, não largava os rapazes em sucessivos ensaios. Eu, o Cunha e Costa, o

Vicente de Abreu, preocupávamo-nos com o problema financeiro. Pusemo-nos em contacto com os estudantes de Compostela e por fim ficou decidido que no Carnaval iríamos saudar com músicas e cantares portugueses os nossos colegas galegos. Foi uma temporada de projectos e de preparativos que valeram tanto como a viagem. Tudo a postos. Com a Tuna também iam outros académicos. Na véspera, em reunião de todos os excursionistas, fiz algumas advertências. Tínhamos de deixar em terras de Espanha uma impressão que nos honrasse. A máxima compostura e, especialmente, o maior cuidado com o abuso de bebidas. Partimos. A viagem foi uma algazarra permanente. Na passagem em Tuy, para a Galiza, começaram as manifestações a S. Tiago que, no céu, se devia sentir atemorizado com tanta evocação do seu nome, em apóstrofes infundáveis.

A recepção em Compostela foi estonteante. Tenho-a diante dos olhos. A imponência da manifestação na gare e o cortejo com as capas, ligando dois a dois os nossos estudantes, a alegria vibrante dos escolares de Santiago de Compostela, a que os nossos se juntavam, em saudações alternadas, foi impressionante.

Recepção, logo à chegada, no teatro local, onde nos dirigiram palavras amigas graduados e alunos da Universidade compostelana e a que tive de responder, exaltando a boa amizade luso-espanhola e especialmente a luso-galega, em que passos de história, apropriados ao tema, foram chamados a terreiro. Como houvesse damas em alguns dos camarotes foram-lhe logo dirigidas as sau-

dações dos jovens portugueses. Recordei que as tradições da beleza galega vivem perenes na nossa lembrança. Foram cantadas nas estrofes maravilhosas de Camões. Inês de Castro era galega e nunca outra dona conseguira em Portugal maior fascinação!

O Mondego ainda hoje canta os seus amores com D. Pedro, no murmúrio das suas águas.

Eu sei lá o que disse! Estas e muitas outras banalidades, pronunciadas com o ardor dos 22 anos e em meio benevolente, fizeram o desejado sucesso.

Vibrantes palmas da assistência para os seus hóspedes e nossas, não menos ruidosas, para as damas e estudantes compostelanos, acompanhadas de estridentes «vivas» que ecoavam no teatro e em seguida nas «calles», numa comunhão apoteótica da mais íntima camaradagem, alcançada em pouco mais de uma hora.

XXIII

EM SANTIAGO DE COMPOSTELA

O Cunha e Costa e a comissão de Santiago espalhou-nos por várias «fondas» da cidade, onde jantámos, reunindo-nos depois em grupos pelas estreitas ruas da capital galega, tão típicas e sugestivas. Cantavam-se canções portuguesas e galegas, muitas vezes concordantes na sua toada folclórica que, naquela noite luarenta,

trazia em chama, arrebatamentos inspirados. Depois visitas a alguns cafés e centros académicos onde as libações foram até tarde, tudo, porém, dentro das boas regras, e na mais perfeita confraternização.

No dia imediato, primeiro concerto, que decorreu animadíssimo e em que os nossos rapazes honraram o regente Samuel Pessoa, estudante de Medicina e batuta privilegiada. Ele e executantes foram calorosamente aplaudidos.

Também tive de discursar dirigindo saudações aos mestres da Universidade, aos estudantes galegos, em defesa de uma camaradagem que não mais se extinguiria e às damas que davam o maior brilho à festa, a mais elevada das nossas digressões artísticas. E logo me prenderam os olhos negros de uma esbelta rapariga que no seu camarote ostentava no cabelo preto uma rosa vermelha que me serviu para qualquer frase apropriada. Todos se aperceberam da minha predilecção e ela própria não deixou de a sentir.

O concerto foi um êxito, e os diários compostelanos da época fizeram-nos as mais rasgadas e favoráveis referências.

No dia imediato, manifestações nas ruas e de tarde um baile num dos clubes* mais reputados da cidade. Lembra-me que no «rigadón de honor», uma daquelas agradáveis quadrilhas do tempo, tão apropriadas a confidências, tive por par a linda rapariga da rosa encarnada da véspera, agora em *toilette* diferente, em que realçava a sua donairosa figurinha. Ficámos a escrever-nos. Não

posso dizer que nos namorámos. Foi nessa época que surgiu a guerra de Cuba, em que a heroicidade espanhola foi aniquilada pela força dos Estados Unidos. A formosa compostelana prendeu-se por tal forma a essa luta, acendrou-se tanto no seu patriotismo exaltado de espanhola, que foi o assunto fundamental das suas cartas. Não escondo que houve da minha parte, dado a entusiasmos, alguns madrigais; mas tudo isso era secundário. Pelo meu lado, também andava interessado nessa guerra, prevendo, como toda a gente, um desastre para a Espanha, mas tomando partido a seu lado. O almirante da esquadra, Cervera, se a memória me não falha, fizera um voto à «Senhora del Pilar»: «Ou voltaria vitorioso ou não mais veria a pátria querida». Assim sucedeu e com ele milhares de marinheiros sucumbiram na luta feita, em grande desigualdade, a uma distância enorme da costa peninsular, num teatro bélico que ficava às portas dos seus adversários, empenhados em efectivar as doutrinas de Monroe: «A América para os americanos». Se a Espanha tivesse conduzido as negociações de forma a dar pacificamente a independência a Cuba, tudo se teria passado de forma bem diferente. Mas o ambiente político dessa época não era de molde a permitir tal solução.

Para bem apreciar os factos históricos, é necessário, quanto possível, collocarmo-nos no meio e no momento em que os acontecimentos se produzem. Foi assim, porque não podia deixar de ser. O fatalismo das circunstâncias e das forças da opinião arrastaram os homens do

governo para a luta, que a crítica serena das gerações que lhe sucederam vê de maneira diferente. Ninguém conhecia, ao tempo, a importância da força dos Estados Unidos, hoje árbitros do Mundo e então apenas a aparecer como valor no xadrez internacional.

Um dia veio a derrota. Recebi uma carta tarjada de luto. Era da bela compostelana. Muito religiosa, tinha-me pedido que rezasse pela vitória dos espanhóis e agora pelo descanso dos bravos que deram a vida pela pátria em águas americanas.

Desde então, sempre saudosa dos seus bravos marinheiros, presa ao seu misticismo, as cartas começaram a espaçar-se e, como nos não tínhamos tornado a ver, o fogo que nos ateou uma mútua e viva simpatia, entrou a esmorecer. Sem azedumes, naturalmente, nos fomos esquecendo.

Cheguei a obter uma aguarela do seu retrato. Mais tarde, ao aproximar-se a mudança de estado, ofereci-a ao Pais Teles, companheiro de casa na época da minha licenciatura e que muito a desejava. Último rescaldo daquele incêndio passional da juventude.

Sucedeu que, há anos, já professor, fui convidado a ir a Santiago de Compostela fazer algumas lições sobre «Angiografia cerebral». Acedi ao convite, muito satisfeito, por ir de novo ver essa interessante cidade a que me prendiam recordações agradáveis. Acompanhou-me minha mulher, inseparável companheira dessas digressões e o assistente de neurologia Dr. Luís Pacheco, que

quis ter a amabilidade de se incumbir das projecções. A primeira sessão foi num dos bons salões da Faculdade. Presidiu o Reitor da Universidade, Dr. Alejandro Rodriguez Cadarso, tendo a seu lado o professor de Clínica Médica, D. Casimiro Martinez que, à falta, nesse tempo, de professor de neurologia, foi incumbido de me apresentar. Foi ler os jornais da época em que se relatava a visita da Tuna Académica de Coimbra a Santiago. Ouviu de velhos compostelanos, o que a meu respeito se disse.

No seu discurso espraiou-se, sempre com desmedido louvor, à minha mocidade e à atracção que tivera por alguém que me seduzira. Talvez fosse mesmo mais longe em qualquer pequeno pormenor.

Nisto notou que minha esposa assistia à sessão. Lá se salvou como pôde das referências feitas com palavras de apreço para minha mulher, de sorte a não prejudicar a apresentação do conferente que, daí a pouco, agradecendo o convite da Universidade e as palavras amigas do illustre professor de Clínica Médica, iniciava a exposição em mau espanhol.

A linda compostelana casara, era mãe de alguns filhos e um deles era, ao tempo, quintanista de Medicina e assistia à sessão!

Este episódio veio intercalar-se na descrição das festas da Tuna coimbrã em Compostela, mas, de qualquer sorte, a ela anda ligado.

Não podemos, todavia, deixar de dedicar mais algumas palavras a essa digressão dos meus tempos de escolar.



O MEU CURSO DO 5.º ANO (1899)

(Está marcado com uma cruz o meu lugar)

Criámos em Santiago muito boas relações que, não passando de dois escassos dias, pareciam ter anos de íntimo convívio.

Um dos estudantes com quem mais acamaradámos, académico distinto, era regente de um grupo musical galego do Instituto Católico Leão XIII. Convidou-me para a festa que iam dar naquela tarde em honra dos tunos portugueses. Não podia deixar de aceitar. Ele conhecia a minha maneira de pensar e quis pôr-me à prova em situação difícil. Tudo correu pelo melhor sem prejuízo para nenhuma das partes. À saída procurou-me o simpático amigo e, num abraço expressivo, com a intimidade de tratamento que já tínhamos tomado, disse:

— Magnífico, te comportaste como un cardenal de Roma. En hora buena!»

A Tuna deu ainda outro espectáculo e, passado o carnaval, quarta-feira de cinzas, dia simbólico, em que desaparecem as folias e se levanta aos olhos dos homens a fatídica sentença: «sois pó e em pó vos tornareis», regressámos a Coimbra, estonteados pelas manifestações vibrantes com que nos acolheram e muitos enlevados em fantasias que se evaporaram com a distância e se esba-teram em saudades, que ainda hoje vicejam ao recordar esses dias festivos e alegres de há meio século!

Voltando a Coimbra fui fazendo a minha vida escolar, entre os livros de medicina e as estúrdias que procurava amiudadas vezes. Havia noites perdidas em guitarradas,

em ceatas alegres e nas casas de tavalagem em que pontificava o velho Pereira, de barbas brancas, solene, hierático, ao fundo da rua dos Estudos, declarando ao Chico Patrício:

— Sr. Doutor, não posso admitir essas insinuações. Não roubo ninguém. É o que a sorte dá»...

— Até parece o Padre Dias a explicar civil! Deixa-te de melindres e tira uma carta jeitosa.

Sentou-se o banqueiro e, solenemente, embora com um ar magoado, disse:

— Jogo!

— Espere. Quero este pataco aos pés da dama.

— «A los piés de usted»! Estás servido, menino. São falas à moda antiga. Não pegam.

Saiu a carta, uma quadra, que não fez grande dano. Apenas tinha um salto. Os outros parceiros foram embolsados pelo Pardal, pagador do Pereira que, sorridente, dizia para o Chico Patrício:

— Já vê, sr. doutor, que é o que a sorte dá.

Depois um terno. E continuou a pagar.

— Nós sabemos das tuas habilidades! Daqui a nada vem aí uma dama que nos arreventa a todos.

— Jogo...

— Espere! Aperte com este tostão a barriga da dama.

E o Pereira desatou a puxar as cartas vagarosamente entre os dichotes da alegre assembleia.

— «...e se me enganei cavalo ou rei», diz um veterano da casa.

E saiu um rei que estava no alvor.

Os saltos da dama continuaram a ganhar. Todos apertavam com os lucros.

— Já dizia o Pinto da Rocha, o mais sabido batoteiro de todos os tempos, que eles andam acasalados. Ao lado do rei...

E nisto o Pereira continuou a puxar as cartas com aquela aparente indiferença de um profissional de categoria.

— ...Dama!

— Da côr, clamam os parceiros.

— Ai que susto, oh meninos!

— Todas as cartas estão dobradas. Ninguém se mexa.

— Mexo-me eu, diz um dos parceiros. Mudo o meu salto para a quadra. As damas são traiçoeiras, andam juntas como comadres em tarde de arraial.

E o pagador, o Pardal, mudou o salto como lhe fora pedido.

— Jogo...

E logo de cara, à porta, saiu a quadra e lá se foi o dinheiro do salto mudado.

— Isso não se faz, diz-lhe o Chico Vale. A constância é boa virtude e, neste jogo do monte, é uma das poucas coisas que nos pode favorecer.

— Então pagas-me com porta? diz o Chico Patrício. Pouca vergonha!

— É dos Cânones, diz o Vale.

E o jogo seguiu. Apareceu o rei, também de cara. Apenas ficaram duas cartas na mesa, a dama e o terno.

— Dobro o meu dinheiro.

— Eu, ou tudo ou nada.

— Um loto de tostão ao terno de oiros.

— Loto na dama de paus...

— T'arrenego diabo, comenta um interessado na nega da dama.

A carta foi tirada de vagar, de sorte a atrair a atenção dos jogadores. E começou a apontar um bico na carta a sair.

— É um duque!

— Qual duque, qual diabo!

— Terno de paus, dizem em torno.

A maioria ganhou e a mesa ficou bastante desfalcada.

— Temos de concordar que, afinal, o Pereira é um honrado cidadão.

— Já tirei para a ceia. Fico-me por aqui.

— Isso não! Só me sentirei satisfeito quando a banca for à glória.

Eu e o Faria, companheiros constantes daqueles devaneios nocturnos, não tínhamos sido felizes. Não aproveitámos a dama. Saímos e lembrámo-nos de ir tentar a sorte ao Salvador, outro conhecido batoteiro, igualmente herdeiro dos estudantes. Este desejava sobretudo receber os srs. doutores nos princípios dos meses, quando as mesadas estavam frescas.

A sorte aí foi-nos mais propícia, e recolhemos a casa, já passava das 11 horas, com alguns cobres a mais.

— Devo estar a ser chamado, diz o Faria. Faltam dez apenas para ficarmos iguallados. Vou-me deitar à Patologia cirúrgica.

Não tardou, porém, a apagar o candeeiro. Era madrugada, estudava de manhã. Como isso fosse superior às minhas forças, ainda fui pela noite fora, lendo e comentando o que o compêndio dizia, confrontando-o com outros autores, o que me valeu uma boa lição, pois fui inesperadamente chamado no dia imediato, alterando as presunções do Faria. Passara a ter três chamadas.

XXIV

A MINHA MAIOR DOR

Um dia, recebi uma carta do António de Abreu dizendo que minha mãe piorara dos seus padecimentos hepáticos e que o seu estado lhe inspirava cuidados. Iria informando. Escrevi imediatamente a meu tio pedindo-lhe notícias diárias e rogando-lhe que, ao menor rebate, me telegrafasse. Não tardou a dizer-me que a doente piorara muito. Apresentei-me na aldeia. Minha mãe entrará naquela manhã em coma, não tendo dado mais acordo de si. Muitas vezes a chamei!

Queria a graça de um último olhar e a bênção de um beijo seu. Vingava-me em oscular-lhe as mãos e em afagar-lhe o rosto já coberto de um suor álgido. A respiração estertorosa trazia-me a sensação da morte irreparável e imediata. Só a deixei, por momentos, durante aquelas horas de impressionante agonia.

— Nada há a fazer, disse-me o António de Abreu.

Já não sofre! E assim se despediu de mim, comovido pela dor alanceante que me prostrava.

Desde que adoecera, nunca mais a abandonou, numa assistência médica constante, fazendo-lhe duas visitas diárias, apesar da distância a que morava!

Nunca mais esqueci este inestimável favor. Ficou sempre credor da minha estima e consideração no convívio de muitos anos.

E fiquei preso ao resto da vida da que fora, além de minha mãe, santa e mártir. Ao lado do seu modesto leito, recordava os requintes da sua bondade, a força heróica da sua coragem, o estoicismo no seu sofrimento, sendo eu, por fim, o único estímulo, a maior razão da sua existência, torturada pelas maiores desventuras que podem ciliciar um ser humano. As suas virtudes subiam em sublimação. O meu cérebro trabalhava desordenado, no círculo fechado de uma affectividade que nunca esmoreceu no rodar dos anos. Ainda hoje — e passa de meio século — perdura em mim a recordação das suas virtudes, da sua conduta, do seu desprendimento, da passividade de um sofrimento que afogava em orações, resignada no desenrolar de uma existência que vogava entre as cruéis saudades dos que a iam deixando erma de affectos, e os deveres que, como mãe affectuosíssima, ainda a prendiam a mim, último filho que lhe restava.

Anoiteceu. Meu tio mandou-me dizer que lhe fosse falar.

— Vou mandar dizer às primas do Outeiro, Telhado e Areia que tua mãe está a desaparecer. Nisso acordámos.

Era o hábito em tais emergências. Não queria que nos acusassem, a ele e a mim, de não termos cumprido esse dever.

— Peço ao tio que lhes escreva. Eu não tenho ânimo para o fazer.

— Nem eu, disse o velho Abade, a quem a voz se estrangulou na garganta. Vai o recado de boca, as primas nos desculparão.

Levantei-me para voltar para junto de minha mãe que permanecia na atitude estática da morte próxima. Limpei-lhe o rosto, beijei-a na testa e ainda teimei em sussurrar:

— Minha mãe, minha boa mãe!

E acusava-me intimamente das faltas que tivera para com ela e que avolumavam no meu espírito, naquela hora trágica em que a amargura e a dor me dominavam em desvairada tormenta.

— Seu tio manda-o chamar, disse-me baixo a Claudina.

Fui ao escritório.

— Vou dar a extrema-unção a tua santa mãe. Sou eu que quero ungi-la. Peço-te que assistas. Já aí está o Padre José que me acompanhará.

Envergou os paramentos próprios, aliás de grande simplicidade, e seguimos os três e o sacristão, com a caixa dos santos óleos, até ao quarto da agonizante.

Tudo fizeram como manda o ritual em tais circunstâncias. Eu fiquei à porta, petrificado, ouvindo um latim que não compreendi, pronunciado entre lágrimas pelo

Abade que o padre José, às vezes, repetia por ter sido ininteligível.

Nunca assistira à cerimónia que avultou aos meus olhos como um princípio de funeral e me lançou em desabalada comoção.

Na manhã seguinte, ainda muito cedo, chegaram as primas do Telhado, D. Maria Custódia de Rezende, a última sobrevivente daquela casa; do Outeiro, D. Maria José, D. Conceição de Abreu Freire e D. Maria José de Azevedo Bourbon, esposa de meu primo Dr. José Maria; da Areia, D. Maria da Natividade e D. Joaquina Generosa de Lima e Lemos. Os cumprimentos não passaram de exclamações doloridas. Meu tio pediu-lhes para tomarem a direcção da casa. Mandou chamar a antiga criada Mariana para ajudar a Claudina e ambas ficaram às ordens das primas que deram rumo ao serviço.

— O António, disse o Abade, passou toda a noite ao lado da mãe. É preciso que descanse. Façam as primas o que puderem. Indicou-lhes o meu quarto e aqueles que podiam utilizar para repouso.

— A dar-se o triste acontecimento que, infelizmente, não deve tardar, a câmara ardente far-se-á na sala de visitas do rés-do-chão.

As primas conheciam-na e acharam bem.

Fui levado do quarto da agonizante, cambaleante e esvaído. Protestei, mas já não tinha forças para reagir e a prima Maria Custódia, a madrinha do Miguel, da geração de minha mãe, tinha autoridade especial que eu não podia contrariar.

— Vá, menino! Venha comigo. Nem Nosso Senhor lhe agradece esse sacrifício. Vá descansar. Nós cá velaremos a prima Maria do Rosário que todos adoramos. Descanse um pouco, querido Antoninho. Estaremos alerta para o que for necessário. O primo Abade deu-nos plenos poderes e, com a graça de Deus, tudo se fará pelo melhor.

— Minha infeliz mãe é que as não poderá ajudar...

— Altos desígnios do Senhor! Estava a fazer falta no céu ao lado dos filhos e do marido.

— Mais fazia na terra! retorqui-lhe num assomo de revolta. Fico só com meu tio doente e alquebrado, e sem pessoa de confiança que vele por ele. E não teria minha mãe o direito de rejubilar-se com a formatura do seu filho?...

E levando-me para o quarto:

— Vá, meu priminho, descanse, tenha coragem, reze por ela...

E fechou-me docemente a porta. No quarto a menos de meia luz, com as duas janelas quase fechadas, lancei-me para cima da cama em protestos violentos que a boa prima Maria Custódia, felizmente, não ouviu. Era o protesto impotente do fraco contra o infinito!

Mais de 24 horas de agonia...

Estava em revolta contra o destino. Ainda ouvi dizer a meu tio, que vagueava pela casa, arrastando-se a custo:

— Trago aos ombros a cruz da desventura que, de há anos, pesa sobre nós!

Não tomou decisões. Delegou no Manuel Ramos, querido amigo de sempre, os trabalhos e encargos do funeral. Deambulava pelo longo corredor da casa, mais em estonteamento místico e meditativo, do que ligado à brutal realidade do que se passava.

Chamaram-nos para comer. Nem eu nem o Abade pudemos alimentar-nos. Pedi licença e fui ainda estar com minha mãe. O ruído da respiração ia-se apagando, perdida a vida consciente, desaparecia a vegetativa. A morte definitiva aproximava-se; mas só no dia seguinte os sinos da freguesia tocaram lùgubrememente a finados na plangência horrível que tantas vezes ouvira indiferente e que naquele momento me apunhalavam a alma!

Minhas primas tiveram o bom cuidado de vestir minha mãe e formou-se a câmara ardente quase sem eu dar por isso. Só a vi no caixão aberto. Pedi a meu tio para chamarem o fotógrafo Ricardo, de Ovar, a fim de lhe tirar o retrato, o que nunca se conseguira em vida.

Ficou bem, mas era a minha mãe morta!

Foi, contudo, uma feliz inspiração. Desse retrato fê-la ressurgir, com vida, num carvão admirável, o grande Mestre José Malhoa, querido amigo, cuja memória venero com a admiração que sempre me mereceu a sua obra tão portuguesa e tão luminosa, e com o íntimo reconhecimento devido ao grande artista que conseguiu restituir à vida dos meus olhos, no melhor quadro que possuo, o olhar suave e carinhoso de minha mãe! Quantas vezes o contemplo, envolto naquela neblina de saudade



AVENIDA DE PARDILHÓ

que faz reviver um longo passado distante, numa hora do presente (1).

A saída do féretro, emigrei para um quarto distante do primeiro andar. Pedi que o clero, antes rezasse que cantasse. Não queria ouvi-lo. Assim fizeram. Meu tio teimou em ir no préstito. Amparado por colegas que acorreram, em grande número, das freguesias vizinhas, lá foi até à Igreja no acompanhamento de muita gente. Houve lágrimas em muitos olhos, de pessoas que a conheceram na doçura do seu trato e na projecção da sua bondade.

Apenas recebi dois amigos mais íntimos; aos outros pedi que me desculpassem. Há dores que não toleram as menores exhibições; recalcam-se nas sombras da consciência; sofrem-se no silêncio da vida interior, inacessíveis às mais leves exteriorizações.

Passaram-se dias angustiados.

XXV

O REGRESSO A COIMBRA

Voltei para Coimbra, agora muito preocupado com a saúde de meu tio, a quem pedi notícias amiudadas, a que acedeu. E assim fomos reagindo, os dois, ao isola-

(1) Foi inspirado neste carvão de José Malhoa que João Reis fez o belo óleo de que atrás publico a fotografia.

mento forçado que de cada vez se intensificava em torno de nós.

Era, contudo, preciso viver. O tempo tudo consome, mas a capa que cobre o luto de uma vida tão profundamente amargurada, é transparente. Por vezes isolava-me no sofrimento; mas outras ia com as fantasias dos companheiros e seguia-os no propósito de me desviarem das minhas melancolias.

No meu passado de estudante o feriado era a suprema aspiração. Estávamos presos à frequência das aulas, com quatro faltas apenas para as necessidades mais imperiosas — e havia quem as não desse! — o que nos trazia sempre à espreita de algum feriado, de fora do calendário, a despontar no horizonte. A morte de um lente dava feriado, quer ele fosse do activo, quer dos aposentados. Destes perscrutava-se o estado de saúde e não era raro ouvir-se, ao saber-se da idade:

— Já podia ir indo...

Sucedeu uma vez que certo lente de teologia, da há muito jubilado, que marinhava na casa dos oitenta, dado como homem espirituoso do seu tempo, passou a enfermar de mal crónico que não tinha fim.

A rapaziada, numa solicitude pouco dignificante, ia frequentemente saber a sua casa, como ia o senhor doutor. Apresentavam ar compungido. A criada ia informando:

— A noite foi melhorzinha, muito agradecida.

— Desejamos muito as melhoras.

— Obrigado.

Indagou o velho teólogo do que se tratava e soube das solicitações dos académicos em que, sabia bem, não iam votos pelas suas melhoras. A criada foi chamada e instruída de forma a dar a todos a mesma resposta.

— Os senhores escusam de estar a incomodar-se mais. O senhor doutor está melhor e resolveu morrer em férias...

E o caso é que assim sucedeu. Foi no meu tempo. Não nos deu feriado.

Uma vez um companheiro da República fez aturado estudo para averiguar quais as pessoas que, pelo seu falecimento, dariam feriados: lentes de todas as qualidades, pessoas da família real, o Papa — e este com três dias de férias — etc. Discutiu-se se o Bispo-Conde também contribuiria para o desejado descanso académico e se o Cardeal de Lisboa, pelo seu passamento, poderia igualmente favorecer a «briosa», como era costume cognominar-se a si própria, a academia de Coimbra.

Não se apurou bem se o mundo eclesiástico tinha categoria igual à dos lentes. Que isto de ser lente era coisa muito alta!

Ora, no dia seguinte, ao chá da República, o companheiro da estatística dos feriados, desenrolou uma folha de papel almaço onde vinham os cálculos e concluiu:

— Se todos os lentes morrerem, a fio, com os intervalos necessários para se não atropelarem os feriados, nem prejudicar os domingos e quintas-feiras que nos estão garantidos, teríamos...

Houve um movimento de grande curiosidade. Todos se debruçaram sobre o documento. Um entornou, com certo estrondo, a sua chávena de chá.

— Quantos? clamaram todos.

— 182 feriados! Isto com aqueles a que temos direito.

— Que sorte! disse um.

— E que grande bem para a ciência! acrescentou outro mais revolucionário.

— Que grande pândega! clamou o mais pachorrento de todos, que acendia o seu «almirante», depois de bem apertado.

— Mas há mais, disse o estatístico. O Rei dá três feriados, mas se a Rainha o quiser preceder dá outros três. O Príncipe Real também deve dar três feriados. Que diabo, é ele o futuro Rei! Mais dois dos outros príncipes. Isto pelo que respeita à realeza. Na arena dos mandões há a contar com o Governador Civil. Ficava mal ao Governo se não nos desse também feriado na sua passagem para o céu.

«No mundo eclesiástico, não há que discutir: o Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, tem qualquer jurisdição sobre a nossa Universidade. A Santa Madre Igreja mereceria reparo se nos não desse, pelo menos, um feriado. O mesmo atribuo ao Cardeal Patriarca de Lisboa, chefe da Igreja portuguesa. E então o Papa?

— Devia dar, pelo menos, oito dias! Para isso é que se chega a Papa, disse o companheiro pachorrento que chupava o resto do seu cigarro.

— Apoiadíssimo, gritaram os outros.

— Não os desminto, declarou o relator. Até não ficava mal se chegasse a um mês de luto. Mas informei-me e só dará três dias de feriado com que teremos de contentar-nos... Ao todo...

— Só teríamos dois meses de aulas!

— E como se não arranjavam lentes do pé para a mão...

— Ora essa! Então nós já não contamos na vida académica?

Houve chacota.

— ...talvez acabasse a Universidade!

— E não se perdia muito, acrescentou o pachorrento que tinha acabado de fumar.

Vê-se quanto o feriado era desejado por aqueles endiabrados companheiros que em tudo encontravam motivos de hilaridade e de desabridos comentários!

Houve, nessa época, em Coimbra, uma festa estrondosa, talvez a mais bela que, em todos os tempos, os rapazes levaram a efeito e que ainda hoje abrilhanta os fastos académicos — o «Centenário da Sebenta». Foi seu iniciador e realizador o Alexandre de Albuquerque, o Xandre, como era chamado entre os estudantes.

Era de Albergaria-a-Velha. Vibrante no seu modo de ser, exuberante nas suas determinações, foi a alma da festa.

O «Centenário da Sebenta» não podia deixar de frizar esta nota do feriado no seu cortejo monumental.

O papa Leão XIII — grande e culto chefe da Igreja Católica — estava doente e os jornais eram procurados pelos estudantes para saber a evolução da sua enfermidade. A desolação foi grande quando se soube que se tratava de um quisto e que fora operado com sucesso.

No cortejo, uma das peças alegóricas era formada por uma enorme tiara papal, muito bem armada, reluzente de prata e oiro, que ia na procissão, a grande altura, donde desciam fitas brancas levadas por estudantes. Por baixo, um frasco colossal com qualquer coisa que semelhava um quisto e em letras enormes esta inscrição:

Kystus ablatus, fugit feriatus.

Uma outra nota sobre o célebre e alegre Centenário:

O Rato era um modesto barqueiro do rio Mondego, sempre pronto a atender a rapaziada quando lhe batia à porta com guitarras e violas, para as serenatas do Choupal.

O barco ia deslizando e já se ouvia a voz bem timbrada de um cotado cantador, a entoar a conhecida balada:

Que noite serena, que lindo luar...

a que se seguiam os chamados fados de Coimbra, muito distanciados dos da Mouraria, ambos belos para os meus ouvidos bárbaros de português.

O fado da Mouraria foi formar-se a Coimbra, tomou outra feição, enjeitou a forma marialva e as arrancadas



O AUTOR COM AS INSIGNIAS DOUTORAIS EM 1902

vibrantes que vêm, lá de dentro, das almas dos fadistas do séquito da Severa. Também a guitarra se desprende do ritmo do corridinho e fez variações finas. O estudante não usa calça justinha, à boca de sino, nem melenas repuxadas, nem o lenço vermelho ao pescoço, atado à banda, em desmazelo. Pôs a capa negra aos ombros do fado lisboeta, deu-lhe a tristeza sentida de suaves platonismos, criou novo ritmo e deu-lhe sobretudo melhores versos.

O fado anda transmudado pela Lusa-Atenas, mas ainda há-de subir mais, tomar capelo e borla e, formando classe à parte, embora não depreciando a ascendência e venerando a origem da toada das naus e das vielas da Mouraria, tomar lugar, ao lado, como «canção coimbrã», diferenciada pelo tempo do seu antepassado. Duas modalidades folclóricas do nosso rimanceiro musical.

O Rato conduzia o barco com perícia, aproveitando as veias do rio, quando o Mondego começava a decrescer. Nisso era exímio.

Os dirigentes do Centenário mandaram-lhe fazer uma farda flamante, de azul brilhante, chapéu de dois bicos, emplumado, e foi decretado pela Comissão executiva das festas da Sebenta que estava promovido a almirante e comandante, em chefe, da frota fluvial do rio Mondego!

O caso é que o nosso Rato gostou da distinção, ostentando com garbo a sua indumentária no cortejo do Centenário, o número mais brilhante e mais característico

das festas que a cidade de Coimbra recebeu com carinho e o País inteiro apreciou com agrado e entusiasmo.

Passou-se tempo e, já formado, em preparação para os actos grandes, encontrei o Rato junto à ponte do Mondego.

— Adeus, almirante!

Naturalmente, sem a menor contrariedade, respondeu:

— Viva, sr. doutor.

Aceitou o meu cumprimento como se o cargo tivesse sido confirmado no «Diário do Governo»!

XXVI

NOVA DESGRAÇA

Feita esta digressão para aligeirar a descrição dolorosa de uma série amargurada de íntimos desgostos, retomo o relato.

A vida em Coimbra passou a ser, para mim, apenas um motivo de estudo. Deixei a presidência da Tuna e confinei-me aos livros, laboratórios e clínicas. Isolei-me, fugindo à alegria e ao bulício académico. Os companheiros raras vezes conseguiam puxar-me para as distrações. O golpe tinha sido profundo e era difícil a cicatrização.

Ia recebendo notícias do meu Abade e sempre que podia ia visitá-lo. Os desgostos sofridos, a doença, os

74 anos, a dificuldade em movimentar-se, traziam-lhe íntimas contrariedades.

Pagara o resto da sua dívida!

— Tens tudo regulado, disse-me ele. Nada devo. Mas a vida corre-me mal.

Despedira a Claudina, chamou de novo a Mariana e o marido para tomarem conta da casa que baixou muito de nível alimentar e de arranjo doméstico.

— Já te não vejo formado, dizia-me.

— São mais dezoito meses!

— Sinto-me mal.

Arreliaava-se com coisas que dantes nunca o inquietaram, pequenos nadas da confraria do Santíssimo, da Junta da paróquia, da administração da casa...

O açúcar continuava alto e os cuidados da dieta, que não sei se era rigorosa, não faziam descer, de maneira apreciável, a sua percentagem.

O António de Abreu, que o vigiava de perto, informou-me um dia para Coimbra que lhe aparecera um antraz de mau aspecto e pedia a minha comparência. Apenas demorei horas, depois de receber a alarmante notícia. Uma infecção pneumónica apressou o fim. Estive com ele uma semana sem nada lhe poder fazer.

— Inicias mal a tua carreira médica, disse-me poucas horas antes do coma diabético se apossar para sempre da sua vida.

Era a derradeira amarra que eu tinha ao passado. Aos seus sacrifícios, à sua generosidade de amigo dedicadíssimo, à sua alma grande de educador e até à sua

boa disposição, devo tudo o que sou. Não foram apenas os meios materiais de que me socorreu, foi sobretudo o seu exemplo de trabalho, os conselhos e aquela força de estímulos que a toda a hora me chamava, na luta da vida, a ascender a altas classificações. Desde esse tempo, trago na minha carteira o seu retrato, uma fraca fotografia, tirada pelo meu primo Ferraz Bravo, de que tenho uma reprodução que estou vendo da secretária onde escrevo, no Marinheiro, com o seu chapéu de Abade, o seu redingote que lhe passa os joelhos, o cabeção ajustado e um cajado de marmeleiro que guardei como relíquia até que o caruncho o destruiu. Dou-a à estampa neste volume.

De Pardilhó fui apressadamente a Lobão ver meu tio João António, o último sobrevivente da família, com grave infecção vésico-renal de que veio a falecer três meses depois.

Descera o pano sobre a cena vivida pelos que me antecederam e de que ficava eu, o último representante. Mas não ficava só, porque viviam todos na minha lembrança; e tanto que pude levar a termo esta crónica de ternura e de saudade.

Este final da minha tragédia familiar passou-se durante o meu quarto ano em que, apesar de tudo, consegui ser premiado. Só me ficava o travor de não ter a associar-me ao meu triunfo escolar aqueles que mais tinha amado na vida.

Formei-me em 1899. Vim agora de confraternizar com os que restam do curso de há 50 anos.

Éramos 36. Até um maldizente desse tempo afirmou que não éramos um curso, mas uma roleta a que não faltava o zero, o mestre!

Pois desses 36 reunimo-nos 10. Ainda vivem mais três que não compareceram. Que diferença dos rapazes de outrora! Todos velhos, alguns alcachinados, a mor parte em derrocada.

Houve alegria no almoço em que nos juntámos, mas saí consternado. A velhice descera como uma sombra cobrindo as nossas cabeças. Muitos falavam naturalmente dos seus netos, saltando por sobre os filhos quase sem os recordar, e houve um que teve o descaramento de se apresentar com o título de bisavô! Bodas de oiro, tristes e magoadas no descalabro do presente; mas deliciosas por nos encontrarmos ainda unidos por aqueles vínculos que nasceram em Coimbra e, 50 anos volvidos, reverdeceram por momentos, em recordações amigas.

Formei-me, ia dizendo, em 31 de Julho de 1899. A aprovação foi, como de costume, festejada com a colossal girândola de foguetes, que subindo estrondosa do Largo da Feira, demonstrava que todos alcançaram o «nemine» necessário para o estralejar das bombas. A cobra desatou a tanger o seu toque festivo. A alta da cidade espreitava, naquele dia, o ruído dos festejos e associava-se à nossa alegria. As tricanas do bairro vinham à rua para saudar os novos doutores e algumas mais sensíveis enxugavam lágrimas aos aventais pequeninos enfeitados com discretos bordados, das noites alegres das fogueiras de S. João.

O amor de um estudante
Não dura mais que uma hora,
Toca a cabra vai p'r'á aula,
Vêm as férias vai-se embora.

E agora iam para sempre.

Depois a confraternização, os abraços, o arruído das exclamações, a aglomeração dos futricas amigos e dos estudantes dedicados que adiaram as partidas para estarem com os novos doutores. E Arcos do Jardim abaixo, a caminho da Rua de Tomar, discutiam-se as notas atribuídas a cada um, algumas menos justas, com protestos por vezes excessivos.

— Ora, o principal é a carta. As Câmaras não querem saber das notas. Um empenhozito e tudo se arranja. Isso não conta, dizia animosamente um dos rapazes para um condiscípulo indignadíssimo com o onze que lhe deram.

As objurgatórias caíam, com pragas à mistura, sobre os lentes que já se couraçam para as suportar, em dias de tais decisões. Mas toda a farândula de injúrias e imprecações se desvaneceu, pouco a pouco, durante as jantaras festivas que foram longas e bem regadas. Trinou então a corda da saudade.

— Quando nos tornaremos a ver?

— Pelo menos daqui a dez anos. Tomamos esse compromisso.

— Acho muito! dizia outro. Devemos vir todos os cinco anos. Renova-se, assim, periòdicamente, o tempo da formatura.

E a rapaziada brava e insolente de há pouco, entorpecida em magoadas expressões.

— Que saudades de tudo isto!

— Foi o nosso melhor tempo!

— Esvoaçam tristezas por toda a parte, nas casas, nas ruas, nas janelas semi-abertas...

— Ah maroto! Anda a Rosita a saltar-te no coração!

— E até fazem falta as aulas...

— As aulas? ... Dessas não há saudade.

— E dos lentes ainda menos, disse um outro.

— Mas Coimbra onde sepultamos o coração é tudo isto: a República, os escassos livros da prateleira de pinho, as aflições da falta de dinheiro, as serventes, o Favas que nos valeu nas aflições, com juro hiperbólicos, as lindas tricaninhas, mesmo as mais ariscas, os tipos populares, o Rolié, o pregoeiro de D. Sebastião e... também a Universidade.

Houve alguns protestos.

Um que parecia dormir levantou-se para reproduzir, em voz roufenha, a costumada e anódina cantilena do representante do Rei morto pela moirama:

Se vires um homem alto,
Com perna de pau,
E cara de mau,
Os olhos em guerra...

Curvai-vos por terra,
Beijai-lhe as sandálias,
Que é Pedro Penedo
Da Rocha Calhau.

— Cala-te com isso. Que maçador! Soube-te bem o tinto da Bairrada!

— Perdão, o verde de Amarante, que é outra louça...

— A Coimbra, de que levamos saudade, é a que ascende ao ideal, a Coimbra dos poetas e dos artistas:

— Olha o letrado! Coimbra é isto...

E levantando-se com um copo de espumante, bradou:

— Pela nossa alegria! Pela nossa felicidade, pela carreira que vamos agora percorrer e sobretudo pela constância da nossa amizade.

Todos acharam bem o final dos brindes que se iam amortecendo em pieguices e apropósitos, mais próprios de velhos, do que de rapazes de 25 anos.

Depois do jantar, ao escurecer, fomos todos para a Baixa. Reunimo-nos na Portagem. As capas andavam já andrajosas, esfarrapadas, pois era da praxe rasgá-las aos bocados naquele dia. Pedi para pouparem a minha que ainda podia ser-me útil.

— Qual história! dizia um trasmontano cujas gargalhadas atordoavam os passeantes.

— Faz uma de lente!

— É só para o licenciado, disse, pondo-me em defesa. Depois sim, farei capa e batina à lente, de tecido fino, como manda o regulamento. Mas só depois de saber que tenho futuro...

Ainda continuámos a conversa em que se falou largamente de praxes, mas em breve se passou a outros assuntos e a minha capa embrulhada ao ombro, escapou, como a batina, ao vandalismo tradicional dos novos doutores.



MINHA MULHER

D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz (1908)

Errámos abraçados, pelas ruas da Baixa. Descansámos por vezes nos cafés e já despontava a madrugada quando entrámos no prédio da Rua de Tomar, 1, para repousar das emoções daquele dia inolvidável.

Arranjei a mala no dia seguinte. Os outros companheiros distribuíram os móveis, como era da praxe.

Eu, que continuava em Coimbra, reservei os meus misérrimos tarcos para outra casa, na Rua dos Estudos, onde arranjava lugar, com novos companheiros.

No dia 2 de Agosto saí de Coimbra num comboio que chegou ao apeadeiro de Avanca por volta das oito e meia da noite, ao lusco-fusco. Ainda o comboio estava distante da gare e já se ouvia o foguetório. À chegada, a música de Pardilhó dava-me as boas vindas com um *passé-calle* estrondoso, e os vivas ao «novo doutor» ao «nosso doutor» enchiam os ares. Muitos cumprimentos e abraços de gente de Avanca e Pardilhó. Para esta aldeia ribeirinha se dirigiu o cortejo a pé, estrada fora, até Fontela, ponte e areal solto do Carvalhal em que atolávamos as botas em marcha difícil e poeirenta.

Chegámos finalmente à Rua Nova, calcetada, entre casas modestas de gente conhecida. Vinham archotes acesos; mas às portas das casas as velhinhas amigas e também as raparigas do meu tempo, vinham alumiar a estrada com as suas candeias de azeite e dar vivas ao doutor novo. Ressoavam as palmas e a minha emotividade passava a estar em crise ao aproximar-me da casa onde ainda pairava o negrume trágico que me tinha enlutado a vida.

Lá recebi, como pude, os que me acompanhavam. Suponho que disse umas palavras de agradecimento. Já era tarde, quando ao som da filarmónica pardilhoense retiraram os manifestantes que quiseram mostrar o seu júbilo por terem agora na terra um doutor, coisa que já não sucedia há muito tempo, desde a morte do chorado dr. Agostinho que foi quem, em boa ou má hora, me destravou a língua, como era de velho uso, quando o freio era curto. Julgava a minha gente que a língua assim preparada, ficava desprendida para melhor falar...

A sós, na casa solitária, rememorei os que amei e, em especial, as velhas relíquias familiares que perdi a pouca distância de alcançar a desejada meta. Não foi noite de repouso. Excitado, andei pelo corredor, em busca de sombras que a luz não projectava. Monologando, cansei-me em evocações inúteis. Foi a velha Mariana quem veio advertir-me de que a manhã despontava. Consegui então dormir, arrastado pela fadiga física da longa e penosa marcha.

Pouco a pouco veio a serenidade e a vida retomou um ritmo mais calmo na tranquilidade da aldeia.

XXVII

NOVA FASE DA VIDA

Em breve me instalei na Rua dos Estudos e comecei o trabalho pela revisão das matérias, do primeiro ao

último ano, para alcançar a licenciatura. De vez em quando, um domingo na Figueira da Foz e no Outono uma fuga rápida a Pardilhó ou a Lobão. No final uma dissertação em 28 dias sobre assunto escolhido pelo professor da cadeira a quem, na escala, pertencia a incumbência.

Por fim o acto em que os interrogatórios se sucediam no propósito de verificar os conhecimentos gerais, médicos, do candidato. Fiquei aprovado e fui convidado a prosseguir nas provas para o professorado. Entrementes, fui eleito deputado progressista por Tondela.

Passei algum tempo em Lobão. Vim a conhecer quem havia de ser a minha companheira pela vida fora. Sentia-me muito só e o casamento apressou-se, tendo-se realizado em 7 de Fevereiro de 1901 em Canas de Sabugosa.

• Cerimónia de aldeia, com muitas flores lançadas no caminho pelas raparigas da terra e boda farta em casa dos bons tios de minha mulher.

Passámos em Coimbra a lua-de-mel e não tardou que começasse a preparar-me para as teses que se realizaram no Verão, tendo tomado capelo em 14 de Julho, aniversário natalício de minha esposa.

Tudo decorreu sem incidentes e o banquete desse dia, a que presidiu o Reitor, Professor Dr. Pereira Dias, acompanhado de muitos lentes, teve luzimento e deixou excelentes recordações.

Depois estive em Lisboa numa legislatura. Regressei de novo ao estudo e entrei em concurso com cinco outros

doutores de capelo, havendo nas classificações finais, dois grupos: 2 com 20 valores e 3 com 19. Pertenci ao segundo.

Fui designado como lente substituto para reger Anatomia. Desta cadeira passei à de Histologia e depois à de Patologia Médica onde me fixei por alguns anos.

Tinham-me contrariado as classificações finais. Arranjei consultório em Lisboa e ia reger a minha cadeira a Coimbra quando não era deputado.

Vida agitada, sem ligação que me agradasse. Ia muito a França a fim de me aperfeiçoar na Clínica neurológica, que comecei a exercer na Capital num consultório da Rua Nova do Carmo, tendo por companheiro o dermatologista Zeferino Falcão.

Veio a República. Foram criadas as cadeiras de Neurologia e Psiquiatria e obtive a minha transferência de Coimbra para Lisboa na primeira destas disciplinas, com o assentimento do professorado da Faculdade de Medicina.

Normalizada a minha vida, passei a trabalhar no parlamento e na cátedra do que dou conta nos meus livros *Um ano de política* e nas *Confidências de um investigador científico* obra médico-literária, espécie de testamento que quis lavrar, principalmente, a favor dos que pretendam fazer investigação científica.

Sempre que podíamos, eu e minha mulher, visitávamos Lobão e Canas de Sabugosa, mas a maior parte do tempo passava-se em Pardilhó, onde recebíamos parentes e amigos.

Em certa altura e para salvar da ruína a Casa do

Marinheiro, mandámos ali fazer um *chalet* quase nos alicerces da antiga vivenda, pois não queria perder o seu local exacto.

Mais tarde, convencidos de que não havia descendência, resolvemos liquidar o que tínhamos em Lobão e Pardilhó para aumentar, melhorar e enriquecer a actual Casa do Marinheiro, nosso abrigo no Verão e algumas vezes na Primavera.

Acabou de construir-se em 1915, segundo planta de Ernesto Korrodi, sob a direcção do Padre António Maria de Pinho, de Avanca. Foi decorador Álvaro Miranda, da Granja.

Nesta casa, onde estou escrevendo estas memórias, passámos dias alegres e ruidosos, agora igualmente felizes na calma outoniça da idade em convívio com alguns amigos, com os livros e passeios.

Das antigas casas de Avanca, a que me tenho referido, além da nossa, só uma resiste ao tempo e aos infortúnios que sobre todas se despenharam. Mas tanto a Casa da Areia, a que sobreviveu, como a do Marinheiro, só são intermitentemente habitadas durante o Verão, época em que a vida antiga renasce um pouco.

A telefonia sem fios e o automóvel modificaram profundamente a vida provinciana.

Desapareceu o isolamento. Estamos em contacto com todo o mundo. Por outro lado, a facilidade dos transportes mecânicos deslocam-nos aos pontos que mais interessam à vida colectiva. Isto sem falar dos cinemas que se levantam por toda a parte, em belos e adequados edifi-

cios. Tudo atenua a falta de convivência de outros tempos, um dos atractivos de Avanca, muito do meu aprazimento.

Este volume é a história da minha extinta família com abundantes notas auto-biográficas que resolvi arquivar.

Minha mulher não conheceu nenhum dos meus velhos, mas se eles surgissem, de novo, identificá-los-ia a todos, menos pelos retratos do que pelo muito que temos falado deles, das histórias que lhe tenho contado a seu respeito e que sabe de cor, da amizade que a todos juntava num feixe de mútuas dedicações que são a tradição da família do Marinheiro.

As nossas sobrinhas a quem tão trágicamente faltou o pai, o Dr. António Macieira, há 30 anos, por aqui apareciam todos os verões, enquanto foram solteiras.

Havia nesse tempo abundância de gente moça nas Casas dos parentes de Avanca. Só a do Telhado continuava a ser representada pela última sobrevivente a velhinha D. Maria Custódia de Rezende, ainda lúcida e escrevendo cartas, à antiga, mas bem redigidas com pitorescos arcaísmos gráficos a que, aliás, eu andava acostumado.

Havia nesse tempo muitos rapazes e ainda mais raparigas, do Outeiro, da Areia, das famílias do dr. Abreu Freire, do João Camelo, dos Gamas, todos amigos e desejosos de se divertirem.

Minha mulher e eu, ainda novos, gostávamos de lhes proporcionar diversões de que também tirávamos vantagens, pois também nos divertíamos.



O MEU RETRATO (1908)

Uma das brincadeiras mais salientes dessa época foi uma festa dada em nossa Casa, que ficou conhecida pelo «baile das casacas», indumentária obrigatória daquela noite, preferindo-se as mais antigas que pudessem encontrar-se. Um sucesso de gargalhada, com auxílio de amigos de Estarreja, Ovar e Oliveira de Azemeis.

Mas o divertimento querido era o passeio à Ria com a boa merenda e a guitarra do Dr. Artur Valente para a dança, no barco, improvisado em terreiro de romaria. Festança que levava o dia inteiro, cantares como aperitivo, jantarada nas areias das quintas e, como super-sobremesa, mais danças animadas para desgastar. E repetia-se duas e três vezes nas férias a animada excursão que todos apreciavam.

Belas diversões em que as frases saltivavam, entre os mais idosos, em remques inofensivos, e em que o dinamismo juvenil a todos electrizava com os seus vivas e versalhadas musicadas que o José Lemos regia com o acompanhamento do «Pingó»:

Ó almas do outro mundo,
Pingó!
Virai-vos p'r'ó outro lado,
Pingó!
Que vos dá o sol nas costas,
Pingó, pingó, pingó, pingo lingo-ló!

Em 1920, fez-se uma opereta para recreio da pequenada, que ocupou todas as férias em ensaios e preparos coreográficos e musicais. Havia canções originais de

D. Estefânia Macieira e outras apropriadas, tiradas do folclore popular.

Os cenários foram executados pelo Maurício de Almeida que estava em preparativos de partida para Paris, onde fez brilhantes estudos de escultura, vindo a falecer quando o seu nome e talento começavam a ser notados nos meios artísticos da grande capital.

Contra-regra o Padre António Maria de Pinho, que também foi o dirigente das obras do improvisado teatro, instalação do palco e acondicionamento da assistência na larga garagem da casa. O João de Lemos dirigiu algumas manobras da cena. Foi ponto o dr. Armando de Abreu Freire.

A peça foi publicada em folhetins num jornal da aldeia; não se devem ter aproveitado duas dezenas de exemplares e desses já poucos restarão. Não se perde muito com isso, pois a despreziosa revista só mereceu ser apreciada naquele momento pelos seus intérpretes e realizadores. Mas as actrizes e actores que a representaram, se passarem a vista por estas páginas, recordarão a alegria comunicativa de uma hora de juventude tão distante, que avança para além dos 30 anos! ⁽¹⁾.

A esta numerosa lista da mocidade avancanense dessa época, falta, que me lembre, D. Maria Mafalda de Lima

(1) Damos os nomes dos que formaram o elenco da peça. Tiramos-os do programa: D. Ester de Lima e Lemos, D. Maria Cândida de Abreu Freire, D. Maria Matilde Macieira, D. Maria Elvira Macieira, D. Maria Odette de Lemos Bravo, D. Maria José de Abreu Freire, D. Maria de Lourdes Lemos Bravo, D. Maria da Conceição Lemos, D. Adélia de Abreu Freire, D. Maria Augusta Gama,

e Lemos, ao tempo noiva, que não entrou na récita e D. Maria Salomé de Lima Lemos, ainda muito criança. Deste grupo faleceram cinco: três senhoras, uma com descendência e dois rapazes. Os restantes casaram e a grande maioria com abundante família. Três casais já ostentam o título, venerando, de avós.

Os nossos sobrinhos netos — a novíssima geração — ainda nos têm favorecido com visitas durante as férias de Verão, mas falta a matéria-prima para brincadeiras idênticas às anteriores. Não há gente nova aproveitável e os anos entorpeceram as iniciativas dos donos da Casa do Marinheiro.

Sem me aperceber, ia resvalando para a actualidade, o que seria contrário à índole deste relato. Aqui fecho a janela que, por momentos, abri sobre épocas mais próximas.

A Casa do Marinheiro tem sido e é o nosso apetecido refúgio das férias de Agosto e Setembro, mansão de repouso em que as horas passam na convivência de futilidades, no relato das peripécias da lavoura, nas contrariedades do tempo e nas novidades da vida daqueles que nos cercam.

Nesta casa as evocações surgem de todos os lados. Não é apenas a nossa vida que passa, outras seguem connosco o mesmo caminho. Não as vemos, mas sentimo-las. São partes efectivas de um bloco sentimental de

D. Maria Amélia Gama, José de Lima e Lemos, Dr. Manuel de Pinho, Dr. Artur Valente, Alfredo de Abreu Freire, Aníbal de Abreu Freire, João Camelo, António de Abreu Freire.

que somos a representação mais real por ser consciente, mas que não ofusca a memória dos que deixaram de existir.

XXVIII

CONCLAVE DE RECORDAÇÕES

Numa manhã dos começos do Outono, quando as beladonas floridas cobrem o terreiro, as despedidas de Verão fazem coro com as dalias gigantes e a floração das lagerestroémias, enfileiradas junto ao muro, começam a fenecer, sentei-me na cadeira de espaldar da minha biblioteca, recordando o que escrevera.

Sentia-se o rumorejar das tílias que ladeiam a casa, ao impulso do vento sul, e viam-se esvoaçar as primeiras folhas secas, amarelas e encarquilhadas. O sol, entre fatrapos de nuvens, dava cambiantes variados de luz. Caía sobre a natureza a tranquilidade repousante dos campos cheios de ervas prometedoras.

Preso às evocações familiares que trouxe ao meu relato, vagueava pelas modalidades das descrições sob o influxo das saudades.

Deixei voar a fantasia. Tudo avolumava aos meus olhos, tudo vibrava aos meus ouvidos. Levado a outra época, vivia uma existência perdida no tempo, esbatida na memória, num estado de vaga exaltação.

A fantasia rompeu as cadeias em que a trazia presa.

É, num ímpeto, resolvi juntar ali, dando-lhe efémera existência, as recordações do passado. Não era uma alucinação. Estava consciente. Antes pareceria um sonho em que as figuras se movimentavam, embora estivesse desperto.

Fiz actuar a minha vontade no condicionamento e acção da cena. As recordações vivem em mim. Quis exteriorizá-las, dar-lhe forma, juntá-las em assembleia, fazê-las representar o último acto desta exposição.

Surge a recordação de minha mãe. Vem como está no carvão de Mestre Malhoa, com o seu cabelo apartado ao meio, o esboço de um melancólico sorriso nos lábios e uma doçura de olhar em que cintila a bondade.

Sentou-se na minha poltrona, uma larga cadeira onde passo hoje a mor parte dos dias, pensando e sonhando.

Ao seu lado direito ergue-se o vulto esbelto da minha irmã tal como a vi pela última vez na despedida para o colégio. A seguir à Luciana sentou-se o seu padrinho, o tio Augusto.

Do lado esquerdo de minha mãe, ajoelhado e acariciando-lhe a mão, meu irmão Miguel, forte, moreno, lembrando feições maternas.

Mais perto de mim, colocara-se meu pai que se sentou de maneira a ver-me e aos outros filhos e à esposa, no mesmo relançar da vista.

A seguir, um pouco mais distante, mas formando roda, numa cadeira de braços, meu tio João António, velho, mas com a cútis rosada que manteve até final.

No sofá, em frente à minha secretária, meu tio Abade, tendo na lapela a medalha que lhe dera D. Pedro V. Ao seu lado direito minha avó e madrinha, D. Brites Inácia de Pina Botelho, corcovadinha, agarrada ao seu pausito de pinho, em que se apoiava na marcha. À esquerda alinhava meu avô paterno, António Pinho de Rezende, que conheci apenas de uma miniatura em marfim. Era novo. Contrastava com a idade de minha avó, que conheci já carcomida pela idade e pela doença.

Sente-se um sussurro. Aparece à porta um velho de barbas brancas, lindo rosto para modelo de pintor, numia indumentária aburelada de caramulano:

— Chamaram-me, mas nada tenho nesta casa...

— Tem sua filha e os seus netos. É dos que mais aqui têm! disse-lhe em tom ameno meu tio Abade.

Minha mãe fez menção de levantar-se para lhe beijar a mão emagrecida. A Luciana e o Miguel tiveram o mesmo gesto. Quis ficar de pé, encostado à estante do canto.

Houve um silêncio. As recordações são pouco loquazes embora eu lhes emprestasse a voz.

— Estou tão distanciada das outras recordações! diz minha avó. Mas nunca esquecida desta Casa, nem de meus filhos e de meus netos. O meu marido? E fita-o longamente. Já quase o desconheço na sua farda de caçadores, quando andava pela Beira Baixa e me esposou em Penamacor.

Recordo uma geração passada, mas sou amiga de todas as outras. Por ser a mais antiga já me enjeitam um pouco.

Menos aqui o meu Abade, a jóia dos irmãos, todos bons filhos e meus amigos. Houve tempo em que este meu Caetano vivia apenas para sua mãe. Veio para Pardilhó, com muita pena de deixar o Patriarcado, só para me fazer a vontade, só para estar junto de mim!

O Abade fez sinal de assentimento e numa ternura filial, que nem o convencionalismo da cena deturpou, beijou-lhe a fronte carinhosamente. Minha avó prosseguiu:

— Depois vieram as crianças, as eternas fadas da vida familiar. Encantaram-nos a todos. O Antoninho era meu afilhado e do Abade.

E passou a referir-se aos últimos anos da sua existência.

As recordações não avançam no tempo, antes retrocedem

— Era meu afilhado e muito guloso, continuou minha avó. Queria bolos especiais que eu tinha guardados à chave, no armário do meu quarto. Quando podia levá-lo lá pela mão, para aproveitar da minha preferência. Os pais não devem mostrá-las, mas as avós já podem dar-se a esse luxo, disse conceituosamente. Mas não valia a pena dar-lhe doces a ocultas. A Lucianita, que era mais velha, fazia sempre uma grande festa à saída do quarto, com os bolsos a abarrotar de «infantes» e «bolos brancos», estes os preferidos do Miguel, que com os seus dois anos e meio, também acamaradava na distribuição. Era o Antoninho que me acompanhava de tarde no passeio que dava pelo quintal, segurando-me a mão. E com isso me

desvanecia. E fantasiava tantas coisas a seu respeito! As raparigas haviam de endoidar-se por ele...

— A minha querida mãe, disse o Abade, a lembrar coisas que nesse tempo me desagradavam! O António havia de ser padre, para amparo dos seus.

— Era de mais, disse minha avó, quererem desde logo marcar o destino do meu netinho! Ele seria aquilo para que tivesse jeito, padre, doutor em leis, eu sei lá, o que ele quisesse!...

— Sim, aquilo para que tivesse vocação, ninguém o contrariaria. Bastava que ele fosse bom estudante, disse o Abade, como arrependido da pequena censura que fizera a quem dedicava o culto de uma ilimitada devoção.

A avó Brites continuou:

— Aqui, nesta Casa, vivi horas felizes com meu marido, com meus filhos, contudo também tive o desgosto da morte de pessoas queridas. Mas houve compensações. O ter vindo para junto de mim o meu Abade, e ter-me dado a providência, na minha nora Maria do Rosário, uma nova filha carinhosa e boa, que sempre me tratou como se fora sua verdadeira mãe. E depois tive a ventura de ser avó de netos muito amigos... Sou a recordação da ternura de outros tempos em que há constância e suavidade.

Meu avô Rezende falou também.

— Depois de uma agitada vida de soldado, recolhi a esta Casa onde fiquei esperando a hora de poder lutar pela restauração do meu Rei e pelo meu credo político. Vêem-me novo, da miniatura que sempre guardaram

como homenagem da família; mas embora não chegasse a envelhecer, já me aproximava dos 60 quando me despedi do mundo. E ainda me sentia com forças para combater os malhados que nos levaram à desgraça do presente.

Meu avô materno, Rafael de Almeida e Sousa, encolheu os ombros desdenhosamente. Deu pelo gesto meu tio Abade que lhe franziu a testa, com ar grave de reprovação. Mas tudo se reduziu a estas demonstrações mímicas.

— Poucos podem avaliar o que sofri! continuou meu avô Rezende. Mas vi chegar à adolescência os meus filhos, sob o olhar suave de minha mulher, anjo tutelar da família. A brandura deste ambiente, a boa disposição da gente nova, o bom aproveitamento dos rapazes nas escolas de terras circunvizinhas, pois não havia professores idóneos em Avanca, a sua alegria que nunca contrariei, embora contrastasse com íntimas e eternas mágoas, trouxeram-me alguns bons momentos. Meus irmãos João e José, das casas do Outeiro e Telhado, com quem conversava a coração aberto, sofriam comigo e deram-me alento para viver. Sou a recordação da lealdade mantida através de todos os sofrimentos.

— Modos de ver, disse então meu avô Rafael.

— Ó meu pai! disse minha mãe em à parte intencional.

— Desculpem.

E prosseguiu:

— Bem lhes disse que não pertenço a esta Casa, não

respirei este ar da planície, menos agreste e menos excitante do que o da minha Alcofra. Veio para aqui a minha filha, cujas primorosas qualidades, mais herdadas de sua mãe que de mim, trouxeram a este lar a doçura corajosa que, nem as amarguras sofridas, conseguiram alterar nos seus fundamentos. Por ela e por seus filhos aqui me demorei nesta reunião de saudade. E também pelo Abade que sempre respeitei como pessoa e apreciei como amigo.

A recordação que aqui trago cheira a rosmaninho e canta como as águas das fontes a cárem, em reflexos de prata, das fendas do granito. Não me leveis a mal. E referindo-se a mim:

— Se me tivessem dado o António, tê-lo-ia levado para a paisagem rude donde veio sua mãe. Tem fibra de caramulano e os vindoiros assim o hão-de considerar.

E dirigindo-se-me, como se estivesse presente:

— Na alma de um serrano cabem também as branduras acariciantes, mas as escarpadas dos montes têm fragrâncias silvestres que dão força, avigoram a vontade, trazem coragem e decisão à vida. Tenacidade tem-la dos dois lados, firmeza não te deve faltar na existência; mas o Caramulo é o mais belo rincão de Portugal.

Para esta casa veio, com tua mãe, a frescura das manhãs de sol límpido e brilhante a irromper das montanhas, quando a atmosfera já anda inundada de luz, a suavidade do canto dos rouxinóis nas árvores floridas e o murmúrio dos regatos a serpearem rápidos pelas veigas frescas e verdejantes.



IGREJA DE CANAS DE SABUGOSA
Onde casámos em 1901

E, avançando, encostou-se delicadamente ao rosto comovido de sua filha.

Houve um silêncio.

Não caiu mal, entre outras recordações, esta que, vinda de outra origem, aviventou com aspectos inesperados, as tradições da Casa do Marinheiro.

— Eu sou a recordação do tio mais velho, disse em seguida o Augusto. Saúdo as recordações queridas de meus pais que aqui viveram e daqui desapareceram. Sombras que se não vêem, mas que, como os perfumes das rosas, se sentem, mesmo de noite, quando já não há olhos para as ver. Pairam, como protecção amiga, sobre as pedras da habitação em que morámos; andam em torno de nós formando o liame que nos junte à Casa-Mãe, templo da família onde murmuram confidências e orações.

Vivi por Tondela e pelas serras de Arouca, terras distantes onde possuía umas propriedades que fazia cultivar. Quer no Vale dos Besteiros, quer nas arribas de Rossas, por onde ocupei o meu tempo, nunca esqueci a Casa-Santuário onde vivi, com os meus, na juventude.

Aqui vim muitas vezes de visita a meus pais e depois da sua falta, fundo golpe que tão duramente me feriu, abraçar meus irmãos Fernando e Abade e saudar a mana Maria do Rosário, da minha grande estima. Devo-lhe e ao Fernando o ser padrinho da Lucianinha. Confiaram a sua educação às poucas freiras que, ao tempo, havia no Convento de Arouca para eu a acompanhar de perto e prodigalizar-lhe os mimos que podia.

E olhando para a Luciana:

— Se te não ia ver mais vezes ao Convento era porque me metiam medo aquelas grades duplas, a tal distância que mal podíamos aproximar as nossas mãos. Apertavam-se no vazio, gélido, no constrangimento de nos sentirmos perto e... imensamente afastados.

E tão boa que eras para mim!

Possuí, até final, um trancelim do teu cabelo fulvo, artisticamente trabalhado, com passador de ouro, para corrente de relógio, que usava sempre, quando tinha de me endomingar.

A minha recordação é de admiração e de estima pela nossa grei e de dedicação por esta Casa.

Coube agora a palavra ao tio João António, solteirão incorrigível e de agradável convívio:

— A velhice caiu sobre mim com desagradável surpresa. No dia em que fiz os 70 anos — meu tio já se tinha aposentado do seu lugar de contador judicial — e me apercebi do desastre, passei balanço à vida. Vá lá, vá lá, não a aproveitei mal, disse sorrindo...

— E não tens nenhuns remorsos? indagou o Abade, que conhecia alguns pecadilhos do João António.

— Eu te digo Abade, talvez fizesse uma ou outra coisa mal feita. O ardor da mocidade leva a excessos! As vítimas que ficaram no meu caminho devem recordar-me com mágoa, mas também com indulgência. Não fui mau, mas leviano. As minhas culpas devem estar redimidas pelo arrependimento.

— Hum! disse o Abade com certa desconfiança. Se voltasses à mocidade...

— Infelizmente, passou...

Agora só sei dizer-te que tive sempre grande orgulho nos nossos sobrinhos, o Miguel e o António. Seriam os nossos continuadores. E sem reбуço o digo, desejei que fossem bons estudantes e disso deram boas provas, mas também estimaria que tivessem uma mocidade movimentada e feliz.

— Há tempo para tudo, mas é preciso comedimento. Tu exageraste, não serves para exemplo.

— Deixa-te agora de considerações moralistas! Falemos de coisas alegres do passado. Também aqui têm lugar. Lembram-se das caçadas que fazíamos por essas veigas e pelas serras das redondezas?

O Augusto e o Abade também muito as apreciavam.

O Fernando, esse não era devoto das recreações venatórias. Preferia as cavalarias. Conhecia as feiras desde Oliveirinha a Penafiel. Sabia escolher um bom animal e não receava a sela, embora às vezes medisse a altura dos cavalos com algumas quedas.

— Lembram-se daquele alazão que tive? disse meu pai. Na corrida às lebres nos areais da Torreira, dava que fazer aos cavalos dos fidalgos da Borralha.

— Sim, acrescentou o João António. A perdiz éramos eu e o Morgado as espingardas da família que davam as cartas, nesse tempo, em Avanca e arredores. Tu, Abade, também davas o teu tiro menos mal; mas preferias as redes para as caçadas de Cabedelo...

— Era mais rendoso e menos violento. Que madrugadas de rolas!

— Recordas-te, Abade e tu Augusto, pois ambos estavam comigo, disse o João António, do José Maria, da Areia ter trazido de Coimbra, onde estava a formar-se em Direito, uma boina clara que ele ajeitava na cabeça à maneira de pintor, a fazer-se tolo com as raparigas?

— Era dos da tua igualha nas digressões conquistadoras, comentou o Abade.

O avô Rafael sorriu, lembrando os seus tempos de mais novo, pois cultivou esses devaneios até tarde na vida. Meu pai ruborizou-se... Coisas passadas...

— Pois o José Maria, que não sabia dar um tiro, continuou o João António, deu-lhe para troçar da minha perícia!

— Vamos a uma prova, disse. Podes atirar à minha boina — e olha que é nova em folha! — que vou arrumar ao ar.

E marcou a distância bastante avantajada.

— Só disparas quando eu disser. E chamou-me «basófias».

Quando a boina estava alta e a boa distância da minha arma, clamou:

— Agora!

O tiro partiu e a rica boina clara ficou desfeita e inaproveitável!

Lastimou-se o José Maria por entre as gargalhadas dos assistentes e o desgosto foi contado à noite no Outeiro, onde os rapazes amigos, da parentela desse tempo, numerosos e chasqueadores, tiveram motivo de divertimento para muito tempo.

— É esta Avanca alegre que eu recordo, a aldeia em que passámos dias felizes. Até o nosso pai gozava com as nossas diabruras. O Outeiro, a Areia, o Telhado e o Marinheiro tinham muita gente moça a quem nunca faltava contentamento e despreocupação. Sou a recordação do bom-humor que torna a vida leve e clareia os seus negrimes.

As recordações estavam sorridentes ao ouvirem o João António.

— E a tua rabeca? inquiriu o Abade. Tu eras o primeiro artista da nossa orquestra!

— Conservei-a, mas muitos anos antes de eu desaparecer tinha ela emudecido. Os anos trazem o descabro das alegrias. Não passam debalde os lutos e estes foram vindo, uns após outros, como contas negras de um rosário sinistro.

E curvou a cabeça, num assomo melancólico, a contrastar com o depoimento animado que fizera, trazendo notas curiosas e galhofeiras do seu tempo.

Diz o Abade:

— Evocações do passado, ligadas a esta Casa, onde resplandece a dedicação constante de pais e filhos, de tios e sobrinhos, em continuidade ininterrupta, com respeito e amizade, não são precisas a quem mas pede. O querido afilhado quis juntar-nos aqui, sombras do que fomos, prestes a sumirmo-nos, de no-o, na escuridão do além. Grande animador me saístes, rapaz! Deves ter sido alguém, mas a memória dos factos perdeu-se cerce, para mim, na época em que ias adiantado no quarto ano médico.

Sou a recordação mais viva de todos os que juntaste, habitantes idos desta Casa, pilares sobre que ela se edificou. Não é de um só, é de todos nós. Aqui temos quinhão afectivo e só desse se trata agora. Pouco importa a quem pertence de facto, perante as leis do mundo que já esqueceremos. Na esfera sentimental em que quiseste juntar-nos aqui, interpretando-nos, falando por nós, pois sabes o nosso sentir, todas as recordações se juntam em coro para te louvar.

Eu quis que esta Casa te ficasse e julgo que correspondeste e bem, ao meu desejo e aos meus sacrifícios. Sou a recordação da devoção que lhe votei! Daqui desapareceram meus pais e a sua memória venerada, até ao último alento, repercutiu-se, para mim, em gratidão e respeito por este lugar. As minhas mágoas prenderam-se a estas paredes como argamassa que não mais se desprende.

— Como és bom, disseram em coro meus avós.

— Fui... Sê, António, o continuador da obra que sempre tive em mente, ama o teu lar que é de nós todos, preserva-o, pelo tempo que puderes, do desastre da sua dispersão, do afastamento das saudades que deixámos neste relicário de alegrias e de lágrimas.

O João António fez uma fuga imaginativa sobre as diversões de outros tempos; eu trago à tua memória as desventuras familiares que nos perseguiram e fizeram com que eu não pudesse conhecer sequer o final da tua carreira.

— Tristezas não, mano Abade, disse minha mãe, em

voz sumida. Basta o que sofremos em vida. Fantasmas aqui reunidos, pela visão do Antoninho, não devem lembrá-las.

— Tem razão Mana! Mas as tristezas passadas cimentam melhor os taludes que nos separam daqueles que se movimentam e têm espaço, luz e ar. Paredes divisórias entre o real e o irreal. Entre o que é e o que deixou de existir. Sou a recordação síntese, desta Casa, da sua conservação e da sua continuidade. Andou sempre comigo esta ideia mesmo nas horas mais aziagas, quando tudo era escuridão e desventuras.

Tinha em Pardilhó a quinta em que, por fim, se abrigou o resto da família. Foi grande o amor que lhe dediquei. Não houve pedra que eu não visse, nem adobo ou telha que não verificasse. Entreguei-lhe toda a minha actividade. A vida sem estímulos é a desolação. Mas tudo isto era na esperança de uma distribuição de vivendas pela descendência. Também contava com Rössas e Lobão! Eram quatro os sobrinhos. Um finou-se em criança, os outros dois na adolescência...

Para o António sonhava eu reparar o Marinheiro, solar de todos nós!

Que receba esta casa e com ela os seus possuidores, da recordação que lhes anda mais presa, a bênção da maior devoção e estima

E acarinhou a mão emaciada da minha avó que continuava atenta a ouvir os membros daquela reunião sentimental, representação vivida da ancestralidade do Marinheiro.

Falou meu pai:

— Meu Abade! A ti devo o amparo que após o meu desastre, deste aos meus e a educação que continuaste a fornecer, com a tua generosidade, a meus filhos. Bem hajas!

Longe da pátria, em África, longe da minha mulher, alma de mártir, heróica e corajosa para enfrentar os duros golpes da adversidade, afastado de meus filhos e de meus irmãos, fui resgatar os meus desacertos. Nem me despedi à partida dos que mais caros me eram! Queria voltar a vê-los em melhores condições, de cara levantada e comecei, embora com dificuldade, mas confiante, a fazer algumas economias. Tudo se desfez num momento. É assim a existência! Recordação angustiada, a milhares de léguas da casa que foi minha e que, felizmente, o Abade conseguiu resgatar para meus filhos.

Nas noites tropicais em que um outro céu me cobria e uma brisa ardente me torturava, andava o meu pensamento em torno de vós, percorria todos os carreiros da nossa quinta, vigiava as janelas onde já não assomavam rostos que me pertencessem. Recordação vinda de longe, mas que é a vibração de affectos íntimos e sinceros.

— Mas não te tinha ficado mal vir dizer-nos adeus, comentou o Abade.

— Sim, mas cada um sabe as forças de que dispõe. As minhas estavam arruinadas pela decisão que tomara. Conseguida a situação na Beira, preferi seguir sem me aniquilar em saudades. Havia de lutar, economizar, vencer! Era o meu fito, o meu norte... A minha firme de-

cisão... Para meu castigo basta o que sofri; para tua mágoa, e fixou minha mãe, chegou a minha má administração e até a indolência dos meus últimos anos. Tenho atenuantes, não as invoco...

— Ninguém jamais te censurou, disse minha mãe. E enxugou uma lágrima.

— Tu não foste o culpado, foi o destino, fomos nós dois, as despesas das doenças, os maus anos agrícolas, a má sorte, enfim! Não digas mais...

— Já me falta vista para reconhecer o nosso lar, acrescentou meu pai, mas a recordação da vida que aqui tivemos ainda se sente nas flores que cultivavas, nas pombas que vinham comer à tua mão, na cabra que nos dava o leite e o queijo, na alegria dos nossos filhos que ainda anda por aí espalhada e também no luto da nossa querida Luciana... É essa recordação de uma vida feliz e torturada, claro-escuro de uma existência que cedo se esvaiu, longe de todos, na solidão do além-mar...

E como a voz se lhe toldasse, ficou estático, silencioso, em languidezes e arrependimentos.

— Fernando, disse minha mãe, a tua vida e a minha correram juntas como a água de um regato vinda de duas fontes, não se diferenciando depois no leito em que seguiram o seu destino. Nas margens nasceram quatro flores, três crestou-as o tempo, uma vive ainda! Não te condenes. Andámos unidos, correndo os mesmos riscos e os mesmos desígnios.

Ao mano Abade devemos a continuidade do Marinheiro. E tanto que o Antoninho acabou de nos juntar

aqui num lindo sonho! O teu irmão sente que o seu herdeiro, último abencerragem da família, dedica a esta Casa o culto que ela merece.

Represento aqui o amor materno, aquele amor que tudo vence e de tudo triunfa. Sou a mais doce das recordações! Dei o meu leite aos queridos filhos, embalei os seus berços, amparei-os nos meus braços, enxuguei carinhosamente as suas primeiras lágrimas...

E ficou-se absorta.

O Miguel rompeu o silêncio:

— Minha mãe, só aparentemente fui menos respeitador dos teus conselhos e daqueles que me deu o tio Abade. Quiseram que eu continuasse os meus estudos e eu excusei-me. Apresentei razões que aceitaram por conhecerem a minha intransigência. Ouvei, muitas vezes, os bons conselhos de meu tio. Escutei, com respeito, as solicitações afectivas de minha mãe e até do Antoninho que me pedia o não abandonasse. Ficaríamos os dois a representar-vos...

— E não atendeste ninguém. Atraía-te o abismo...
— disse o Abade.

— Não foi por teimosia que desejei fazer, mais cedo, vida independente. Perdoem. Além das razões que apresentei antes de partir, trazia na alma um domínio estranho, uma força irresistível, a ânsia da aventura. Foi ela que me arrastou para a África, para a Beira onde meu pai sucumbiu. Desejava orvalhar-lhe a sepultura com as lágrimas de um filho que representava os sobreviventes. Andava no meu cérebro qualquer coisa que vencia o meu



OS NOSSOS RETRATOS EM 1950

raciocínio, energia ancestral que talvez proviesse de meus avós.

E fixou um e outro numa interrogação inútil.

— Sou a recordação da aventura, que trago a este conclave de sombras do passado.

Levantou-se então a Lucianinha.

Receosa, com aquelas cores delicadas que lhe iluminavam a face, quando dela me despedi, pela última vez, disse sorridente:

— Já todos falaram, cabe-me a vez. Que posso eu dizer? Aqui nasci, aqui vivi, afora o tempo duro do Convento, daqui me despedi. Amei muito meus pais, meus bons irmãos, tios e também este abrigo onde todos nos juntávamos. A minha boa mãe seguia-me sempre como um doce e benéfico clarão. Lembram-me as tardes aqui passadas, a bordar a missanga e a matiz. Coisas tão simples, mas tão agradáveis, sem que uma voz mais alta ou menos suave perturbasse aquele encantamento de juntar as cores ou de misturar os fios. Ao escurecer íamos as duas ver as flores que a mãe vigiava de perto como se fossem minhas irmãs. Lembram-me as peônias vigorosas, de flores rubras, que, pelo orgulho dos seus caules, magoavam as lindas anêmonas de variados tons, modestas e frágeis. Lembram-me as rosas de Alexandria, as flores brancas das noveleiras e os pequenos maciços de sécias roxas.

Minha mãe ouvia-a extasiada, na enumeração das suas plantas queridas, uma das preocupações da sua vida, quando ela decorria tranquila no amparo dos filhos e no arranjo do lar.

— Ao serão, continuou a Luciana, líamos versos e trechos de selectas das escolas. Às vezes bulhavam os manos, pois ambos queriam ler aquella passagem da tia Doroteia, de Júlio Dinis. Eram amigos, mas de vontade forte, difficilmente amoldável. Eu intervinha e tudo se compunha. Este capital de ventura veio minha mãe a gastá-lo em mágoas e tristezas. Eu fui quem, muito involuntariamente, provocou a primeira...

E olhando em torno, numa comovida expressão em que ia toda a bondade que lhe nimbava a fronte numa auréola de santa, concluiu:

— Sou aqui a recordação do sorriso!

— Agradeço a todos a colaboração que me deram, disse eu, suaves recordações do passado. Todos pertencem a esta Casa, dela fazem parte integrante. O Marinheiro tem raízes fundas no coração desfeito dos que aqui viveram e naquele que ainda pulsa por vós, na devoção que a todos tributa. Recordações da Casa que é de todos, vivei comigo, não me abandoneis! Sois o meu enlevo, trago-vos sempre a meu lado...

— Dás licença?

É minha mulher.

— Estavas com alguém? Ouvi-te falar.

— Juntei aqui as recordações da minha grei, da nossa grei, pois também a consideras tua.

— Estás pálido, fatigado, o que tens?

— Nada. Monologuei pôr todas elas, pelas saudades do passado, ligadas a esta Casa. Personifiquei-as. Tive aqui a minha gente de outrora, sentados em redor, nessas cadeiras. Ninguém faltou... E todos falaram, ecos da minha voz, projecção das minhas saudades.

— Deliras, meu querido António!

— Não. Fui eu que trouxe a sua representação a esta casa que é deles e é nossa...

— Porque me não chamaste?

— Só eu podia confraternizar com a assembleia espectral dos que aqui juntei e nos antecederam. Apenas aos meus ouvidos podia soar a voz das recordações passadas e apenas eu conseguia interpretar o seu sentir. Fundiam-se comigo na mesma integração no culto do nosso Lar.

Minha mulher! Já não tarda meio século que nos conhecemos e sempre andámos em torno desta Casa. Não te são estranhos os antepassados; também com eles tens convivido. Quase podia dizer que te mandaram amigas saudações...

As sombras desapareceram, mas ainda sinto na retina o sorriso de bondade de minha irmã que ficou na atmosfera desta biblioteca e se espalhou por toda a Casa...

— Que pena não o ver! Era da irmãzinha querida que apenas conheço dos retratos...

— E que só estive ali, ao lado de minha mãe, na minha imaginação! Mas o seu sorriso ficará, para sempre, representando todas as recordações.

Está no ar que respiramos, ainda fluido, mas invisível, espalhado por todas as salas. É a última suavidade dos que viveram na comunhão dos mesmos afectos.

— A nossa Casa!

— A Casa de nós dois e de todos eles!

E olhámo-nos, demoramente, para além da vida...

F I M

ÍNDICES

ÍNDICE DO TEXTO

	Págs.
<i>Prefácio</i>	7
I — Notas de família. Na Escola do Padre José	11
II — Travessuras infantis	30
III — Férias em Avanca	43
IV — As partidas de voltarete	60
V — O Tio Augusto	70
VI — Segue a narrativa	94
VII — Esperanças fundamentadas	112
VIII — A Ria e os seus barcos	125
IX — A caça na Ria	140
X — A viagem para a Torreira	153
XI — A merenda na Ria	168
XII — Na Torreira	180
XIII — O risco da pesca	195
XIV — O primeiro exame	210
XV — Colégio e férias	225
XVI — Depois da missa nova	243
XVII — A música no colégio	256
XVIII — Tristezas familiares	273
XIX — Em Coimbra	281
XX — A greve dos estudantes	291
XXI — Depois da partida de meu irmão	302
XXII — As tricanas. As digressões da Tuna de Coimbra ...	319
XXIII — Em Santiago de Compostela	330
XXIV — A minha maior dor	341
XXV — O regresso a Coimbra	349
XXVI — Nova desgraça	358
XXVII — Nova fase da vida	368
XXVIII — Conclave de recordações	378

ÍNDICE DAS GRAVURAS

	Págs.
<i>Meu Pai</i> — Fernando de Pina Rezende Abreu	13
<i>Idanha-a-Nova</i> — Vila onde nasceu meu pai	19
<i>Minha mãe</i> — D. Maria do Rosário de Almeida e Sousa Abreu	27
<i>Vilarinho do Bairro</i> — Freguesia onde nasceu minha mãe	31
<i>Alcofra</i> — <i>Casa do Carril</i> — Nesta casa viveu minha mãe	41
<i>Igreja de Salreu</i> — Onde casaram meus pais	47
<i>Meu Tio Abade</i> — Padre Caetano de Pina Rezende Abreu Sá Freire	57
<i>Igreja da Aldeia de Santa Margarida (Idanha-a-Nova)</i> — Nesta aldeia nasceu meu tio Abade	61
<i>A Casa do tio Abade em Pardilhó</i> — Nela passei a minha infância e adolescência	71
<i>A Escola do Padre José Ramos, em Pardilhó</i>	75
<i>Meu tio Abade</i> surpreendido em passeio	83
<i>O Largo do Cruzeiro, em Rossas, na estrada que segue para Arouca</i>	89
<i>Meu Avô paterno</i> — Tenente-coronel António Pinho de Rezende	97
<i>Penamacor</i> — Nesta vila nasceu minha Avó, D. Brites, e ali casou com meu Avô paterno	103
<i>Meu Tio</i> — João António de Pina Rezende Abreu Sá Freire	107
<i>Minha Irmã</i> — Luciana Augusta de Sousa Abreu Freire	115
<i>Convento de Arouca</i>	121
<i>Um barco moliceiro no cais</i>	131
<i>Um barco moliceiro em plena faina</i>	141
<i>A descarga do moliço</i>	151
<i>A lota da sardinha na Torreira</i>	159
<i>Os barcos na véspera de S. Paio da Torreira</i> — A frota da alegria	171
<i>A dança no barco</i>	181

	Págs.
<i>Aos 19 anos</i> — No primeiro ano da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra	189
<i>A Casa do Marinheiro</i> (Reconstruída em 1915)	197
<i>Casa do Marinheiro</i> — Biblioteca	205
<i>Casa do Marinheiro</i> — Sala de jantar	215
<i>Casa do Marinheiro</i> — Salão	223
<i>Casa do Marinheiro</i> — Aspecto das salas	237
<i>Casa do Marinheiro</i> — Sala de estar	251
<i>Casa do Marinheiro</i> — O lago	263
<i>Navegando no lago</i>	271
<i>Uma cheia no rio Gonde</i> (Casa do Marinheiro)	285
<i>Casa do Outeiro em Avanca</i>	295
<i>Casa da Areia em Avanca</i>	303
<i>A Igreja de Avanca</i> (Século XVIII)	313
<i>Quando quintanista de Medicina</i> (1899)	325
<i>O meu curso do 5.º ano</i> (1899). Está marcado com uma cruz o meu lugar	335
<i>Avenida de Pardilhó</i>	347
<i>O autor com as insígnias doutorais em 1902</i>	335
<i>Minha Mulher</i> — D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz (1908)	365
<i>O meu retrato</i> (1908)	373
<i>Igreja de Canas de Sabugosa</i> , onde casámos em 1901	385
<i>Os nossos retratos em 1950</i>	397

Na capa — Uma das frentes da *Casa do Marinheiro*.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DO PROF. EGAS MONIZ

CIENTÍFICAS:

ALTERAÇÕES ANÁTOMO-PATOLÓGICAS NA DIFTERIA — 144 págs.
e 13 figs. — Coimbra, 1900.

LIÇÃO DO CURSO DE NEUROLOGIA SOBRE AS BASES DA PSICO-
ANÁLISE — Lisboa, 1915.

A NEUROLOGIA NA GUERRA — VIII — 334 págs. 91 figs. — Lis-
boa, 1917.

CLÍNICA NEUROLÓGICA — Lisboa, 1925.

O PADRE FARIA NA HISTÓRIA DO HIPNOTISMO — 200 págs.
— Lisboa, 1925.

DIAGNOSTIC DES TUMEURS CÉRÉBRALES ET ÉPREUVE DE L'ENCE-
PHALOGRAPHIE ARTÉRIELLE — 513 págs. e 231 figs. — Paris,
1931.

A VIDA SEXUAL (FISIOLOGIA E PATOLOGIA) — 19.^a edição —
XL-598 págs. e 8 figs. — Lisboa, 1932.

L'ANGIOGRAPHIE CÉRÉBRALE, SES APPLICATIONS ET RÉSULTATS
EN ANATOMIE, PHYSIOLOGIE ET CLINIQUE — 327 págs. e
192 figs. — Paris, 1934.

TENTATIVES OPÉRATOIRES DANS LE TRAITEMENT DE CERTAINES
PSYCHOSES — 248 págs. e 39 figs. — Paris, 1936.

LA LEUCOTOMIE PRÉFRONTAL. TRAITEMENT CHIRURGICAL DE
CERTAINES PSYCHOSES — 73 págs. e 6 figs. — Torino, 1937.

*Este livro, realizado pela Casa
Paulino Ferreira, Filhos, Lda.,
Rua Nova da Trindade, 188,
Lisboa, foi impresso na Gráfica
Santelmo em Outubro de 1950*





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329725062

